Ednardo Kneer de Mello
do eclético ao moderno

alíne
regino

Aline Nassaralla Regino

EDUARDO KNEESE DE MELLO: DO ECLÉTICO AO MODERNO

Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como parte das exigências para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Projeto da Arquitetura

Orientador: Prof. Dr. Rafael Antonio Cunha Perrone

**São Paulo
2011**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA: _____

EMAIL: alineregino@terra.com.br

R335e Regino, Aline Nassaralla
Eduardo Kneese de Mello : do eclético ao moderno / Aline
Nassaralla Regino -- São Paulo, 2011.
580 p. : il.

Tese (Doutorado - Área de Concentração : Projeto de
Arquitetura) – FAUUSP.

Orientador: Rafael Antonio Cunha Perrone

1. Edifícios residenciais – São Paulo (SP) 2. Arquitetura
eclética 3. Arquitetura moderna 4. Arquitetos – São Paulo
(SP) 5. Mello, Eduardo Augusto Kneese de (1906-1994)

I. Título

CDU 728

O presente trabalho foi realizado com o apoio da FAPESP
– Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Para meus pais, Juca e Raquel.

[sem o seu apoio e incentivo, incondicionais, jamais teria conseguido]

Agradecimentos

Ao professor Rafael Antonio Cunha Perrone, por acreditar nas minhas suposições e devaneios, por orientar esta tese com muito carinho e dedicação, pelo apoio e entusiasmo constantes, e, principalmente, por sua amizade. Aprendi, ao longo dos anos de convivência, muito mais do que as páginas desta tese podem demonstrar.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa de estudo concedida, imprescindível para a realização e concretização deste trabalho.

Aos professores Maria Lúcia Bressan Pinheiro e Luís Antônio Jorge, por seus comentários e contribuições durante o exame de qualificação.

Aos familiares do arquiteto Eduardo Kneese de Mello, em especial ao Eduardo e Aparecida de Mello, Yola e Maurício Guimarães e Roberto Montenegro Filho (Beto), por seus depoimentos, carinho e amizade durante todos esses anos.

À Companhia City, pelo material concedido, em especial, à Erika Saizaki, Vera Pasqualin, Francisco Godói e Antônio Godói, por toda contribuição e zelo.

Aos responsáveis e funcionários da Secretaria Municipal de Planejamento, Orçamento e Gestão (SEMPLA) – Divisão de Processos Municipais – DGTIC 3, especialmente, ao Valter Biondi e Jorge Abou, pelo apoio à pesquisa.

Ao João de Deus Cardoso, Caio Guimarães Machado e Alexandre Campos, por sua colaboração.

Aos professores da FAU-USP, Belas Artes e Mackenzie, em especial, Ademir Pereira dos Santos, Alberto Xavier, Anália Amorim, Ana Gabriela Godinho Lima, Carlos Lemos, Carlos Guilherme Mota, Eduardo de Jesus Rodrigues, Fernanda Fernandes, Fernando Atique, Helena Ayoub, Hugo Segawa, Julio Katinsky, Maria Augusta Justi Pisani, Mônica Junqueira de Camargo, Rodrigo

Queiróz, Silvia Wolff, Sylvia Ficher, pelo incentivo, conversas proveitosas e sugestões.

Aos bibliotecários e funcionários das diversas bibliotecas consultadas, pela acolhida e auxílio inestimáveis, especialmente à Neusa, Iracema, Maria José e Estelita (FAU-USP); à Regina (EPBC – Poli-USP); e, Leila, Silvia e Kátia (Belas Artes).

Aos meus pais, Juca e Raquel, e meu irmão, Gabriel, pelo incentivo, apoio e compreensão constantes, e, sobretudo, por acreditarem no meu trabalho.

À Maria de Lourdes Martinho Nassaralla, minha avó, por seu carinho.

Aos queridos, Alícia Toffani, pela cuidadosa revisão dos textos; Antonio Fabiano Jr. e Gabriella Zuffellato, por seu empenho e entusiasmo na elaboração do projeto gráfico e editoração das imagens; Evie Meyer, pela dedicação aos desenhos; Rosa Carlos, pelas fotografias primorosas. E, sobretudo, pelas palavras de apoio, carinho e amizade.

Aos amigos, Ana Paula Rallo, Claudia Stinco, Elizabeth Mie Arakaki, Henrique Munhoz, Keila Yonamine, Lila Yonamine, Maria Cláudia Cabral, Mayra Aquino, Raphael Nasralla Ribeiro, Renata Rallo, Tatiana Leite, Vivian Marmore, por me apoiarem constantemente e tornarem alguns momentos mais fáceis e divertidos.

Aos amigos que fiz na vida acadêmica, com quem compartilhei anseios, dúvidas e conversas valorosas: Ana Tagliari, Bruno Fernandes, Clevio Rabelo, Élide Zuffo, Helena Quintana, Leandro Leão, Lucilia Santos, Luiz Fabio Antonioli, Nuno Rocha, Mariana Boghosian, Sabrina Fontenelle, Silvia Zakia, Sonia Gouveia.

E, finalmente, a todos que, de alguma forma, colaboraram e incentivaram a realização desta tese.

**E como ficou chato ser moderno,
Agora serei eterno.**

Carlos Drummond de Andrade

Resumo

O objeto principal desta tese se constitui a partir da apresentação e da análise dos projetos residenciais elaborados pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello (1906-1994) ao longo de sua carreira na cidade de São Paulo. Para compreender as principais características de suas obras, julgou-se necessário investigar sua formação com base nos dois principais cursos de Arquitetura oferecidos nesta cidade – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e Escola de Engenharia do Mackenzie College – durante as primeiras décadas do século XX.

Busca-se, dessa maneira, a possibilidade de comprovar uma das premissas desta pesquisa, na qual se crê que a primeira etapa da trajetória profissional de Kneese de Mello está relacionada aos aprendizados advindos de sua formação universitária. O desenvolvimento do trabalho, como se verá, revelou que muitos destes conhecimentos e modos de conceber permaneceram em sua obra mesmo depois de sua propalada conversão aos preceitos do Movimento Moderno.

Apresentamos e analisamos, portanto, uma série de residências projetadas pelo arquiteto. A maior parte da produção analisada (39 projetos dos 45 selecionados para o estudo de casos) está vinculada ao Ecletismo tardio dos anos de 1930 e 1940, quando as famílias paulistas de maior poder aquisitivo apreciavam a reprodução de padrões estilísticos, por compreendê-los como sinônimos de progresso e *status* social e por expressarem uma identificação social com os hábitos das metrópoles europeias e, posteriormente, com os padrões e modos de morar estadunidenses. Os outros seis projetos representam a segunda etapa de sua trajetória profissional e se relacionam diretamente aos princípios da Arquitetura Moderna.

Por fim, procura-se, pelo percurso realizado no estudo das obras do arquiteto, compreender como ocorreu o período de transição apontando algumas das convergências e analogias, semelhanças e discrepâncias, inovações e continuidades nas formas do arquiteto conceber a arquitetura.

Palavras-chave: Eduardo Kneese de Mello. Escola de Engenharia Mackenzie. Residências. Arquitetura Eclética. Arquitetura Moderna. São Paulo.

Abstract

The major purpose of this thesis has originated from the presentation and assessment of the residential designs of Architect Eduardo Kneese de Mello (1906-1994) along his career in the city of São Paulo. In order to understand the main features of his work, we deemed necessary to explore his academic background based on the two major Architecture courses existing in this city - Polytechnic School of the University of Sao Paulo - (Escola Politécnica da Universidade de São Paulo) and School of Engineering of Mackenzie University (Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie) – during the two first decades of the 20th century.

We did this trying to reach the possibility to evidence one of the premises of this survey, that is based on the fact that the first stage of the professional path of Kneese de Mello is related to the learning obtained from his university studies. The development of the work, as may be seen, has revealed that many of such knowledge and means of creating have remained in his work even after his well-known conversion to the precepts of the Modern Movement.

We do then present and assess a series of residences designed by the Architect. Most of the production assessed (39 designs out of the 45 selected for the case studies) is linked to the late Eclecticism of the 1930s and 1940s, when wealthier families from Sao Paulo liked the reproduction of stylistic standards, seeing them as a synonym of progress and social status and for the fact that they express a social identification with the lifestyle of European metropolis and further, with American standards and way of life. The other six designs represent a second stage of his professional path and are related directly to the foundations of the Modern Architecture.

Ultimately, we search for the path taken in the survey of the work of the Architect, to understand how the transition period took place, pointing out some convergence and analogies, similarities and discrepancies, innovation and continuity in the ways the Architect conceived Architecture.

Key words: Eduardo Kneese de Mello. Mackenzie Engineering School (Escola de Engenharia Mackenzie). Houses. Eclectic Architecture. Modern Architecture. São Paulo.

I. INTRODUÇÃO |p. 1|

1. FORMAÇÃO E IN-FORMAÇÃO |p. 11|

2. A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE EDUARDO KNEESE DE MELLO |p. 49|

3. CONVERGÊNCIAS E SEMELHANÇAS. SEMELHANÇAS E DISCREPÂNCIAS.
..... INOVAÇÕES E CONTINUIDADE NA OBRA DE EDUARDO KNEESE DE MELLO |p. 119|

C. CONSIDERAÇÕES FINAIS |p. 447|

B. BIBLIOGRAFIA |p. 457|

A. APÊNDICES |p. 473|

L. LISTAS (FIGURAS E ACERVOS PESQUISADOS)

Sumário

- 1.1. Formação: o ensino de Arquitetura em São Paulo | p. 15 |
 - 1.1.1. Escola Politécnica | p. 17 |
 - 1.1.2. Escola de Engenharia do Mackenzie College | p. 22 |
- 1.2. In-formação: a biblioteca do arquiteto | p. 37 |
- 2.1. O renomado engenheiro-arquiteto eclético | p. 57 |
 - 2.1.1. Os primeiros escritos: reflexos de uma formação acadêmica | p. 71 |
- 2.1. A conversão ao Movimento Moderno | p. 75 |
 - 2.2.1. Fundação do IAB-SP: surgimento de uma categoria profissional | p. 80 |
 - 2.2.2. O ensino de Arquitetura | p. 83 |
 - 2.2.3. Produção teórica: novas premissas, outros paradigmas | p. 85 |
 - 2.2.4. Produção arquitetônica: panorama conciso | p. 90 |
- 2.3. Projetos realizados por Eduardo Kneese de Mello | p. 101 |
- 3.1. Os novos modos de morar em São Paulo e os bairros escolhidos | p. 121 |
- 3.2. As residências projetadas por Eduardo Kneese de Mello: 1934-1973 | p. 151 |
 - 3.2.1. Os projetos selecionados | p. 154 |
 - 3.2.2. Caracterização geral | p. 383 |
 - 3.2.3. Programas funcionais | p. 388 |
 - 3.2.4. Esquemas de distribuição | p. 396 |
 - 3.2.5. Tipos de implantação | p. 402 |
 - 3.2.6. Variações formais | p. 405 |
- 3.3. Panorama | p. 427 |
- 1. Cronologia: síntese imperfeita | p. 475 |
- 2. Lista de projetos: busca contínua | p. 515 |
- 3. Bibliografia referente à Eduardo Kneese de Mello | p. 545 |
 - 3.1. De sua autoria | p. 547 |
 - 3.2. Sobre sua trajetória | p. 551 |
- 4. Biblioteca do arquiteto | p. 557 |

I ■ INTRODUÇÃO

[...], dizemos aos indecisos, começar pelo princípio, como se esse princípio fosse a ponta sempre visível de um fio mal enrolado que bastasse puxar e ir puxando até chegarmos à outra ponta, a do fim, e como se, entre a primeira e a segunda, tivéssemos tido nas mãos uma linha lisa e contínua em que não havia sido preciso desfazer nós nem desenredar estrangulamentos, coisa impossível de acontecer na vida dos romanos e, se uma outra frase de efeito é permitida, nos romanos da vida. [...]. Puro engano de inocentes e desprevenidos, o princípio nunca foi a ponta nítida e precisa de uma linha, o princípio é um processo lentíssimo, demorado, que exige tempo e paciência para se perceber em que direção quer ir, que tenteia o caminho como um cego, o princípio é só o princípio, o que fez vale tanto como nada.

José Saramago (2000, p. 71).

O aprimoramento dos conhecimentos científicos possibilitou a reinterpretação de temas previamente pesquisados e que já fazem parte da história. Mediante esses novos aprendizados, surgem novas maneiras de olhar, novos pontos de vista, novas interpretações de velhos assuntos, de temáticas consagradas, insígnies.

As novas tendências historiográficas, portanto, têm despertado, atualmente, as atenções para novos temas e diferentes abordagens do modo como a historiografia apresentava a relação entre os arquitetos modernos e sua formação acadêmica. Acredita-se que um desses novos temas é a forte relação entre a formação universitária e os primeiros projetos elaborados pelos engenheiros-arquitetos paulistas e suas posteriores adaptações e conversões em arquitetos modernos.

Existem diferentes trajetórias de engenheiros-arquitetos formados nas décadas de 1930 e 1940 que exploraram inicialmente a arquitetura eclética. O ponto comum entre todas é o fato de que a maior parte desses profissionais deixou de reconhecer valor nessa primeira produção, depois de sua conversão ao Movimento Moderno.

Após essas constatações, algumas questões nortearam a escolha do tema e do objeto de pesquisa desta tese, a saber: como poderia essa geração de arquitetos distinguir seus conhecimentos anteriores de sua próxima experiência?; quais as diferentes formas de absorção desses profissionais às mudanças ocorridas a partir da difusão dos preceitos do Movimento Moderno?; como se dividiram e se formaram essas proposituras (linhas historicista, nacionalista e moderna) frente às transformações cotidianas da sociedade brasileira, especialmente paulistana?; quais as principais diferenças e semelhanças entre as etapas distintas dessas trajetórias?

A partir dessa nova temática e buscando responder algumas dessas indagações, propõe-se, nesta tese, um estudo sobre a trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello (1906-1994), por intermédio de um novo ponto de vista e de uma releitura dos fatos – principalmente daqueles relatados pelo próprio arquiteto.

A escolha desse tema se relaciona a pesquisas anteriores sobre as trajetórias pessoal e profissional do arquiteto Eduardo Kneese de Mello. O primeiro estudo^[1] representou o esforço de reunir informações dispersas e apresentar a trajetória desse arquiteto, destacando aspectos da sua carreira e, principalmente, a sua contribuição para a afirmação do ideário do Movimento Moderno no Brasil.

A segunda pesquisa^[2], realizada no mestrado, teve como tema a trajetória profissional de Kneese de Mello, apresentada por meio de sua produção arquitetônica e enfocada em suas obras e projetos para a habitação coletiva. Demonstrou-se, mediante análise de oito projetos, qual a contribuição do arquiteto, por vezes pioneira, para a habitação coletiva na cidade de São Paulo.

A dissertação procurou visualizar nos percursos do arquiteto Eduardo Kneese de Mello a importância das relações entre teoria e prática da Arquitetura. Ao intentar o estudo das relações entre os textos e palestras proferidas por Kneese com seus projetos e obras de arquitetura, pôde traduzir a maneira como ideias e conceitos se incorporaram à produção arquitetônica. Dessa forma, concluiu-se que o maior legado de Eduardo Kneese de Mello foi sua arquitetura, muito mais significativa para as gerações futuras, pois revelou em formas palpáveis os princípios e a estética do Movimento Moderno, ou seja, materializando o ideal que tanto proferiu e defendeu ao longo de sua trajetória.

No entanto, durante a realização do mestrado, novas lacunas e possibilidades de estudo sobre a trajetória do arquiteto se fizeram presentes. A análise das obras que compunham o estudo de casos possibilitou vislumbrar a clara preocupação dos arquitetos modernos com a habitação coletiva, mas deixou transparecer questões relevantes que necessitam maior aprofundamento, por exemplo, qual seria a relação entre os projetos de residências unifamiliares ecléticas e

[1] REGINO, Aline Nassaralla. *Com Entusiasmo: a Vida e Obra de Eduardo Kneese de Mello*. 2003. 127 f. Monografia (Trabalho Final de Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo.

[2] REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello / Arquiteto: Análise de sua Contribuição à Habitação Coletiva em São Paulo*. 2006. 293 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

modernas desenvolvidos por Kneese. Para responder essa questão, dentre outras relacionadas ao arquiteto e sua trajetória, foi proposta uma nova pesquisa, dessa vez, para esta tese de doutorado.

Entende-se nela que a trajetória de Kneese de Mello teve início no momento em que ele optou por graduar-se engenheiro-arquiteto na Escola de Engenharia do Mackenzie College, sob a tutela de Christiano Stockler das Neves (1889-1982), fundador do curso de Arquitetura daquela instituição.

Uma das premissas desta pesquisa busca verificar precisamente quais os vínculos entre a primeira etapa da trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação universitária, o prestígio que desfrutou durante a graduação, e, por este motivo, sua proximidade ao mestre Stockler das Neves e seu entendimento sobre o que seria Arquitetura. Acredita-se, ainda, que muito desse aprendizado reverberou na sua obra, mesmo depois de sua propalada conversão aos preceitos do Movimento Moderno.

Para comprovar essa hipótese, julgou-se oportuno e necessário, no Capítulo 1, compreender criação, organização e estruturação didática dos dois principais cursos de engenheiros-arquitetos existentes em São Paulo, oferecidos na Escola Politécnica e na Escola de Engenharia do Mackenzie College.

Na segunda parte desse capítulo, verifica-se também a veracidade de outra suposição, na qual se crê que, após o término de sua graduação no Mackenzie College (1925-1931), Kneese continuou sua formação cultural em uma busca incessante por *in-formação*. Procurou-se, portanto, compreender a importância de uma boa biblioteca para o curso de engenheiros-arquitetos daquela instituição. Para isso, são apresentados alguns dos livros utilizados durante as aulas, contemplando, ainda, títulos pertencentes à biblioteca particular do arquiteto que evidenciam sua busca por *in-formação* – busca de extrema importância para o profissional que realizava projetos com as mais diversas características formais, concretizando as aspirações arquitetônicas de seus clientes de acordo com suas preferências culturais e possibilidades socioeconômicas.

O Capítulo 2 aborda a trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello, compreendida entre os anos de 1932 e 1994, a partir de seus principais projetos e de momentos que marcaram

desde a sua atuação como renomado engenheiro-arquiteto perante a sociedade paulistana até o seu desempenho como um personagem ativo e fundamental para a divulgação e afirmação da Arquitetura Moderna no Brasil, condição verificada em São Paulo com mais intensidade a partir da década de 1940. Relaciona-se sua contribuição à qualidade da produção arquitetônica, aos textos que produziu, ao seu aguerrido empenho no processo de expansão do ensino de Arquitetura e Urbanismo, e na defesa e consolidação legal das atribuições profissionais do arquiteto

Objetiva-se, nesse capítulo, averiguar e constatar como aconteceu de fato o período de transição (1942-1947) entre sua primeira fase profissional, das residências ecléticas construídas para as camadas médias e elite urbana paulistana; e a segunda etapa quando atuou como arquiteto, militante e divulgador dos princípios e pressupostos do Movimento Moderno. Busca-se também ratificar a hipótese de que sua adesão proclamada, como um credo e uma mudança brusca, não se realizou de forma abrupta, manifestou-se de modo mais brando.

Nesse capítulo, destaca-se sua participação na fundação do departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP) e sua atuação como professor, além de um breve relato de suas principais obras e projetos do período entre 1942-1994, sua segunda fase profissional.

No Capítulo 3, procuramos discutir e analisar o período de transição da arquitetura eclética para a moderna por meio dos projetos residenciais elaborados por Eduardo Kneese de Mello. Esses projetos, ecléticos e modernos, são analisados comparativamente, com o objetivo de estabelecer uma relação de ordem formal, conceitual e construtiva.

Dessa maneira, procura-se compreender quais inquietações que fundamentaram o processo de produção do projeto de arquitetura e suas relações conceituais na trajetória específica do arquiteto. A pesquisa contempla ainda a historiografia das tipologias e suas características formais; e também algumas das condicionantes históricas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais que influenciaram essa arquitetura.

Para o estudo de casos desta tese foram selecionados 45 projetos de residências unifamiliares por Kneese de Mello. A maior parte das obras analisadas (39 projetos) está vinculada ao Ecletismo tardio dos anos de 1930 e 1940. Naquela época, as famílias paulistanas de maior poder aquisitivo apreciavam a reprodução de padrões estilísticos, por compreendê-los como

sinônimos de progresso e status social e por expressarem uma identificação social com os hábitos das metrópoles europeias e, posteriormente, com os padrões e modos de morar estadunidenses.

Essas residências contribuíram para a construção da arquitetura paulista do início dos anos de 1930 e 1940, constituindo, assim, um patrimônio de arquitetura eclética distribuído pelos principais bairros da cidade de São Paulo da época, como os jardins Europa, Paulista, Paulistano.

Dispondo, actualmente, esta capital de architectos os mais renomados, não só sob o ponto de vista technico, como também artistico, nada mais justificado, portanto, que a União Paulista de Imprensa destacasse, dentre elles, um, cujos meritos pudessem representar, em conjuncto o grau de evolução a que attingira a architectura em São Paulo, afim de que suas principaes obras figurassem num álbum editado e divulgado pela UPI. Ésta foi a razão fundamental por que procuramos o distincto architecto dr. Eduardo Kneese de Mello, que, embora moço, tem o seu nome scintillando em meio à constellação dos nossos maiores architectos especializados em construcções residenciaes [*sic*]. (CONSTRUCÇÕES, 1937, s/p.)

Com efeito, Kneese de Mello desenvolve uma carreira bastante bem-sucedida – nos moldes em que se praticava então a profissão de arquiteto – e profícua, configurando-se como um dos mais requisitados profissionais do período. (PINHEIRO, 1997, p. 291).

Os outros seis projetos representam a segunda etapa de sua trajetória profissional e se relacionam diretamente aos princípios da Arquitetura Moderna. Tais residências se inserem no período compreendido entre 1949 e 1973, justamente após sua conversão ao Movimento Moderno. Naquele momento, após o contato com as vanguardas cariocas, passou a repudiar e não reconhecer valor algum em sua primeira produção.

Quando fazíamos Arquitetura eclética ou acadêmica, havia assim uma certa intenção de exibição e que [...], e depois me pareceu que se chocava com a intenção social que a Arquitetura tem que representar. [...] Hoje estou convencido, absolutamente, que a Arquitetura é profundamente social. [...] Nós temos que esquecer a ideia de fazer grandes palácios e partir para soluções mais simples, mais humanas e sociais. (MELLO *apud* SANTOS, 1985, p. 101).

Quando, raramente, ocorreu o contato com as vanguardas o resultado foi um choque doloroso e transformador, como aconteceu com Kneese de Mello, ao conhecer a obra de arquitetos modernos do Rio de Janeiro nos anos de 1940. Ao confrontá-la com seus próprios projetos de linguagem neocolonial hispano-americana de que até então tanto se orgulhava, o arquiteto renegou duramente o seu passado, considerando-o mentiroso, e cada vez menos projetou residências. (WOLFF, 2001, p. 268).

Além dos entendimentos anteriores, propõe-se comprovar outras premissas desta pesquisa, dentro das quais se acredita que houve permanências marcantes nos projetos do arquiteto, após sua proclamada adesão ao Movimento Moderno, advindas da formação, ainda baseada em muitos preceitos ecléticos; e, até mesmo, se houve arraigamentos de seu modo de projetar que se configuraram pelo acúmulo de experiências profissionais de seu período estilístico em suas obras modernas.

Por fim, procura-se, pelo percurso realizado no estudo das obras do arquiteto, compreender como ocorreu o período de transição apontando algumas das convergências e contraposições, semelhanças e discrepâncias, inovações e continuidades nas formas do arquiteto conceber a arquitetura.

Nos apêndices desta tese são apresentados os resultados da pesquisa realizada, das informações coletadas e sistematizadas sobre a trajetória profissional do arquiteto Eduardo Kneese de Mello. No primeiro, intitulado *Cronologia: síntese imperfeita*, é relatada a biografia do arquiteto. Em *Lista de projetos: busca contínua* (Apêndice 2) é apresentada uma relação com todos os projetos elaborados por Kneese de Mello. No terceiro, *Bibliografia referente a Eduardo Kneese de Mello*, apresentamos uma relação dos textos que o arquiteto produziu e outra com aqueles em que foi citado ou homenageado. E, por fim, em *Biblioteca do arquiteto* (Apêndice 4), expomos a lista com todos os livros que pertenceram ao arquiteto e, atualmente, integram a biblioteca do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

1

■ FORMAÇÃO E *IN-FORMAÇÃO*

O paradigma Beaux-Arts foi predominante no ensino e na produção arquitetônica desde a implantação da École des Beaux-Arts de Paris, no século XVII, até o século XX. A transição da valorização da arquitetura neoclássica para a moderna deu-se antes na vida prática, com a produção de vários arquitetos que, embora tenham tido formação profissional sob os moldes da École des Beaux-Arts, buscaram um meio de expressão arquitetônica que consideravam mais compatível com a nova realidade que se delineava, tendo a produção industrial como fonte de inspiração. No interregno entre o desenvolvimento da arquitetura moderna na vida prática e a sua adoção como novo paradigma de ensino foi grande. Nas escolas de arquitetura [...], reinava o paradigma Beaux-Arts de ensino. Os alunos clamavam por mudanças naquele sistema considerado por eles arcaico e descolado da realidade. Porém, acreditava-se, então, que o Moderno seria apenas um modismo passageiro, como haviam sido o Art Nouveau e o Art Déco.

Maria Teresa de Stockler e Breia (2005, p. 19).

Apesar do tema proposto para esta tese vincular-se diretamente à trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello (1906-1994), acredita-se que é necessário, para complementação do estudo proposto, compreender quais as semelhanças e diferenças entre os dois principais cursos de Arquitetura oferecidos na cidade de São Paulo^[1] durante as primeiras décadas do século XX.

Busca-se, dessa maneira, a possibilidade de comprovar uma das premissas desta pesquisa, na qual se crê que a primeira etapa da trajetória profissional de Kneese de Mello está fortemente vinculada aos aprendizados advindos de sua formação universitária, do prestígio que desfrutou durante a graduação, e, por este motivo, de sua proximidade ao mestre Christiano Stockler das Neves (1889-1982) e seus ideais. O desenvolvimento deste trabalho, como se verá, revelou que muito desse aprendizado reverberou na sua obra mesmo depois de sua afirmada adesão aos preceitos da arquitetura moderna.

Supõe-se, ainda, que, após ter completado o curso superior no Mackenzie College, Kneese prosseguiu sua formação mediante uma busca incessante por *in-formação*, em que os principais agentes responsáveis por tal continuidade, por assim dizer, foram seus colegas, os títulos pertencentes à sua biblioteca e a paixão que possuía por viagens – quase sempre diretamente ligadas à arquitetura.

Faz-se necessário, portanto, compreender criação, organização e estruturação didática dos dois principais cursos de engenheiros-arquitetos existentes em São Paulo e oferecidos na Escola Politécnica e na Escola de Engenharia do Mackenzie.

Por meio da bibliografia existente a respeito das instituições de ensino supracitadas, buscou-se obter informações que contribuíssem para a compreensão da posição intelectual adotada por tantos engenheiros-arquitetos ao longo dos primeiros anos de suas trajetórias profissionais, e, principalmente, aquela subsidiada pela sociedade paulistana da época.

[1] Sobre o ensino de arquitetura em São Paulo, ver: REIS, Nestor Goulart (coord.). *100 Anos de Ensino de Arquitetura e Urbanismo em São Paulo*. São Paulo: Comissão de Cultura e Extensão Universitária, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1996.

Para tanto, este capítulo se divide em duas partes. Na primeira, relatam-se os fatos concernentes à Escola Politécnica, abrangendo especialmente a metodologia adotada no curso de engenheiros-arquitetos. É abordada, ainda nesse item, a fundação do curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College e sua vinculação aos métodos de ensino norte-americanos, tendo como principal enfoque a época em que Eduardo Kneese de Mello foi estudante. Destaca-se, ainda, o importante papel desempenhado por Christiano Stockler das Neves na criação e estruturação deste curso.

A segunda parte expõe o significado da existência de uma boa biblioteca para o curso de engenheiros-arquitetos da Escola de Engenharia do Mackenzie College. Para isso, são apresentados alguns dos livros^[2] utilizados nas aulas. Contempla, ainda, alguns títulos que demonstram a busca de Kneese de Mello por *in-formação* – busca de extrema importância para o profissional que realizava projetos com diferentes linguagens, concretizando as aspirações arquitetônicas de cada cliente conforme suas preferências.

Acredita-se que, por intermédio do conhecimento obtido e exposto neste capítulo, é possível entender a primeira fase da trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello – aquela vinculada ao Ecletismo tardio dos anos de 1930 na cidade de São Paulo e ainda preponderante – e, dessa maneira, compreender os projetos realizados pelo arquiteto não só naquela época, mas também os posteriores vinculados ao discurso do Movimento Moderno.

[2] A maior parte dos exemplares que foram apresentados nesse item fazem parte da biblioteca de Eduardo Kneese de Mello e estão disponíveis, atualmente, no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

1.1

FORMAÇÃO: O ENSINO DE ARQUITETURA EM SÃO PAULO

1.1.1 ESCOLA POLITÉCNICA

Os primeiros cursos de Arquitetura instituídos na cidade de São Paulo se estruturaram dentro das escolas de engenharia existentes, ao contrário de Paris ou do Rio de Janeiro, onde os arquitetos se formavam nas escolas de Belas-Artes.

Logo após a proclamação da República, por incentivo de Antônio Francisco de Paula Sousa (1843-1917)^[3] e do governo republicano, a primeira dessas escolas de engenharia a funcionar no Estado foi a Escola Politécnica^[4]. Sua fundação em 1894 marcou o início efetivo do ensino institucional da Engenharia.

O movimento modernizador levado adiante pelo regime republicano em São Paulo envolvia a formação de quadros especializados nas técnicas necessárias ao aparelhamento material do estado. Essa intenção se enquadrava na política estadual de ensino público e levou à criação de uma instituição de ensino de engenharia, a Escola Politécnica, destacando disciplinas aplicadas, ligadas às novas exigências econômicas – construção civil, agricultura, eletricidade, ferrovias –, às quais se acrescentariam as referentes à transformação das cidades – saneamento, infraestrutura urbana e obras viárias. A figura central dessa iniciativa foi o ex-superintendente de Obras Públicas, Paula Souza. (CAMPOS, 2002, p. 63).

Conforme o primeiro regulamento^[5] da Escola Politécnica, datado de 24 de agosto de 1893 – Lei Estadual nº 191, os alunos aprovados nos exames preparatórios poderiam optar entre

[3] Segundo Candido Malta Campos (2002, p. 64), a Escola Politécnica “[...] fora concebida, na ausência de Paula Sousa, por comissão formada pelos engenheiros sanitaristas Francisco Sales de Oliveira e Teodoro Sampaio. Era uma fusão das preocupações integrantes das leis anteriores: uma instituição politécnica, com cursos de engenharia civil e industrial, mas incluindo um curso de engenharia agrícola. A orientação de Paula Sousa iria se acentuar depois que o presidente do estado Bernardino de Campos o nomeou primeiro diretor da nova escola, instalada em 15 de fevereiro de 1894 [...]”.

[4] A respeito dessa instituição indica-se a leitura de: SANTOS, Maria Cecilia Loschiavo dos. *Escola Politécnica da Universidade de São Paulo 1894-1984*. São Paulo: Reitoria da Universidade de São Paulo, 1985.

[5] A proposta original elaborada por Antonio Francisco de Paula Sousa – Instituto Politécnico aprovado em 1892 – previa um curso de Arquitetura. Porém, durante a organização do primeiro regulamento da Escola Politécnica, Paula Sousa não participou diretamente e o curso não foi incluído.

os cursos de Engenharia Civil, Industrial ou Agrícola. Havia, ainda, um curso de artes mecânicas para aqueles estudantes que não haviam concluído o curso ginasial. Sua finalidade era a formação de mão de obra técnica.

A implementação do curso de engenheiro-arquiteto ocorreu por intermédio do segundo regulamento da escola, baixado pelo Decreto Estadual nº 270-A, aprovado em 20 de novembro de 1894, após a criação, pelo diretor Antônio Francisco de Paula Souza^[6], de uma comissão para estudar a reforma da estrutura existente e, assim, considerar os exemplos estrangeiros existentes. Com a aprovação desse regulamento, institucionalizou-se o ensino de arquitetura em São Paulo. “Mais completo que seu precedente, o 2º regulamento sistematizava tanto a organização das cadeiras e a distribuição dos docentes quanto a estrutura dos cursos” (FICHER, 2005, p. 25).

A estrutura didática adotada na escola, por meio do regulamento supracitado, abrangia o *curso fundamental* – dividido em *preliminar* e *geral* – com duração total de três anos; e os *cursos especiais* – a ser realizados na sequência, quando os graduandos optavam entre as especializações oferecidas: civil, arquiteto, industrial ou agrônomo.

De acordo com as pesquisas realizadas por Sylvia Ficher e Candido Malta Campos, essa estrutura vinculava-se muito mais ao sistema germânico de ensino do que àquele apregoado pela École Polytechnique de Paris. Defendem, ainda, a hipótese de que houve adoção desse sistema educacional por causa da formação acadêmica de Paula Sousa, um dos idealizadores da escola e seu diretor por 23 anos.

[6] Antônio Francisco de Paula Sousa (1843-1917) diplomou-se engenheiro pela Escola Técnica Superior de Zurique e na Politécnica de Karlsruhe. “Ao voltar recém-formado para o Brasil, em 1867, Paula Sousa trazia o sonho do desenvolvimento material do país por meio das obras de engenharia. Quando o governo liberal de Saldanha Marinho reinstituiu a Repartição de Obras Públicas da província em 1886, o jovem engenheiro assumiu sua direção [...]; mas, com a volta dos conservadores ao poder no mesmo ano, perdeu o cargo. Ingressou então no movimento republicano e partiu para os Estados Unidos em exílio voluntário [...]. Voltando ao Brasil em 1873, atuou nas Companhias Ituana, Paulista de Rio-clarense” (CAMPOS, 2002, p. 60). Após esta data, durante o governo de Prudente de Moraes de Barros (1889-1890), Paula Sousa foi nomeado para dirigir a recém-criada Superintendência de Obras Públicas.

Na Politécnica seguiu-se bem mais o sistema germânico, o qual – apesar de fruto da difusão da experiência pioneira francesa ao longo do século XIX – tinha a particular característica de unificar o ensino do curso fundamental e dos cursos especiais em uma única escola. Esse havia sido o modelo adotado no Polytechnikum de Karlsruhe em 1832 e prevalecera com algumas alterações na organização do de Zurique em 1834. E foi adotado na Politécnica de São Paulo muito provavelmente porque o seu principal organizador e primeiro diretor, Antonio Francisco de Paula Souza, havia estudado em Karlsruhe, onde se formara engenheiro civil em 1868. (FICHER, 2005, p. 26).

O *curso fundamental*, criado em 1894, era frequentado por todos os alunos da Escola Politécnica. Entre suas principais finalidades estava o estabelecimento de um repertório de noções sobre as ciências exatas, consideradas requisito fundamental para a formação nas diversas especializações da engenharia. Enfatizava, ainda, a formação técnica e artística mediante a valorização do ensino de desenho e, sobretudo, seu domínio. Dividia-se em: *curso preliminar* com duração de um ano, constituído por disciplinas voltadas para matemática, física e desenho; e, *curso geral* com duração de dois anos e composto por geometria, cálculo, química e topografia. No período compreendido entre anos de 1918 e 1931, o *fundamental* passou por significativas alterações e consequências, como a diminuição de suas cadeiras, pois algumas delas passaram a integrar o currículo dos *cursos especiais*.

Após a conclusão do *curso fundamental*, os politécnicos optavam por uma das especializações oferecidas nos *cursos especiais*: civil, arquiteto, industrial ou agrônomo^[7]. Os três primeiros cursos tinham a duração de três anos e, ao longo de cada ano letivo, os alunos cursavam quatro cadeiras referentes à sua área de atuação, além de disciplinas auxiliares como desenho, oficinas e laboratórios. Entre as especializações oferecidas, o curso de engenheiro-arquiteto^[8]

[7] A respeito da estrutura didática e as especialidades oferecidas, Sylvia Ficher (2005, p. 167) explica que “Os cursos de civil, arquiteto e industrial eram dependentes do *curso fundamental* e tinham três anos de duração, cada; o de agrônomo era dependente apenas do *curso preliminar* e tinha quatro anos de duração. A conclusão do *curso preliminar* dava direito ao título de contador; a do *preliminar* juntamente com algumas cadeiras do *geral* dava direito ao título de agrimensor; a do *curso fundamental* ao de engenheiro geógrafo”.

[8] Para informações pormenorizadas a respeito da estrutura curricular do curso de engenheiro-arquiteto oferecido pela Escola Politécnica e suas alterações ao longo dos anos em que foi oferecido, sugerimos a leitura de: FICHER, Sylvia. *Os Arquitetos da Poli: Ensino e Profissão em São Paulo*. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

obteve pouco sucesso entre os politécnicos, fato comprovado pelo baixíssimo número de profissionais graduados – entre 1899 e 1931, diplomaram-se somente 34 arquitetos, distribuídos em dezoito turmas (FICHER, 2005).

Por intermédio do sistema didático adotado, com influência germânica, e sua vinculação direta à engenharia, o curso de engenheiros-arquitetos da Escola Politécnica de São Paulo visava a formação de profissionais hábeis e capazes de projetar e construir edificações – diferentemente dos seus colegas engenheiros civis, preparados para projetar e construir obras de engenharia (pontes, viadutos, estradas, redes de abastecimento etc.), e dos arquitetos graduados nas Escolas de Belas-Artes (Paris e Rio de Janeiro), instituições nas quais o ensino artístico era integrado.

A respeito dos vínculos ideológicos existentes entre a Escola Politécnica e o modelo franco-germânico de ensino, Fernando Atique buscou demonstrar, em sua tese de doutorado, que havia nessa instituição, assim como na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro e na Escola de Engenharia do Mackenzie College, uma pluralidade de enfoques acerca dos conteúdos ministrados, o que lhe permitiu afirmar que outras fontes repertoriais – de projeto e erudição –, além das europeias, se fizeram presentes.

[...] na sua iridescência, o “modelo germânico” e francês (o que sem dúvida, não é pouco), entretanto, sua pulsação mais primordial veio da experiência norte-americana. Se, por um lado, é inegável a presença do pensamento francês e alemão em sua estrutura, por outro, isso se fazia aos moldes e intuitos egressos dos EUA. Se a Escola Politécnica não deve ser vista como uma escola americana, decerto que também não se pode negar a presença desta [herança] na sua concepção, elaboração e implementação. (COSTA, 2005, p. 337 *apud* ATIQUE, 2007, p. 307).

O interesse existente na Escola Politécnica por outras referências técnicas, tecnológicas e arquitetônicas, que não tão-somente as europeias, comprova-se por meio das publicações norte-americanas existentes em sua biblioteca, além da presença de alguns docentes graduados nos Estados Unidos, como George Henry Krug^[9].

A divulgação da arquitetura estadunidense vinculada à linguagem neocolonial hispânica – *Mission Style* e suas derivações – aconteceu, também nesta escola, por intermédio de projetos arquitetônicos que alguns professores, de composição e desenho, realizaram ao longo de suas trajetórias profissionais. Dentre eles podemos citar Felisberto Ranzini, Alexandre Albuquerque, Victor Dubugras e Francisco Prestes Maia.

Durante a pesquisa realizada nos exemplares da *Revista Politécnica*, publicados entre 1905 e 1945, foi possível notar a presença de um grande número de trabalhos acadêmicos relacionados à arquitetura hispano-americana. Notou-se, ainda, a incorporação dessa linguagem ao repertório projetual de muitos egressos da escola, dos quais destacamos Carlos Alberto Cardim Filho, Amador Cintra do Prado, Carlos Brasil Lodi, João Batista Vilanova Artigas, entre outros.

[9] George Henry Krug (Campinas, 1860 – São Paulo, 1919) diplomou-se arquiteto pelo Institute of Fine Arts da Universidade da Pensilvânia (Penn), na Filadélfia, em 1885. Krug realizou um curso especial (*Two Years Special Course*) de curta duração, destinado a profissionais que tivessem comprovada atuação na área ou estudantes que realizaram parte de um curso similar em qualquer academia de ensino superior reconhecida pela Penn (ATIQUE, 2007). Após regressar ao Brasil, por volta de 1896, trabalhou com Ramos de Azevedo. Associou-se a seu pai na firma Guilherme Krug & Filho e a manteve após o falecimento deste. Por volta de 1910, associou-se a Antonio Garcia Moya (arquiteto, Escola de Belas Artes de São Paulo, 1933), na firma Krug, Moya & Cia. Após seu falecimento, a firma passou a ter seu sobrinho Guilherme Malfatti (arquiteto, Escola de Belas Artes de São Paulo, 1933) como sócio e, posteriormente, passou a se chamar apenas Moya & Malfatti. Paralelamente às suas atividades profissionais, entre 1889 e 1902, lecionou na Escola de Engenharia do Mackenzie College as cadeiras de Arquitetura e Construção. Em 1904, ingressou como docente na Escola

1.1.2 ESCOLA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE

Dois anos após a criação da Escola Politécnica, a institucionalização do ensino de Engenharia e Arquitetura em São Paulo foi marcada por outros dois acontecimentos, ambos relacionados ao Mackenzie College^[10]: a criação da Escola de Engenharia no ano de 1896, a primeira instituição privada de ensino superior do país; e, no ano de 1917^[11], a implantação do curso de engenheiro-arquiteto, o segundo no Estado, pelo arquiteto Christiano Stockler das Neves (1889-1982).

No auge da passada Guerra Mundial, em fins de 1916, sofria o Brasil, como agora, as terríveis consequências da tremenda calamidade. Naqueles tempos a dependência de nosso país aos mercados estrangeiros era ainda maior do que hoje. Houve, assim, grande paralisação na construção, embora não tanto como atualmente, em que as dificuldades tornavam-se maiores devido à falta de combustíveis para a indústria e transportes. Vindo de um país em que os empreendimentos da arquitetura já haviam sobrepulado os do Velho Mundo, rotineiro e belicoso, não nos conformamos com os obstáculos para o desempenho da nossa atividade, embora tivéssemos realizado alguma coisa, mais de caráter comercial e construtivo do que arquitetônico. Dedicamo-nos à indústria da construção, fazendo pequenas residências. Era o que havia naqueles tenebrosos tempos. Verificando que a arquitetura em nosso país tinha um grande futuro, praticada, então por um número limitado de arquitetos, tivemos a ideia de fundar um curso de arquitetura, nos moldes inigualáveis das universidades norte-americanas. Era este um meio eficiente de se aumentar o número de arquitetos em nossa terra e de se obter melhores edificações. O gosto em nossas construções deixava muito a desejar, porque eram elas projetadas, em sua maioria, por profissionais estranhos a mais nobre das artes. Seria aquele um meio também de estarmos mais em contato com a nossa arte e de não pensarmos exclusivamente no primo vivere... Ensinando, acompanhando os trabalhos de nossos alunos, estaríamos novamente integrados com ela, embora sabendo que iríamos preparar concorrentes para o futuro. Não nos importava isto. Desejávamos o progresso da arquitetura em nossa pátria e que a nossa gente e os nossos dirigentes melhor compreendessem a missão altamente civilizadora dos arquitetos. Efetivamente, sem visarmos qualquer interesse pecuniário, ocorreu-nos apresentar nossa ideia ao Mackenzie College, instituição livre e a única que estava em condição de aceitá-la, por adotar os mesmos métodos de ensino que fizeram a grandeza da terra do Tio Sam [...]. (NEVES, 1943, s.p. *apud* BREIA, 2005, p. 148).

[10] Sobre a história, criação e fundação do Mackenzie College, recomendamos a leitura de: GARCEZ, Benedicto Novaes. *Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

[11] Gustavo Pereira, em seu mestrado intitulado *Christiano Stockler das Neves e a Formação do Curso de Arquitetura no Mackenzie College*, cogita a hipótese de que o curso teve início em 1916, de forma experimental, sendo oficializado apenas no ano seguinte, após ter sido comprovada sua aceitação por parte do alunado paulistano.

Assim como a estrutura didática implantada no curso de Arquitetura da Escola Politécnica estava baseada nos moldes germânicos por influência da formação universitária de Paula Souza, a criação e estruturação do curso de engenheiros-arquitetos da Escola de Engenharia do Mackenzie College estavam diretamente correlacionados com a formação e atuação profissional de Christiano Stockler das Neves, ou seja, tinham suas origens na estrutura didática norte-americana. Esta metodologia, por sua vez, vinculava-se aos preceitos da École des Beaux-Arts^[12] de Paris, uma vez que os profissionais norte-americanos se habilitavam na Europa ou importavam arquitetos oriundos da Beaux-Arts para organizar suas escolas.

A formação profissional de Stockler das Neves teve início na Escola Politécnica de São Paulo em 1908, mas “após cursar algumas semanas, descontente com a metodologia de ensino e o conteúdo do curso, transferiu-se para os Estados Unidos” (PEREIRA, 2005, p. 238). Concluiu sua graduação na Graduate School of Fine Arts da Universidade da Pensilvânia (Penn), Filadélfia, no ano de 1911, após frequentar o curso especial com dois anos de duração (*Two Years Special Course*), focado prioritariamente em assuntos técnicos e nas disciplinas mais avançadas sobre arquitetura.

[...] [Christiano Stockler das Neves] tinha um antigo sonho de fazer o curso superior nos Estados Unidos. Este sonho derivava de vários fatores: da grande admiração que tinha por aquele país; das informações que havia recebido de arquitetos para aqui imigrados que trabalhavam no escritório de seu pai onde estagiava; o contato através de revistas norte-americanas, o que lhe dava dimensão do progresso da arquitetura naquele país, bem como dos métodos de ensino adotados na formação dos jovens arquitetos, que abordavam a arquitetura como uma arte, sem descuidar dos avanços científicos no setor da construção civil, como a utilização do concreto armado, a criação dos elevadores, que permitiam a existência dos arranha-céus, por exemplo. (BREIA, 2005, p. 114).

A realização dos estudos nos Estados Unidos marcou profundamente a formação intelectual e profissional do arquiteto, pois, no período em que frequentou o *Special Course* na

[12] A respeito da École des Beaux-Arts de Paris, indica-se a leitura de: DREXLER, Arthur (org.). *The Architecture of the École des Beaux-Arts*. New York: The Museum of Modern Art, 1977.

Penn, vivenciou as modificações implementadas pelo arquiteto Paul Philippe Cret^[13], que procurou adequar a formação tradicional da École des Beaux-Arts aos sistemas norte-americanos e seu alunado, às necessidades dos grandes escritórios e, principalmente, certa modernização dos princípios projetuais sem abandonar os cânones acadêmicos (composição, simetria, axialidade e proporção) obtida por meio de um desenho mais depurado e despojado. Esse novo desenho não apresentava muitas das características formais, comumente atreladas ao Historicismo, sendo conhecido, entre os arquitetos, como *Clássico Modernizado* – linguagem arquitetônica amplamente utilizada por arquitetos estadunidenses para projetar arranha-céus.

Ao retornar para o Brasil em 1912, Christiano trabalhou no escritório do seu pai, Samuel das Neves^[14], um dos mais prestigiados pela sociedade paulistana – isto é, a burguesia cafeeira.

[13] Paul Philippe Cret (1876-1945) ingressou na École des Beaux-Arts de Lyon onde permaneceu entre 1893 e 1897 e venceu o *Prix de Paris*. Por esse motivo diplomou-se arquiteto na École des Beaux-Arts de Paris em 1903, tendo frequentado o ateliê de Jean-Louis Pascal (1837-1920). No mesmo ano em que se graduou arquiteto, transferiu-se para os Estados Unidos com o intuito de lecionar arquitetura na Universidade da Pensilvânia (Penn). Participou da Primeira Guerra Mundial (1914-1919) defendendo a França, mas, após o armistício, retornou aos Estados Unidos onde conciliou sua carreira profissional com a docência de arquitetura. O período mais produtivo de sua obra arquitetônica se concentra nos anos compreendidos entre 1919 e 1930 quando projetou, entre outros, o *Detroit Art Institute* (1919-1927), *Hartford County Building* (1926) e, posteriormente, o *Campus e Edifícios da Universidade do Texas* em Austin (1933). Recomendamos a leitura de: GROSSMAN, Elizabeth Greenwell. *The Civic Architecture of Paul Cret*. New York: Cambridge University Press, 1996; e WHITE, Theo Ballou. *Paul Philippe Cret: Architect and Teacher*. Philadelphia: Art Alliance Press, 1973.

[14] Samuel das Neves (1863-1937) graduou-se em Agronomia na Imperial Escola Agrícola da Bahia (São Bento das Lages, 1882). Iniciou sua trajetória profissional com a construção de estradas de ferro na Bahia e engenhos de açúcar para a empresa *Bahia Sugar Factories*. Em meados da década de 1880 executou uma série de serviços de agrimensura no Estado de São Paulo. Em 1892 fundou, na capital paulista, seu Escritório Técnico de Construções em sociedade com o engenheiro Carlos Escobar. Nas primeiras décadas do século XX, esse escritório foi um dos mais importantes no ramo da construção civil na cidade, ao lado do Escritório Técnico Ramos de Azevedo. A partir de 1907, após o falecimento de seu sócio, passou a trabalhar com profissionais contratados até o retorno de Christiano Stockler das Neves, em 1912. Entre 1900 e 1920, o escritório Samuel das Neves foi responsável pela construção de oito edifícios na Rua Libero Badaró – a grande maioria projetada para o Conde Prates, sendo Stockler das Neves o autor de alguns deles, como os palacetes Prates, a residência Prates e o edifício Sampaio Moreira.

A partir do último quartel do século XIX, com o desenvolvimento da cultura cafeeira, o Estado de São Paulo e, principalmente, a capital paulista passaram por grandes transformações. Nos anos precedentes ao fim da Primeira Guerra Mundial, as ruas estreitas de terra e as casas modestas, térreas, de taipa de pilão, inseridas no *Triângulo*^[15] da Pauliceia deram lugar a uma nova urbe^[16], com feições metropolitanas e novos limites, generosamente ampliados, que transpunham o perímetro da colina histórica com as recém-inauguradas linhas de bonde e a urbanização de novos bairros.

Em conformidade com essas mudanças, Christiano Stockler das Neves buscou realizar projetos com caráter *civilizatório e modernizante* – segundo seus ideais arquitetônicos e os padrões urbanísticos norte-americanos, os quais foram por ele amplamente propalados – diante dos atrasos, deficiências e mazelas encontrados na cidade.

[15] Por *Triângulo* entende-se a região da cidade de São Paulo onde todas as principais funções estavam concentradas em seus três primeiros séculos de existência. A pequena colina triangular que abrigava a cidade era demarcada pelos conventos de São Francisco, São Bento e Carmo. Dentro dessa colina três ruas configuravam o chamado *Triângulo*: a Rua Direita de Santo Antônio (atual Direita), a Rua Rosário (atual 15 de Novembro) e a Rua Direita de São Bento (atual São Bento).

[16] Benedito Lima de Toledo, em seu livro *São Paulo: Três Cidades em um Século*, compara a cidade de São Paulo a um palimpsesto (pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro) e explica, ainda, que “Poucas vezes na história do urbanismo terá ocorrido um fenômeno semelhante, uma cidade reconstruída duas vezes sobre o mesmo assentamento. A descoberta de uma cidade inteiramente construída de barro surpreendeu os viajantes no início do século XIX, como surpreendera anteriormente Morgado de Mateus. Há um século, contava com trinta mil habitantes e, **a partir do momento em que a ferrovia chegou às novas terras produtoras de café, a cidade conheceu um crescimento incontrolado.** Crises econômicas, revoluções, guerras, nada conseguiu infletir sua curva de crescimento. **Com os imigrantes vieram novas técnicas de construir e a cidade foi reconstruída integralmente, disso resultando uma nova imagem: a metrópole do café. Por essa época, houve tanto de parte de cidadãos como dos poderes públicos uma preocupação com estética urbana e com qualidade de vida.** Até a Segunda Grande Guerra a cidade conservou sua imagem de metrópole do café” (TOLEDO, 2004, p. 181, grifos nossos).

Stockler das Neves, insatisfeito com a concorrência *desleal*^[17] existente no mercado da construção civil na capital paulista nas primeiras décadas do século XX – dominado por engenheiros civis, licenciados e *capomastri* –, propôs ao Mackenzie College um curso de arquitetura inspirado nos métodos de ensino estadunidense, ou seja: a adoção do paradigma Beaux-Arts como organização de ensino e modelo estético e, também, uma grande ênfase nos avanços tecnológicos e sua aplicação na construção.

Nos primeiros anos de funcionamento, entre 1917 e 1925, o curso de engenheiros-arquitetos no Mackenzie College estava subordinado administrativamente à Escola de Engenharia. O currículo do curso de Arquitetura estava vinculado, diretamente, ao currículo mínimo do Curso Geral da Escola de Engenharia. Ademais, as disciplinas básicas cursadas pelos futuros engenheiros civis possuíam a mesma carga horária daqueles que optaram pela especialização em Arquitetura.

No período supracitado, o curso foi marcado por grandes dificuldades, dentre elas, a falta de material didático e bibliografia nacional e a necessidade de um só professor ministrar as disciplinas de conhecimento específico. O depoimento de Stockler das Neves, transcrito a seguir, delineia as deficiências existentes ao longo dos primeiros anos de existência:

[17] Nas primeiras décadas do século XX, as profissões de arquiteto e engenheiro ainda não eram regulamentadas no Brasil, fato que gerava uma série de equívocos acerca das responsabilidades específicas à cada profissional. Havia, ainda, a concorrência com os práticos – licenciados ou, como eram pejorativamente chamados, gamelas, isto é, profissionais que possuíam registro junto à Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Esse registro era obtido por profissionais que apresentassem “título acadêmico” expedido por escolas de engenharia oficiais ou equiparadas; ou, ainda, por aqueles que possuíam “cinco anos de exercício da profissão de engenheiro, arquiteto ou agrimensor, no território do Estado” (FICHER, 2005, p. 179). Por diversas vezes tentou-se solucionar o impasse entre práticos e diplomados, engenheiros e arquitetos, porém, a regulamentação só ocorreria anos mais tarde mediante o Decreto Federal nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933. Segundo Sylvia Ficher (2005, p. 188-9, grifos nossos): “O decreto se caracterizou pela adoção intransigente de uma doutrina de proteção ao título acadêmico, restringindo o exercício da profissão aos portadores de diploma. Ainda que reconhecesse a figura dos não diplomados e garantisse algo de seus direitos adquiridos, determinava medidas discriminatórias muito fortes. [...] Por fim, ao tratar das especializações profissionais, **a norma deixava indefinida a diferenciação de competência entre engenheiros e arquitetos**”.

Era o nosso pensamento lecionar apenas o Desenho Arquitetônico, julgando que as outras cadeiras necessárias já estivessem preenchidas. Fez-nos sentir o Dr. Wadell que deveríamos assumir todas as demais cadeiras que não fossem lecionadas no curso de Engenharia Civil. [...] Dessa forma, caiu-nos sobre os ombros a responsabilidade de todas as cadeiras teóricas e práticas do curso. [...] Não havendo livros didáticos em português para certas matérias, tivemos de organizar, apressadamente, compilações sobre as mesmas [...]. Terminando o primeiro ano do curso, e matriculados novos alunos, nossa tarefa aumentou. Novas matérias eram necessárias ao segundo ano, agravando a situação quando atingimos o terceiro. [...] O curso era, então, de cinco anos, sendo dois gerais e três especializados. (NEVES, 1943, s.p., *apud* BREIA, 2005, p. 150).

O programa do curso permaneceu inalterado durante os anos de 1917 a 1925. As disciplinas específicas de Arquitetura tinham início durante o segundo ano, sendo estas ligadas ao programa da École des Beaux-Arts: Elementos e História da Arquitetura, Desenho à Mão Livre, Desenho Arquitetônico, Edifícios Típicos e Aquarela. No quinto ano ocorria uma diminuição sensível no número das disciplinas, pois o aluno, nesse último ano, deveria complementar sua formação acadêmica com o trabalho em escritórios de arquitetura durante o período vespertino dos dias úteis.

Nesta maneira normatizada e esquematizada de realizar a arquitetura, na qual as correlações de “bom-gosto” estavam claramente estipuladas, a história da arquitetura tinha simultaneamente um papel principal e um papel formativo acessório. Era principal porque a arquitetura era essencialmente historicista, o desenho recorria ao canteiro da história para encontrar seus modelos e esses eram configurados com regras específicas. Mas era simultaneamente acessório porque não se estudava história da arquitetura, mas simplesmente as modalidades formais que haviam gerado os distintos estilos. (GUTIERREZ, 1995-6, p. 242-3).

O trabalho em ateliê^[18] era muito incentivado e valorizado no curso de engenheiros-arquitetos do Mackenzie College. Durante os três anos do curso de Arquitetura, curso com maior

[18] Segundo Sônia Gomes Pereira (2009, p. 75-6, grifo nosso): “A criação das academias francesas no século XVII, além desses objetivos [discussão teórica e o domínio do desenho], teve, ainda, uma outra motivação: a política real de restrição às corporações de ofícios e de controle da produção oficial. O modelo acadêmico francês, portanto, incorpora o caráter estatal. Mas também na França, as academias não substituíam as guildas, uma vez que só ofereciam ensino teórico [...]. O treinamento prático do aluno continuou sendo feito no sistema tradicional dos ofícios, como aprendiz, ou então nos ateliês de artistas. Portanto, o ensino artístico acadêmico estruturou-se, desde o seu início, sobre estes dois elementos: a teoria na Academia e a prática em ateliê privado. [...] É importante enfatizar a importância desses ateliês particulares, que eram específicos para o ensino. Em primeiro lugar era ali – e não na Academia e mais tarde no século XIX na Escola de Belas-Artes – que os alunos aprendiam a parte prática da profissão. Em segundo lugar, a relação com o mestre era um vínculo prioritário nesse sistema de formação”.

número de disciplinas específicas, os alunos eram incentivados a trabalhar no ateliê durante todo o dia. Esse tipo de atividade era um elemento primordial para os cursos ligados tanto à École des Beaux-Arts como às escolas estadunidenses, pois complementava as aulas teóricas dadas em classe e permitia uma constante interação entre os alunos.

Sempre, desde a implantação do curso, temos uma constante preocupação em garantir um espaço, seja ele em salões provisórios, [...], onde todos os alunos trabalhassem juntos sob a orientação de um mestre que geralmente era o chefe da cadeira, o professor Christiano. Esta relação mestre, discípulo e aluno, se vê claramente nos primeiros tempos do curso. O professor Christiano ao necessitar de mais professores para ampliar o corpo docente, arregimentava entre seus primeiros alunos graduados novos professores, garantindo de certa maneira, a continuidade do sistema e do conteúdo de ensino. Assim, temos os melhores “discípulos” assumindo o papel de professores. (PEREIRA, 1984, p. 52).

Dentre os discípulos, alunos que se destacaram durante as atividades em ateliê, alguns foram convidados por Christiano Stockler das Neves a lecionar^[19] no curso de Arquitetura do Mackenzie College, solucionando, dessa maneira, uma das dificuldades iniciais existentes. Dentre esses profissionais, destacamos: Waldemar Kneese Ferreira (graduado em 1919), Caetano Carnicelli (graduado em 1920), José Neddermeyer (graduado em 1922), Francisco Kosuta (graduado em 1925), Eduardo Kneese de Mello (graduado em 1931), Walter Saraiva Kneese (graduado em 1934) e Manoel Carlos Soutello (graduado em 1939).

No ano de 1923, em 19 de janeiro, o Congresso Nacional, presidido pelo senador Antônio Francisco de Azeredo, promulgou a Lei nº 4659-A/23, responsável pela equiparação da Escola de Engenharia do Mackenzie College às instituições federais. As condições para que se concretizasse essa igualdade entre as instituições foram, sobretudo, duas: o ensino no Mackenzie deveria abordar todo o conteúdo lecionado nas federais e, também, submeter-se a inspeções periódicas.

[19] A respeito desse assunto, Carlos Lemos (graduado no Mackenzie em 1950) nos conta que “Christiano escolheu a dedo os professores para completar o quadro docente da nova escolar; **todos seus fiéis seguidores na linha de ensino, embora na vida profissional praticassem por necessidade os estilos da moda, sobretudo o Art-déco**” (LEMOS, 2005, p. 138, grifo nosso).

No período compreendido entre os anos de 1925 e 1933, época em que Eduardo Kneese de Mello realizou seus estudos, o curso sofreu poucas alterações. Algumas disciplinas foram inseridas no programa, a saber: Escrituração (segundo ano), Datilografia e Análise de Custos (terceiro ano), Engenharia Sanitária (quarto ano), Engenharia da Construção (nos dois últimos anos) e Urbanismo, com uma aula teórica por semana.

No programa de 1925 foram mencionados, pela primeira vez, os exames finais, sendo que “no conjunto das disciplinas que os realizavam, predominavam as matérias técnicas do curso de Engenharia Civil” (PEREIRA, 2005, p. 326). Já no programa de 1929, as disciplinas teóricas existentes, ligadas à Arquitetura, foram concentradas em uma única – foi este o caso das disciplinas Elementos, Teoria e História da Arquitetura que se condensaram em Arquitetura: História, Teoria e Prática.

Após a Revolução de 1930 o curso foi constantemente ameaçado pelo não reconhecimento das autoridades governamentais. Essa ameaça, que atingia não só a Escola de Engenharia como também outras unidades da mesma instituição, deveu-se, em grande parte, ao fato de o Mackenzie College ser uma entidade autônoma, desvinculada do poder estadual ou federal. Por esse fato, os cursos oferecidos no Mackenzie eximiam-se do controle rígido das entidades educacionais, imposto durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Nove anos após o reconhecimento da Escola de Engenharia do Mackenzie College pelo Congresso Nacional, o Decreto Federal nº 21.519 de 6 de julho de 1932, cassou^[20] a equiparação da instituição, invalidando os diplomas expedidos pela Escola, ainda que atendessem e obedecessem a todos os requisitos exigidos. Esse impasse só seria resolvido em maio de 1938, quando o novo reconhecimento da Escola foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, seguido da homologação do Ministério da Educação.

[20] Sobre esse episódio, sugerimos a leitura de: MENDES, Marcel. *Mackenzie no Espelho: Uma História Documentada da Cassação ao Reconhecimento dos Cursos de Engenharia (1932-1938)*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

Os motivos [da cassação] foram de ordem política: uma vingança pessoal de Getúlio Vargas contra Washington Luiz, cujo filho, Caio Luiz Pereira de Souza, formara-se engenheiro civil pelo Mackenzie em 1927; uma indireta retaliação aos paulistas pela oposição ao governo provisório, no clima acirrado às vésperas da Revolução Constitucionalista, e um gesto nacionalista contra uma instituição americana sediada no Brasil (Escola de Engenharia Mackenzie, 1929). Porém, para justificar tal medida foi alegado justamente a inadequação do ensino mackenzista às novas disposições do Ministério da Educação quanto aos chamados institutos livres (Decreto Federal nº 20.179 de 6 de julho de 1931). (FICHER, 2005, p. 176).

Em 1933, após a regulamentação da profissão por meio do Decreto-Lei nº 23.569^[21], o curso de engenheiros-arquitetos do Mackenzie College foi reestruturado e expandido, com sua duração alterada de cinco para seis anos. Durante essa reestruturação, acontecida a partir do ano de 1933 até meados da década de 1940, foram significativas as alterações ocorridas, das quais se destacam: o desuso do sistema de Curso Básico durante os dois primeiros anos e, por consequência, as disciplinas do curso de Engenharia Civil foram distribuídas, de maneira equilibrada, ao longo dos seis anos do curso; a maioria das matérias passou a ter conteúdos específicos de arquitetura; a criação de uma nova disciplina, Analítica, responsável por temas relacionados à história da arquitetura, visando ao conhecimento da maioria dos estilos existentes, estes, até então, abordados em Elementos da Arquitetura, e pela inclusão, nos seus tópicos, de *Considerações sobre a arquitetura tradicional brasileira*. Ainda nesse momento, o curso foi inserido no Departamento de Belas-Artes e passou a ser denominado *Curso de Bellas Artes – Architectura*.

Após 1940, o curso se caracterizava por ser extremamente eficiente no ensino de desenho arquitetônico e de técnicas construtivas. No ano de 1944, a duração do curso foi reduzida, novamente, para cinco anos, sendo que as matérias do sexto ano foram condensadas e

[21] Esse decreto se caracteriza pela doutrina de proteção à titulação acadêmica, restringindo o exercício profissional aos portadores de diploma. Os não diplomados, caso dispusessem de cargo público antes do decreto, podiam registrar-se perante os Conselhos Regionais; e os não diplomados que atuavam na iniciativa privada só podiam requerer tal registro se já dispusessem de licenças expedidas por órgãos estaduais e municipais. Os diplomados em escolas do exterior deveriam validar seus certificados. O decreto deixava indefinida a diferenciação entre engenheiros e arquitetos no tocante à atuação no mercado da construção civil e nas intervenções urbanísticas, sendo comum a ambos. As atribuições específicas dos arquitetos (artigo 30) seriam apenas “as obras que tenham caráter essencialmente artístico ou monumental, as obras de arquitetura paisagística e as obras de grande decoração arquitetônica”. (PEREIRA, 2005, p. 300).

distribuídas ao longo do quinto e último ano. Essa redução foi decorrente das modificações no ensino de arquitetura que aconteceram nacionalmente durante esse período. No programa de 1944-5 encontra-se a disciplina Teoria e Filosofia da Arquitetura que propunha o estudo crítico dos estilos, das principais correntes arquitetônicas, dos programas e respectivas soluções no passado e no futuro, sob o ponto de vista historicista.

Apesar das poucas alterações na estruturação das disciplinas, a partir de 1947, com a criação da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (FAM), desvinculada nesse ano da Escola de Engenharia da mesma instituição, observa-se uma mudança no conteúdo formal dos programas: a linguagem arquitetônica da Beaux-Arts foi substituída, gradativamente, pela linguagem da arquitetura moderna. Os programas e as técnicas construtivas continuaram os mesmos, porém a produção gráfica dos alunos tendia a assumir definitivamente a linguagem do Movimento Moderno.

Já no final dos anos 1940, vemos surgir certa contradição no uso das linguagens arquitetônicas. Nos primeiros anos do curso, o aluno devia fazer exercícios com os estilos históricos. Mas nos anos finais o aluno utilizava a linguagem da arquitetura moderna em seus trabalhos. Estilos acadêmicos e a arquitetura moderna coexistiam: a orientação era a de desenvolver as técnicas de representação gráfica e de composição, utilizando os modelos e conceitos das Beaux-Arts e, posteriormente, junto com o trabalho em escritórios, passar para uma projeção mais voltada para a realidade de então. (PEREIRA, 2005, p. 335).

Um ano após a criação da FAM, em 1948, o curso de engenheiros-arquitetos da Escola Politécnica se desmembrou desta, data em que foi constituída a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), instalada na Rua Maranhão. Nesse período, o ensino de arquitetura na FAU-USP, sob direção de Anhaia Mello, foi marcado por uma nova e mais atual abordagem, destacando-se a presença no corpo docente de alguns arquitetos modernos com formação no Rio de Janeiro, como Abelardo de Souza, Eduardo Corona, Hélio Duarte, entre outros. A proximidade entre as duas faculdades favoreceu o intercâmbio de informações e ideias entre seus alunos e professores, o que ajudou a eliminar os resquícios acadêmicos persistentes no ensino do Mackenzie.

Nesse quadro, precisaria ser considerada também a intensidade da participação de grande parte dos arquitetos que atuavam em São Paulo nas atividades artísticas, culturais e políticas promovidas principalmente pelo grupo reunido em torno do IAB/SP durante aqueles anos. Se muitas vezes se fez presente a diversidade de intenções entre esses arquitetos contrapostas pela distinção de atitudes na prática, outras tantas vezes essa mesma prática parece ter sido fator de união e participação conjunta. Em paralelo

ao que poderíamos tomar como um inevitável intercâmbio deveria-se lembrar ainda o interessante papel de aglutinação desempenhado pelas então recentes escolas especificamente voltadas para o ensino da arquitetura, constituídas no final dos anos 40. Como ponto de reunião para arquitetos, não raro improvisados professores, a própria proximidade geográfica entre as duas únicas escolas, Mackenzie e FAU, se encarregava de estimular certa troca entre professores e estudantes, cujas diferenças de formação acadêmica permitiam que mais uma vez se estabelecesse ora o confronto, ora a paridade. (THOMAZ, 1997, p. 242).

Nos anos subsequentes a década de 1950 e na década seguinte, o curso se reestruturou, também, por força da legislação (Lei nº 5.194 de 24 de dezembro de 1966). Os programas e as temáticas estavam cada vez mais conectados com a realidade do mercado da construção civil e a produção gráfica assumiu definitivamente a linguagem da moderna arquitetura, que se tornou usual. Essa linguagem, porém, foi duramente criticada e combatida por Christiano Stockler das Neves, durante todo o período que permaneceu à frente da direção do curso de Arquitetura:

A Faculdade de Arquitetura [...] considera a Arquitetura, primordialmente, uma arte, sendo aliados ao seu ensino todos os estudos científicos e técnicos necessários ao desempenho da profissão de arquiteto, dentro da legislação em vigor. A despeito do surto modernista destes últimos tempos em que a técnica construtiva e o espírito utilitário pretendem fazer desaparecer a maior das artes do desenho, fruto do materialismo da presente época, talvez produto da moda, que é efêmera, a Faculdade de Arquitetura, tem procurado conciliar aquele aspecto acessório da arquitetura, com os princípios que vêm regendo a grande arte há milênios. E isto porque, conforme muito bem disse Alexis Carrel, a sociedade é constituída de vivos e mortos e, portanto, dos ensinamentos e experiências dos nossos antepassados não se pode fazer tábua rasa, conforme pretendem os modernistas na sua proscrição ao Belo, ou seja, pela demonstração materialista, revolucionária, excêntrica. **Nossos alunos são, pois, aconselhados a não se excederem nessas tendências, aliás, passageiras, em todos os movimentos dessa natureza, máxime, quando se afastam da tradição e dos princípios instáveis do belo, que é eterno. O ensino da arquitetura não pode estar a mercê da moda do momento, isto é, da preferência por esta ou aquela corrente artística, principalmente nos dias presentes, em que a técnica construtiva pessoal, que é um meio, pretenda suplantar a Arquitetura, que é um fim. A principal função da Arquitetura, a sua razão de ser, é a beleza na edificação. Já estiveram em moda o Art Nouveau, o Bungalow, o "Colonial Brasileiro", "Missões", e outros. Não nos consta que as escolas de arquitetura tenham modificado sua orientação de ensino para atender a esses tipos pitorescos de edificação. A missão das escolas de arquitetura é aprimorar o gosto dos alunos, prepará-los, a fim de apresentar bons trabalhos à sociedade em que vivem, que deve ser respeitada e livre das afrontas do mau gosto (NEVES, 1952, p. 29, grifos nossos).**

Os ideais defendidos por Stockler das Neves, muitas vezes noticiados nas páginas da imprensa, causaram grande repercussão no meio acadêmico e intelectual da época em questão, pois suas ideias foram consideradas, por muitos, antiquadas. Além disso, costumava criar polêmicas ao atacar as posturas que não condiziam com suas crenças.

Querelas intermináveis de cunho literário e acadêmico, digressões teóricas, jogos de palavras, sofismas, tudo seria permitido. Nessas batalhas de palavras e argumentos, teve como interlocutores Mário e Oswald de Andrade, Monteiro Lobato, Ricardo Severo e Lucio Costa, entre outros (PEREIRA, 2005, p. 263).

Christiano publicou artigos sobre os mais variados temas, porém, em sua grande maioria, tinha como lugar-comum a citação de teóricos acadêmicos da École des Beaux-Arts – Julien Guadet, Auguste Choisy, Louis Cloquet – para a definição de conceitos fundamentais, confirmação de suas verdades arquitetônicas e, ainda, para a conceituação da arquitetura, do belo, entre outros. Essas citações constituíam, para Stockler das Neves, uma referência irrefutável e inquestionável do saber e da prática arquitetural.

Parte dos textos escritos por Christiano Stockler das Neves, muitas vezes suscitadores de divergências e polêmicas, dirigia-se a um público especializado, sobretudo aos intelectuais e profissionais ligados às Artes (escritores, pintores, arquitetos). Nestes artigos^[22] – classificados como diatribes por alguns autores – a temática principal depreciava o Movimento Neocolonial, argumentando que a tradição arquitetônica ibérica existente no Brasil^[23] não dispunha de qualidades louváveis para ser resgatada. Defendeu, por um longo período, a adoção da arquitetura francesa como preceito^[24], pois a criação artística deveria ser entendida como a continuidade de uma tradição e o progresso como seu aperfeiçoamento, jamais como ruptura.

[22] A maioria desses artigos foi publicada nas revistas *Architectura e Construções* e *Revista de Engenharia Mackenzie* e nos jornais *O Estado de São Paulo*, *Diário do Comércio*, *Diário da Noite* e *O Diário*, sendo os três primeiros paulistas e o último carioca.

[23] Para o arquiteto não seria possível “cultivar o estilo que nos foi legado, porque é uma **negação de arte**, uma **ofensa à estética**, filha talvez da falta de recursos materiais naqueles tempos de antanho”. (NEVES, 1919b, p. 20, grifos nossos).

[24] Stockler das Neves (1929, p. 15-9), no artigo intitulado *A Pretensa Architectura Moderna*, argumenta que “a arquitetura tem progredido enormemente na França, incontestavelmente a nação líder da arte hodierna, predominando ali a modernização das formas tradicionais”. Reafirma sua posição ao citar a École des Beaux-Arts de Paris: “seus grandes mestres reconhecem que as mais belas épocas da arte são aquelas em que a tradição foi mais respeitada, onde o progresso era o aperfeiçoamento contínuo; a evolução e não revolução”.

Em uma série de artigos intitulados *Architectura Colonial*, publicados na *Revista de Engenharia* do Mackenzie College em 1919^[25], Stockler das Neves reiterou seu combate ao movimento neocolonial luso-brasileiro. Apesar disso, demonstrou ter ciência sobre o movimento neocolonial que ocorria nos Estados Unidos (conhecido como *Spanish Renaissance* ou *Mission Style*) e, ao contrário do que se poderia prever, elogiou e ainda teceu comentários favoráveis à adoção do movimento hispano-americano^[26]:

Atribuo esse movimento, formado por um pequeno número de adeptos, a uma simples imitação do que os americanos fizeram em relação à arquitetura colonial da Califórnia. É preciso, porém considerar que as construções modernas da Califórnia são originárias da Espanha, muitíssimo mais fecunda em arquitetura. Os arquitetos americanos têm muita razão em desenvolver essa arquitetura, que, realmente, possui motivos belíssimos; há arquitetos americanos que se dedicam quase exclusivamente a esse estilo, a que chamam “Spanish Renaissance” e que o têm desenvolvido com grande proficiência, devido às viagens que fazem à Espanha e México. Esse é o estilo que devíamos cultivar por ser realmente agradável e adaptável ao nosso clima e à nossa natureza. Nos filmes americanos os leitores terão ocasião de observar as construções nesse estilo. (NEVES, 1919c, p. 41).

O discurso vociferado de Christiano Stockler das Neves contra o movimento neocolonial luso-brasileiro se mostrou presente no ensino de arquitetura na Escola de Engenharia do Mackenzie College, pois não existiam exercícios regulares desenvolvidos pelos alunos dessa instituição, embora muitos deles tenham desenvolvido projetos com características formais vinculadas àquele movimento, como se pode observar nas obras de Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Bratke e Carlos Botti, entre outros.

Ao longo da pesquisa realizada na *Revista de Engenharia Mackenzie* se constatou a publicação de exercícios vinculados às características formais do movimento neocolonial hispano-americano. Observou-se, também, em alguns dos principais periódicos sobre arquitetura, a

[25] Foram três os artigos publicados por Stockler das Neves, em 1919, sob o título de *Architectura Colonial*. Podem ser consultados na *Revista de Engenharia Mackenzie*, n° 19 (p. 40-2); n° 20 (p. 18-22); n° 22 (p. 50-60).

[26] Fernando Atique (2007, p. 244) sugere que essa manifestação elogiosa de Stockler das Neves ao movimento hispano-americano tenha acontecido pela adesão do mestre francês Paul Cret à tais características formais, presentes nos projetos para o *Pan-American Union Building* (1907) e na biblioteca da Universidade do Texas (início da década de 1930).

presença de projetos realizados conforme os preceitos missionários elaborados por ex-alunos do Mackenzie no início de suas carreiras. Alguns desses engenheiros-arquitetos foram considerados, por diferentes autores, como expoentes do movimento neocolonial hispano-americano em São Paulo, dos quais destacamos: Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Bratke, Carlos Botti, Plínio Botelho do Amaral e Vicente Nigro Jr.

Após a leitura da bibliografia sobre a criação do curso de Arquitetura e os métodos de ensino utilizados na Escola de Engenharia do Mackenzie College por Christiano Stockler das Neves, pode-se compreender a posição intelectual e as concepções projetuais adotadas pelo engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello ao longo de sua trajetória profissional. O contato direto com o periódico publicado por essa instituição (*Revista de Engenharia Mackenzie*) e as informações obtidas ao longo da pesquisa realizada para esta tese, confirmam o forte vínculo existente entre os projetos residenciais realizados por Kneese de Mello e sua formação acadêmica, ratificando uma das premissas deste trabalho.

1.2 *IN-FORMAÇÃO*: A BIBLIOTECA DO ARQUITETO

O sistema de ensino adotado na Escola de Engenharia do Mackenzie College estruturou-se a partir da experiência adquirida por Christiano Stockler das Neves durante sua graduação em Arquitetura na Graduate School of Fine Arts da Universidade da Pensilvânia (Penn), como se observou no item anterior.

Na instituição norte-americana, assim como no Mackenzie, o curso foi estruturado segundo o princípio de que a arquitetura era, necessariamente, uma das Belas-Artes. Desse modo, o ensino no Mackenzie tinha como linha mestra os fundamentos e preceitos estéticos preconizados pela École des Beaux-Arts de Paris, porém era adepto às novas tecnologias e materiais de construção – herança claramente americana.

Poder-se-ia afirmar que o curso de Arquitetura do Mackenzie, sob a direção de Christiano das Neves, mirava em duas direções opostas, concomitantemente: o passado, no pensamento e produção dos elementos da estética beaux-arts e o futuro, do progresso institucional e industrial do país, dos avanços técnicos e tecnológicos. (BREIA, 2005, p. 401-2).

Um dos elementos mais importantes no sistema de aprendizado implementado no curso de Arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College era uma boa biblioteca, visto que esse sistema se baseava em exercícios constantes de desenho. Nestes, o aluno se via obrigado a reproduzir elementos e referências projetuais, estilemas dos mais diferentes períodos e linguagens arquitetônicas.

Segundo Gustavo Pereira (2005, p. 331),

Essa prática de estudos de desenho sobre os diferentes períodos e estilos era comum nas escolas norte-americanas de arquitetura e derivava dos exercícios de Analytique da École d'Architecture, que visavam não só um conhecimento dos períodos da história da arquitetura, mas também desenvolver a habilidade de manipular graficamente os estilos posteriormente nos projetos.

A biblioteca desempenhava um importante papel nesse sistema, pois funcionava como uma fonte complementar de informações. Era responsável por colocar o aluno em contato direto com o repertório de características formais, estilemas e elementos arquitetônicos de outras épocas, imprescindível para o treinamento da arquitetura vinculada às Belas-Artes.

Na busca por informações sobre a trajetória de Eduardo Kneese de Mello durante sua graduação no curso de engenheiro-arquiteto da Escola de Engenharia do Mackenzie College, fez-se necessário analisar os títulos pertencentes à sua biblioteca particular, disponível, atualmente, no Centro Universitário Belas-Artes de São Paulo. Ao analisar esse acervo foi possível traçar um panorama dos títulos utilizados pelo arquiteto ao longo de sua formação universitária e durante os primeiros anos de sua atuação profissional.

No quadro a seguir, apresenta-se uma lista dos principais títulos encontrados no acervo de Kneese de Mello^[27] e que se mostram relevantes para a compreensão do período em estudo. Para facilitar o entendimento, os livros foram separados a partir das décadas em que foram publicados.

1840 1890	BARBEROT, E. <i>Histoire des styles d'architecture: dans tous les pays</i> . Paris: Politechnique, 1841, v. 1.
	____. <i>Histoire des styles d'architecture: dans tous les pays</i> . Paris: Politechnique, 1891, v. 2.
	JOURDAIN, M. Frantz. <i>La histoire de l'habitation humaine</i> . Paris: Centrale des Beaux-Arts, 1889.
	LEFÈVRE, André. <i>Les merveilles de l'architecture</i> . Paris: Hachette, 1880.
déc. 1910	SEVERO, Ricardo et al. <i>Conferência 1914-1915</i> . São Paulo: Typografia Levi, 1916.
déc. 1920	BAYARD, Emile. <i>Le style Louis XVI</i> . Paris: Garnier, 1923 [?].
	BOYD, James. <i>Strength of Materials</i> . [S.l.]: MC, 1924.
	CHAMBERLAIN, Samuel. <i>Tudor Homes of England: With some Examples from Later Periods</i> . [S.l.]: Architectural Book, 1929.
	HAMLIN, Alfred Dwight F. <i>A Text Book of the History of Architecture</i> . [S.l.]: Longman, 1923.
	LE CORBUSIER. <i>Vers une architecture</i> . Paris: G. Crès & Cie., 1922 [?].

[27] A relação completa dos títulos pertencentes à biblioteca particular do arquiteto Eduardo Kneese de Mello pode ser encontrada no Apêndice 4 desta tese.

NEWCOMB, Rexford. <i>The Mediterranean Domestic Architecture in the United States</i> . Cleveland: J. H. Jansen, 1928.	
RAMSDELL, Roger Wearne; EBERLEIN, Harold Donaldson. <i>The Practical Book of Italian, Spanish, and Portuguese Furniture</i> . London: Lippincott, 1927.	
SCHMITZ, Hermann. <i>Historia del Mueble: Estilos del Mueble desde la Antigüedad hasta Mediados del Siglo XIX</i> . Barcelona: GG-Gustavo Gili, 1927.	déc. 1920
SEXTON, Randolph Williams. <i>Spanish Influence on American Architecture and Decoration</i> . New York: Bretano's, 1927.	
WARE, William Robert. <i>The American Vignola: The Five Orders</i> . Scranton: International Textbook Company, 1925.	
WILLIAMS, Clement. <i>Design of Masonry Structures and Foundations</i> . New York: McGraw-Hill Book Company, 1922.	
BORN, Esther. <i>The New Architecture in Mexico</i> . New York: The Architectural Record, 1937.	
CALZADA, Andrés. <i>Historia de la Arquitectura Española</i> . Buenos Aires: Labor, 1933.	
EDWARDS, Revel; HANNAFORD, Donald R. <i>Spanish Colonial or Adobe Architecture California: 1800-1850</i> . New York: Architectural Book, 1931.	
NEWCOMB, Rexford. <i>Spanish-Colonial: Architecture in the United States</i> . New York: J. J. Augustin, 1937.	
POULAIN, Roger. <i>Hôpitaux, sanatoria</i> . Paris: Vincent Fréal, c. 1930.	
REICHARDT, Walter L.; HUNTER, Paul Robinson. <i>Residential Architecture in Southern California</i> . [S.l.]: The American Institute of Architecture, 1939.	
RUSTAY, George W.; GARRISON, Richard. <i>Mexican Houses: A Book of Photographs and Measured Drawings</i> . New York: Architectural Book, 1930.	
SEXTON, R. W. <i>American Theatres of Today: Plans Sections, and Photographs of Exterior and Interior Details</i> . New York: Architectural Book, 1930.	
____. <i>American Public Buildings of Today: City Halls, Court Houses, Municipal Buildings, Fire Stations, Libraries, Museums, Park and Buildings</i> . New York: Architectural Book, 1931.	déc. 1930
SLEEPER, Harold Reeve; RAMSEY, Charles George. <i>Architectural Graphic Standards: For Architects, Engineers, Decorators, Builders and Draftsmen</i> . New York: John Wiley & Sons, 1932.	
TALLAMADGE, Thomas E. <i>Story of Architecture in America</i> . New York: WW Norton, 1936.	
VHAY, David; VHAY, A. L. Murphy. <i>Architectural Byways in new Spain-Mexico</i> . New York: Architectural Book, 1939.	
WRIGHT, Frank Lloyd; BROWNELL, Baker. <i>Architecture and Modern Life</i> . New York: Harper & Brothers, 1937.	

Quadro 1. Amostragem dos livros pertencentes à biblioteca de Eduardo Kneese de Mello.
Fonte: Sistematização e levantamento executados pela autora.

Muitos dos títulos encontrados, durante a pesquisa no acervo do arquiteto Eduardo Kneese de Mello e apresentados no Quadro 1, comprovam o sistema de ensino existente no curso de Arquitetura do Mackenzie College, instituído e amplamente difundido por Christiano Stockler das Neves.

Na bibliografia existente sobre o curso de Arquitetura do Mackenzie College – particularmente nas pesquisas realizadas por Maria Teresa de Stockler e Breia (2005, p. 181), Gustavo Pereira (2005, p. 321) e Fernando Atique (2007, p. 360) –, pode-se constatar que alguns títulos pertencentes à biblioteca de Kneese de Mello integravam o acervo bibliográfico da instituição de ensino supracitada. Destacam-se os seguintes autores: Randolph Williams Sexton, Rexford Newcomb, Harold Donaldson Eberlein, William Robert Ware.

Como se supunha, a maior parte dos livros encontrados foi editada nos Estados Unidos e referem-se à história da arquitetura. Acredita-se que eram utilizados para elaboração dos exercícios propostos durante o período em que os alunos trabalhavam no ateliê sob a tutela do mestre Stockler das Neves. Segundo Gustavo Pereira (2005, p. 321): “A maioria dos exercícios exigia uma pesquisa prévia em livros sobre arquitetura, de onde eram retirados partidos clássicos e elementos estilísticos que caracterizariam o desenho”.

Uma das principais fontes bibliográficas utilizados pelos alunos do curso de Arquitetura do Mackenzie College foi *The American Vignola: The Five Orders* de William Robert Ware^[28] (Fig. 1.1 e 1.2). O livro é composto por duas partes: a primeira, de cunho teórico, é responsável por ilustrar e descrever os detalhes construtivos; a segunda, mais didática, apresenta as cinco ordens em módulos, o que auxiliava as reproduções elaboradas pelos alunos e, posteriormente, sua inserção nos projetos. Pode ser compreendido como uma leitura da arquitetura clássica voltada para a realidade estadunidense.

[28] WARE, William Robert. *The American Vignola: The Five Orders*. Scranton: International Textbook Company, 1925.

THE AMERICAN VIGNOLA

The Five Orders

INTRODUCTION

A BUILDING is a shelter from rain, sun, and wind. This implies a *Roof*, and *Walls* to support it. If the walls entirely enclose the space within, there are *Doorways* for access, and *Windows* for light. Roofs and walls, doors and windows are the essential features of buildings.

Roofs may be flat, sloping, or curved. A roof with one slope is called a *Lean-to*, Fig. 1. When two sloping roofs rest upon parallel walls and lean against one another, they meet in a horizontal *Ridge*, Fig. 2, at the top, and form a *Gable* at each end. Roofs that rise from the same wall in opposite directions form a *Horizontal Valley*, Fig. 3, at the wall. If two walls make a projecting angle, their roofs intersect in an inclined line called a *Hip*, Fig. 4. If the walls meet in a re-entrant angle, the inclined line of intersection is called a *Valley*. Circular walls carry conical, Fig. 5 (a) or domical roofs, Fig. 5 (b).

If there is more than one story, the flat roof of the lower story becomes the *Floor* of the story above. If the roof extends beyond the wall that supports it, the projection is called the *Eaves*, Fig. 6. If the wall also projects, to support the extension of the roof, the projection is called a *Cornice*, Fig. 7. The principal member of a cornice, which projects like a shelf and crowns the wall, is called a *Covena*, Fig. 8. Walls are generally made wider just at the bottom, so as to get a better bearing on the ground. This projection is the *Base*, Fig. 9. A similar projection at the top is called a *Cap*, or, if it projects much, a *Cornice*, as has been said. A low wall is called a *Parapet*. A short piece of wall about as long as it is thick is called a *Pier*, and if it supports something, a *Pedestal*, Fig. 10, the part between its *Cap* and *Base* is then the *Die*. A tall post is called a *Pier*, Fig. 11, if it is square, and a *Column* if it is round. Caps of piers and columns are called *Capitals*, and the part between the *Cap* and the *Base*, the *Shaft*. The flat upper member of a *Capital* is called the *Abacus*.

1

THE AMERICAN VIGNOLA

PART II

THE First Part of this work treated of the Five Orders of classical Roman Architecture, of the Greek Orders, and of Pilasters, Pediments, Portals, and Arches, of the Intervallation and Superposition of Columns, and of Mouldings and String-Courses. The present volume treats of Arches and Arcades, Vaults and Trusses, Doors and Windows, Walls and Ceilings, and of Staircases, including the use of the Orders in these various features.

ARCHES

As was said in Part I, an opening in a wall may be spanned by a single beam of wood, stone, or iron, bearing vertically on the points of support. It carries the weight of the beam itself and of whatever rests upon it. This beam is called an *Architrave*, or, sometimes, if it rests upon columns, an *Entablature*. If the opening is spanned by two or more such beams, bearing against and mutually supporting each other, the structure is called an *Arch* (Fig. 1, A, B, C, and D). An arch not only throws its own weight and that of the load it carries upon the piers or columns that support it, but it also exerts upon them a horizontal thrust, which tends to push them apart and overthrow them. This thrust has to be met either by a horizontal tie of wood, stone, or iron, or by a sufficiently strong pier, or wall, to serve as an abutment, or buttress (Figs. 2 and 3).

The separate stones of which an arch is composed are called its *voussoirs*. The joints that separate them are at right angles to the inner curve of the arch, which is called the *intrados*. The outer curve, or back of the arch, is called its *extrados* (Fig. 3 A).

The joints between the voussoirs and the curved joint at the extrados are not generally recognized as architectural features, any more than are the joints between the other stones of which a wall is built up. When they are so recognized, and the shape of the stones or of the voussoirs is made conspicuous, the masonry is said to be *rusticated* (Fig. 40). Rustication and Rusticated Arches are treated on page 20. But the line of the extrados, like other lines that it may be considered desirable to emphasize, is generally marked by a raised moulding, similar to the *Tympan* or *Cymation* that

1

1.1 e 1.2 Páginas extraídas do livro *The American Vignola*.

Fonte: WARE, 1925, p. 1.

Mediante a averiguação cuidadosa dos títulos encontrados na biblioteca do arquiteto Eduardo Kneese de Mello, conforme amostragem exposta no Quadro 1, nota-se que outra parte, quantitativamente relevante, dessas publicações refere-se ao neocolonial de ascendência norte-americana (*Mission Style*, *Spanish Renaissance* ou *Estilo Missões*) e a propagação dessa linguagem arquitetônica nos Estados Unidos.

Dos projetos residenciais elaborados por Kneese de Mello, ao longo dos primeiros anos de sua trajetória profissional, destacam-se, tanto por sua qualidade como por sua quantidade, aqueles concebidos a partir das características formais e referências estéticas comumente encontradas no repertório missionário.

Buscou-se, portanto, compreender quais teriam sido as principais fontes para a formação e amadurecimento de tal repertório. Acredita-se que por intermédio dos livros especializados nesse assunto, sobretudo aqueles escritos por autores norte-americanos como Randolph Williams Sexton e Rexford Newcomb, o engenheiro-arquiteto Kneese de Mello pôde apreender as

principais características formais e pressupostos do *Mission Style*. Adquiriu, portanto, um vasto conjunto de referências estéticas e estilísticas demonstradas em seus projetos por meio de sua habilidade e destreza ao criar novas composições.

Spanish Influence on American Architecture and Decoration, escrito por Randolph Williams Sexton em 1927, é um dos títulos encontrados no acervo do arquiteto cujo texto trata especificamente da divulgação do *Mission Style* nos Estados Unidos. O autor explica as origens desse estilo, remetendo-se às residências oriundas da Espanha, e qualifica tal construção como, possivelmente, a mais apropriada para adaptar-se às necessidades estadunidenses, especialmente às condições climáticas. O livro, fartamente ilustrado com fotografias e desenhos, divide-se em quatro capítulos (Fig. 1.3 a 1.8): plantas, exteriores, interiores e os principais materiais construtivos e decorativos utilizados (telhados, paredes, telhas, trabalhos em ferro e mobiliário). Segundo as palavras de Sexton (1927, p. 11, grifos nossos),

This volume is not intended in any way to record the history of Spanish architecture or to point out its peculiarities and characteristics, except as they offer opportunities for adaptation in the development of a new type of American Architecture. The illustrations record the progress made to date by leading architects in this country in evolving a pseudo-Spanish style, the chief inspiration of which has been derived from houses of old Spain and ideas which originated in the minds of Spanish architects. Everything illustrated in this book is of American design; while the influence of Spanish is more marked in certain works than in others, the American touch is everywhere apparent. American architects and designers have caught the spirit of Spanish and adopted ideas which were originated and employed by the Spanish to **modern living conditions** in various parts of this country. **The results are interesting, original and afford a greater enjoyment of life generally.**

1.3, 1.4, 1.5 Livro *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*. A página à esquerda, integra o primeiro capítulo – sobre as plantas; a segunda, do centro, ilustra o segundo capítulo referente aos exteriores desse tipo de construção; a terceira refere-se aos interiores (capítulo três).

Fonte: SEXTON, 1927, p. 17, 51 e 102.

1.6, 1.7, 1.8 Livro *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*. As três imagens referem-se ao quarto capítulo. A primeira, à esquerda, mostra um dos tipos de revestimento externo característico do estilo Missões. A segunda, ao centro, demonstra o uso de azulejos; e a terceira, à direita, evidencia o uso do ferro fundido nos interiores das construções.

Fonte: SEXTON, 1927, p. 160, 193 e 246.

Outro autor que dissertou a propósito da difusão do *Mission Style* nos Estados Unidos foi o arquiteto americano Rexford Newcomb (1886-1968). Dois dos títulos escritos por Newcomb^[29] foram encontrados na biblioteca de Kneese de Mello: *The Mediterranean Domestic Architecture in the United States* (1928) e *Spanish-Colonial Architecture in the United States* (1937. Fig. 1.9 a 1.11). A respeito do conteúdo deste último livro, o autor, logo em sua introdução, esclarece:

The scheme of the volume is simple. It is divided into eight general sections. Os these, the first two treat the historical and artistic backgrounds of the Spanish-Colonial movement; the next five delineate by means of measured drawings, photographs and worded descriptions the characteristics of the fine old structures erected during the Colonial period, and the final section presents the best work of contemporary architects who have drawn upon this historic resource. It is hoped that the historic examples will inspire further modern work and that the **contemporary examples will indicate the general versatility of the Spanish Colonial in adapting itself for modern usage** (NEWCOMB, 1937, p. 7, grifos nossos).

1.9, 1.10, 1.11 Livro *Spanish-Colonial Architecture in the United States*. As fotografias e desenhos selecionados buscam demonstrar uma pequena parte da pesquisa realizada por Newcomb sobre o uso do *Mission Style* nos Estados Unidos.

Fonte: NEWCOMB, 1927, p. 17 e 70-1.

[29] Rexford Newcomb foi autor de diversos livros que tratam da arquitetura de influência espanhola nos Estados Unidos (*Mission Style*). Além dos livros encontrados na biblioteca de Kneese de Mello se destacam: *The Franciscan Mission Architecture of Alta California* (New York: Architectural Book, 1916), *The Old Mission Churches and Historic Houses of California: Their History, Architecture, Art and Lore* (Philadelphia: J. B. Lippincott, 1925) e *The Colonial and Federal House How to Build an Authentic Colonial House* (Philadelphia: J. B. Lippincott, 1933).

As pesquisas supracitadas, com enfoques distintos, e a sistematização das informações localizadas nos acervos mencionados corroboram uma das hipóteses desta tese na qual se presumia existir um forte vínculo entre a biblioteca particular do arquiteto Eduardo Kneese de Mello e sua atuação profissional, especialmente à arquitetura produzida ao longo dos primeiros anos, fortemente distinguida pelas características formais existentes no neocolonial hispano-americano (*Mission Style* ou Estilo Missões). Este fato nos leva a compreender porque Kneese foi considerado, por alguns autores^[30], um dos arquitetos mais prolíficos nesse estilo.

[30] Desses autores, citamos: Eduardo de Jesus Rodrigues (1985, s.p.), Maria Lúcia Bressan Pinheiro (1998, p. 81), Silvia Wolff (2001, p. 229 e 234).

2 ■ A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE EDUARDO KNEESE DE MELLO^[1]

[1] Apresenta-se no Apêndice 1 um esquema da cronologia do arquiteto.

[...] conforme disse Alexis Carrel, a sociedade é constituída de vivos e mortos e, portanto, dos ensinamentos e experiências dos nossos antepassados não se pode fazer tábua rasa, conforme pretendem os modernistas na sua proscrição ao belo, ou seja, pura demonstração materialista, revolucionária, excêntrica. Nossos alunos são, pois, aconselhados a não se excederem nessas tendências, aliás, passageiras, em todos os movimentos dessa natureza [...]. O ensino da arquitetura não pode estar à mercê da moda do momento, isto é, da preferência por esta ou aquela corrente artística, principalmente nos dias presentes, em que a técnica construtiva pessoal, que é um meio, pretende suplantar a Arquitetura que é um fim. A principal função da Arquitetura, a sua razão de ser, é a beleza na edificação.

Christiano Stockler das Neves (1952, p. 29).

Os principais arquitetos formados em São Paulo ingressaram nos cursos de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica ou do Mackenzie College^[2]. Foi o caso de Oswaldo Bratke (Mackenzie, 1931), Jayme Fonseca Rodrigues (Mackenzie, 1931), Carlos Botti (Mackenzie, 1932), Henrique Mindlin (Mackenzie, 1933), Ícaro de Castro Mello (Politécnica, 1935), Zenon Lotufo (Politécnica, 1936), Vilanova Artigas (Politécnica, 1937), Leo Ribeiro de Moraes (Politécnica, 1939), assim como o de Eduardo Kneese de Mello.

A institucionalização do ensino de Engenharia e Arquitetura em São Paulo foi marcada por três principais acontecimentos. O primeiro foi a instalação da Escola Politécnica e do curso de engenheiro-arquiteto em 1894; o segundo, a criação da Escola de Engenharia do Mackenzie College no ano de 1896 – a primeira instituição particular de ensino superior do país –, e o terceiro, em 1917, a instalação do curso de engenheiro-arquiteto no próprio Mackenzie, por intermédio do arquiteto Christiano Stockler das Neves^[3], sendo o segundo curso superior de formação profissional na área do Estado de São Paulo.

Assim como a estrutura didática do curso da Escola Politécnica se baseava nos moldes alemães^[4], por influência da formação profissional de seu primeiro diretor, Paula Souza, a criação

[2] Segundo Sylvia Ficher (2005, p. 175), após a abertura do segundo curso de engenheiros-arquitetos de São Paulo na Escola de Engenharia do Mackenzie College em 1917, “a esse se seguiu a organização, por volta de 1928, de um terceiro curso, funcionando na Academia de Belas Artes de São Paulo (a posterior Escola de Belas Artes de São Paulo)”. Nessa instituição se graduaram, em 1933, Guilherme Malfatti e Antônio Garcia Moya.

[3] Christiano Stockler das Neves (1889-1982) após ter feito seus estudos iniciais em São Paulo, diplomou-se pela School of Fine Arts da Universidade da Pensilvânia, em 1911. Na escola americana, o curso era estruturado conforme princípios da École des Beaux-Arts de Paris.

[4] Segundo Sylvia Ficher (2005, p. 26, grifos nossos): “A estrutura que então se adotava em São Paulo não era análoga ao sistema preconizado pela École Polytechnique de Paris. Apenas o curso fundamental correspondia à organização da escola francesa, igualmente com três anos de duração e preparatório para as demais escolas de engenharia, como a École des Ponts et Chaussées e a École des Mines, nas quais eram ministrados os cursos especiais (Collins, 1967, p. 192). **Na Politécnica seguiu-se bem mais o sistema germânico, o qual – apesar de fruto da difusão da experiência francesa ao longo do século XIX – tinha a particular característica de unificar o ensino do curso fundamental e dos cursos especiais em uma única escola** (Bergier e Tobler, 1980, p. 17). Esse havia sido o modelo adotado na Polytechnikum de Karlsruhe em 1832 e prevalecera com algumas variações na organização do de Zurique em 1834. E foi adotado na Politécnica de São Paulo muito provavelmente porque o seu principal organizador e primeiro diretor, Antonio Francisco de Paula Souza, havia estudado em Karlsruhe, onde se formara engenheiro civil em 1868”.

e estruturação do curso de engenheiros-arquitetos da Escola de Engenharia do Mackenzie College se vinculavam diretamente à formação e à atuação profissional de Christiano Stockler das Neves, ou seja, tinham suas origens na estrutura didática estadunidense.

O método de ensino, proposto por Stockler das Neves ao Mackenzie College, estabelecia um curso de arquitetura fundamentado no paradigma da École des Beaux-Arts de Paris, como organização de ensino e modelo estético, e com grande ênfase nos avanços tecnológicos e sua aplicação na construção. O diferencial desse curso, quando comparado à Politécnica, encontrava-se no trabalho em ateliê – elemento primordial para o ensino de arquitetura ligado às Belas-Artes^[5]. Segundo Gustavo Pereira (2005, p. 305, grifos nossos),

Enquanto o curso da Politécnica visava fornecer, em suas inúmeras disciplinas, uma ampla formação teórica de cunho tanto tecnológico como humanístico, **o curso do Mackenzie College era centrado na realidade do mercado, e concentrava suas disciplinas em temas relacionados ao desenho artístico e arquitetônico, e à prática profissional**. O projeto bem resolvido, eficiente e bem desenhado era mais valorizado do que as grandes discussões teóricas sobre tecnologia, estilos ou tendências da arquitetura.

Os futuros engenheiros-arquitetos, discípulos de Christiano Stockler das Neves, crítico voraz das veleidades modernizadoras, aprendiam a ver, sobretudo, a arquitetura como belas-artes e utilizar elementos arquitetônicos buscando composições clássicas regidas pelos princípios da harmonia, equilíbrio e perfeição, produzindo, dessa forma, uma arquitetura eclética, composta por elementos de diversas origens, mas utilizando materiais contemporâneos.

O trabalho executado pelo acadêmico Eduardo Kneese de Mello, intitulado *Fonte e terraço num parque* (Fig. 2.1), revela as marcantes características da formação universitária dos estudantes da Escola de Engenharia do Mackenzie na época em questão. Nessa imagem, assim como no projeto-tese do mesmo aluno (Fig. 2.2), pode-se observar atributos relacionados ao método de ensino praticado e difundido na referida Escola: composição por eixos, simetria, referências historicistas, desenho meticuloso obtido por meio de sombreamento e aguada.

[5] Stockler das Neves defendeu, no III Congresso Pan-americano de Arquitetos (Buenos Aires, 1927), uma tese sobre o ensino de arquitetura. Dizia o arquiteto: “A architectura não é ramo da engenharia. Seu ensino é ministrado nas escolas de bellas artes e, raramente, nos institutos polytechnicos. A tendência moderna forçosamente fará com que tal ensino seja feito exclusivamente nas escolas de bellas artes. É inadmissível, portanto, que se dediquem á architectura todos aquelles que não tiveram estudos artísticos, technicos e praticos, cabedal este que só o architecto possui *[sic]*” (NEVES, 1928, p. 19).

2.1 Fonte e terraço num parque. Trabalho elaborado por Eduardo Kneese de Mello, 1930.
Fonte: MELLO, 1930, nº 54, s.p.

2.2 Projeto-tese de uma Policlínica para São Paulo. Eduardo Kneese de Mello, 1932.
Fonte: MELLO, 1932, nº 57, s.p.

A trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello^[6] teve início no ano de 1932, quando se graduou como Engenheiro-Arquiteto na Escola de Engenharia Mackenzie, integrando uma turma com apenas cinco formandos, dentre eles Carlos Amélio Botti e Vicente Nigro Júnior.

A cerimônia de colação de grau dos Engenheiros da turma de 1931 (Fig. 2.3) foi realizada no salão do *Gymnasium*, em 4 de março de 1932. Tiveram como paraninfo o engenheiro Américo da Graça Martins que proferiu um discurso de “rapiditas [sic] mas expressivas palavras” em que “aconselhou aos novos engenheiros o sempre permanecerem dentro da lei e do dever em todos em seus actos [sic], augurando-lhes felizes dias em seus trabalhos” (ENGENHEIROS, 1932, nº 57, p. 160). Em nome dos acadêmicos, como orador da turma, Kneese de Mello salientou que

[...] o papel preponderante que sempre têm os bons professores, que sempre são como amigos e mestres, e agradeceu também em nome dos colegas a todos os esforços que fizeram para a sua bôa instrução todos os lentes [sic]. (ENGENHEIROS, 1932, nº 57, p. 160).

2.3 Formatura de Eduardo Kneese de Mello, Mackenzie College. São Paulo, 1932.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

[6] Kneese ingressou, em 1924, no colégio preparatório técnico da Escola Americana – escola cristã fundada pela Igreja Presbiteriana sendo esta a primeira denominação do Mackenzie. Depois de concluído o curso, em 1927, foi aprovado para o curso de Engenharia do Mackenzie College. A respeito da escolha da profissão, Horácio Kneese de Mello (1988, p. 16, grifos nossos), esclarece: “Meu pai é que decidia. Dos filhos homens eu era o terceiro. **O mais velho [Eduardo] ele fez seguir engenharia, mais tarde tornando-se arquiteto.** O segundo seguiu curso de comércio, para trabalhar com ele na Casa J. Moreira e Companhia, atacadista de tecidos. O terceiro, eu, ele dizia que seria médico e, se tivesse mais um, faria estudar advocacia.”

Durante o período em que cursou a faculdade no Mackenzie College, Kneese se destacou dos demais alunos e foi considerado um dos discípulos de Christiano Stockler das Neves. Esse convívio, durável e vultoso, com o mestre propiciou uma formação profissional rígida, centrada nos princípios do Desenho e no discurso do Belo, adquiridos por meio do constante estudo das regras clássicas de composição.

Eduardo Kneese de Mello, em decorrência de sua formação acadêmica, iniciou sua carreira com a concepção de projeto formulada pelo Ecletismo tardio dos anos de 1930. Essa postura se revelou por uma maior aproximação às belas-artistas (acadêmicas) e se caracterizou por uma forte preocupação com um determinado entendimento de projeto e definição estética da arquitetura.

Algumas das principais características do curso de engenheiros-arquitetos do Mackenzie, citadas anteriormente, podem ser observadas nesta primeira etapa da trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello, especialmente, no que diz respeito à *realidade de mercado*.

As primeiras obras do engenheiro-arquiteto, um grande número de residências de características ecléticas, projetadas e construídas para famílias distribuídas, na época, nos principais bairros da cidade de São Paulo, como os jardins América, Europa, Paulista e Pacaembu, caracterizam o sucesso por ele alcançado ao responder *corretamente* ao ideário de seus clientes, pertencentes às classes dominantes e ricas que correspondiam, naquele tempo, à realidade do mercado imobiliário.

2.1 O RENOMADO ENGENHEIRO-ARQUITETO

Não houve arquiteto formado em São Paulo da mesma geração dos pioneiros cariocas que tenha iniciado a sua vida profissional com a linguagem moderna e sem envolvimento com a construção. Todos os paulistas praticaram uma arquitetura eclética antes de se converterem ao modernismo; todos, também, adquiriram grande prática de canteiro, portanto rara era a encomenda de projeto sem a respectiva obra. A introdução de componentes modernos na arquitetura paulista não se iniciou mediante os recursos formais que caracterizaram a linha carioca: foi no tratamento racional e inovador das plantas que certa modernidade emergiu em São Paulo.

Hugo Segawa (1999, p. 140).

Eduardo Kneese de Mello foi autor de um grande número de projetos. No entanto, sua produção arquitetônica é muito mais conhecida pela qualidade do que propriamente pela quantidade. A quantidade marcou apenas a primeira etapa de sua vida profissional: fase das construções ecléticas para famílias abastadas, que enxergavam a reprodução de tais padrões como sinônimos de progresso e status social, e por expressarem uma identificação social com os hábitos das metrópoles europeias e, posteriormente, com os padrões e modos de morar estadunidenses[7].

Apesar da divulgação dos princípios da Arquitetura Moderna, desde meados da década de 1920, no Brasil ainda se vivia a era de ouro das construções de cunho historicista, com as *residências em estilo*, aliadas à abertura de novos loteamentos destinados às camadas altas e médias urbanas. Nessa década, vivia-se em plena euforia desenvolvimentista, que teve ainda maior florescimento com a industrialização da Era Vargas (1930-1945). Na cidade de São Paulo, este feito assumiu contornos específicos devidos à acumulação gerada pela cafeicultura[8].

[7] Sobre a influência estadunidense na arquitetura brasileira, especialmente a paulistana das primeiras décadas do século XX, Luiz Carlos Daher (1983, p. 17) comenta: “Quanto mais crescia a influência econômica norte-americana no mundo, o cinema dos Estados Unidos predominava sobre o alemão e o europeu em geral; chegando ao fastígio com a Hollywood dos anos 30, ‘fábrica de sonhos’. Em seu texto ‘Documentação Necessária’ (1937) Lucio Costa diria que o desenvolvimento do cinema habituou o público que morava nas casas simplórias mas honestas dos mestres de obras, a sonhar com os cenários de ‘encher os olhos’: o cruzamento desses sonhos com as libertinagens do arquiteto decorativista favoreceu a cópia conhecida dos bangalôs, da casa espanhola americanizada e do castelinho, construções habituais da paisagem paulistana”.

[8] Maria Cecília Naclério Homem (1983, p. 43) esclarece que: “Durante a I República, construiu-se uma nova cidade à base de materiais importados, assim como vieram do exterior estilos de arquitetura, os profissionais superiores ou arquitetos, e a mão de obra. A São Paulo do café pôde tornar-se realidade quando passou a ser a grande subsidiária da riqueza desse produto, atraindo população nacional e estrangeira”.

Em 1925, ano em que Rino Levi e Gregori Warchavchik chegaram a São Paulo, encontraram uma opinião pública pouco evoluída e pouco sensível aos valores estéticos. Predominavam as cores vivas, materiais caros, aspectos luxuosos do conjunto e dos pormenores arquitetônicos. **Nas residências, mantinha-se o propósito de afirmação dos proprietários. O academicismo na arquitetura permanecia em voga tanto oficialmente quanto para a burguesia conservadora, aliado a uma interpretação popularesca do mesmo.** Lembremos que o grande público, em geral, permanecera à parte da Semana de Arte Moderna, de 1922, e de suas manifestações paralelas. O gosto só seria superado pouco a pouco, a partir da década de 30, com a mudança ocorrida na política e nas mentalidades, devida à Revolução de Vargas, e à implantação da chamada arquitetura moderna. Esta, no entanto, concorreria ainda com o art déco. (HOMEM, 1983, p. 46, grifos nossos).

Seu primeiro trabalho como engenheiro-arquiteto foi na Construtora do Sr. Luiz Espinheira^[9], responsável por importantes projetos residenciais na cidade. Colaborou com os engenheiros da firma construtora durante dois anos como desenhista^[10] em projetos de estilos variados. Após essa experiência, por volta de 1934, montou seu escritório^[11], no Largo da Misericórdia, na área central da cidade de São Paulo (Fig. 2.4).

[9] Luiz Espinheira e Alfredo Ernesto Becker após concluírem seus estudos na Suíça (Escola Politécnica Federal de Zurique, 1922) retornaram ao Brasil e abriram um escritório e foram sócios entre 1924 e 1930. Tal fato pôde ser comprovado por meio de projetos com o carimbo do escritório Espinheira & Becker, encontrados no acervo da Cia. City. Após a sociedade ter sido desfeita, os engenheiros continuaram suas trajetórias profissionais em empresas distintas. (Cf. depoimento de Marlene Becker e HILTON, 1971, p. 34, parte IV).

[10] Sobre o início de sua atividade profissional, Kneese de Mello relatou: “Quando saí da escola, a primeira coisa que fiz foi procurar um emprego. E eu era engenheiro-arquiteto, então, procurei saber quais eram as turmas que estavam com mais serviço em São Paulo e descobri que havia um engenheiro chamado Luiz Espinheira que tinha muitas obras. Então fui ao escritório de Luiz Espinheira e perguntei se ele não precisava de um desenhista. Ele tomou nota e tal e disse: Você volte daqui uns 15 dias. No dia seguinte eu voltei lá e disse: – Dr. Espinheira, onde é a sala de desenho? Ele disse: – É lá no fundo. Eu fui lá pro fundo e fiquei. No fim do mês ele me pagou e eu fiquei trabalhando com ele. Eu me impus, não fiquei esperando que ele me chamasse. Logo depois saí. Participei da Revolução de 32 [...]. Voltando da Revolução, eu fiquei, mas continuei no emprego, mas depois resolvi montar meu escritorzinho”. (MELLO *apud* RODRIGUES, 1985, s.p.)

[11] Com base no depoimento do arquiteto Vicente Nigro Jr. prestado à Sylvia Ficher (1989-2007, p. 66), foi possível descobrir que “por volta de 1934, trabalhou no escritório de seu colega de turma, Eduardo Augusto Kneese de Mello”. Outra coincidência é o fato de: “[...] recém-formado trabalhou cerca de um ano com Alfredo Ernesto Becker, arquiteto formado na Alemanha e de grande sucesso em São Paulo.”

2.4 Auto-retrato de Kneese em seu primeiro escritório, 1934.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

Aluguei uma salinha pequenininha, dividida em uma porção de partes. Tinha uma entradinha, tinha a sala do diretor, a sala do desenhista, eu era sozinho. Então, corria de um lado para outro, e comecei a fazer as minhas casinhas. Eu fazia tudo no estilo, à vontade do freguês. [...] O meu orgulho era de poder atender o freguês, na sua vontade, fosse qual fosse essa vontade. (MELLO *apud* RODRIGUES, 1985, s.p.).

Nessa nova fase, deixou-se acalantar pelo desejo passadiço e de *status* da burguesia paulistana, uma vez que buscavam mostrar, no presente, o que poderiam almejar ter sido reproduzido em outros passados ou regiões – seria uma forma provinciana de entender a arquitetura. Tal imaginada sofisticação era retratada na paisagem urbana que, para as classes dominantes de fazendeiros e industriais, era como se a cidade ainda tivesse caráter intermitente e a casa possuísse o valor social por excelência para ser exibido nos dias de festa. A maior prova disso é o fato de que, durante os primeiros anos de sua vida profissional, Kneese de Mello diversas residências *normandas*, *californianas*, *coloniais* e até *modernistas*, atendendo ao cliente no estilo de sua preferência^[12].

[12] Conforme depoimento do próprio arquiteto Eduardo Kneese de Mello, prestado à Sylvia Ficher em 1985, “conhecia a casa de Gregori Warchavchik (arq. Roma, 1922), à rua Santa Cruz, e visitou a exposição da casa modernista à rua Itápolis, em 1930, mas **não estava convencido da importância daquele estilo**.” (FICHER, 1989-2007, p. 59, grifos nossos).

Nos primeiros anos de funcionamento do escritório de Kneese, período compreendido entre meados das décadas de 1930 e 1940, apesar da instabilidade política e econômica ocasionada por episódios internacionais^[13] e nacionais^[14], o engenheiro-arquiteto elaborou mais de uma centena de projetos residenciais^[15] na cidade de São Paulo. Alguns desses projetos foram desenvolvidos para investidores interessados em aplicar seus capitais na produção de moradias de aluguel – um dos mais seguros e eficientes meios de aplicação financeira até a promulgação da Lei do Inquilinato em 1942 –, dentre os quais citamos: casas econômicas, na rua Bom Pastor (1934) – propriedade de Waldemar Sampaio Cintra; residência na rua Pamplona 193-a (1934) – proprietário José Martins Borges; residências econômicas, na rua Deputado Lacerda Franco (1942) – propriedade do Banco Hipotecário Lar Brasileiro.

O grande número de construções residenciais que desenvolveu – localizadas nos bairros projetados para famílias abastadas, como os jardins América, Europa, Paulista, Pinheiros e Pacaembu – fez com que ganhasse prestígio e se destacasse frente à alta sociedade paulistana.

[13] Referimo-nos ao episódio da Quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, quando as ações comercializadas sofreram grande desvalorização causando retração nas vendas e, com isso, uma consequente e brutal queda nos preços do café; e à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), momento em que efeitos diretos (cessação de importação de materiais e equipamentos de construção, falta de veículos, escassez de combustíveis etc.) prejudicaram a indústria da construção civil, provocando grande declínio no número de construções na cidade de São Paulo.

[14] As décadas de 1930 e 1940, no Brasil, foram marcadas por diversos fatos históricos entre os quais destacamos a Revolução de 1930, Revolução Constitucionalista (São Paulo, 1932), Estado Novo (1937-1945) e a Lei do Inquilinato (1942).

[15] Foram identificadas 142 residências unifamiliares projetadas pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello entre os anos de 1934 e 1976, fato que pode ser verificado no Apêndice 2 desta tese. Grande parte desse contingente – 110 projetos – foi elaborada no período compreendido entre os anos de 1934 e 1945.

Prova desse prestígio se encontra no fato de Kneese de Mello ter sido convidado, em 1934, pela revista *Record*^[16], para expor um de seus projetos recém-construídos, a residência de propriedade do sr. José Martins Borges (Fig. 2.5 e 2.6). A mostra, intitulada *Exposição da Casa da Rua Pamplona 193-a*, e os objetivos pretendidos foram anunciados no sexto número dessa publicação:

Por iniciativa de Record será aberta ao público, em meados de julho, a casa de propriedade do sr. José Martins Borges, construída pelo engenheiro arquiteto Eduardo Kneese de Mello, à rua Pamplona, 193-a. Patrocinando essa exposição, o que temos em mira é demonstrar aos que se interessam pela vida física da metropole, os admiráveis **melhoramentos que hêmos feito em materia de construções civis – melhoramentos que são uma revelação eloqüente do nosso progresso, da nossa cultura.** E êste progresso se evidencia tanto melhor quando se escolhe para tal demonstração, como agora fazemos, uma casa de pouco custo e construída para renda. Não seria muito expressivo, por certo, deste ponto-de-vista geral, o exemplo que se oferecesse com a apresentação de um palacete de centenas de contos de réis *[sic]*. (EXPOSIÇÃO, 1934, s.p., grifos nossos).

2.5 e 2.6 Residência de José Martins Borges. Rua Pamplona, 193-a, Jardim Paulista. São Paulo, 1934.
Fonte: EXPOSIÇÃO, 1934, s.p.

[16] Durante o levantamento bibliográfico realizado para esta tese, foram adquiridos alguns exemplares dessa publicação paulistana e especializada em arquitetura. Nos exemplares consultados (nº 1 ao 16) foram encontradas informações relevantes a respeito da trajetória profissional Kneese de Mello, assim como outros projetos realizados por ele e antes desconhecidos.

Após ter sido realizada a exposição, o editorial da revista *Record*, em seu próximo número (EXPOSIÇÃO, 1934a, p. 5), noticiou o êxito absoluto alcançado: “Durante a semana em que esteve aberta à visitação pública, de 14 a 22 de julho, a casa foi visitada por mais de 3.000 pessoas, que foram unânimes na manifestação de seu agrado”.

O reflexo expressivo do contentamento se deu por meio das reportagens e notícias divulgadas, a esse respeito, pelos órgãos mais prestigiados da imprensa paulista. No jornal *A Folha da Noite* foi publicado um artigo, em 16 de julho de 1934, intitulado: *Incentiva-se em S. Paulo o gosto pela arquitetura mexicana*. O texto principal da reportagem, conforme ilustrado a seguir (Fig. 2.7), retrata a posição intelectual daquela época em relação à preferência da sociedade paulistana quanto aos estilos arquitetônicos, além de demonstrar a popularização do estilo Missões.

Incentiva-se em S. Paulo o gosto pela archite- ctura mexicana

O engenheiro Eduardo Kneese de Mello, que está revivendo esse estylo, inangurou, no bairro do Jardim Paulista, a construcção de uma residencia nesse typo

Generaliza-se em São Paulo o processo europeu de se exporem à visita publica as construcções que concretizam o genio architectonico de um povo e revivem estylizações antigas. Entre nós, a tarefa da educação e do incremento desse processo, está a cargo da revista "Record", dirigida pelo engenheiro João Diciatteo, que tem desenvolvido, nesse sentido, uma campanha paciente e patriótica em prol do renome da nossa architectura, que se apresenta actualmente numa phase de desenvoltura apreciável. A architectura mexicana, uma das lindas creações desse ramo da arte, é que está tendo a preferencia, não só pela lembrança dos panoramas coloniaes do Mexico, mas, tambem, porque as suas linhas simples formam um desenho que agrada, artisticamente, aos olhos mais exigentes.

Foi uma dessas residencias que o engenheiro Eduardo Kneese de Mello fez inaugurar no sabbado, no bairro do Jardim Paulista, a rua Pamplona, 193-A, expondo-a à visitação publica. As características dessas construcções apresentam uma dupla vantagem do ponto de vista residencial porque se reparte em dois perfeitos apartamentos, completos, bem divididos e com a mais racional distribuição dos cômodos. A parte externa nada deixa a desejar, o mesmo acontecendo com o interior da residencia.

[17] Transcrição: "Generaliza-se, em São Paulo o processo europeu de se exporem à visita pública as construções que concretizam o gênio arquitetônico de um povo e revivem estilizações antigas. Entre nós, a tarefa da educação e do incremento desse processo, está a cargo da revista Record, dirigida pelo engenheiro João Diciatteo, que tem desenvolvido, nesse sentido, uma campanha paciente e patriótica em prol do renome da nossa arquitetura, que se apresenta atualmente numa fase de desenvoltura apreciável. A arquitetura mexicana, uma das lindas criações desse ramo da arte, é que está tendo a preferência, não só pela lembrança dos panoramas coloniais do México, mas também, porque as suas linhas simples formam um desenho que agrada, artisticamente, aos olhos mais exigentes. Foi uma dessas residências que o engenheiro Eduardo Kneese de Mello fez inaugurar no sábado, no bairro do Jardim Paulista, à rua Pamplona 193-a, expondo-a à visitação pública. As características dessas construções apresentam uma dupla vantagem do ponto de vista residencial porque se reparte em dois perfeitos apartamentos, completos, bem divididos e com a mais racional distribuição dos cômodos. A parte externa nada deixa a desejar, o mesmo acontecendo com o interior da residência".

Outras duas exposições também foram patrocinadas pela revista Record: residência Sr. José Pelosini (rua Carlos Sampaio, 14), projeto e construção de Capua & Capua (Record, São Paulo, nº 6, s.p., 1934); residência sra. Rosina de Sá Barbosa (avenida Pacaembu, 21), projeto e construção de Moya & Malfatti (Record, São Paulo, nº 10, p. 10-1, 1934; Record, São Paulo, nº 11, p. 15-8, 1934). As exposições ocorreram, respectivamente, em julho e novembro-dezembro de 1934.

2.7 Reportagem[17].

Fonte: FOLHA DA NOITE, 1934, p. 6.

Em janeiro de 1935, outro projeto elaborado por Kneese foi aberto para visitação pública, por incentivo da revista *Record* (Fig. 2.8). A publicação e exibição da residência construída para João Amorim de Souza, à rua Rosa e Silva, 38-a (Fig. 2.9), também em estilo Missões, demonstram a ampla divulgação e predileção obtida por sua aplicação. Evidenciam, ainda, o prestígio conquistado pelo engenheiro-arquiteto perante a sociedade paulistana e sua especialização nos projetos residenciais de característica eclética.

2.8 e 2.9 Residência de João Amorim de Souza. Rua Rosa e Silva, 38-a, Santa Cecília. São Paulo, 1935.
Fonte: *Record*, 1935, p. 28; MELLO, 1937, s.p.

Alguns anos depois destas exposições, em 1937, Kneese de Mello foi convidado, por Roberto Corrêa de Brito, para divulgar alguns dos projetos residenciais que construídos entre os anos de 1934 e 1937, com o intuito de mostrar o desenvolvimento da arquitetura em São Paulo. Ainda naquele ano foi publicado o portfólio intitulado *Construções Residenciaes*, impresso pela União Paulista de Imprensa (UPI), composto por 27 residências.

A partir de 1938, com a criação da revista *Acrópole* – a qual contou com a participação de Kneese^[18] –, esses projetos residenciais, em sua maioria, passaram a ser nela publicados, sendo uma das principais publicações paulistas especializada em arquitetura da época^[19].

Em grande parte dessas residências, publicadas tanto pela UPI, como pela revista *Acrópole*, a organização espacial tinha sempre como modelo o palacete europeu, seguindo as características formais pré-escolhidas pelo cliente.

O rigor no cumprimento destes cânones de ordenação formal correspondia à aparente importância da família proprietária. O fachadismo era responsável por traduzir os elementos decorativos numa noção exagerada e mentirosa da posição social do proprietário. Nas habitações de alto padrão dos chamados bairros jardins, as construções unifamiliares se afastam obrigatoriamente dos limites do lote e sua volumetria se divide em dois corpos: um principal que abriga a casa propriamente dita e um secundário no fundo do lote onde se localizavam as dependências dos criados e a garagem [...]. (SILVA, 2003, p. 45).

[18] Segundo Eduardo Corona, no edital do último número da revista *Acrópole*: “Vejamos a sua vida: em meados de 1937 o arquiteto Eduardo Kneese de Mello foi procurado pelo Sr. Roberto Corrêa de Brito para a confecção de um álbum impresso das obras daquele arquiteto e que foi realizado nesse mesmo ano. No decorrer das conversações o arquiteto Kneese de Mello, sempre entusiasta das coisas da arquitetura, aventou a possibilidade de ser montada uma revista de arquitetura em São Paulo. O senhor Corrêa de Brito imediatamente interessou no assunto os arquitetos Henrique Mindlin e Alfredo Ernesto Becker, que se puseram à disposição da façanha. E o 1º número saiu em maio de 1938.” (*Acrópole*, nº 390-391, p. 6, 1971).

[19] Optamos por citar a revista *Acrópole* como uma das principais, pois, conforme previamente mencionado, durante esta pesquisa foram encontrados dezesseis exemplares de outra publicação também paulistana e especializada em arquitetura, a revista *Record* – antecessora da *Acrópole*. Não foi possível, porém, obter informações quanto à sua continuidade, uma vez que nas bibliotecas da FAU-USP, Politécnica, Mackenzie e Centro Universitário Belas Artes, não foram encontrados exemplares dessa publicação. Desde 2007, a Biblioteca Mário de Andrade está fechada para reforma, impossibilitando o acesso às informações.

Tais características estão presentes na residência do sr. Jean Lecoq (1934. Fig. 2.10)^[20], localizada no Jardim América^[21]. Em estilo Missões, ela apresenta elementos característicos deste tipo de construção, dos quais se destacam: telhado em duas águas de empenas perpendiculares à rua, com beirais reduzidos; proporções robustas; revestimentos rústicos; utilização de elementos em madeira e ferro fundido externa e internamente. Contava, também, com um pequeno pátio interno.

2.10 Residência de Jean Lecoq. Rua Terra Nova, 8, Jardim América.
Fonte: MELLO, 1938, p. 27.

[20] Pesquisa realizada no acervo da Cia. City, responsável pela urbanização e loteamento desse bairro, revelou que essa residência foi projetada no ano de 1934, sendo finalizada sua construção em 1937.

[21] Silvia Wolff, em sua tese de doutorado sobre o Jardim América (2001, p. 233), descreve Eduardo Kneese de Mello como: “arquiteto de muitas obras no Jardim América, realizou projetos vinculados à linguagem missões ou hispano-americana no início de sua carreira. O arquiteto trabalhava os projetos, fazendo desenhos cuidadosos e detalhados nos quais incluía elementos compondo um clima próprio, com carros, pessoas, ânforas e espécies vegetais próprias à paisagem que era publicada em revistas dos projetos residenciais dos subúrbios dos Estados quentes norte-americanos: palmeiras e cactus”.

Outra referência muito presente nos projetos realizados pelo arquiteto na época foi o neocolonial. Alguns autores, dentre os quais citamos Sylvia Ficher (1989-2007, p. 58), destacam que: “[...] Kneese de Mello foi um renovador do estilo neocolonial em São Paulo”. O maior exemplo dentro da obra de Kneese é sua própria residência, (1940) à rua Antonio Bento, Jardim Paulista (Fig. 2.11).

2.11 Residência Eduardo Kneese de Mello. Rua Antonio Bento, 399, Jardim Paulistano.
Fonte: Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

Embora a primeira fase de sua trajetória seja curta, com duração de, aproximadamente, oito anos contínuos (1934-1942), foi o período em que Kneese de Mello mais construiu^[22]. Dentre todas as residências realizadas pelo arquiteto, nessa fase, predominam aquelas com projeto referenciado no neocolonial de ascendência hispano-americana ou luso-brasileira.

[22] Na pesquisa realizada para esta tese, exposta no Apêndice 2, foram registradas 97 residências projetadas pelo arquiteto, em estilos variados, durante esse período. Entre 1943 e 1947, outros catorze projetos foram localizados.

Em diversos depoimentos, ao comentar sobre esta época, se autodenomina *construtor-eclético*. Naquele tempo, orgulhava-se de poder atender a todos os clientes, cada qual com seu gosto e estilo de preferência.

Saí da escola, comecei a trabalhar como construtor. Fiz algumas casinhas por aí, o Jardim América está salpicado delas, e eu fazia a arquitetura à vontade do freguês. Quando o sujeito entrava no meu escritório, eu perguntava imediatamente: qual o estilo de sua preferência? E eu fazia o estilo do sujeito, nem que nunca tivesse ouvido falar neste estilo. Eu ia estudar, ia me virar, ia perguntar e sapecava no sujeito o estilo que ele tinha pedido. Assim fui um construtor eclético. (MELLO, 1979[?], p. 13).

Apesar de manifestar esse orgulho, após sua conversão ao Movimento Moderno, passou a não valorizar a produção das primeiras obras – as residências para a burguesia paulistana –, por ter contribuído para a construção da cidade com uma arquitetura de cenário. Essa desconsideração transparece em alguns depoimentos feitos pelo próprio arquiteto:

Quando fazíamos Arquitetura eclética ou acadêmica, havia assim uma certa intenção de exibição [...], e depois me pareceu que se chocava com a intenção social que a Arquitetura tem que representar. [...] Hoje estou convencido, absolutamente, que a Arquitetura é profundamente social. [...] Nós temos que esquecer a ideia de fazer grandes palácios e partir para soluções mais simples, mais humanas e sociais. (MELLO *apud* SANTOS, 1985, p. 101).

Na segunda etapa de sua vida profissional, quando passou a ser militante do Movimento Moderno, passou a criticar os arquitetos ecléticos com voracidade. No entanto, como veremos a seguir, sua arquitetura, nos primeiros anos da década de 1940, continuou, até certo ponto, limitada a um desenho de fachada, sem alterações significativas em sua concepção espacial.

A formação acadêmica e visão de projeto, como recursos estilísticos e compositivos, lhe permitiram, de certo modo, a passagem. Agregam-se às possibilidades advindas do ecletismo, dentro das quais a determinação formal poderia advir do emprego de elementos do estilo e de sua convivência de seu uso, quaisquer que fossem suas características: greco-romanas, francesas, coloniais, modernas etc.

2.1.1 OS PRIMEIROS ESCRITOS:

REFLEXOS DE UMA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Eduardo Kneese de Mello, conforme exposto anteriormente, já havia conquistado grande reconhecimento como engenheiro-arquiteto perante a sociedade paulistana. Esse prestígio foi obtido por meio de sua grande produção arquitetônica composta, principalmente, por residências destinadas às famílias mais abastadas da cidade durante as décadas de 1930 e 1940.

Nesse período, precisamente em maio de 1938, com o lançamento da revista *Acrópole*, Kneese foi convidado para exercer a atividade de consultor técnico dessa publicação. Desempenhou tal função ao longo dos primeiros anos do periódico, em que publicou grande parte dos seus projetos e alguns artigos sobre arquitetura.

O primeiro artigo publicado pelo arquiteto no primeiro número da revista intitulava-se *Acrópole de Athenas*. O texto, de caráter didático, procurava apresentar as principais características da arquitetura grega. Descrevia, ainda, as principais edificações de Atenas ressaltando a:

perfeição da arquitetura dessa época, tão admiráveis suas proporções, que nos vinte e quatro séculos que a ela se seguiram e ainda nos dias de hoje, suas linhas têm sido copiadas, imitadas e apontadas como padrão de arte e beleza. (MELLO, 1938a, p. 18).

Por meio da leitura completa do texto, nota-se que o recém-formado engenheiro-arquiteto Kneese de Mello iniciou seu artigo classificando a arquitetura grega como a “arte mais perfeita e mais pura” (MELLO, 1938a, p. 14), e o finalizou dizendo que era um modelo ao qual se deve copiar e imitar, pois a apontava “como padrão de arte e beleza” (MELLO, 1938a, p.18). Evidencia-se, nesse primeiro artigo, toda sua formação acadêmica, inspirada nos moldes da École des Beaux-Arts de Paris e na escola de Belas-Artes da Pensilvânia por mãos do mestre Christiano Stockler das Neves.

Ainda no primeiro número da revista *Acrópole*, o artigo seguinte ao de Kneese de Mello, intitulava-se *Por uma Arte Brasileira*, escrito pelo professor Theodoro Braga, estudioso da cultura brasileira. Enquanto o artigo de Kneese justificava e incentivava a cópia de estilos estrangeiros, o texto de Braga defendia a busca de uma arte com feição nacional, criticando severamente a cópia dos modelos estrangeiros:

Sinto-me no dever de acudir a qualquer apelo que se me é feito no sentido de se fazer tudo por um movimento de arte que se caracterize exclusivamente, num sentimento de brasilidade e que nele se notem a alma, o gesto o sentimento de nossa nacionalidade. (BRAGA, 1938, p. 19).

Theodoro Braga ilustrou seu texto com fotografias de sua residência com motivos marajoaras por ele desenhados. Com relação à arquitetura, em seu artigo, defendia que:

A arquitetura, arte por excelência, escrínio de todas as outras artes, melhor que todas elas, poderá, em todos os seus mínimos detalhes, como nos seus grandes conjuntos, através da alma vibrátil dos seus apóstolos abnegados, buscar na nossa natureza a linha, o gesto, o movimento, que possam caracterizar a arte arquitetônica brasileira. Tudo em torno a nós sugere um movimento de são patriotismo: a linha coleante de réptil, o esvoaçar alegre de uma ave, a tranquilidade hierática de uma orquídea, tudo nos impõe as características de um estilo e nos dirão alguma coisa da alma brasileira. (BRAGA, 1938, p. 20).

Por estranho que pareça, alguns anos antes da publicação, o autor do projeto e construtor da residência em estilo marajoara de Theodoro Braga (rua Boituva, 104, Pacaembu, 1935. Fig. 2.12 e 2.13) foi Eduardo Kneese de Mello, engenheiro-arquiteto incluso no rol dos *culpados* por não buscar um *sentimento de brasilidade* em sua arquitetura, segundo a colocação feita por Braga em seu artigo.

2.12 e 2.13 Residência de Theodoro Braga. Rua Boituva, 104, Pacaembu.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

Kneese continuou a publicar artigos na revista *Acrópole*^[23], porém em seus próximos textos os objetos de suas análises começaram a mudar. Não discorria mais sobre os padrões de arte e beleza da arquitetura clássica, passou a notar e estudar os monumentos históricos brasileiros que, naquele momento, encontravam-se abandonados.

Em seu próximo artigo, intitulado *Santuário de Congonhas do Campo*, Kneese demonstrou interesse pela arquitetura colonial e por sua valorização. Com base em dados históricos e documentos da época, estudou o Santuário do Senhor Bom Jesus dos Matosinhos, “riquíssimo de história e de arte” (MELLO, 1938b, p. 42). Dotado de sentimento nacionalista, elogiou a paisagem do Morro do Maranhão, onde se localiza o santuário. Continuou seu artigo descrevendo a construção e ocupação da cidade. Dizia que a pobreza das residências, classificadas, por ele, como “construção simples, pouco apresentam interesse – telhado a duas águas, degraus e soleiras de pedra, beiral forrado de madeira e cachorros recortados”, contrastavam com o destacado santuário, pois “sua arquitetura, fruto de uma era de decadência artística, apresenta inúmeros defeitos, que, entretanto, não diminuem seu grande valor, pois representa a arquitetura brasileira de sua época” (MELLO, 1938b, p. 42). Ao finalizar o artigo apontou que era “[...] preciso, pois retirar esse nosso tesouro do abandono oficial em que se acha” (MELLO, 1938b, p. 42).

Continuando seus estudos sobre a arquitetura colonial brasileira, publicou um terceiro artigo: *Cabo Frio*. Neste, apresentou a cidade com base nos levantamentos do recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, 1937), em que trabalhavam Rodrigo Melo Franco de Andrade e Lucio Costa.

Apresentou também um estudo aprofundado sobre o Convento de Nossa Senhora dos Anjos composto por diversas fotografias e desenhos detalhados realizados por ele. Aproximando-se cada vez mais do discurso pela busca de uma arquitetura nacional revelada pela experiência colonial, findou seu artigo dizendo:

O aspecto do Convento N. S. dos Anjos é de grande simplicidade e pobreza de detalhes, porém é um conjunto de grande efeito. É um monumento nacional que deve ser conservado e restaurado. (MELLO, 1938c, p. 24).

[23] Pode-se consultar a relação de textos escritos pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello no Apêndice 3 deste trabalho.

Envolvido com a questão da divulgação e valorização da arquitetura colonial publicou *A Arquitetura Colonial e José Wasth Rodrigues*. Kneese utilizou o pretexto de apresentar Wasth Rodrigues e seus desenhos que seriam publicados na revista *Acrópole* com o intuito de divulgar a arquitetura colonial brasileira, para demonstrar seu engajamento na busca de uma linguagem arquitetônica nacional, pois não via mais sentido na cópia das tendências estrangeiras.

Os arquitetos brasileiros, com raras exceções, são acusados constantemente de pouco ou nada fazerem em favor da arquitetura nacional. Abandonam belíssimos elementos arquitetônicos de nossas igrejas coloniais, de nossos solares antigos, dos palácios e das casas grandes de nossos antepassados, para irem buscar inspiração em arquiteturas tipicamente estrangeiras. Estou incluído no rol dos acusados. Estou incluído, também, no rol dos acusadores. Muito pouco se tem feito em favor da arquitetura nacional. Meu nacionalismo não me leva ao exagero de pretender que exista um estilo brasileiro. Poderemos dar, entretanto, ao estilo que adaptarmos, uma feição nacional, em lugar de importarmos os característicos locais, deste ou daquele país e aplicá-los aqui, muitas vezes desambientados. A causa do mal é visível. As revistas e os livros estrangeiros, numerosos e variados e o cinema, facilitam-nos o estudo de todos os detalhes da arquitetura de seus países, enquanto que, para estudar o que é nosso, seria preciso percorrer o Brasil de Norte a Sul e colher in loco os elementos que interessem. (MELLO, 1938d, p. 39).

Incluindo-se no rol de acusados e acusadores, Kneese se declarou preocupado em dar à linguagem arquitetônica uma feição nacional. Para tanto, sabia que seria necessário conhecer profundamente a arquitetura colonial e estudá-la, como já vinha fazendo.

Em 1940, escreveu *Impressões do V Congresso Pan-americano de Arquitetos*, um relato das finalidades do congresso e de seus participantes. Foi nesse ano em que Kneese iniciou sua conversão ao Movimento Moderno. O contato com arquitetos de outros países e com a vanguarda carioca foi definitivo para a reorientação da arquitetura, por ele praticada. Passou a dizer que estava *mentindo arquitetonicamente* e, portanto, resolveu buscar novos valores e uma nova atitude profissional.

A partir deste momento, *transformou-se* em grande entusiasta da Arquitetura Moderna. Empenhou-se em sua divulgação entre profissionais da área e diante toda a sociedade. Nesse período há uma inversão, pois deixou de ser o engenheiro-arquiteto renomado perante a burguesia paulistana, construtor de diversas residências, que escrevia poucos artigos, para *transformar-se* no arquiteto militante das causas modernas e coletivas. Assim, passou a publicar um grande número de artigos e proferir palestras para divulgar a Arquitetura Moderna, apregoando seus princípios e suas ideias quanto à nova forma de conceber a arquitetura.

2.2 A CONVERSÃO AO MOVIMENTO MODERNO

Períodos de transição são muito interessantes, pois neles se pode perceber o embate entre permanência e mudança, entre o antigo e o novo; são períodos ricos em relação a discussões, de busca de possibilidades alternativas para atender às demandas do novo. Só o passado e o presente podem ser conhecidos. O futuro é a incógnita que nos incita a desvendar nossos caminhos. No entanto, há certo temor face ao desconhecido. O estudo do passado pode fornecer indicações, mesmo que seja pela contestação e contraposição de suas características. Para mudar é necessário conhecer o que está sendo mudado. Passado é referência, seja positiva ou negativa.

Maria Teresa de Stockler e Breia (2005, p. 18).

Eduardo Kneese de Mello costumava dizer que sua conversão ao Movimento Moderno, início de sua segunda fase profissional, foi marcada por um corte abrupto, sem transições conciliadoras. Deixava transparecer uma falsa impressão de que:

Quase seria possível de determinar o dia e a hora em que abandonaria o convencional para ser “moderno”. E o moderno aqui assume a importância que vai muito além do repertório formal. Revela na prática a incorporação de um **ideário que se contrapõe à experiência anterior**. (THOMAZ, 1992-3, p. 81, grifos nossos).

Falsa impressão, pois, apesar de afirmar com veemência que sua conversão foi marcada pelo corte abrupto, percebe-se, por seus projetos ainda ecléticos publicados na década de 1940^[24], que sua conversão não ocorreu de forma tão radical, foi muito mais branda do que o próprio arquiteto proclamou:

Assim, percebe-se que a propalada “conversão” de Kneese de Mello à causa da arquitetura moderna foi mais gradual do que o próprio arquiteto gostava de admitir, a partir do crescente contato com a vanguarda carioca, e bastante relacionada à sua participação ativa nos recém criados órgãos de classe. E nem poderia ser de outro modo, pois a transformação intempestiva de Kneese de Mello em arquiteto radicalmente moderno só poderia indicar sua incompreensão das novas propostas: a substituição de um formalismo por outro, em suma. (PINHEIRO, 1997, p. 293).

A nova fase de sua vida profissional teve caráter mais humano e social do que a primeira, deixando de representar o apreço da burguesia pelo luxo e exuberância para atender à coletividade. Portanto, tornar-se moderno, foi, para Kneese, adquirir a consciência de que os frutos da arquitetura, até então, teriam sido monopolizados pelo gosto burguês e era necessário, nesse novo momento, questionar qual a função social do arquiteto e o real significado de seu trabalho.

Em muitos depoimentos, sobre sua conversão ao Movimento Moderno, Kneese explicava, sempre da mesma maneira, que foi o *acaso* que o colocou em contato direto com os arquitetos cariocas e, dessa forma, com o Movimento Moderno. O *acaso* foi um telefonema de

[24] Após a elaboração de uma listagem das obras do arquiteto (Apêndice 2), nota-se a presença de residências ecléticas nos anos de 1940-1943, 1946 e 1947. Isso indica que a conversão de Eduardo Kneese de Mello ao Movimento Moderno não ocorreu exatamente como o arquiteto dizia.

Zico^[25], secretário do Instituto de Engenharia^[26], em fevereiro de 1940, convidando-o para um coquetel promovido para recepcionar um grupo de arquitetos cariocas – dentre eles Nestor Figueiredo, Paulo Camargo, Marcelo Roberto, Rafael Galvão, Wladimir Alves de Souza, Paulo Candiota e João Kahir – que se dirigia a Montevidéu para participar do V Congresso Pan-americano de Arquitetos^[27] (Fig. 2.14).

2.14 Sessão inaugural do V Congresso Pan-Americano de Arquitetos. Montevidéu, 1940.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

[25] Ao longo da pesquisa realizada não foi encontrada nenhuma informação a respeito do nome completo de Zico. Buscou-se tal informação no Instituto de Engenharia, mas ninguém soube nos informar.

[26] A partir de 1932, Eduardo Kneese de Mello se tornou membro titular do Instituto de Engenharia de São Paulo.

[27] Durante o V Congresso Pan-americano de Arquitetos, Eduardo Kneese de Mello recebeu o Prêmio de Honra por um conjunto de residências em São Paulo. Segundo publicação da revista *Arquitetura e Urbanismo* (nº 2, p. 114-5, 1940), dentre o conjunto de projetos premiados, estavam as residências de Alexandre Tito Labat (rua Chile, 61), com características formais modernistas, Francisco de Paulo Pinto Hartung (avenida Brasil, 904), referenciada no neocolonial hispano-americano, e a de Matheus Galdi Santamaria (rua Morro Verde, 21), na vertente neocolonial luso-brasileiro. Ao apresentar projetos em diversas características formais, a intenção do arquiteto era mostrar sua versatilidade (cf. MELLO *apud* SABBAG, 1986, p.30).

Me entusiasmei e segui para lá. No Uruguai havia um fato curioso: o presidente da República era arquiteto, dois ministros e o prefeito de Montevideu também. E eu era engenheiro-arquiteto. Os colegas estavam discutindo Arquitetura contemporânea, porém, eu havia levado fotos de minhas obras em vários estilos para mostrar minha versatilidade. Começou, então, em 1940, em Montevideu, a minha conversão. Esse contato foi muito importante para minha vida profissional porque, de repente, comecei a perceber que a Arquitetura tem que ser o retrato de seu tempo, como diz Le Corbusier, e eu estava fazendo retratos de outros tempos. Estava mentindo arquitetonicamente. (MELLO *apud* SABBAG, 1986, p. 30).

O contato com arquitetos de outros países e com a vanguarda carioca foi definitivo para a reorientação da arquitetura praticada por Kneese. Por sua crença, não se tratava apenas de uma reorientação estética: implicava na adoção de valores e de uma nova atitude profissional. Definiram-se, dessa forma, os traços que marcariam sua atuação e a personalidade generosa com que ficou conhecido. Sua prática profissional passou a ter um caráter humanista e uma forte preocupação social, diferenciando-o totalmente de sua fase anterior.

Quando, raramente, ocorreu o contato com as vanguardas o resultado foi um choque doloroso e transformador, como aconteceu com Kneese de Mello, ao conhecer a obra de arquitetos modernos do Rio de Janeiro nos anos de 1940. Ao confrontá-la com seus próprios projetos de linguagem neocolonial hispano-americana de que até então tanto se orgulhava, o arquiteto renegou duramente o seu passado, considerando-o mentiroso, e cada vez menos projetou residências. (WOLFF, 2001, p. 268).

Evidentemente, enfrentou muitas dificuldades, pois sua formação profissional se baseava em princípios estilísticos e acadêmicos e sua clientela já estava acostumada a ter todas suas aspirações e desejos concretizados em suas residências. Foi difícil se converter à Arquitetura Moderna, principalmente por ser um renomado engenheiro-arquiteto perante a elite paulistana que era seu principal cliente.

Quando voltei de Montevideu, em 1940, decidi praticar a arquitetura moderna, com todos os riscos inerentes à mudança, pois até então – como muitos outros – eu era também um construtor e fazia projetos de acordo com as preferências do cliente. Mas era uma questão de convicção. Passei momentos difíceis, perdi clientes, mas mantive meus novos pontos de vista. (MELLO *apud* CONSTRUTOR, 1976, p. 41).

Observa-se, também, nessa época, sua intensa militância ao difundir o ideário moderno e a profissão do arquiteto e urbanista nos meios de comunicação de massa, defendendo a importância da contribuição social do arquiteto; no mesmo sentido em que sua participação em fóruns e entidades profissionais.

2.2.1 FUNDAÇÃO DO IAB-SP:

SURGIMENTO DE UMA CATEGORIA PROFISSIONAL

Durante o V Congresso Pan-americano de Arquitetos, verificou-se a necessidade de criar departamentos estaduais do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)^[28], que existia desde 1921 no Rio de Janeiro. A ideia surgiu da conversa de Eduardo Kneese de Mello com outros arquitetos, entre eles Nestor Figueiredo e Paulo Camargo de Almeida.

O objetivo dos departamentos estaduais era reunir, em uma única entidade, todos os profissionais, concentrando assim todas as forças, evitando o surgimento de entidades isoladas, o que fragmentaria ainda mais a categoria profissional, como já acontecia em São Paulo por conta da criação do Instituto Paulista de Arquitetos^[29], cujo principal ideólogo foi Christiano Stockler das Neves.

[28] Sobre esse instituto, Sylvia Ficher (2005, p. 181) explica: “Pelos arquitetos do Rio de Janeiro fora fundado, em 26 de janeiro de 1921, o Instituto Brasileiro de Arquitetos, tendo como preocupações principais o estabelecimento de uma tabela de honorários e a regulamentação dos concursos públicos de arquitetura. Logo em 1922, devido a brigas intestinas, foi organizada uma dissidência, a Sociedade Central dos Arquitetos; por fim, em 1924 as duas entidades foram unificadas no Instituto Central de Arquitetos, ICA, renomeado Instituto de Arquitetos do Brasil, IAB, em 1935”.

[29] O Instituto Paulista de Arquitetos (IPA, 1930) foi fundado em atendimento à resolução do III Congresso Pan-americano de Arquitetos (Buenos Aires, 1927) segundo a qual: “para poseer el máximo de fuerza y eficiencia a nivel corporativo los arquitectos de cada país deben agruparse en una única Sociedad nacional de Arquitectos, por lo que se encarga al Comité Permanente de los Congresos Panamericanos la preparación de un código americano de ética profesional que deberá ser adoptado por las sociedades de Arquitectos Del Continente Americano y reglamentado por ellas” (CEDODAL, 2007, p. 56). Assim, o Instituto foi idealizado para ser associado ao Instituto Central (ICA). Seus dois primeiros presidentes foram Augusto de Toledo e Bruno Simões Magro. A partir de 1931 teve a revista *Architectura e Construções* como órgão oficial. “Apesar de não ter durado muito, estiolando-se em constante crise financeira depois de 1932, para finalmente desaparecer em 1937, em seus primeiros anos o IPA foi uma entidade bastante dinâmica” (FICHER, 2005, p. 181).

De volta a São Paulo, Kneese de Mello^[30] continuou em contato com os arquitetos cariocas e começou a divulgar a ideia entre os arquitetos paulistas. Reuniu vários colegas em seu escritório para analisar a criação do IAB-São Paulo.

Lembro-me que fui visitar o Artigas que eu não conhecia. Quando falei com ele, entusiasmou-se imediatamente. O Bratke era meu colega, já o conhecia de antes, fomos colegas do Mackenzie. Alguns outros eu também já conhecia, por exemplo, o Leo Ribeiro Moraes, que era meu companheiro na escola de aviação. O Abelardo de Souza, que lutava Jiu-Jitsu comigo. A ideia de nos unirmos foi espetacular. A todos os lugares onde fui encontrei recepção entusiasmada. Rino Levi me disse: “Eu não acredito, mas pode contar comigo que eu dou tudo de mim”. E foi um dos grandes colaboradores do IAB durante toda a sua vida, a partir deste dia. (MELLO, 1979[?], p. 14.)

No dia 6 de novembro de 1943, o arquiteto Paulo Camargo de Almeida, o então presidente do IAB, veio do Rio de Janeiro para presidir a sessão de instalação do departamento paulista do IAB (Fig. 2.15). Em uma reunião na Biblioteca Municipal, ele declarou fundado o departamento paulista, nomeando Kneese como delegado no Estado. Dessa forma, tem início a transformação do Instituto, de entidade centrada no Rio de Janeiro, para uma estrutura federativa.

2.15 Delegação de arquitetos vindos do Rio de Janeiro para a instalação do IAB-SP. São Paulo, 1943.

Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

[30] Segundo Sylvia Ficher (1989-2007, p. 57), Eduardo Kneese de Mello, ainda estudante, foi sócio aspirante do Instituto Paulista de Arquitetos (IPA).

Kneese de Mello foi nomeado primeiro presidente do IAB-SP, exercendo três mandatos consecutivos, entre 1943 e 1950. Foram gestões caracterizadas por campanhas entusiásticas de divulgação da Arquitetura Moderna. O projeto e a construção de uma sede para a entidade foram os fatos mais importantes do período^[31].

Entre 1968 e 1970, Kneese de Mello presidiu o IAB Nacional. A partir desse momento, embrenhou-se nas diversas lutas da categoria profissional. Foi membro da Associação Profissional dos Arquitetos (APA) entre 1967 e 1971; membro fundador do Sindicato dos Arquitetos do Estado de São Paulo (SASP) em 1971; conselheiro do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CONFEA) a partir de 1974; conselheiro do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA) entre 1951-1952, 1966-1969 e 1982-1984; e conselheiro da Associação Brasileira das Escolas de Arquitetura (ABEA). Foi também sócio honorário de organizações profissionais de Arquitetos em doze países, entre os quais os Estados Unidos e a antiga União Soviética. Além de membro vitalício do conselho da Federação Pan-americana de Arquitetos em 1970.

Como incansável defensor das atribuições profissionais dos arquitetos, sua atuação não se limitou ao Brasil. Na busca desse diálogo nacional e internacional, Eduardo Kneese de Mello construiu uma história de participação que, praticamente, se confunde com a própria fundação e existência do IAB em São Paulo.

[31] Para a construção do edifício-sede do departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil foi realizado um concurso em 1946. O projeto final foi realizado pelos arquitetos Rino Levi, Abelardo de Souza, Galiano Ciampaglia, Hélio Duarte, Jacob Ruchti, Miguel Forte e Zenon Lotufo.

2.2.2 O ENSINO DE ARQUITETURA

O início da carreira de Eduardo Kneese de Mello como docente aconteceu em 1937. Por meio de um convite feito por Christiano Stockler das Neves, começou a ministrar a disciplina Desenho de Sistema da Construção no curso de arquitetura do Mackenzie College.

Lecionou durante todo o ano de 1937, porém, não foi recontratado em 1938. Coincidentemente, neste ano, tornou-se consultor técnico da revista *Acrópole* e passou a ter opiniões bastante opostas às de Christiano das Neves, buscando na arquitetura colonial a identidade da arquitetura brasileira. Só voltou a lecionar no Mackenzie em 1972 como professor substituto, ministrando a disciplina Arquitetura no Brasil.

Após a criação do departamento paulista do IAB, em 1943, Kneese se dedicou integralmente ao seu escritório e aos compromissos do Instituto, empenhando-se na divulgação dos ideais do Movimento Moderno. Por esses motivos, passou um longo período afastado das aulas.

Conhecido entre seus colegas de profissão por ser um pesquisador incansável, um grande estudioso da Arquitetura Brasileira, recebeu o convite, em 1955, do arquiteto e professor Ícaro de Castro Mello para ocupar a cadeira de Arquitetura no Brasil, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Pouco antes, em 1953, havia lecionado na recém-criada FAU-USP (Fig. 2.16) como professor substituto na disciplina de História da Arquitetura.

2.16 Mobilização pela criação da FAU-USP, Hotel Excelsior, São Paulo, 1947.

Presentes na foto: Oswaldo Corrêa Gonçalves, Flávio de Carvalho, Alfredo Ernesto Becker, Gregori Warchavchik, Carlos da Silva Prado, Plínio Croce, Vilanova Artigas, Daniele Calabi, Rino Levi, Ícaro de Castro Mello, Eduardo Kneese de Mello, e Lucjan Korngold, entre outros.

Fonte: FICHER, 2005, p. 252.

Destaca-se também o fato de que esteve entre os fundadores do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, como titular da cadeira Arquitetura no Brasil. Colaborou com as gestões de Sérgio Buarque de Hollanda (1963-1964) e de Egon Schaden (1965-1966). Devido o afastamento do diretor José Aderaldo Castello, Kneese de Mello exerceu a direção do Instituto de 1971 até meados de 1973. Manteve-se no Conselho Diretor até maio de 1976, quando se aposentou.

Após sua aposentadoria na FAU-USP, Kneese aceitou novos convites de instituições de ensino que se comprometiam a implantar cursos de arquitetura e passou a contribuir para a afirmação e qualificação desses cursos. O arquiteto já participava, tal como outros professores da FAU-USP, desde 1971, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas. Foi contratado para participar da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito, em Guarulhos (atual Universidade de Guarulhos), projetando, no final da década de 1970, o edifício da escola. Além dessas instituições de ensino, integrou o corpo docente da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e da Faculdade de Belas Artes de São Paulo (atual Centro Universitário Belas Artes de São Paulo).

Com dedicação quase que exclusiva ao ensino nas décadas de 1980 e 1990, sua experiência e militância continuaram a contagiar os colegas arquitetos e os jovens que lotavam as salas de aula dos cursos de arquitetura. Suas aulas e palestras eram bastante ilustradas pela documentação fotográfica que costumava realizar durante suas viagens pelo Brasil e pelo mundo. Constituiu, assim, um dos maiores acervos fotográficos do país.

2.2.3 PRODUÇÃO TEÓRICA:

NOVAS PREMISSAS, OUTROS PARADIGMAS

Durante a criação e fundação do departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP, 1943), Kneese de Mello se afastou das publicações. Seu primeiro artigo publicado sobre Arquitetura Moderna, *Porque Arquitetura Contemporânea*, data de 1946. Nesse texto, Kneese abordou a discussão sobre qual deveria ser a linguagem arquitetônica da Cidade Universitária de São Paulo para questionar sobre qual seria *a verdadeira arquitetura*. Partiu da premissa corbusieriana de que a *arquitetura é um espelho dos tempos* e buscou demonstrar, por meio de inúmeros exemplos, o absurdo contido na proposta do uso de linguagens arquitetônicas para qualquer edificação, especialmente para a futura Cidade Universitária. Essa escolha só estaria perpetuando a *mentira* e a *falsidade* na arquitetura.

Há mais de cem anos que a arquitetura estava afastada de sua época. Os arquitetos do século XIX em geral puseram de lado seu espírito criador e dedicaram-se à cópia da arquitetura de tempos anteriores, limitando sua capacidade produtiva à repetição de fórmulas e receitas, que outros haviam adotado. O mundo evoluiu fantasticamente nestes últimos tempos, graças aos progressos obtidos pela ciência. A arquitetura estacionou. Os cientistas olhavam para o futuro. Os arquitetos inspiravam-se no passado. E o resultado é essa confusão a que chegamos: Século XX – arranha-céu colonial – residência gótica – fábrica românica – estrutura de concreto armado com fachada bizantina. Verdadeiro carnaval arquitetônico. A mentira dominado a arquitetura. (MELLO, 1946, p. 159).

Para Kneese a *mentira* arquitetônica, a cópia e imitação das linguagens historicistas precisavam ser combatidas em qualquer época, em favor da criação, a partir da técnica e dos materiais contemporâneos, “[...] porque arquitetura é arte criadora. Se imitamos não criamos. Se não criamos, não estamos fazendo arquitetura” (MELLO, 1946, p. 159). Assim, só poderia existir uma boa arquitetura, a arquitetura contemporânea, ou seja:

[...] a que traduz o espírito do seu tempo, a que emprega honestamente a técnica, os materiais de que dispõe, a que é uma verdadeira expressão da vida econômica, política e social do povo que a constrói – que é criação e não imitação. (MELLO, 1946, p. 160).

Ainda nesse texto resgatou os elementos vitruvianos – utilidade, resistência e beleza – como indispensáveis à arquitetura. Sua intenção era demonstrar que, embora esses elementos sejam permanentes, seus conceitos se alteram em função da época em que vivem, das transformações ocorridas na sociedade e do progresso da ciência e conhecimento.

Em 1947 publicou a tradução da *Carta de Atenas* do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM, 1933). Para Kneese de Mello e muitos outros arquitetos adeptos do Movimento Moderno, o planejamento das cidades deveria referir-se à *Carta de Atenas*, documento que propagou a ideia de um novo urbanismo, baseado na divisão entre os espaços de habitação, trabalho, transporte e recreação.

Em sua próxima palestra, posteriormente transcrita e publicada em *Acrópole, Arquitetura Urbanismo e Democracia* (1948), Kneese expôs a arquitetura como sendo arte e ciência essencialmente humanas, criadas pelo homem para servir a si próprio. Remontou às origens da arquitetura, à questão da habitação do homem primitivo e ao espírito democrático que a arquitetura deveria ter.

Reafirmou, como o fez e fará em todos os seus textos pós-conversão, suas colocações, especialmente, contra a falsidade na arquitetura, ou seja, a cópia das linguagens estrangeiras, o que seria, ao seu ver “[...] uma dessas fases negras da arquitetura” (MELLO, 1948, p. 91). Para ele, a arquitetura moderna refletia a era democrática na qual se vivia.

Pela primeira vez apareceu em seus escritos um tema importante que, a partir desse momento, foi frequentemente abordado por Kneese: a habitação, principalmente coletiva. Concluiu seu texto expondo os principais conceitos da *Carta de Atenas* e apontando a falta de planos urbanísticos para as cidades brasileiras.

Em 1949, proferiu *Considerações sobre Arquitetura Moderna*, em Campinas, interior de São Paulo. Voltou a afirmar suas colocações, sobretudo em relação ao descompasso que estava ocorrendo entre as possibilidades da técnica moderna e a produção daqueles arquitetos ainda apegados “[...] a um saudosismo destruidor [...]” (MELLO, 1949a, p. 48). Sua crítica alcançou diretamente o ecletismo, para ele, “[...] a maior confusão arquitetônica de todos os tempos” (MELLO, 1949a, p. 48), ou seja, a demonstração da *mentira* arquitetônica.

Ainda em 1949, Kneese de Mello, continuando sua militância a favor da Arquitetura Moderna, proferiu, a pedido do Rotary Clube de Santos, a palestra *Rotary e Arquitetura*, em São Vicente, litoral paulista. Aproximou os arquitetos dos rotarianos ao mostrar as semelhanças entre eles:

[...] a missão do arquiteto, do verdadeiro arquiteto, também é como a do rotariano, servir ao seu semelhante, dando de si, antes de pensar em si. Recusando os trabalhos que não se enquadrem inteiramente na ética profissional e que não obedeçam à verdadeira arquitetura (MELLO, 1949b, p. 157).

Concluiu o seu texto exaltando a arquitetura moderna, aquela em que o “[...] homem serve de elemento para determinar os valores arquitetônicos” (MELLO, 1949b, p. 157) e o urbanismo moderno.

Após a fundação das escolas de arquitetura em São Paulo – Mackenzie em 1947 e FAU-USP em 1948 – Kneese de Mello passou a divulgar também o papel do arquiteto na sociedade e suas funções. Foi ao rádio, em dezembro de 1949, para esclarecer que na sociedade paulistana, há poucos anos, “[...] o arquiteto era tido e havido como 'mestre de obra', empreiteiro ou 'licenciado'” (MELLO, 1975b, p. 39). Fez, ainda, uma palestra intitulada *O Arquiteto no Brasil* (Campinas, 1950), tratando exatamente da divulgação do arquiteto, utilizando as palavras de William Lescaze para definir as características essenciais desse profissional:

O arquiteto precisa ser um sonhador prático. Se ele é somente um sonhador ou somente um prático, isso não é suficiente. Um homem prático pensará somente na parte física. O sonhador pensará somente na parte estética de uma construção. Arquitetura é uma síntese, uma fusão das duas. (MELLO, 1950, p. 292).

Na década de 1950, Eduardo Kneese de Mello proferiu diversas palestras e conferências no Brasil, dando continuidade à sua luta pelo reconhecimento da profissão do arquiteto perante a sociedade e pela divulgação dos princípios do Movimento Moderno diante dos profissionais ligados à arquitetura. No exterior^[32], divulgou a Arquitetura Moderna que estava em prática no Brasil.

Nas palestras realizadas no Brasil, continuou a falar do erro cometido pelo homem ao abandonar o conforto oferecido pelas técnicas modernas por um saudosismo ou falso tradicionalismo contido na cópia das linguagens historicistas, por meio do ecletismo. Esse tema é recorrente em textos como: *Centro de Debates Culturais* e *Arquitetura Funcional*, ambos de 1950. Neste último demonstrou, por meio de exemplos, que a boa arquitetura é aquela que retrata fielmente o seu tempo:

[32] Kneese de Mello visitou diversos países divulgando a Arquitetura Moderna Brasileira. As datas das palestras e conferências realizadas nos mais diversos lugares podem ser observadas no Apêndice 1.

A função de hoje é diferente da de ontem, mas se ela existe na arquitetura moderna, se é indispensável aos edifícios que ora levantamos, existiu também na arquitetura boa do passado e foi parte integrante das nossas casas-grandes. Arquitetura não é forma ou função. É forma e função. Dois elementos indispensáveis que ela jamais dispensou. (MELLO, 1975b, p. 48-9).

Kneese passou a apregoar também o urbanismo e, com ele, a necessidade do planejamento urbano para as cidades brasileiras em função de seus crescimentos vertiginosos. No dia 8 de dezembro 1950, comemorou-se, pela primeira vez, o dia mundial do Urbanismo. Nessa data, Kneese proferiu, no IAB-SP, a palestra *O Dia do Urbanismo*, a convite de seu presidente Oswaldo Bratke. O intuito era fazer um apelo ao governo municipal para que fosse, finalmente, traçado o plano diretor da capital paulista.

Os temas escolhidos por Kneese de Mello para serem discutidos em seus textos na década de 1960 eram *habitação* e *pré-fabricação*. O primeiro artigo publicado foi *Habitação na URSS*, um relatório apresentado pelo arquiteto sobre a viagem realizada à Moscou em 1962 para participar de uma reunião da Comissão de Pesquisas da União Internacional de Arquitetos.

Na palestra intitulada *Evolução da Habitação no Brasil*, proferida no Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, em novembro de 1964, Kneese expôs o agravamento da situação habitacional enfrentado pelo Brasil já há alguns anos e apontou o que, a seu ver, seria *um erro de interpretação*:

Constroem-se casas de todos os estilos. Financiam-se construções a prazo longo. E o problema continua, cada dia mais grave. Parece-nos que há um erro de interpretação. Nem sempre casa é habitação. Habitação é um complexo de que a casa é um dos elementos. O conceito de habitação evolui no tempo. Sofre influências do meio físico-topografia, clima. Transforma-se sob a atuação de fatores econômicos, políticos, sociais, técnicos, etc. (MELLO, 1975b, p. 121).

Ainda nesse texto, apresentou um estudo aprofundado sobre a evolução da habitação no Brasil, explicando-a por intermédio da história do país e seus ciclos econômicos desde o descobrimento. Kneese de Mello concluiu com o que seria a habitação moderna e, para tanto, utilizou exemplos como o Conjunto Residencial de Pedregulho (1946), do arquiteto Affonso Eduardo Reidy; as superquadras de Brasília (Plano Piloto, 1957), projetadas por Lúcio Costa; o Conjunto Residencial IAPC Cidade Jardim (1944), dos arquitetos Eduardo Kneese de Mello e Hélio Duarte; Conjunto Residencial IAPI Japurá (1945), projeto arquitetônico de Eduardo Kneese de

Mello e projeto paisagístico de Roberto Burle Marx; e o Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo (1961), projetado por Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira.

No ano de 1975, Kneese de Mello publicou dois livros: *A Herança Mourisca da Arquitetura no Brasil* e *Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências*. O primeiro é resultado da bolsa de estudos obtida na Fundação Calouste Goubekian, por intermédio de seu amigo Henrique Mindlin, em 1968. Esse auxílio possibilitou que o arquiteto passasse três meses em Portugal e percorresse todo o país com a finalidade de pesquisar as origens da arquitetura tradicional portuguesa visando ao reconhecimento das matrizes da arquitetura brasileira. Já o segundo é uma pequena compilação dos textos que escreveu e representa sua luta pela verdadeira arquitetura, seu empenho na divulgação dos princípios do Movimento Moderno e o reconhecimento do arquiteto como profissional.

Nas décadas de 1980 e 1990, os textos escritos por Eduardo Kneese de Mello se tornaram escassos^[33]. Nesta pesquisa foi encontrado *Mutirão e Habitação*, texto muito similar à palestra *Evolução da Habitação no Brasil*, proferida em 1964. A partir desse período, Kneese de Mello passou a conceder diversas entrevistas e depoimentos descrevendo toda sua trajetória; deixou de ser o autor para tornar-se o tema dos artigos.

[33] No final da década de 1980, Kneese publicou seu livro de poesias: *Joãosinho: o oficibói*. São Paulo: Editora Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1988a.

2.2.4 PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA: PANORAMA CONCISO

Em seu primeiro projeto dessa segunda fase, o Edifício MARA (1942. Fig. 2.17 e 2.18), Kneese de Mello procurou utilizar elementos fundamentais da Arquitetura Moderna, tais como os pilotis, as formas geométricas puras, as janelas horizontais e o terraço-jardim. As linhas horizontais eram acentuadas nesse projeto, especialmente na fachada principal. Essa horizontalidade era definida pela presença das jardineiras em toda a sua extensão e pela marquise que separava os usos do edifício. Foi nesse edifício, também, que se aproximou da *habitação mínima* – conceito muito discutido pelos arquitetos durante as primeiras edições dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM).

2.17 e 2.18 Edifício MARA. Rua Brigadeiro Tobias, 247, Luz. São Paulo, 1942.
Fonte: Acervo FAU-USP; MELLO, 1952, p. 55.

De acordo com o projeto original, o edifício possuía onze pavimentos tipo, térreo, sobreloja e casa de máquinas no último pavimento. Segundo artigo publicado na revista *Acrópole* (nº 81-82, p. 282-3, 1945), foi aprovado para ser um hotel, com 224 apartamentos e restaurante no último andar. A aprovação, como hotel, era uma forma de burlar a rígida legislação da época: o Código de Obras Arthur Saboya. Foi um recurso bastante utilizado para aprovar os banheiros que

não possuíam aberturas para as fachadas, o que só era permitido para hotéis. Anos mais tarde, esse mesmo expediente foi utilizado em outros projetos, como no Edifício Montreal (1951) do arquiteto Oscar Niemeyer.

No Edifício Leônidas Moreira (Fig. 2.19 e 2.20), projetado também em 1942, Kneese procurou mostrar que era realmente um arquiteto moderno. A fachada principal acentuava claramente a estrutura modulada de concreto armado. Cada módulo (correspondente a uma sala) foi vedado com tijolos de vidro, um acima e outro abaixo de um caixilho de *brises* móveis. No piso térreo, ficavam as instalações da firma proprietária, a Casa Bancária Leônidas Moreira S.A. Esse pavimento era fartamente iluminado, com pé direito duplo, uma sobreloja num piso intermediário e salas menores ao fundo. Os quatro andares acima eram destinados às salas para escritórios. No subsolo, localizavam-se a caixa forte, as instalações do zelador e a garagem.

2.19 e 2.20 Edifício Leônidas Moreira. Rua do Carmo, 147, Centro. São Paulo, 1942.
Fonte: MELLO, 1942, p. 169; Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Kneese manifestava, em artigos e palestras, que os conceitos de habitação e de moradia diferem. Segundo o arquiteto, habitar pressupõe uma condição muito maior, de direito à cidadania. Significa ter acesso aos bens fundamentais que garantem a formação de uma consciência urbana, da vida do homem em sociedade.

Entendemos por assentamento humano, a habitação. Mas é necessário esclarecer o que entendemos por habitação. É comum ouvir falar, entre nós, da construção de centenas ou milhares de novas casas, para resolver o problema da habitação. Um grave erro. Casa não é habitação. Casa é um dos elementos que compõem a habitação – o elemento central, evidentemente. A expressão habitação está intimamente ligada ao habitat humano. E esse habitat não se resume simplesmente em um abrigo ou um teto. (MELLO, 1988b, p. 39).

No projeto do Conjunto Residencial para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC) Cidade Jardim, realizado em 1944 (Fig. 2.21 e 2.22), sua proposta sobre a habitação, aos moldes modernos, está plenamente colocada. Nesse projeto, Kneese de Mello contou com a colaboração do arquiteto Hélio Duarte na elaboração dos projetos para a escola e para a maternidade. Esse conjunto, praticamente horizontal, trata as circulações em separado, diferenciando o fluxo de pedestres e veículos, conforme recomendação da *Carta de Atenas* do IV CIAM (1933), oferecendo opções de passeios cobertos ao longo dos percursos (Fig. 2.23). Apesar do empenho do arquiteto, essa obra não foi realizada.

2.21 e 2.22 Conjunto Residencial IAPC. Avenida Cidade Jardim x Marginal Pinheiros. São Paulo, 1944.
Fonte: Acervo FAU-USP.

2.23 Conjunto Residencial IAPC. Avenida Cidade Jardim x Marginal Pinheiros. São Paulo, 1944. Estudo de circulação, onde se observa a separação entre as vias de pedestres (verde) e automóveis (azul).
Fonte: MELLO, 1947, p. 274.

Outro conjunto residencial foi desenvolvido, desta vez para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI), à rua Japurá, em 1945 (Fig. 2.24). Nele estão presentes diversos ensinamentos corbusierianos, tais como pilotis, terraço-jardim e, em especial, o conceito de unidade de habitação (*unité d'habitation*)^[34]. Kneese teve Roberto Burle Marx como parceiro nesse edifício, autor do projeto paisagístico.

2.24 Conjunto Residencial IAPI. Rua Japurá, 55 e 109, Bela Vista. São Paulo, 1945. Fonte: Acervo FAU-USP.

A década de 1950 foi um período de realizações que marcaram a atuação profissional de Kneese de Mello, tendo início com o projeto em parceria com o arquiteto Luis Saia para a I Bienal de São Paulo (1951. Fig. 2.25 e 2.26). O edifício projetado para a esplanada do Parque Trianon na Avenida Paulista aproveitava da declividade do terreno e utilizava o subsolo como depósito, bar e serviços gerais, para que no nível de acesso direto da avenida fossem distribuídos os salões de exposição, um auditório e uma área de recepção.

[34] O conceito de *unité d'habitation* compreende um edifício habitacional concebido como uma unidade urbana, com moradias funcionais de qualidade, servidas por equipamentos e serviços coletivos (incluindo área de lazer), que tinha, entre outras características, o terraço-jardim, pilotis e ruas internas.

2.25 e 2.26 Museu de Arte Moderna de São Paulo – I Bienal de São Paulo, 1951.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Outro empreendimento importante foi o Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa^[35], de 1950 (Fig. 2.27 e 2.28). Trata-se de um empreendimento privado de grandes proporções, promovido pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro, contendo moradia e comércio, projetados por diferentes arquitetos, entre eles Abelardo de Souza, Salvador Cândia, Plínio Croce, Roberto Aflalo e Walter Kneese. Nesse empreendimento, Kneese de Mello desenvolveu, em 1952, o projeto de uma quadra com seis blocos de apartamentos – mas apenas os edifícios Guapira e Hicatu foram construídos –, em um terreno com forte inclinação. Implantou os blocos paralelos à linha norte/sul, procurando a melhor e mais intensa insolação das fachadas. Aproveitando da declividade, criou acessos no térreo e no terceiro pavimento, suprimindo o uso de elevadores.

[35] Sobre o Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa, sugerimos a leitura de: BARBARA, Fernanda. *Duas Tipologias Habitacionais: O Conjunto Ana Rosa e o Edifício Copan. Contexto e Análise de Dois Projetos Realizados em São Paulo na Década de 1950*. 2004. 332 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

2.27 e 2.28 Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa. São Paulo, 1952.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Ainda no início da década de 1950, outra experiência marcante para Kneese de Mello foi sua participação na Uni-seco do Brasil S.A.^[36], empresa dedicada à habitação industrializada. O sistema Uni-seco (Fig. 2.29) combinava estrutura de madeira e painéis de fibrocimento como vedação. Essa empresa foi inviabilizada, principalmente, pelo alto custo para a época e pela diferença entre os materiais ingleses e brasileiros. Houve problemas com os materiais disponíveis e uma total falta de receptividade, gerando um final prematuro para essa tentativa pioneira no país.

2.29 Residência Horácio Kneese de Mello - pré-fabricada por meio da tecnologia Uni-seco. Cotia, SP.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

[36] Sobre esse assunto, sugerimos consultar o trabalho: MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-fabricação e a Obra de Kneese de Mello*. 2007. 253 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ainda na década de 1950, trabalhou com Oscar Niemeyer em duas grandes obras. Foi seu parceiro, juntamente com Hélio Uchoa e Zenon Lotufo, contando com a colaboração dos arquitetos Carlos Lemos e Gauss Estelita, na construção do Parque Ibirapuera (1954. Fig. 2.30). Participou também de sua equipe na construção de Brasília, sendo um dos arquitetos da NovaCap (Nova Capital) entre 1957 e 1960. Da sua atuação em Brasília destacam-se dois projetos: o Palácio do Comércio (1959. Fig. 2.31) e o Palácio da Agricultura (1959), duas sedes de entidades federativas, ambas no Setor Bancário Norte.

2.30 Parque Ibirapuera. Avenida Pedro Álvares Cabral, s/nº, São Paulo.

Fonte: NIEMEYER et alii, 1954, p. 216.

2.31 Palácio do Comércio. Setor Bancário Norte, Brasília, 1959.

Fonte: MELLO e SENNA, 1959, p. 10.

Por volta de 1959, Kneese convidou dois jovens arquitetos para trabalhar com ele em seu escritório: Joel Ramalho Junior e Sidney de Oliveira. Um dos primeiros projetos realizados em parceria com esses jovens arquitetos, e talvez o mais conhecido, foi o Conjunto Residencial para a Cidade Universitária da Universidade de São Paulo (CRUSP) de 1961 (Fig. 2.32). O projeto apresentou linguagem própria em relação à pré-fabricação e à industrialização de quase todos os seus componentes. Pode-se dizer que foi a primeira grande experiência, nessa escala, com tal tipo de construção realizada no país.

2.32 Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo (CRUSP). São Paulo, 1961.

Fonte: Acervo FAU-USP.

Kneese pôde explorar intensamente, a partir dos anos 1960, o uso da pré-fabricação e a plasticidade do concreto armado, além do conceito de habitar – aspectos que valorizou nas décadas seguintes.

Em uma série de projetos para a cidade de São Paulo, entre os anos de 1960 e 1970, defrontou-se com temas difíceis e respondeu com projetos marcados simultaneamente pela racionalidade construtiva da pré-fabricação e pelo idealismo urbanístico, arrojados e expressivos formalmente. Esses projetos são representados pelo Posto de Assistência Médica do INPS na Várzea do Carmo de 1967 (Fig. 2.33) e pelo Cemitério da Vila Pauliceia (Fig. 2.34), na cidade de São Bernardo do Campo em 1969, desenvolvidos em parceria com o arquiteto Sidney de Oliveira.

2.33 Posto de Assistência Médica – INPS. Várzea do Carmo, São Paulo, 1967.
Fonte: Acervo FAU-USP.

2.34 Cemitério da Vila Paulicéia. Rua Julio de Mesquita, São Bernardo do Campo, SP, 1969.
Fonte: MELLO e OLIVEIRA, 1969, p. 25.

A última obra publicada do arquiteto, de 1981, foi o edifício da Faculdade de Arquitetura Farias Brito (Fig. 2.35), localizada em Guarulhos, São Paulo. O arquiteto pertencia ao corpo docente inaugural do curso e participou ativamente de sua estruturação, ao lado de Eduardo Corona. Coube, no entanto, a Kneese de Mello projetar o edifício para o curso de Arquitetura, um privilégio desfrutado por poucos.

2.35 Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito. Guarulhos, SP, 1981.

Fonte: MELLO e OLIVEIRA, 1981, p. 22.

No final de sua trajetória, à medida que avançava em direção aos anos 1990, o arquiteto Kneese de Mello se dedicou cada vez mais ao ensino de Arquitetura, restringindo suas atividades de projeto. Sua militância, entretanto, a favor da *verdade na arquitetura* continuou dentro das salas de aula. Batalhou para que as novas gerações de arquitetos não cometessem o mesmo erro, não *mentissem arquitetonicamente* e retratassem a arquitetura de seu tempo.

Eduardo Kneese de Mello, desde a fundação do IAB-SP, apregoava que: *ARQUITETURA ATRIBUIÇÃO DO ARQUITETO* – frase que acabou se transformando em sua marca, traduzindo em poucas palavras sua luta de décadas.

2.3 PROJETOS REALIZADOS POR EDUARDO KNEESE DE MELLO

1934

Residência José Martins Borges
R Pamplona, 193 a

Residência João Amorin de Souza
R Rosa Silva, 40

Residência Ismael Ribeiro de Barros
R Canadá, 1

Residência Armando Costa Magalhães
Av Brasil, 1402

Residência Manoel Borges
R Espanha

Residência Américo Martins Junior
Pç das Guianas, 2

Residência José Martins Borges
R Inglaterra, 13

Residência Sebastião Ferraz Salles
R Atibaia

Residência Luiz Aranha Jr.
R Bahia, 1250

Casas Econômicas
R Bom Pastor, 124

Residência Altino de Castro Lima
R Iucatã, 5

Residência Antonio Pinto Cardoso de Mello
R Canadá, 53

1935

Residência Theodoro Braga
R Boituva, 104

Residência Maria Rosa Cavalcanti
R Itaguaçaba, 11

Residência Francisco de Paulo Pinto Hartung
Av Brasil, 904

Residência Américo Floriano de Toledo
R Terra Nova, 3

Residência Mario Dias da Costa
R Chile, 6

Residência Francisco de Assis e Almeida
R Maestro Chiaffarelli, 735

Residência Eurico Guerrini
R Estados Unidos, 1030

Residência Paulina Muniz
R Conselheiro Brotero, 736

Residência Elias Fleury
R Antonio Bento

Residência Rudolf Bülau
R David Campista, 412

Residência Marcos Lindenberg
R Antonio Bento, 350

Residência Oliver Ferreira
R Itapeva, 41

Residência Rodolfo Kromfeld
R Cuba, 51

Residência Edgard Toledo Schorcht
R Inglaterra, 316

Residência Ismael Brandão
R Leoncio de Carvalho, 225

Residência Maria Judith Bernardino de Campos
R Estados Unidos

Residência Edgard Toledo Schorcht
R Inglaterra, 328

Residência Bianôr Figueiredo
R Fonseca Telles, 89

1937

Residência Jean Lecoq
R Terra Nova, 8

Residência Antonio de Paiva Neto
Av Rebouças, 79

Residência
R Esmeraldina, 127 x Dona Hypolita

Residência Matheus Santamaria
R Morro Verde, 21

Residência E. K. M e Octavio Mendes Filho
R Atibaia, 50

1938

Residência Sr. Alexandre Tito Labat
R Chile, 61

Residência Eduardo Kneese de Mello
R Chile, 36

Residência Hermínio Mazzini
R Itatiba

1939

Residência Manoel Arantes Matheus
R Polônia, 88

Residência Horácio e Clotilde de Mello
R Maestro Chiaffarelli, 791

Residência Cyro Costa Filho
R Maestro Elias Lobo, 68

Residência George Stanley Smith
R Honduras, 90

Residência Haroldo Kneese de Mello
R Antonio Bento, 389

1940

Residência Edith de Queiroz Mattoso
Av Rebouças, 93

Residência Eduardo Kneese de Mello
R Antonio Bento, 399

Residência Agenor Camargo
R Dr. Veiga Filho, 441

Residência Moacyr Moreira
R do Ouro, 92

1940

Residência Ernesto Soares
Av 9 de Julho, 87

Residência Diogo Martins Ribeiro Netto
R Leopoldo Bulhões, 6

1941

Residência Sylvio Sulicy
R Maestro Elias Lobo, 885

Residência Benedita Costa
R David Campista, 84

Residência Horácio Vaz Guimarães
Av Europa, 352

Residência José Vaz Guimarães
Av Europa, 356

1942

Núcleo 24 Residências Térreas-BHLB
R Pedroso de Moraes x Rua Galeno de Almeida

Edifício MARA
R Brigadeiro Tobias, 247

Edifício de escritórios Leônidas Moreira
R do Carmo, 147, São Paulo

1943

Projeto de um Colonial
Av Brasil, 1653 x R Panamá

Residência

Residência Isaura Pierotti Alvares de Lima
Av Rebouças, 2659

1944

Arq.: Eduardo Kneese de Mello. Colaboradores: arq. Hélio Duarte (escola e maternidade) e Roberto Burle Marx (paisagismo).

Conjunto Residencial IAPC
Av Cidade Jardim x Marginal Pinheiros

1945

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Roberto Burle Marx (paisagismo)

Conjunto Residencial IAPI
R Japurá, 55 e 109

1946

Residência Clotilde Meinberg
R Maestro Chiaffarelli, 801

1947

Residência Francisco de Assis e Almeida
R Oscar Pereira e Silva, 7

1949

Residência Marcos Lindenberg
Santo Amaro

Edifício de Escritórios Cavaru
R Maria Paula, 64

1950

Edifício Sucupira
R Capitão-Mor Jerônimo Leitão

1951

Residência
R Itália
Arq. Luis Saia e Eduardo Kneese de Mello

Museu de Arte Moderna de São Paulo
Trianon

1952

Cj. Resid. Jd. Ana Rosa - Ed. Guapira e Hicatu
R José de Queiroz Aranha, 155 e 185

Residência de Fim de Semana
Cotia, SP

Arq. Oscar Niemeyer, Eduardo Kneese de Mello, Helio Uchoa, Zenon Lotufo. Colaboradores arq. Gauss Estelita e Carlos Lemos.

Parque Ibirapuera
Av Pedro Álvares Cabral

1953

Residência Eduardo Kneese de Mello
Av Morumbi

1954

Residências pré-fabricadas IPESP
Jaboticabal, SP e São Manoel, SP

1955

Edifício de Apartamentos Juruá
R Bento Freitas, 341

Tecnologia Uniseco

Residência Horácio Kneese de Mello
Cotia, SP

Tecnologia Uniseco

Residência
Guarulhos, SP

Edifício Demoiselle
R Rocha, 23

1955

**Capela para Hospital
Jaçanã**

1959

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Carlos Senna

Palácio do Comércio
Setor Bancário Norte, Brasília

EMEF Dona Sinhazinha
R Artur Cândido Almeida, 218 – Mogi Mirim, SP

Palácio da Agricultura
Setor Bancário Norte, Brasília

EMEF Prf Regina Olinda Martins Ferro
R Pd. Moisés de Miranda, 662 – Reginópolis, SP

1960

Edifícios de Apartamentos
R Iguatemi, São Paulo

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Joel Ramalho Jr.

Edifício de Apartamentos Abaúna
R Antônio Carlos, 180

1961

Arq. E. Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira

Cj. Resid. estudantes da Univers. de SP (CRUSP)
Butantã

Arq. E. Kneese de Mello, José Maria Gandolfi, Joel Ramalho Jr., Luiz Forte Netto e Francisco Petracco. Colab. Sidney de Oliveira, Roberto Gandolfi, Luiz Gobeth Filho e Raymond

Anteprojeto Assembléia Legislativa de SP
Av Ibirapuera

1962

Arq. E. Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr, Sidney de Oliveira, Fabio Canteiro. Colab. José M. de Moura Pessoa, João Mollo e Sergio de Feo. Consultor estrutural: Arthur L. Pitta

Anteprojeto Assembléia Legislativa de MG
Belo Horizonte, MG

1965

Residência José Altino Machado
R João Moura, 1483

Chalés Clube de Campo
Represa Guarapiranga

1967

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Posto de Assistência Médica – INPS
Várzea do Carmo, São Paulo

1968

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Edifício de Consultórios Médicos
R Cincinato Braga, 59

1969

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Cemitério Vila Paulicéia

R Julio de Mesquita, São Bernardo do Campo, SP

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Mercado Distrital – Prefeitura Municipal de SP
Vila Clementino

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Sede do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros
Cidade Universitária, São Paulo

1971

Edifício de Apartamentos

Av St. Ines x R Sargento João, Joaquim Dias, SP

Parque Infantil

Pç da República, São Paulo

1973

Residência Arno Hering

Chácara Flora, São Paulo

1976

Residência Maria José e Roberto Montenegro
Pariquera-açú, SP

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

1980

Faculd. Arquitetura e Urbanismo Farias Brito
Guarulhos, SP

Sec. Neg. Inter. Juríd. e Serv. Complem. – PMSP
Av. 23 de Maio

Arq. Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira

Posto INPS - Vila Maria Zélia
Tatuapé

3

■ **CONVERGÊNCIAS E SEMELHANÇAS.
SEMELHANÇAS E DISCREPÂNCIAS.
INOVAÇÕES E CONTINUIDADE NA OBRA
DE EDUARDO KNEESE DE MELLO**

O bem-estar doméstico é uma necessidade humana fundamental, que está profundamente enraizada em nós e que precisa ser satisfeita. Ao fazê-lo, no entanto, não devemos confundir a noção de conforto com decoração – a aparência externa dos cômodos – nem com comportamento – como estes cômodos são usados. A decoração é primordialmente um produto da moda e a sua longevidade é medida em décadas, ou menos. [...] As noções culturais de conforto, por outro lado, têm uma vida que é medida em séculos.

Witold Rybczynski (2002, p. 223)

3.1 OS NOVOS MODOS DE MORAR EM SÃO PAULO E OS BAIRROS ESCOLHIDOS

[...] os milionários abandonaram a Avenida Paulista. Seguindo a expansão da cidade, desceram com ela o Sul da colina, para bairros sossegados de ruas sinuosas. Suas residências de inspiração californiana, em cimento misturado à mica e com sacadas de ferro fundido, deixam-se entrever no fundo de jardins abertos nos pequenos bosques rústicos onde se implantam esses loteamentos.

Claude Lévi-Strauss (1999, p. 94)

Sem a pretensão de analisar e comentar exaustivamente, nestas páginas, as razões do surgimento do Ecletismo^[1], na Europa^[2] ou no Brasil^[3], assim como suas características definidoras, pois esses assuntos já foram tratados por alguns autores, profundos conhecedores do assunto. Buscamos discorrer brevemente sobre o Ecletismo em São Paulo, e, dessa maneira, sobre as principais transformações ocorridas nos modos de morar da elite paulistana, sua arquitetura e os bairros escolhidos. Essas mudanças vinculam-se, diretamente, à expansão da cultura cafeeira, instalação das estradas de ferro, imigração em larga escala e, ainda, por meio da autonomia proporcionada pelo federalismo.

[1] Entende-se Ecletismo, neste trabalho, como “a atitude antiga de formar um todo a partir da justaposição de elementos escolhidos entre diferentes sistemas. [...] Adquire um sentido particular na primeira metade do século XIX com o sistema filosófico proposto por Victor Cousin, para quem o ecletismo visava a distinguir entre o verdadeiro e o falso nas diferentes doutrinas e, após um processo de depuração e separação pela análise e dialética, reunir as verdades de cada uma em um todo legítimo para obter uma doutrina melhor e mais ampla. [...] Eclética seria, num sentido estrito, a arquitetura que associa num mesmo edifício referências estilísticas de diferentes origens”. (ROCHA-PEIXOTO, 2000, p.5-6).

Para Silvio Colin (2007, p. 174), o Ecletismo é a “prática arquitetônica ocorrida durante grande parte do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, em todo o mundo ocidental, que consistia na utilização de elementos e motivos extraídos não somente de estilos do passado (greco-romano, renascentista, barroco), mas, também, de estilos exóticos (mourisco, japonês, chinês). Podemos diferenciar um ecletismo tipológico, no qual a estrutura estilística do edifício é claramente identificável, e um ecletismo sintético em que elementos de ascendências distintas são misturados, resultando em uma solução híbrida. Em ambas o arquiteto se autoriza a modificar e adaptar os motivos às condições do momento. Trata-se da mais conservadora e persistente prática, dentre todas as que se digladiavam no universo da arquitetura dessa época. Sua longa vida deve-se a fato de ser o estilo 'oficial' da École des Beaux-Arts e de ser o preferido do público burguês”.

[2] Sobre o Ecletismo na Europa sugere-se a leitura de: PATETTA, Luciano. *L'architettura dell'Ecletismo: fonti, teorie, modelli 1750-1900*. Milão: Maggioli, 2007.

[3] A respeito da arquitetura eclética no Brasil, recomenda-se a leitura de: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel: Edusp, 1987.

Apesar de existir uma diferença marcante entre a cidade imperial de meados do século XIX, construída em taipa de pilão, e a capital paulista republicana (Fig. 3.1 a 3.3), o modo de vida e as formas de morar começaram a sofrer mudanças que colaborariam para o surgimento do palacete. Naquele momento, iniciava-se a passagem da economia mercantil-escravista à economia exportadora capitalista, baseada na cafeicultura e no transporte ferroviário. É notório que, após a Primeira Guerra Mundial, a atividade industrial cresceu substancialmente em São Paulo, o que ocasionou um acréscimo ao contingente de indivíduos pertencentes à burguesia, dos quais muitos eram imigrantes.

3. 1 Cidade de São Paulo, 1827. Lápis de Charles Landseer.
Fonte: TOLEDO, 2004, p. 24.

3. 2 Planta da Imperial Cidade de São Paulo, 1841. Autor: Carlos A. Bresser.
Fonte: REIS, 2004, p. 119.

3. 3 Planta da capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes, 1890. Desenho de Jules Martin.
Fonte: REIS, 2004, p. 142.

A cultura do café e a implantação da ferrovia^[4] (Fig. 3.4 e 3.5), inicialmente financiada pelo capital inglês no final do século XIX, foram os maiores responsáveis pelo surgimento de uma industrialização voltada ao mercado interno. Com a indústria nascente, vieram mais imigrantes que contribuíram para o aumento progressivo da população da cidade, pois continuariam a chegar até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Os imigrantes europeus trouxeram consigo novas técnicas, um novo *saber fazer*, como aponta Carlos Lemos (1989, p. 74):

Gente com [...] outras perspectivas de ganho tendo como objetivo a fortuna que era difícil na terra de origem. Nesse confronto a classe média, então, sofreu muito. Ficou ensanduichada entre os imigrantes e a classe dominante no que dizia respeito às opções arquitetônicas. [...] a classe média absorveu lições de arquitetura pelas duas áreas de contato: buscou a mão de obra e orientação técnica no proletariado e os modelos inspiradores de suas casas na produção “erudita” da elite cafeeira. A partir de 1875-80, [...] chegara a vez das avaliações qualitativas, das soluções personalistas identificadoras de uma posição correta na sociedade. Era a consciência da modernidade que arribara. [...] A variedade passou a compor o cenário sem repetições, mas, ao mesmo tempo, homogeneizado pelas mesmas regras de composição, pelos mesmos ritmos das envasaduras que ganhavam predomínio sobre os cheios das alvenarias, as mesmas platibandas, os mesmos gabaritos reguladores. Era o Ecletismo.

3.4 e 3.5 Estação da Luz: à esquerda, vista durante sua construção; e, à direita, recém-inaugurada.
Fonte: A CIDADE, 1990, s.p.

[4]A São Paulo Railway (SPR) inaugurou em 1867 o trecho que ligava Santos a Jundiaí. Em 1872 foi estabelecida, por incentivo de empreendedores sorocabanos, a Estrada de Ferro Sorocabana responsável pela ligação entre Ipanema e São Paulo, passando por Sorocaba. Neste mesmo ano entrou em operação o trecho que ligava Campinas a Jundiaí sob a incumbência da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. As inaugurações da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, que seguia rumo a Ribeirão Preto, e do primeiro trecho da Estrada de Ferro São Paulo-Rio datam de 1875.

Com a decadência do trabalho escravo e aumento progressivo da imigração europeia, observa-se na capital paulista o desenvolvimento da mão de obra remunerada e especializada (canteiros, pedreiros, calceteiros etc.), e o aperfeiçoamento das técnicas construtivas por intermédio de profissionais capacitados – engenheiros, arquitetos e práticos (profissionais que não possuíam formação acadêmica comprovada), nacionais e estrangeiros – e materiais construtivos variados.

A introdução do ecletismo na Cidade de São Paulo significou duplamente o triunfo do capitalismo e o começo de uma nova etapa no processo de identificação crescente das camadas superiores locais com a cultura burguesa internacional. Fenômeno artístico e arquitetônico de grande complexidade, cheio de contradições e dividido em inúmeras tendências, o ecletismo manifestou-se no Brasil de forma eminentemente pragmática, distante de toda a teorização, sobretudo em sua primeira fase incluída ainda nos limites cronológicos do Império. Das inúmeras correntes internacionais, testemunhas da vivacidade intelectual do ecletismo, só umas poucas, às vezes frutos de circunstâncias fortuitas, se materializaram nas realizações arquitetônicas brasileiras. Dos profissionais da construção em atividade, foram sem dúvida os estrangeiros e os brasileiros formados no exterior – em contato com a produção arquitetônica estrangeira seja de modo direto, através da literatura especializada de importação – os que se mostraram mais aptos no manejo dos conhecimentos técnicos e dos valores estéticos e simbólicos do ecletismo. Sendo tal tarefa facilitada pelas novas condições de produção da arquitetura paulistana: abundância de mão de obra livre e altamente capacitada, sobretudo de origem estrangeira, e de material construtivo variado e de boa qualidade, em geral importado. (CAMPOS, 2004, p. 226).

Entre os paulistas, o Ecletismo foi entendido “como uma manifestação civilizada adotada graças ao café, cujo dinheiro aos poucos foi mostrando à classe alta as novidades próprias dos povos cultos” (LEMOS, 1999b, p. 251). Com o advento da Revolução Industrial e as ferrovias que ligavam São Paulo ao porto de Santos, o novo gosto chegou antes por intermédio de objetos – mobiliário, tecidos, porcelanas, cristais etc. – e equipamentos – fogões de ferro, geladeiras, luminárias a gás, instalações sanitárias – começando a modernização das residências por seu interior.

As novas residências projetadas para as classes média e alta paulistanas deveriam, portanto, possuir uma nova aparência exterior, compatível com os objetos e equipamentos recém-adquiridos. Para tanto, optou-se por ostentar em suas fachadas estilos apurados, ligados às ideias classicizantes, ou, ainda, aos outros estilos historicistas pertencentes ao Ecletismo (Fig. 3.6). Estas moradias deveriam proporcionar, ao mesmo tempo, maior conforto e salubridade do que as anteriores.

3.6 Palacete de D. Maria Angélica Aguiar de Barros, 1891. Avenida Angélica com Alameda Barros.
Fonte: HOMEM, 1996, p. 135.

A arquitetura residencial paulistana, na época, passou a representar, de maneira evidente, o êxito financeiro e profissional, o gosto, as preferências culturais e o cosmopolitismo de seus proprietários (Fig. 3.7 e 3.8), dissipando qualquer vestígio do que poderia ser considerado caipirismo. As residências se transformaram, portanto, no cartão de visitas de seus moradores, para os quais a Europa, sobretudo Paris, simbolizava a origem da civilização e da cultura.

3.7 Vila Penteadó, propriedade de Antônio Álvares Penteadó. Aquarela do arquiteto sueco Carlos Ekman, 1902.
Fonte: TOLEDO, 2004, p. 116.

3.8 Vila Penteadó. Avenida Higienópolis, 1. Foto de Guilherme Gaensly.
Fonte: TOLEDO, 2004, p. 117

Todo esse refinamento também se manifestou nas concepções arquitetônicas da casa. Nas plantas é possível notar tal alteração por meio da distribuição dos cômodos e em sua disposição espacial no terreno. Nas fachadas, por sua vez, observamos as modificações nos materiais utilizados e na escolha, mais apurada e refinada, do estilo empregado. Em suma, o partido arquitetônico adotado nas residências do Ecletismo se distanciou completamente da tradição lusitana até então existente.

As modificações pelas quais passaram, a partir do último quartel do século XIX, as residências urbanas vinculadas ao Ecletismo, foram observadas e interpretadas por Carlos Lemos (1996, p. 52):

[...] tenderam a uma digamos “homogeneização” estilística “moderna”, com o total esquecimento dos partidos tradicionais. No entanto, fosse qual fosse o figurino, os programas continuaram se definindo em dois grupos, aquele que mantinha vivos os velhos critérios de circulação da casa colonial e aquele que se distinguiu socialmente, adotando a circulação “francesa”, baseada no isolamento de cada uma das zonas da habitação. O primeiro grupo ficou mais atrelado à classe média baixa conservadora, ao proletariado. O segundo, à classe média ascendente e aos ricos.

Nesse novo modo de morar da elite e da classe média paulistana, observa-se a ampliação do número de cômodos, o que acarretou o surgimento de funções até então desconhecidas para alguns moradores, resultado da europeização e sofisticação dos hábitos (Fig. 3.9 e 3.10). Havia vários salões, salas de estar, saletas, copas, salas de bilhar, quartos de vestir, salas de música, *fumoir*, escritórios, banheiros, bibliotecas, adegas. Foram construídas instalações sanitárias, serviços de esgotos, iluminação a gás ou elétrica. Cultivava-se uma horta no quintal, procurando manter a tradição de se morar em grandes terrenos, porém, essas novas moradias estavam longe das antigas chácaras nos arredores da cidade. Caracterizavam-se, sobretudo, como casas urbanas afastadas dos alinhamentos e dos limites laterais do terreno, agora com jardins fronteiriços e insolação e ventilação nos cômodos, extinguindo as antigas alcovas escuras.

3.9 e 3.10 Residência Horácio Sabino, 1903. Avenida Paulista. Projeto de Victor Dubugras.
Fonte: REIS, 2005, p. 66.

A residência paulistana da elite do café passou a ser mais bem cuidada e luxuosa, ao passo que seus proprietários buscavam a individualização de suas moradias a fim de expressar o êxito econômico e social por eles alcançado. Nesse contexto, os palacetes construídos em São Paulo foram um espaço especialmente programado e projetado para as necessidades da burguesia, especialmente, a emergente. Foi a primeira casa de luxo que a cidade conheceu, quando se começou a buscar o isolamento e a privacidade, em finais do século XIX. Os seus recuos fronteiros e laterais se estenderam a casa média e a algumas vilas operárias (Fig. 3.11 a 3.15).

3.11. Vila Maria Zélia – Cia. Nacional de Tecidos de Juta, 1919. Bairro: Belém. Propriedade de Jorge Street.
Fonte: BONDUKI, 1998, p. 64.

3.12 Vila Maria Zélia – Cia. Nacional de Tecidos de Juta, 1919. Bairro: Belém. Propriedade de Jorge Street.
Fonte: BONDUKI, 1998, p. 64.

3.13 Vila Economisadora, casas de aluguel construídas a partir de 1908. Bairros: Luz, Cambuci e Pompeia. Propriedade “A Economisadora Paulista”.
Fonte: TOLEDO, 1996, p. 108.

3.14 e 3.15 Vila Economisadora, casas de aluguel construídas a partir de 1908. Bairros: Luz, Cambuci e Pompeia. Propriedade "A Economisadora Paulista".
Fonte: TOLEDO, 1996, p. 108.

Entre as principais alterações trazidas pelo Ecletismo para a arquitetura e os modos de morar da elite paulistana destacam-se: implantação distanciada dos alinhamentos dos terrenos e a organização dos setores da casa na forma tripartida – social, íntimo e serviço. Segundo Maria Cecília Naclério Homem (1996, p. 14),

Reproduziram-se no palacete atuações encontradas na casa francesa, como a implantação e a distribuição. A casa afastava-se do lote, sendo a circulação feita a partir do vestibulo. Aparecia quase sempre a mesma série de dependências e de funções designadas pela mesma nomenclatura. Por outro lado, na nova casa paulistana, persistiam certos elementos do sobrado e da chácara, tais como a sala de jantar mais ampla que os demais cômodos em posição central e próxima à cozinha, o gabinete e um quarto independente para hóspedes na parte fronteira do térreo. Externamente, uma entrada de serviços e, em geral, nos fundos, horta, pomar ou algumas árvores frutíferas, forno, lenheiro e até poço ou mina d'água. Algumas edículas da casa francesa, como a casa do porteiro e as cocheiras, foram reproduzidas no palacete, no qual, contudo, as construções destinadas a acomodar os criados e o tipo de instalação utilizada para os tanques evocavam as antigas senzalas e os telheiros dos quintais paulistanos, onde se alojavam os escravos.

Ao passo que a cidade se tornava cosmopolita, as novas gerações, os descendentes dos primeiros fazendeiros de café, viveram a *belle époque* e adotaram a Europa, especialmente a França, como modelo para a reconstrução da cidade em alvenaria de tijolos. Com a riqueza da produção cafeeira, dos empreendimentos urbanos que a ela seguiram e as facilidades de importar, a elite se preocupou, sobretudo, em aprimorar a qualidade de vida, o que, na época, significava adotar os hábitos dos europeus.

O palacete se tornou, portanto, um dos responsáveis pela difusão da civilização e cultura urbanas, como foram os novos programas implantados ou ampliados após a chegada do ecletismo (Fig. 3.16 a 3.19): hotéis, pensões, escolas, faculdades, hospitais, teatros, lojas de produtos importados, restaurantes, cafés, entre outros. De certo modo, anteciparam a urbanização, no sentido do crescimento e da modernização da cidade, tendo sido resolvidos, inicialmente, por intermédio de recursos provenientes do exterior, conforme aponta Alzira Lobo de Arruda Campos (2004, p. 35):

Os fluxos constantes de imigrantes deram a São Paulo a peculiaridade de ser considerada como a mais europeia das cidades brasileiras. A população falava tanto o italiano como o português, e o alemão estava bastante vulgarizado. Vestuários e vários prédios deram a São Paulo um aspecto muito diferente do que predominava no passado. A Cidade transformou-se em centro importante de comércio [...].

3.16 Escola Politécnica, 1885-9. Projeto de Ramos de Azevedo.
Fonte: KOSSOY, 1988, p. 67.

3.17 Museu Paulista, 1885-90. Projeto de Luigi Pucci.
Fonte: KOSSOY, 1988, p. 75.

3.18 Teatro Municipal, 1903-11. Projeto de Ramos de Azevedo, Cláudio Rossi e Domiziano Rossi.
Fonte: PONTES, 2003, p. 164.

3.19 Rua 15 de Novembro, 1910-2.
Fonte: BECHERINI, 2009, p. 142.

Nessa mesma época, entre final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o crescimento acelerado transformou rapidamente a cidade de São Paulo^[5], cujos limites tinham se modificado muito pouco desde a sua fundação em 1554. Até então, o comércio, as habitações e as igrejas se localizavam no triângulo formado pelas ruas São Bento, Direita e XV de Novembro. Esse núcleo era rodeado por alguns povoados afastados e um cinturão verde que, por sua vez, era composto por várias chácaras responsáveis não só por seu sustento, como também pelo abastecimento e funcionamento da vida urbana no triângulo central.

A monocultura do café, última das três aristocracias que existiram no Brasil, foi responsável por transformações e vantagens à burguesia, mas trouxe consigo, também, para a capital paulista, problemas decorrentes de inesperados adensamentos populacionais motivados pela imigração descontrolada, incentivada pela elite e governo locais.

Durante o processo de cosmopolitização dos costumes, adensamento demográfico e crescimento urbano, ocorridos nas primeiras décadas da cidade republicana, os limites da antiga São Paulo, supracitados, foram rompidos. A urbe se expandiu por meio de ruas e viadutos em continuidade ao traçado existente, mas se desenvolveu, também, na direção de outras regiões, descontinuas da trama urbana inicial.

Maria Cecília Naclério Homem aponta, em seu livro *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira: 1867-1918*, a existência de diversas cidades dentro de São Paulo, e as caracteriza:

[5] Existem alguns estudos sobre os processos de transformação pelos quais a cidade de São Paulo passou, dentre eles sugerimos a leitura de: CAMPOS, Candido Malta. *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e Modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora SENAC, 2002; SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole: Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na Passagem do Século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000; LANGENBUCH, Juergen Richard. *Estruturação da Grande São Paulo: Estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971; MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo: de Comunidade à Metrópole*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970; AZEVEDO, Aroldo de (org.). *A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana*. São Paulo: Nacional, 1958.

Uma, acanhada e pacata, onde predominavam as construções e os transportes tradicionais, com pouco conforto, e se levava vida provinciana. Outra, bastante movimentada e alegre, atada ao centro, onde se concentravam o comércio, a administração pública, o lazer, os jornais, os hotéis, os escritórios etc. Animavam esta cidade comerciantes, ambulantes, operários, artesãos, funcionários públicos, empregadores de mercadorias, jornalheiros e uma infinidade de outros trabalhadores. Uma terceira cidade emergia além ferrovias, de difícil acesso. Dispersa no sentido norte, leste e sul, era ocupada por fábricas, chaminés, casas populares e cortiços, construídos nas terras mais baixas e molhadas das várzeas. Servia de contraponto à cidade rica, em franco processo de urbanização, voltada para oeste, composta do centro, Viaduto do Chá, Vale do Anhangabaú, atados aos bairros médios e elegantes. (HOMEM, 1996, p. 199-201).

Bairros como Brás (Fig. 3.20), Bom Retiro e Barra Funda se desenvolveram ao longo do processo descrito por Maria Cecília Naclério Homem e passaram a ser identificados como bairros operários. Essas regiões de várzeas, vales e zonas alagadiças foram ocupadas pelo grande número de trabalhadores e operários recém-chegados à capital paulista. A preferência por essas regiões aconteceu, principalmente, por sua proximidade com as ferrovias, as fábricas e a Hospedaria dos Imigrantes (Fig. 3.21).

No decorrer do século XIX, algumas especializações evidenciam-se no mapa sociológico da Cidade, com o aparecimento de bairros operários. Esse processo se consubstancia nos últimos anos, quando as novidades na esfera econômica, de meados do século, refletem-se no perfil da população. A Vila Mariana, já desclassificada pela elite por abrigar o Matadouro Municipal, tornou-se uma das zonas preferidas para a instalação de fábricas, abrigando a primeira fábrica de fósforos do país. Fábricas têxteis estabeleceram-se no Bom Retiro e no Brás. O bairro da Água Branca recebeu a indústria Antarctica [...]. (CAMPOS, 2004, p. 28).

3.20 Bairro do Brás, caracterizado pela grande diversificação de edificações.

Fonte: TOLEDO, 1996, p. 106.

3.21 Hospedaria dos Imigrantes.

Fonte: REIS, 2004, p. 141.

Essa população recém-chegada em São Paulo suscitou uma grande demanda por moradia. A carência de habitações se tornou notória, havendo indícios de que era um obstáculo para um crescimento maior. Nesse contexto, para abrigar todo esse novo contingente populacional, surgiram os cortiços^[6], as casas operárias e as residências para classe média baixa.

Deflagrada a crise habitacional, em fins do século XIX, estendeu-se até 1930. Nesse período surgiram várias tipologias habitacionais para abrigar os setores sociais de baixa e média renda, todas construídas pela iniciativa privada. Outro ponto em comum desses imóveis estava no fato de que quase todos foram construídos para serem moradias de aluguel. Essa modalidade de moradia passou a ser predominante em São Paulo até a promulgação da Lei do Inquilinato^[7], em 1942, quando esse panorama passou a sofrer alterações consideráveis.

Alguns estudiosos de arquitetura se dedicaram a escrever sobre o surgimento, a legislação e a permanência dos cortiços (Fig. 3.22 e 3.23) em São Paulo. No livro de Nabil Bonduki (1998, p. 21-2), *Origens da Habitação Social no Brasil*, o autor afirma que as informações existentes sobre esse tipo de habitação só chegaram aos dias atuais porque esse tipo de moradia representou uma ameaça à saúde pública da época, sendo abordado por sanitaristas em seus relatos. Alega, ainda, que esses relatos “expressam uma visão elitista, viciada pelas concepções higienísticas e preconceituosa em relação aos trabalhadores”.

[6] A respeito desse termo, Carlos Lemos (1989, p. 60) esclarece que: “a palavra cortiço, originariamente, designava (e ainda pode designar) a casa das abelhas que é justamente caracterizada por um grande aglomerado de células, de alvéolos, todos idênticos entre si. Por catacrese, foi dado o nome de cortiço à construção composta de inúmeros cubículos iguais entre si e destinada à habitação coletiva, sendo que as instalações sanitárias e os tanques de lavagem de roupas eram de uso comum. Foram, por excelência, moradias promíscuas e nasceram a partir da enorme carência de habitações acessíveis à grande massa proletária da cidade em crescimento”.

[7] A propósito da Lei do Inquilinato e da habitação popular em São Paulo, ver: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. “O Papel da Iniciativa Privada na Formação da Periferia Paulistana”. *Revista Espaços & Debates*, São Paulo, n° 37, p. 19-33, 1994; BONDUKI, Nabil Georges. *Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. São Paulo: Estação Liberdade: Fapesp, 1998; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral (org.). *A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna: 1930-1964*. São Carlos: RiMa, 2002.

3.22 e 3.23. Complexo de cortiços Vila Barros, entre as ruas Japurá, Santo Amaro e Jacaré, 1920.
Fonte: BONDUKI, 1998, p.68.

Carlos Lemos (1989, p. 60) em sua tese de livre docência, intitulada *Alvenaria Burguesa: Breve Histórico da Arquitetura Residencial de Tijolos em São Paulo a Partir do Ciclo Econômico Liderado pelo Café*, esclarece que

Desde o começo, os cortiços foram combatidos pelas autoridades, até certo ponto perplexas ante esse novo modo de morar logo descoberto pelos especuladores, que ali perceberam o máximo de rendimento com o mínimo de terreno. Na verdade, oficialmente, nos primeiros tempos, não havia uma definição de cortiço, que foi desde logo malvisto, não tanto por seus aspectos anti-higiênicos, mas também pelo preocupador ponto de vista social. Em 1885, eles já eram condenados e seus projetos dificilmente eram aprovados pela Prefeitura que, por falta de legislação apropriada, louvava-se nos critérios pessoais de seus fiscais.

Somente após a promulgação do Código de Posturas do Município de São Paulo, em 6 de outubro de 1886, os programas habitacionais voltados para a população de baixa renda passaram a integrar a legislação municipal. Esse código de Posturas estipulou as condições mínimas^[8] para a construção dos cortiços e passou a aceitar sua existência, contradizendo a opinião dos técnicos. As casas operárias, contudo, foram muito bem regulamentadas pelo citado Código de Posturas. Dentre as regulamentações aprovadas para essa tipologia se destacam algumas, as quais são consideradas extremamente benéficas nos dias atuais, a saber: jardim fronteiro com 30m², no mínimo; deveriam ter, no mínimo, três cômodos e todos com abertura para o exterior; a área mínima para cada dependência era de 10m². Apesar da regulamentação, ambos os tipos de moradia continuaram sendo construídos nos bairros mais afastados da cidade, como Pari e Brás, e em terrenos baixos e alagadiços, nas imediações do rio Tietê.

Nos cortiços e nas casas operárias havia, obrigatoriamente, a superposição de funções ou de atividades domésticas causada pela ausência de áreas apropriadas naquelas acanhadas construções e, por essa razão, com baixíssimo custo de construção e manutenção. Tais programas habitacionais ínfimos decorreram, portanto, de uma injunção econômica e não por meio de uma solução correspondente às condicionantes culturais de seus moradores.

[8] As condições mínimas para a existência dos cortiços, estipuladas pelo Código de Posturas de 1816 eram: terreno com mais de 15m de largura, afastamento mínimo de 5m entre as carreiras de cômodos, área mínima de 5,5m² para cada unidade, pé-direito com 4 a 4,5m, e os soalhos deveriam estar afastados 0,2m do solo para que fossem ventilados por baixo e ficassem definitivamente afastados da umidade do chão. (LE MOS, 1989, p. 61; LEMOS, 1999a, p. 22).

Outros loteamentos, voltados para a população de baixa renda, foram implantados em bairros como Ipiranga, Casa Verde, Freguesia do Ó e Penha. O surgimento dessas novas glebas demonstra a intensa atividade imobiliária que se seguiu à acentuação do crescimento urbano, principalmente após a chegada de grandes levas de imigrantes, que, inflacionando o mercado de moradias, possibilitou o loteamento das regiões baixas e periféricas da cidade.

A segmentação da cidade por classes passou a se configurar de maneira mais evidente a partir da década de 1890, após o loteamento e ocupação do bairro de Campos Elíseos^[9] (Fig. 3.24).

3.24. Vista do bairro dos Campos Elíseos, 1920.
Fonte: BECHERINI, 2009, p. 183.

Até a década de 1870, com exceção das chácaras periféricas que compunham o cinturão verde que circundava a cidade de São Paulo, quase não se podia notar diferenças funcionais entre pontos distintos da cidade. Nessa época, tanto as residências da elite como as da classe média paulistana se localizavam, muitas vezes, no próprio núcleo central – conhecido, também, como *Triângulo* – contíguas ao comércio e serviços públicos existentes.

[9] O bairro dos Campos Elíseos foi idealizado e loteado por Frederico Glette e Victor Nothmann no ano de 1878. Sua localização era privilegiada porque estava próximo da Estação Sorocabana (atual Estação Júlio Prestes) e da Estação da Luz. Mesmo não estando muito longe do centro da cidade, os espaçosos terrenos do loteamento foram planejados para abrigar as residências da elite paulistana.

A proximidade existente entre as classes sociais e funções pode ser explicada por meio das reduzidas dimensões da cidade^[10] e, segundo Raquel Rolnik (1981, p. 6), pelo fato de que “os dois grandes grupos sociais do velho burgo (os homens livres e os cativos) podem estar misturados no tecido urbano porque estão infinitamente separados no tecido social”.

A partir da década de 1880, contudo, surgiram os primeiros indícios de segregação espacial mediante a diversificação das funções e o surgimento, contíguo ao velho núcleo central, de bairros distintos: alguns para operários como Brás, Bom Retiro e Barra Funda; e outros destinados à construção de faustosos palacetes para as classes sociais mais abastadas.

Por volta da década de 1890, a classe média e a elite paulistanas optaram por construir suas casas em terrenos próximos ao centro e às estações ferroviárias, em áreas servidas pelas linhas de bonde. Ao longo desse processo, foram ocupados, por essas residências, os bairros de Santa Efigênia, Luz e Campos Elíseos, entre outros (Fig. 3.25 e 3.26).

3.25 Panorama do bairro de Santa Cecília, c. 1905.
Fonte: KOSSOY, 1988, p. 85.

3.26 Panorama do bairro de Vila Buarque, c. 1905.
Fonte: KOSSOY, 1988, p. 87.

[10] Sobre as reduzidas dimensões da cidade de São Paulo, Nabil Bonduki (1998, p. 18) esclarece: “A pequena cidade de 1870 podia ser toda percorrida a pé; seus habitantes buscavam água nos chafarizes públicos (embora já em meados do século houvesse falta de água) ou retiravam-na de poços particulares, e lançavam os detritos nos rios ou em fossas”.

Pouco tempo mais tarde, as classes sociais mais opulentas da sociedade paulistana passaram a valorizar bairros próximos ao núcleo histórico, porém distantes, o suficiente, da aglomeração e mescla de funções existente nas cercanias imediatas daquela região. Buscaram terrenos localizados em zonas altas, arejadas e limpas, nas quais as doenças seriam evitadas. Essa preocupação era proveniente, mormente, dos novos conhecimentos científicos sobre saúde e higiene. Por essa razão, bairros como Higienópolis^[11] (Fig. 3.27) – loteado em 1898 – e a Avenida Paulista (Fig. 3.28) – aberta em 1891 – começaram a ser ocupados.

Campos Elísios foi o primeiro bairro em que se buscou traçar um plano de ruas regulares, o que contribuiu para identificá-lo como o primeiro endereço aristocrático da cidade. Ainda permitindo a mistura de classes, porém próximo ao centro e às ferrovias, foi substituído na preferência dos abastados pelas regiões de Higienópolis, situado em terrenos altos, arejados, e posteriormente, pela avenida Paulista. Foi no rumo indicado por esses empreendimentos que se definiram as zonas de expansão das classes médias e abastadas no início do século XX. Será nesse eixo oeste-sudoeste indicado pelas regiões mais claramente habitadas pelas elites que a Cia. City comprará seus terrenos e, posteriormente, implantará seus empreendimentos a partir da segunda década do século XX. (WOLFF, 2001, p. 56).

3.27 O bairro de Higienópolis e a rua Maranhão, c. 1920.
Fonte: REIS, 2004, p. 177.

3.28 Vista da Avenida Paulista em direção à rua da Consolação, c. 1905.
Fonte: KOSSOY, 1988, p. 83.

[11] Sobre a formação, urbanização e ocupação deste bairro, recomenda-se a leitura de: HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis. Grandeza e Decadência de um Bairro Paulistano*. São Paulo: Prefeitura Municipal: DPH, 1979 (Coleção História dos Bairros de São Paulo).

A partir do segundo decênio do século XX, o projeto e a implantação de bairros residenciais destinados às camadas abastadas da sociedade paulistana não eram mais considerados uma novidade. Entretanto, o papel desempenhado pela Cia. City^[12], em São Paulo, não esteve atrelado, somente, à sua importância como urbanizadora, mas, especialmente, pela implementação de um novo padrão urbanístico, até então inédito: as cidades-jardins^[13].

O primeiro bairro-jardim^[14] loteado e comercializado pela Cia. City foi o Jardim América^[15] (Fig. 3.29 e 3.30). O projeto para esse novo bairro paulistano foi idealizado e concretizado pelos arquitetos ingleses Barry Parker^[16] (1867-1941) e Raymond Unwin (1863-1940), seguindo os preceitos dos subúrbios ajardinados.

[12] Sobre a atuação da Cia. City na cidade de São Paulo, recomenda-se a leitura de: BACELLI, Ronei. *A Presença da Cia. City em São Paulo e a Implantação do Primeiro Bairro-Jardim, 1915-1940*. 1982. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo; SOUZA, M. Claudia Pereira. *O Capital Imobiliário e a Produção do Espaço Urbano: O Caso da Cia. City*. 1988. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo.

[13] O conceito de cidade-jardim foi desenvolvido por Ebenezer Howard (1850-1928), teórico inglês que sistematizou sua teoria e modelo urbanístico em 1898 no livro *Tomorrow: A Peaceful Path to Real Reform*, reeditado em 1903 sob o título *Garden Cities of Tomorrow*, pelo qual ficou mais conhecido. Em 1899, Howard fundou a *Garden City Association*. Segundo Silvia Wolff (2001, p. 24): “sua proposta de cidade-jardim não se referia a um modelo espacial, e sim a um esquema teórico de uma cidade autônoma, de gestão comunitária, de dimensão limitada por extensa faixa agrícola circundante e que, caracterizada por altas taxas verdes, seria uma alternativa para os desequilíbrios e desordens das cidades”.

[14] Silvia Wolff (2001, p. 26-8) esclarece que os subúrbios ou bairros-jardins, contrariando os princípios de Howard, relacionavam-se com as cidades existentes e com a morfologia derivada da trajetória do subúrbio anglo-saxão. Proliferaram-se no mundo todo, sobretudo na primeira metade do século XX. Suas principais características eram: as ruas sinuosas e arborizadas, integração entre edificações e áreas ajardinadas e a variedade de modelos de casas.

[15] Sobre a história do Jardim América, ver: WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América: O Primeiro Bairro-jardim de São Paulo e Sua Arquitetura*. São Paulo: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

[16] A respeito da trajetória de Barry Parker, ver: ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *Barry Parker: Um Arquiteto Inglês na Cidade de São Paulo*. 1998. 486 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

3.29 Jardim América, década de 1920.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.30 Jardim América, 1929.
Fonte: Acervo Cia. City.

Os primeiros trabalhos para sua implantação ocorreram em 1913 – movimentação e drenagem dos terrenos – e sua ocupação continuou até 1958, data em que ocorre a última aprovação de um projeto residencial pela companhia (Fig. 3.31 e 3.32). Ao longo desse período, modificações foram realizadas no projeto original realizado por Parker e Unwin, sempre em busca de maior número de lotes para a comercialização. Segundo Silvia Wolff (2001, p. 141-3, grifos nossos):

A alteração que mais modificou o espírito original do projeto e que ampliou o estoque de terrenos à venda no Jardim América foi a erradicação dos jardins internos das quadras e posterior venda dessas áreas. [...] O fato é que o loteamento do Jardim América, **iniciado em 1919 com 396 lotes à venda**, devido às ampliações ou subdivisões internas de sua área, **encerrou a comercialização com 672 terrenos**.

3.31 Mapa Jardim América, 1954.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.32 Vista aérea do Jardim América, 1934.
Fonte: *Record*, n° 5, p. 13, 1934.

Outro bairro loteado por essa companhia e também projetado por Barry Parker foi o Pacaembu (Fig. 3.33 a 3.38). No traçado desse novo bairro-jardim, Parker levou em consideração a topografia e as visuais privilegiadas da área. Entre os critérios adotados pelo arquiteto, destacam-se: proporcionar largas vistas para a paisagem pitoresca do vale existente, e o traçado composto por ruas curvas que acompanhavam as curvas de nível dos terrenos – o que facilitaria a solução de drenagem e esgoto. A aprovação desse bairro, por conta de impedimentos legais^[17], só aconteceu em 1923 e a comercialização de seus terrenos teve início apenas dois anos depois, em 1925.

3.33, 3.34, 3.35 e 3.36 Pacaembu, 1926.

Fonte: Acervo Cia. City

3.37 Mapa Pacaembu, 1951.

Fonte: Acervo Cia. City.

3.38 Vista aérea do Pacaembu, 1934.

Fonte: *Record*, nº 5, p. 14, 1934.

[17] Esses impedimentos legais foram registrados por Barry Parker, conforme demonstra Carlos Roberto Monteiro de Andrade (1998, p. 232), em sua tese: “na carta que Parker escreve para o Eng. Freire [Victor da Silva Freire] é exposta sua crítica à legislação existente, que previa largura mínima de 16m para as ruas e declividade máxima de 8%. Seus argumentos apontam para a impossibilidade de se ocupar o Vale do Pacaembu caso se mantenha a legislação”.

Os novos loteamentos, realizados por outras empresas, buscaram incorporar as características existentes nos bairros-jardins da Cia. City, tendo como modelo o traçado sinuoso do Jardim América e Pacaembu. Dentre os lançamentos citados se evidencia o caso do Jardim Europa (Fig. 3.39), implantado em 1921^[18].

[18] A venda dos terrenos do Jardim Europa foi anunciada no Correio Paulistano em 8 de novembro de 1921, conforme indica Ebe Reale (1982, p. 200).

As terras onde foi implantado o Jardim Europa pertenciam a Manuel Garcia da Silva, grande comerciante na capital, proprietário da Loja do Japão especializada em papelaria e enfeites para festas. Com a crescente valorização da região sudoeste paulistana, devida ao sucesso do Jardim América e à extensão da linha de bonde até a avenida Brasil, Manuel da Silva decidiu arruar e vender os terrenos de sua propriedade. O projeto, realizado pelo Escritório Técnico de Hippolyto Gustavo Pujol Jr.^[19] (1880-1952), possuía 39 quadras com setecentos lotes e tinha como eixo central a avenida Europa (Fig. 3.40).

[20] A Sociedade Anônima Jardim Europa era composta por Manuel Garcia, sua esposa, seus filhos, Horácio Lafer, Hessel Klabin, Jacob Klabin Lafer, Salomão Klabin e Luba Klabin. A origem dessa sociedade se relaciona ao fato de a Loja do Japão estar bastante endividada em 1929. Para resolver essa situação, Manuel Garcia decidiu chamar como sócio o seu maior credor: os irmãos Klabin. Após a oficialização da nova empresa, os lotes restantes foram rapidamente vendidos.

As semelhanças existentes entre os loteamentos realizados pela Cia. City e os demais empreendimentos disseminados no início dos anos de 1920, em São Paulo, consistiram somente no traçado sinuoso de suas ruas e na publicidade^[21] (Fig. 3.41 a 3.43), pois a companhia inglesa havia estipulado uma rigorosa legislação para a ocupação e construção em seus lotes, mais rígida, inclusive, do que as posturas municipais da época.

3.41 e 3.42 Propaganda dos loteamentos da Cia. City.
Fonte: Record, nº 3, s.p., 1934; Record, nº 10, s.p., 1934.

3.43 Propaganda Jardim Europa, 1928.
Fonte: SEGAWA, 2000, p. 118.

[21] Comprova-se esse fato por meio do trecho extraído do livro de Silvia Wolff (2001, p. 104), em que a autora afirma que: "A partir do lançamento do Jardim América, a empresa recorreu a estratégias que lhe dessem visibilidade: produziu publicações diferenciadas em vários órgãos da imprensa; imprimiu atraentes folhetos de propaganda ilustrada; estabeleceu acordos com empresas públicas ou privadas de infraestrutura para melhor aparelhar as áreas com água, luz, transporte, abertura de ruas e praças, construção de clubes, escolas ou estádios; construiu casas, abertas à visitação de eventuais compradores com acompanhamento de corretores que faziam relatórios deste trabalho, e criou formas de financiamento para a compra dos terrenos e construção das casas. Enfim, diversificou sua atuação em todas as áreas que julgou necessárias para que a urbanização e a venda de suas terras se concretizasse rápida e eficientemente".

Alguns anos após o loteamento e ocupação dos já citados Jardim América e Jardim Europa, outro bairro que se desenvolveu foi Pinheiros. Nos primeiros anos do século XX, um dos principais fatos responsáveis pelas melhorias urbanas ocorridas naquele local foi a chegada da linha de bonde que se estendia até o centro da cidade. A partir de meados da década de 1930, o bairro passou por uma série de avanços, tais como: instalação de luz elétrica; implantação do sistema de água encanada; e, ainda, nivelamento e calçamento da avenida Rebouças^[22] (Fig. 3.44 e 3.45). O bairro de Pinheiros passou a ser caracterizado por sua função comercial e residencial.

3.44 Propaganda avenida Rebouças, 1937.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.45 Avenida Rebouças, 1939.
Fonte: DUARTE, 2007, p. 150.

[22] Segundo Ebe Reale (1982, p. 93): “Em 1936 foi entregue à cidade uma larga avenida, com duas mãos de trânsito, e uma larga linha no centro [...]. Constituiu um fator importante para o desenvolvimento do bairro de Pinheiros, pois era uma ligação, muito mais rápida e menos íngreme, com o centro da cidade”.

As residências construídas durante a efetiva ocupação dos bairros citados e sua arquitetura são os dois principais pontos de intersecção entre as transformações, de cunho arquitetônico e/ou urbanístico, ocorridas na capital paulista nas primeiras décadas do século XX, e a trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello, como se pode observar no próximo item deste capítulo.

3.2 AS RESIDÊNCIAS PROJETADAS POR EDUARDO KNEESE DE MELLO: 1934-1973

[a origem da arquitetura] é a casa do homem primitivo. A caverna, a choupana, o dólmen. Seu objetivo essencial é a casa do homem, no tempo e no espaço. Casa de habitação, de trabalho, de recreio, de culto, de estudo, de saúde, de esporte etc. Casa do branco, do negro ou do amarelo, do rei ou do plebeu, do operário ou do patrão. Seu espírito é, portanto, profundamente democrático. A evolução da arquitetura processa-se, desde a pré-história até hoje, sob influência de diversos fatores: geográfico, geológico, climatérico, religioso, econômico, político, social etc. Dessa evolução natural resultaram os estilos arquitetônicos, que não foram criados pelo homem pelo simples desejo de criar ou fazer moda, mas como consequência das necessidades e possibilidades das civilizações suas contemporâneas.

Eduardo Kneese de Mello (1948, p. 91)

A vigência do Ecletismo tardio, em São Paulo, até meados dos anos de 1940 nos projetos de residências unifamiliares construídas nos então novos bairros, como os jardins América, Europa, Paulista e Pacaembu, é o ponto de intersecção com a trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello, graduado engenheiro-arquiteto pela Escola de Engenharia do Mackenzie College em 1932.

A trajetória de Kneese de Mello, como foi apresentado, dividia-se em duas etapas aparentemente distintas, porém, após a realização desta extensa pesquisa em periódicos de arquitetura e acervos, notou-se que os limites, entre essas etapas, não foram tão nítidos como o arquiteto gostava de descrever em seus depoimentos.

Verificou-se, por meio das informações obtidas, que a compreendida como primeira fase de sua vida profissional, vinculada ao Ecletismo tardio, distingue-se da segunda, consagrada por sua conversão aos preceitos do Movimento Moderno, e por duas razões principais: a quantidade de trabalhos, pois entre os anos de 1933 e 1941 elaborou mais de uma centena de projetos com as mais variadas características formais; e a dedicação quase exclusiva, neste período, aos projetos de residências unifamiliares, para as famílias de maior poder aquisitivo da sociedade paulistana. Na segunda fase os trabalhos foram menos numerosos e mais dedicados a projetos de habitação coletiva.

Buscou-se, ao longo deste trabalho, por meio do estudo de casos, identificar e compreender como ocorreram, realmente, esses trabalhos de transição e apontar quais as possíveis convergências e semelhanças, permanências e discrepâncias, inovações e continuidades nas residências projetadas pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello.

3.2.1 OS PROJETOS SELECIONADOS

Dentre os projetos residenciais^[23] elaborados pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, foram selecionados 45 exemplares para compor o estudo de casos desta tese. Para a seleção dos casos foram estabelecidos alguns critérios que tais obras deveriam atender:

- ___ Serem identificáveis em acervos ou periódicos;
- ___ Serem publicadas em livros ou periódicos especializados;
- ___ Serem possuidoras de inovações técnicas, programáticas ou formais.

Os projetos selecionados são apresentados em ordem cronológica, procurando facilitar a compreensão das transformações ocorridas nos modos de morar e das alterações existentes nas concepções arquitetônicas e métodos projetuais ao longo de toda a trajetória profissional de Kneese de Mello.

Precedendo as análises, os projetos são expostos por intermédio de fichas técnicas com as informações obtidas durante a pesquisa. Toda a documentação gráfica encontrada – projetos originais, croquis e fotografias – é exposta por meio de desenhos, fotografias e documentação iconográfica que permitem uma adequada compreensão das obras.

Para o entendimento da obra do arquiteto como um conjunto, optou-se por examinar as residências como um todo, dividindo a análise em cinco temas: caracterização geral; programas funcionais; esquemas típicos de distribuição; tipos de implantação; e, por fim, variações formais.

Esses projetos são analisados comparativamente com o objetivo de estabelecer uma relação de ordem formal, conceitual e construtiva; buscando, dessa maneira, compreender quais preocupações fundamentaram o processo de produção do projeto de arquitetura e suas relações conceituais, na trajetória específica do arquiteto.

[23] Cf. a lista completa dos projetos realizados por Eduardo Kneese de Mello no Apêndice 2.

O objetivo principal desta análise é discutir e avaliar o período de transição da arquitetura eclética para a moderna, compreender quais as possíveis relações projetuais e conceituais existentes entre as duas etapas da trajetória profissional de Kneese de Mello. Busca-se, ainda, verificar se existe, de fato, o tão propalado corte abrupto na trajetória do arquiteto, principalmente no que se refere aos projetos residenciais.

Acredita-se que, por meio das análises, foi possível encontrar respostas para as principais hipóteses que fundamentaram esta tese, a saber: em primeiro lugar, advindas de sua formação, houve permanências marcantes da forma de pensar eclética nos projetos do arquiteto Eduardo Kneese de Mello, mesmo após sua proclamada adesão ao movimento moderno; em segundo lugar, sua adesão proclamada como um credo e uma mudança brusca não se realizou de modo abrupto, manifestou-se de modo mais brando.

A seguir, apresentamos as fichas técnicas dos projetos selecionados.

PROJETO 1 – residência

Proprietário: José Martins Borges

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1934 (construção e publicação)

Endereço: Rua Pamplona, 193a

Bairro: Jardim Paulista

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Record. São Paulo: n° 6, p. 6-10, 1934.

Record. São Paulo: n° 7, p. 8-12, 1934.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 8
- Serviço: 2

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 220 m²

- Térreo: 143 m²
- Pavimento Superior: 77 m²

Terreno: informação não encontrada

P1.1 Projeto, 1934.
Fonte: *Record*, nº 6, p. 10, 1934.

Fornecedores:

Aquecedores, cimento, ferro, azulejos nacionais – Ernesto de Castro & Cia.
Aparelhos sanitários – Souza Noschese & Cia.
Carpintaria e telhado – João Riechelmann
Cal – Bei, Filho & Cia.
Encanamento – Antonio Ramos de Andrade
Esquadrias – Santiago Morenilla
Ferragens, azulejos espanhóis – Carvalho Meira & Cia.
Granilite – Ferruccio Stelli
Instalação elétrica – Romualdo Vismára
Le Lap – eng. Marcel Gonthier
Ladrilhos cerâmicos – Cerâmicas São Caetano S/A
Lustres – Fábrica Metalúrgica de Lustres
Ladrilhos – F. Cataldi & Cia.
Material Isolante Sika – eng. René Graf
Mosaicos e lajes do jardim – Antonio Mendes
Pinturas – Irmãos Schaffer
Raspagem à máquina e limpeza – Batista Bonamini
Serralheria – Demetrio Szabo
Tijolos, areia e pedregulho – Nicolau Ribeiro
Telhas – Nicola Ferraro
Soalho de tacos – Bacellar & Cruz
Vitrais – Casa Conrado
Vidros – Vidraria S. Expedito

P1.2, P1.3, P1.4, P1.5, P1.6 Fachada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P1.7, P1.8, P1.9, P1.10, P1.11 Fachada principal.
 Fonte: *Record*, n° 6, p. 6-9, 1934.

P1.12, P1.13, P1.14 Detalhes dos terraços .
Fonte: *Record*, nº 7, p. 8-9, 1934.

P1.15 Detalhe da entrada principal.
Fonte: *Record*, n° 7, p. 9, 1934.

P1.16, P1.17 Detalhe sala de estar.
Fonte: *Record*, n° 7, p. 10, 1934.

P1.18, P1.19 Detalhe sala de estar e lareira.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.; *Record*, n° 7, p. 12, 1934.

P1.20 Detalhe da sala de jantar – vitral com motivos mexicanos.
 Fonte: *Record*, n° 7, p. 11, 1934.

P1.21, P1.22 Detalhe da escada.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.; *Record*, n° 7, p. 12, 1934.

PROJETO 2 – residência

Proprietário: Armando Costa Magalhães (Rodolpho Magalhães)

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1934 (publicação)

Endereço: Avenida Brasil, 1402 (esquina Rua México)

Endereço atual: Avenida Brasil, 1402

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Record. São Paulo: n° 8, p. 18-23, 1934.

Revista de Engenharia Mackenzie. São Paulo: n° 62, s.p., 1934.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Politécnica. São Paulo: n° 130, s.p., 1939.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo +1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 6
- Íntimo: 9
- Serviço: 9

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 545 m²

- Térreo: 260 m²
- Dependências: 80 m²
- Pavimento Superior: 205 m²

Terreno: 935m²

0 1 3 6 10

P2.1 Projeto, 1934.
Fonte: *Record*, n° 8, p. 22, 1934.

Fornecedores:

Parquet – Bacellar & Cruz

P2.2 Fachada principal – Avenida Brasil.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P2.3, P2.4 Fachadas principal (Avenida Brasil) e lateral (Rua México).
Fonte: *Record*, n° 8, p. 18, 1934; *Engenharia Mackenzie*, n° 62, s.p., 1934.

P2.5, P2.6 Fachada lateral – Rua México.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.; *Record*, n° 8, p. 19, 1934.

P2.7, P2.8, P2.9 Detalhes entrada principal.
 Fonte: *Record*, n° 8, p. 18 e 20, 1934.

P2.10 Porta do vestibulo.
Fonte: *Record*, n° 8, p. 21, 1934.

P2.11, P2.12 Porta da sala de jantar.
Fonte: *Record*, n° 8, p. 21, 1934; MELLO, 1937, s.p.

P2.13, P2.14 Galeria do hall, lustre em ferro batido projetado pelo arquiteto.
Fonte: *Record*, nº 8, p. 22, 1934; MELLO, 1937, s.p.

P2.15 Vista do vestíbulo. Em segundo plano, arco de separação do hall para sala de jantar.
 Fonte: *Record*, n° 8, p. 23, 1934.

P2.16 Detalhe arandela em ferro batido projetada pelo arquiteto.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

PROJETO 3 – casas econômicas

Proprietário: Waldemar Sampaio Cintra

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1934 (publicação)

Endereço: Rua Bom Pastor, 124a

Bairro: Ipiranga

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Record. São Paulo: n° 12, p. 38, 1934.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 3 (embasamento + 2)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 4
- Serviço: 2

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 150 m²

- Embasamento: 30 m²
- Térreo: 60 m²
- Pavimento Superior: 60 m²

Terreno : informação não encontrada

Fornecedores: informação não encontrada

P3.1 Projeto, 1934.
 Fonte: *Record*, nº 12, p. 38, 1934.

P3.2 Fachada principal das oito casas econômicas.
Fonte: *Record*, n° 12, p. 38, 1934.

PROJETO 4 – residência

Proprietário: Luiz Aranha Jr

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1935 (projeto)

Endereço: Rua Bahia, 128

Endereço atual: Rua Bahia, 1250

Bairro: Pacaembu

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1935.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 8
- Íntimo: 6
- Serviço: 7

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 505 m²

- Porão: 90 m²
- Térreo: 232 m²
- Pavimento Superior: 183 m²

Terreno: 810 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P4.2, P4.3, P4.4 Fachada principal (Rua Bahia) e detalhes.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P4.5, P4.6 Detalhes externos da residência.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P4.7, P4.8 Porta de ferro entre vestíbulo e sala de estar.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P4.9 Hall e escada.
Fonte: MELLO, 1937, s.p

P4.10 Sala de jantar.
Fonte: MELLO, 1937, s.p

PROJETO 5 – residência

Proprietário: Sebastião Ferraz Salles

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1935 (projeto)

Endereço: Rua Atibaia, 15

Endereço atual: Rua Atibaia, 73

Bairro: Pacaembu

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1935.

Diário Oficial de São Paulo, 1937.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciais*. São Paulo: UPI, 1937.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 5
- Serviço: 4

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 155 m²

- Térreo: 75 m²
- Dependências: 15 m²
- Pavimento Superior: 65 m²

Terreno: 400 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P5.1 Projeto, 1935.
Fonte: Acervo Cia. City.

P5.2 Fachada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

PROJETO 6 – residência

Proprietário: Altino de Castro Lima

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1935 (projeto)

Endereço: Rua Iucatã, 5

Endereço atual: Rua Iucatã, 95

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1935.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciais*. São Paulo: UPI, 1937.

A Casa. Rio de Janeiro: nº 181, p. 24-5, 1939.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 5
- Serviço: 4

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 310 m²

- Térreo: 145 m²
- Dependências: 40 m²
- Pavimento Superior: 125 m²

Terreno: 440 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P6.1 Projeto, 1935.
Fonte: Acervo Cia. City.

P6.2 Fachada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P6.3 Vista do terraço.

Fonte: *A Casa*, n° 181, p. 25, 1939.

PROJETO 7 – residência

Proprietário: Ismael Ribeiro de Barros

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1935 (projeto)

Endereço: Rua Canadá, 1 (posterior: 49)

Endereço atual: Rua Estados Unidos, 889

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1935.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 5
- Íntimo: 8
- Serviço: 1

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 300 m²

- Térreo: 124 m²
- Dependências: 73 m²
- Pavimento Superior: 103 m²

Terreno: 1020 m²

Fornecedores: informação não encontrada

uma residência para o sr. Ismael Ribeiro de Barros.

Edualdo Kneese de Mello - engº archº -

o proprietário -
o engº respº autor-projeto -

escala 1:50

P7.1 Projeto, 1935.
Fonte: Acervo Cia. City.

P7.2 Fachada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P7.3, P7.4 Detalhes das fachadas.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P7.5, P7.6 Detalhe do terraço e fonte.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P7.7 Vista a partir das janelas da sala de estar.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P7.8 Banheiro.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

PROJETO 8 – residência

Proprietário: Américo Martins Santos Junior

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1935 (projeto)

Endereço: Praça das Guianas, 2

Endereço atual: Praça das Guianas, 117

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1935.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Revista de Engenharia Mackenzie. São Paulo: n° 69, s.p., 1938.

A Casa. Rio de Janeiro: n° 182, p. 46, 1939.

Politécnica. São Paulo: n° 133, s.p., 1939.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1944.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo +1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 12
- Íntimo: 9
- Serviço: 7

P8.1 Projeto, 1935.
Fonte: Acervo Cia. City.

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 420 m²

- Térreo: 225 m²
- Dependências: 35 m²
- Pavimento Superior: 160 m²

Terreno: 700 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P8.2 Fachada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P8.3 Detalhe da fachada.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P8.4 Entrada lateral.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P8.5, P8.6 Vistas da escada.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P8.7, P8.8 Sala de estar e lareira.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P8.9 Sala de jantar.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P8.10 Escritório.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P8.11 Banheiro.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

PROJETO 9 – residência

Proprietário: Antonio Pinto Cardoso de Mello

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1935 (projeto)

Endereço: Rua Canadá, 53

Endereço atual: Rua Canadá, 677

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1935.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

A Casa. Rio de Janeiro: n° 168-9, p. 34-9, 1938.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 6
- Serviço: 6

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 250 m²

- Térreo: 120 m²
- Dependências: 40 m²
- Pavimento Superior: 90 m²

Terreno: 550 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P9.1 Projeto, 1935.
 Fonte: Acervo Cia. City.

P9.2 Fachada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P9.3, P9.4, P9.5 Janela da sala de estar e portas externas (entrada principal e lateral).
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P9.6 Escada.
 Fonte: *A Casa*, n° 168-9, p. 37, 1938.

P9.7 Sala de estar.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P9.8 Escritório.
 Fonte: *A Casa*, n° 168-9, p. 39, 1938.

P9.9 Banheiro.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

PROJETO 10 – residência

Proprietário: Theodoro Braga

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1935 (projeto)

Endereço: Rua Boituva, 104

Endereço atual: Rua Traipu, 1314

Bairro: Pacaembu

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1935.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.

Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Revista de Engenharia Mackenzie. São Paulo: nº 69, s.p., 1938.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 5
- Íntimo: 5
- Serviço: 6

P10.1 Projeto, 1935.

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo.

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 200 m²

- Térreo: 110 m²
- Dependências: 16 m²
- Pavimento Superior: 74 m²

Terreno: 530 m²

Fornecedores:

Parquet (para sala) – Barcellar & Cruz

P10.2, P10.3, P10.4 Fachada principal e detalhe do portão.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P10.5, P10.6 Detalhes da fachada principal e motivos marajoaras desenhados por Theodoro Braga.
 Fonte: *Engenharia Mackenzie*, n° 69, s.p., 1938.

P10.7, P10.8 Detalhes dos balcões e arandelas.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P10.9 Sala de jantar e escada.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P10.10 Estúdio (sala de estar).
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P10.11, P10.12 Fachada principal.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

PROJETO 11 – residência

Proprietário: Maria Rosa Cavalcanti

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1936 (projeto)

Endereço: Rua Itaguaçaba, 11

Bairro: Pacaembu

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações:

Acervo Cia. City, 1936.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 6
- Serviço: 5

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 260 m²

- Térreo: 149 m²
- Dependências: 17 m²
- Pavimento Superior: 94 m²

Terreno: 840 m²

Fornecedores: informação não encontrada

PROJETO 12 – residência

Proprietário: Américo Floriano de Toledo

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1936 (projeto)

Endereço: Rua Terra Nova, 3

Endereço atual: Rua Terra Nova, 89

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1936.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 6
- Serviço: 7

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 305 m²

- Térreo: 161 m²
- Dependências: 49 m²
- Pavimento Superior: 95 m²

Terreno: 700 m²

Fornecedores: informação não encontrada

Proprietário e
engenheiro responsável
aviso do projecto.

uma residência para o exmo. sr. dr. AMÉRICO FLORIANO DE TOLEDO.
EDUARDO KNEESE DE MELLO engenheiro-architecto.

P12.1 Projeto, 1936.
Fonte: Acervo Cia. City.

P12.2, P12.3, P12.4 Fachada principal e detalhes dos terraços (pavimentos térreo e superior).
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P12.5, P12.6 Pátio da residência: detalhe da porta e fonte.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P12.7 Detalhe porta da entrada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P12.8 Escada.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P12.9 Mesa de almoço (*nook*).
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

PROJETO 13 – residência

Proprietário: Mario Dias da Costa

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1936 (projeto)

Endereço: Rua Chile, 6

Endereço atual: Rua Chile, 68

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1936.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.

MELLO, Eduardo Kneese de. Construções Residenciaes. São Paulo: UPI, 1937.

A Casa. Rio de Janeiro: n° 182, p. 52, 1939.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 6
- Serviço: 5

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 310 m²

- Térreo: 168 m²
- Dependências: 23 m²
- Pavimento Superior: 119 m²

Terreno: 720 m²

PROPRIETARIO :
ENQ. RESPONSÁVEL :
autor do projecto :

UMA RESIDENCIA PARA O EXMO. SR.
DR. MARIO DIAS DA COSTA.

EDUARDO KNEESE DE MELLO. eng. architecto

FACHADA.

CORTE C.D.

RUA CHILE.
PLANTA de SITUAÇÃO
E.C. 1:200

R. ESTADOS UNIDOS

PAV. TERREO.

PAV. SUPERIOR.

CORTE A.B.

FACHADA - GARAGE.

CORTE F.F.

CORTE E.E.

Fornecedores: informação não encontrada

P13.1 Projeto, 1936.
Fonte: Acervo Cia. City.

P13.2 Fachada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P13.3 Detalhe da fachada principal.
Fonte: *A Casa*, nº 182, p. 52, 1939.

PROJETO 14 – residência

Proprietário: Francisco de Paulo Pinto Hartung

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1936 (projeto)

Endereço: Avenida Brasil, 904

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações:

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1936.

Acervo Cia. City, 1936. (compra do lote)

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Revista de Engenharia Mackenzie. São Paulo: n° 69, s.p., 1938.

Politécnica. São Paulo: n° 132, s.p., 1939.

A Casa. Rio de Janeiro: n° 197-9, p. 14-5, 1940.

Dados do projeto

Número de pavimentos: informação não encontrada

Quantidade de cômodos por setor: informação não encontrada

Áreas aproximadas (m²): informação não encontrada

Fornecedores:

Lustres – Nadir Figueiredo S/A

P14.1, P14.2, P14.3 Fachada (Avenida Brasil) e detalhes da entrada principal.
Fonte: *A Casa*, nº 171-2, p. 13, 1938; MELLO, 1937, s.p.

P14.4, P14.5, Fachada lateral – vistas.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P14.6, P14.7 Fachada lateral e terraço.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P14.8, P14.9 Fachada lateral e pátio.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P14.10 Escada e lareira.
Fonte: *A Casa*, n° 197-9, p. 15, 1940.

P14.11 Hall da escada visto da sala de estar.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P14.12 Sala de estar vista do hall.
Fonte: *A Casa*, nº 197-9, p. 14, 1940.

P14.13 Sala de jantar.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P14.14, P14.15 Fachada principal – Avenida Brasil.
 Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

PROJETO 15 – residência

Proprietário: Marcos Lindenberg

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1937 (publicação)

Endereço: Rua Antonio Bento, 350

Bairro: Jardim Paulista

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Acrópole. São Paulo: n° 4, pp. 46-7, 1938.

Politécnica. São Paulo: n° 133, s.p., 1939.

Dados do projeto

Número de pavimentos: informação não encontrada

Quantidade de cômodos por setor: informação não encontrada

Áreas aproximadas (m²): informação não encontrada

Fornecedores:

Artística execução (biblioteca) – George Knoll

Tapetes e cortinas – Regina Graz

P15.1 Fachada principal.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P15.2, P15.3 Vistas do terraço lateral.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.; *Acrópole*, n° 4, p. 48, 1938.

P15.4 Hall e vista parcial sala de jantar.
 Fonte: *Acrópole*, n° 4, p. 50, 1938.

P15.5, P15.6, Sala de jantar e bar.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P15.7 Sala de visitas.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P15.8, P15.9 Sala de estar.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P15.10 Escritório.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P15.11 Banheiro.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

P15.12, P15.13, P15.4 Fachada principal.
 Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo

PROJETO 16 – residência

Proprietário: Jean Lecoq

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1937 (projeto)

Endereço: Rua Terra Nova, 8

Endereço atual: Rua Terra Nova, 92

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1937.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

Acrópole. São Paulo: n° 1, p. 27-33, 1938.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 7
- Serviço: 6

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 365 m²

- Térreo: 175 m²
- Dependências: 40 m²
- Pavimento Superior: 150 m²

Terreno: 620 m²

Fornecedores: informação não encontrada

UMA RESIDENCIA PARA EXMO. SR. JEAN LECOQ.

EDUARDO KNESE DE MELLO. Eng. architecto.

PROPRIETARIO:
ENG. RESPONSÁVEL:
AUTOR DO PROJECTO:

FACHADA PRINCIPAL. EIC. 1:50

CORTE 'C.D.' EIC. 1:50

CORTE 'A.B.' EIC. 1:50

FACHADA - GARAGE.

CORTE 'F.F.'

GRADIL EIC. 1:50

CORTE 'F.F.'

P16.1 Projeto, 1937.
Fonte: Acervo Cia. City.

P16.2 Fachada principal.
Fonte: *Acrópole*, nº 1, p. 27, 1938.

P16.3, P16.4, P16.5 Pátio e detalhes.
Fonte: *Acrópole*, nº 1, p. 28-9, 1938.

P16.6 Terraço.
Fonte: *Acrópole*, nº 1, p. 28-9, 1938.

P16.7 Nicho.
Fonte: *Acrópole*, nº 1, p. 28-9, 1938.

P16.8 Sala de estar vista da sala de jantar.
Fonte: *Acrópole*, nº 1, p. 32, 1938.

P16.9 Sala de jantar vista da sala de estar.
Fonte: *Acrópole*, nº 1, p. 33, 1938.

P16.10 Escritório.
Fonte: *Acrópole*, nº 1, p. 30, 1938.

PROJETO 17 – residência

Proprietário: Ismael Brandão

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1937 (projeto)

Endereço: Rua Leôncio de Carvalho, 225

Bairro: Paraíso

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Diário Oficial de São Paulo, 1937.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

Acrópole. São Paulo: nº 6, p. 16-21, 1938.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 8
- Serviço: 7

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 350 m²

- Térreo: 185 m²
- Dependências: 35 m²
- Pavimento Superior: 130 m²

Terreno: 695 m²

Fornecedores:

Piso (ladrilho) – Cerâmica São Caetano

Móveis – Paschoal Bianco

FACHADA PRINCIPAL

P17.1 Projeto, 1937.
Fonte: Acrópole, n° 6, p. 17, 1938.

P17.2, P17.3 Fachada principal e detalhe da entrada.
 Fonte: *Acrópole*, n° 6, p. 16 e 18, 1938.

P17.4, P17.5, P17.6 Terraço, entrada lateral e hall.
 Fonte: *Acrópole*, nº 6, p. 18 e 21, 1938.

P17.7 Escritório.
 Fonte: *Acrópole*, n° 6, p. 19, 1938.

P17.8 Sala de estar.
 Fonte: *Acrópole*, n° 6, p. 19, 1938.

P17.9 Sala de jantar.
Fonte: *Acrópole*, nº 6, p. 20, 1938.

P17.10 Saleta.
Fonte: *Acrópole*, nº 6, p. 20, 1938.

PROJETO 18 – residência

Proprietário: Antônio de Paiva Neto (primeiro proprietário: Cia. de Melhoramentos Gopouva)

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1937 (projeto)

Endereço: Avenida Rebouças, 79

Endereço atual: Avenida Rebouças, 2325

Bairro: Pinheiros

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.

Acrópole. São Paulo: n° 11, p. 32-7, 1939.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 6
- Serviço: 8

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 230 m²

- Térreo: 124 m²
- Dependências: 20 m²
- Pavimento Superior: 86 m²

Terreno: 640 m²

Fornecedores:

Azulejo – Casa Nicolau

Piso – Cerâmica São Caetano

P18.1 Projeto, 1937.

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo; *Acrópole*, n° 11, p. 32, 1938.

P18.2, P18.3 Fachada principal e detalhe da entrada.
 Fonte: *Acrópole*, n° 11, p. 32-3, 1938.

P18.4, P18.5 Terraço e entrada do pátio.
Fonte: *Acrópole*, n.º 11, p. 34, 1938.

P18.6, P18.7 Porta lateral e porta da sala de jantar que dá acesso ao pátio.
Fonte: *Acrópole*, nº 11, p. 35, 1938.

P18.8 Hall e escada.
Fonte: *Acrópole*, nº 11, p. 35, 1938.

P18.9 Porta entre as salas de estar e jantar.
Fonte: *Acrópole*, nº 11, p. 36, 1938.

P18.10 Lareira.
Fonte: *Acrópole*, n.º 11, p. 36, 1938.

P18.11, P18.12 Cozinha e mesa de almoço (*nook*).
Fonte: *Acrópole*, n° 11, p. 37, 1938.

P18.13 Banheiro.
Fonte: *Acrópole*, n° 11, p. 37, 1938.

PROJETO 19 – residência

Proprietário: não identificado

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1938 (projeto e construção)

Endereço: Rua Esmeraldina, 127 (esquina Rua Dona Hypolita)

Endereço atual: Avenida Brasil, 2173 (esquina Alameda Gabriel Monteiro da Silva)

Bairro: Pinheiros

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

Acrópole. São Paulo: nº 8, p. 22-5, 1938.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 6
- Serviço: 4

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 220 m²

- Térreo: 115 m²
- Pavimento Superior: 105 m²

Terreno: informação não encontrada

Fornecedores: informação não encontrada

P19.1 Projeto, 1938.
 Fonte: *Acrópole*, nº 8, p. 23, 1938.

P19.2, P19.3, P19.4 Vistas da fachada principal e lateral.
Fonte: *Acrópole*, n° 8, p. 22-3, 1938.

P19.5, P19.6 Sala de estar e lareira.
Fonte: *Acrópole*, nº 8, p. 24, 1938.

P19.7, P19.8 Salas de estar e jantar.
Fonte: *Acrópole*, nº 8, p. 25, 1938.

PROJETO 20 – residência

Proprietário: Matheus Galdi Santamaria

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1938 (projeto)

Endereço: Rua Morro Verde, 21

Endereço atual: Rua Morro Verde, 95

Bairro: Pacaembu

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1938.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.

Acrópole. São Paulo: nº 25, p. 24-8, 1940.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 8
- Serviço: 7

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 350 m²

- Térreo: 210 m²
- Pavimento Superior: 140 m²

Terreno: 720 m²

EDUARDO KNESE DE MELLO
ENRQ. ARQUITETO.

PROJECTO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA RESIDENCIA

PARA O EXMO. N. DR. MATHEUS SANTAMARIA... RUA MORRO VERDE - PACAEMBU...

0 1 3 6 10

P20.1 Projeto, 1938.
Fonte: Acervo Cia. City.

Fornecedores:

Aparelhos de iluminação – Gravina & Cia. Ltda.

Azulejos portugueses (fonte e banco) – Casa São Nicolau

Impermeabilizações – Otto Baumgart

Mobiliário – Móveis Teperman

Serviços de ferro batido – Alexandre Szabo

Telhas, cal, tijolo, areia etc. – João Ferraro

Aquecedor de água (elétrico e automático) “Cumulus” – Walter Braun (instalação)

P20.2 Fachada principal
 Fonte: *Acrópole*, n° 25, p. 24, 1940.

P20.3 Detalhe do pátio.
 Fonte: *Acrópole*, n° 25, p. 25, 1940.

P20.4 Hall.

Fonte: *Acrópole*, n° 25, p. 27, 1940.

P20.5, P20.6, P20.7 Sala de estar, grade divisória entre as salas, sala de jantar.

Fonte: *Acrópole*, n° 25, p. 26-7, 1940.

P20.8 Escritório .

Fonte: *Acrópole*, n° 25, p. 28, 1940.

P20.9 Hall escada – pavimento superior .

Fonte: *Acrópole*, n° 25, p. 28, 1940.

PROJETO 21 – residência

Proprietário: Eduardo Kneese de Mello e Octávio Mendes Filho

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1938 (projeto)

Endereço: Rua Atibaia, 50 (esquina com Rua João Ramalho)

Endereço atual: Rua Atibaia, 218

Bairro: Pacaembu

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1938.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 4
- Serviço: 3

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 195 m²

- Térreo: 92 m²
- Pavimento Superior: 75 m²
- Dependências: 28 m²

Terreno: 400 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P21.1 Projeto, 1938.
Fonte: Acervo Cia. City.

PROJETO 22 – residência

Proprietário: Eduardo Kneese de Mello

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1938 (projeto)

Endereço: Rua Chile, 36 (entre a Rua Martinica e Avenida Brasil)

Endereço atual: Avenida 9 de Julho, 4346

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1938.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 4
- Serviço: 5

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 195m²

- Térreo: 110 m²
- Pavimento Superior: 85m²

Terreno: 400 m²

Fornecedores: informação não encontrada

PROJETO 23 – residência

Proprietário: Hermínio Mazzini

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1938 (projeto)

Endereço: Rua Itatiba

Bairro: Pacaembu

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1938.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 1 (térreo)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 5
- Íntimo: 4
- Serviço: 4

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 160 m²

- Térreo: 137 m²
- Garagem: 23 m²

Terreno: 400 m²

Fornecedores: informação não encontrada

uma residência para o sr. Fernando Páez — Eduardo Krieger de Mello - arquiteto - 20-III-1938

Eduardo Krieger de Mello

gradil

escala 1:70

0 1 3 6 10

P23.1 Projeto, 1938.
Fonte: Acervo Cia. City.

PROJETO 24 – residência

Proprietário: Alexandre Tito Labat

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1938 (projeto), 1939 (construção)

Endereço: Rua Chile, 61

Bairro: Jardim América

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Cia. City, 1937 (compra do lote).

Diário Oficial de São Paulo, 1938.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.

Acrópole. São Paulo: nº 10, p. 40-6, 1939.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 7
- Serviço: 7

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 335 m²

- Térreo: 175 m²
- Dependências: 40 m²
- Pavimento Superior: 120 m²

Terreno: 740 m²

Fornecedores :

Piso – Cerâmica São Caetano

P24.1 Projeto, 1938.

Fonte: *Acrópole*, n° 10, p. 40, 1939.

P24.2 Fachada principal
Fonte: *Acrópole*, n° 10, p. 41, 1939.

P24.3, P24.4 Vistas do terraço
 Fonte: *Acrópole*, nº 10, p. 42, 1939.

P24.5 *Vestíbulo*.
 Fonte: *Acrópole*, nº 10, p. 43, 1939.

P24.6, P24.7, P24.8 Vistas da sala de estar.
 Fonte: *Acrópole*, nº 10, p. 43-4, 1939.

P24.9 Sala de jantar.
Fonte: *Acrópole*, nº 10, p. 45, 1939.

P24.10 Escritório.
Fonte: *Acrópole*, nº 10, p. 45, 1939.

P24.11, P24.12 Vistas da dormitório.
Fonte: *Acrópole*, nº 10, p. 46, 1939.

P24.13 Banheiro.
Fonte: *Acrópole*, nº 10, p. 46, 1939.

PROJETO 25 – residência

Proprietário: George Stanley Smith

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1939 (projeto e construção)

Endereço: Rua Honduras, 90

Bairro: Jardim Paulista

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.

Acrópole. São Paulo: nº 17, p. 16-8, 1939.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 5
- Íntimo: 7
- Serviço: 3

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 190 m²

- Térreo: 100 m²
- Pavimento Superior: 90 m²

Terreno: informação não encontrada

Fornecedores:

Lareira – Cerâmica São Caetano

P25.2, P25.3 Fachada principal e detalhe da entrada.
 Fonte: *Acrópole*, nº 17, p. 17, 1939.

P25.4, P25.5 Vista parcial das salas de estar e jantar, sala de estar.
 Fonte: *Acrópole*, nº 17, p. 18, 1939.

PROJETO 26 – residência

Proprietário: Manoel Arantes Matheus

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1939 (projeto)

Endereço: Rua Polônia, 88

Endereço atual: Rua Polônia, 88

Bairro: Jardim Europa

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.

Acrópole. São Paulo: nº 28, p. 125-30, 1940.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 10
- Íntimo: 10
- Serviço: 11

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 515 m²

- Térreo: 252 m²
- Dependências: 90 m²
- Pavimento Superior: 173 m²

Terreno: 1875 m²

P26.1 Projeto, 1939.
Fonte: *Acrópole*, n° 28, p. 126, 1940.

Fornecedores:

- Revestimento externo (pó de pedra lavada a ácido) – Casa Franceza - V. Isnard & Cia.
- Impermeabilização – Otto Baumgart
- Azulejos portugueses – Casa São Nicolau
- Lareira e molduras – Casa Franceza - V. Isnard & Cia.
- Tapetes – Manufatura de tapetes Sta. Helena Ltda.
- Cortinas de tapeçaria Ludovico – Ludwig Wallerstein

P26.1 Projeto, 1939.
 Fonte: *Acrópole*, nº 28, p. 126, 1940.

P26.2, P26.3, P26.4 Vistas da fachada principal.
 Fonte: Acrópole, n° 28, p. 125 e 127, 1940.

P26.5, P26.6 Entrada principal e lateral.
Fonte: *Acrópole*, n° 28, p. 127-8, 1940.

P26.7 Detalhe do jardim.
Fonte: *Acrópole*, n° 28, p. 128, 1940.

P26.8, P26.9 Vistas parciais do hall e sala de estar.
 Fonte: *Acrópole*, nº 28, p. 129, 1940.

P26.10, P26.11 Salas de estar e jantar.
 Fonte: *Acrópole*, nº 28, p. 130, 1940.

PROJETO 27 – residência

Proprietário: Horácio e Clotilde Kneese de Mello

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1939 (projeto e construção)

Endereço: Rua Maestro Chiafarelli, 791

Endereço atual: Rua Maestro Chiafarelli, 791

Bairro: Jardim Paulista

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.

Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor

- Social: 9
- Íntimo: 9
- Serviço: 11

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 515 m²

- Térreo: 268 m²
- Dependências: 22m²
- Pavimento superior: 225 m²

Terreno: 880 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P27.1 Projeto, 1939.

Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

P27.2 Vista parcial da fachada principal.
Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

PROJETO 28 – residência

Proprietário: Moacyr Moreira

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1940 (projeto e construção)

Endereço: Rua do Ouro, 92

Bairro: Brooklin

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.

Acrópole. São Paulo: nº 30, p. 203-8, 1940.

Dados do projeto

Numero de pavimentos: 1

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 9
- Íntimo: 5
- Serviço: 6

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 380 m²

Terreno: informação não encontrada

P28.1 Projeto, 1940.
 Fonte: *Acrópole*, nº 30, p. 204, 1940.

Fornecedores :

Impermeabilização – Usina Produtos Bianco

Azulejos portugueses – Casa São Nicolau

Piso interno – Cerâmica São Caetano

Carpintaria – Irmãos Cutolo

Aquecedor de água (elétrico e automático) “Cumulus” – Walter Braun (instalação)

Lustres e arandelas – Oficina Artística Ltda.

P28.2, P28.3, P28.4, P28.5 Vistas da fachada.
 Fonte: *Acrópole*, nº 30, p. 203 e 205-6, 1940.

P28.6 Pátio.
Fonte: *Acrópole*, nº 30, p. 206, 1940.

P28.7, P28.8, P28.9 Vistas do terraço.
Fonte: *Acrópole*, n° 30, p. 207, 1940

P28.10 Sala de estar.
Fonte: *Acrópole*, n° 30, p. 208, 1940.

P28.11 Escritório.
Fonte: *Acrópole*, n° 30, p. 208, 1940.

PROJETO 29 – residência

Proprietário: Eduardo Kneese de Mello

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1940 (projeto)

Endereço: Rua Antonio Bento, 399

Bairro: Jardim Paulista

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.

Acrópole. São Paulo: nº 37, p. 9-13, 1941.

Revista de Engenharia Mackenzie. São Paulo: nº 78, s.p., 1941.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 5
- Íntimo: 10
- Serviço: 7

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 380 m²

- Térreo: 227 m²
- Pavimento Superior: 153 m²

Terreno: informação não encontrada

P29.1 Projeto, 1940.
Fonte: *Acrópole*, nº 37, p. 12-3, 1941.

Fornecedores:

Portas e Janelas – Irmãos Cutolo

Lustres e ferragens – Oficina Artística Ltda.

Aquecedor de água (elétrico e automático) “Cumulus” – Walter Braun (instalação)

Pintura – Francisco Lenk

Parquet – Bacellar e Cia.

P29.2, P29.3, P29.4 Vistas da fachada.
Fonte: *Acrópole*, n° 37, p. 9 e 12, 1941.

P29.5, P29.6 Muro e portão lateral.
Fonte: *Engenharia Mackenzie*, n° 78, s.p., 1941.

P29.7, P29.8 Detalhes da fachada e janela com rótula e beiral de madeira.
Fonte: *Engenharia Mackenzie*, n° 78, s.p., 1941; *Acrópole*, n° 37, p. 13, 1941.

P29.9, P29.10, P29.11 Detalhes da arcada do terraço
Fonte: Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

P29.12 Porta de entrada.
Fonte: *Acrópole*, nº 37, p. 13, 1941.

P 29.13 Vestíbulo.
Fonte: Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

P29.14 Banheiro.
Fonte: Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

PROJETO 30 – residência

Proprietário: Ernesto Soares

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1940 (projeto)

Endereço: Avenida 9 de Julho, 87

Bairro: Jardim Paulista

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.

Acrópole. São Paulo: nº 38, p. 69-72, 1941.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 5
- Íntimo: 9
- Serviço: 6

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 300 m²

- Térreo: 140 m²
- Dependências: 46 m²
- Pavimento Superior: 114 m²

Terreno: 475 m²

Fornecedores: informação não encontrada

PAVº SUPERIOR

P30.1 Projeto, 1940.
Fonte: *Acrópole*, nº 38, p. 70, 1941.

P30.2, P30.3 Fachada principal e detalhe do balcão.
 Fonte: *Acrópole*, n° 38, p. 69-70, 1941.

P30.4, P30.5 Detalhes do terraço.
Fonte: *Acrópole*, nº 38, p. 69-70, 1941.

P30.6, P30.7 Vistas da sala de estar.
 Fonte: *Acrópole*, n° 38, p. 71, 1941.

P30.8 Sala de jantar.
 Fonte: *Acrópole*, n° 38, p. 72, 1941.

P30.9 Dormitório.
 Fonte: *Acrópole*, n° 38, p. 72, 1941.

PROJETO 31 – residência

Proprietário: Edith Queiroz Mattoso

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1940 (projeto definitivo)*

Endereço: Avenida Rebouças, 93

Endereço atual: Avenida Rebouças, 2679

Bairro: Pinheiros

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938* e 1940*.

Acrópole. São Paulo: nº 42, p. 230-2, 1941.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 7
- Serviço: 5

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 260 m²

- Térreo: 184 m²
- Pavimento Superior: 76 m²

Terreno: 900 m²

Fornecedores:

Telhas – João Ferraro

P31.1 Projeto, 1940.

Fonte: *Acrópole*, nº 42, p. 230-1, 1941; Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo.

*Consta no acervo da Prefeitura Municipal de São Paulo um projeto aprovado em 1938 nesse endereço, cujo proprietário era Eduardo Kneese de Mello, porém o projeto construído sofreu alterações (acréscimo de dois dormitórios, total de 39 m²), no ano de 1940.

P31.2, P31.3 Fachada principal e detalhe do terraço frontal.
Fonte: *Acrópole*, n° 42, p. 230, 1941.

P31.4, P31.5 Detalhes da fachada.
Fonte: *Acrópole*, n° 42, p. 231, 1941.

P31.6 Sala de estar.
Fonte: *Acrópole*, n° 42, p. 232, 1941.

P31.7 Dormitório.
Fonte: *Acrópole*, n° 42, p. 232, 1941.

P31.8 Fachada principal.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

PROJETO 32 – residência

Proprietário: Agenor Camargo

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1940 (projeto)

Endereço: Rua Dr. Veiga Filho, 441

Bairro: Santa Cecília

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.

Acrópole. São Paulo: n° 46, p. 393-4, 1942.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 8
- Íntimo: 9
- Serviço: 8

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 350 m²

- Térreo: 167 m²
- Dependências: 40 m²
- Pavimento Superior: 143 m²

Terreno: 615 m²

P32.2 Fachada principal.

Fonte: *Acrópole*, n° 46, p. 393, 1942.

P32.3, P32.4 Detalhes da fachada.
 Fonte: *Acrópole*, n° 46, p. 394, 1942.

PROJETO 33 – residência

Proprietário: Benedita Costa

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1941 (projeto)

Endereço: Rua Doutor David Campista, 84

Endereço atual: Rua Doutor David Campista, 84

Bairro: Jardim Paulista

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.

Acrópole. São Paulo: nº 46, p. 391-2, 1942.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 1 (térreo)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 2
- Íntimo: 3
- Serviço: 5

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 170 m²

- Térreo: 130 m²
- Dependências: 40 m²

Terreno: 360 m²

Fornecedores:

Ladrilhos Cerâmicos – J. M. Gonçalves de Almeida

Tijolos, areia e pedregulho – Fernando Bizzarri

Serralheria – Soc. Técnica de Esquadrias Metálicas Ltda.

P33.1 Projeto, 1940.

Fonte: *Acrópole*, nº 46, p. 391, 1942.

P33.2, P33.3 Fachada principal e lateral.
 Fonte: *Acrópole*, n° 46, p. 391-2, 1942.

P33.4 Detalhe da entrada principal.
 Fonte: *Acrópole*, n° 46, p. 391, 1942.

P33.5 Sala de estar.
 Fonte: *Acrópole*, n° 46, p. 392, 1942.

P33.6, P33.7 Fachada principal e lateral.
 Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

PROJETO 34 – residência

Proprietário: Horácio Vaz Guimarães

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1941 (projeto)

Endereço: Avenida Europa, 352

Endereço atual: Avenida Europa, 352

Bairro: Jardim Europa

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.

Acrópole. São Paulo: n° 48, p. 436-8, 1942.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 7
- Serviço: 4

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 240 m²

- Térreo: 150 m²
- Dependências: 10 m²
- Pavimento Superior: 80 m²

Terreno: informação não encontrada

0 1 3 6 10

P34.1 Projeto, 1941.
Fonte: *Acrópole*, n° 48, p. 436, 1942.

Fornecedores:

Tijolo, areia e pedregulho – Fernando Bizzarri

Serviço de “Terrazzo” – Francisco Cataldi

P34.2, P34.3 Fachada principal e lateral.
 Fonte: *Acrópole*, n° 48, p. 436-7, 1942.

P34.4, P34.5 Detalhes das fachadas.
Fonte: *Acrópole*, nº 48, p. 437, 1942.

P34.6 Sala de estar.
 Fonte: *Acrópole*, nº 48, p. 438, 1942.

P34.6 Salas de estar e jantar.
 Fonte: *Acrópole*, nº 48, p. 438, 1942.

PROJETO 35 – residência

Proprietário: José Vaz Guimarães

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1941 (projeto)

Endereço: Avenida Europa, 356

Endereço atual: Avenida Europa, 356

Bairro: Jardim Europa

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.

Acrópole. São Paulo: n° 48, p. 439-40, 1942.

Dados do Projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 6
- Íntimo: 6
- Serviço: 4

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 220 m²

- Térreo: 100 m²
- Dependências: 30 m²
- Pavimento Superior: 90 m²

Terreno: 332 m²

Fornecedores:

Janelas – Irmão Cutolo.

P35.1 Projeto, 1941.
Fonte: *Acrópole*, n° 48, p. 439, 1942.

P35.2 Fachada principal.
Fonte: *Acrópole*, n° 48, p. 439, 1942.

P35.3, P35.4 Detalhes da fachada.
Fonte: *Acrópole*, n° 48, p. 439, 1942.

P35.5 Hall e escadaria.
Fonte: *Acrópolis*, n° 48, p. 440, 1942.

P35.6 Salas de estar e jantar.
Fonte: *Acrópolis*, n° 48, p. 440, 1942.

PROJETO 36 – residência

Proprietário: Sylvio Suplicy

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1941 (projeto)

Endereço: Rua Maestro Elias Lobo, 885

Endereço atual: Rua Maestro Elias Lobo, 885

Bairro: Jardim Paulista

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.

Acrópole. São Paulo: nº 34, p. 355-8, 1941.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 3
- Íntimo: 5
- Serviço: 3

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 210 m²

- Térreo: 115 m²
- Pavimento Superior: 95 m²

Terreno: informação não encontrada

Fornecedores:

Lustres – Oficina Artística Ltda.

P36.2 Fachada principal.
Fonte: *Acrópole*, n° 34, p. 355, 1941.

P36.3, P36.4 Detalhe da fachada e terraço.
Fonte: *Acrópole*, n° 34, p. 356, 1941.

P36.5 Hall e escadaria.
Fonte: *Acrópole*, n° 34, p. 358, 1941.

P36.7 Lareira e detalhe da sala de estar.
Fonte: *Acrópole*, n° 34, p. 357, 1941.

P36.6 Vista parcial das salas de estar e jantar.
Fonte: *Acrópole*, n° 34, p. 357, 1941.

P36.8 Sala de jantar e detalhe da escada.
Fonte: *Acrópole*, n° 34, p. 358, 1941.

PROJETO 37 – casas econômicas com 2 e 3 dormitórios

Proprietário: Banco Hipotecário Lar Brasileiro

Projeto: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1942 (projeto)

Endereço: Rua Deputado Lacerda Franco x Rua Galeno de Almeida x Rua Pedroso de Moraes

Bairro: Pinheiros

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.

Acrópole. São Paulo: n° 52, p. 159, 1942.

Dados do projeto

Número de residências com 2 dormitórios: 14 (gemidas)

Número de residências com 3 dormitórios: 10 (com recuos)

Número de pavimentos das residências: 1

Quantidade de cômodos por setor:

Residência com 2 dormitórios:

- Social: 2
- Íntimo: 3
- Serviço: 1

Residência com 3 dormitórios:

- Social: 2
- Íntimo: 4
- Serviço: 2

P37.1 Projeto, 1942.

Fonte: *Acrópole*, n° 52, p. 159, 1942.

Áreas aproximadas (m²):

Residência de 2 dormitórios: 65 m²

Residência de 3 dormitórios: 75 m²

Terreno (residência com 2 dormitórios): 170 m²

Terreno (residência com 3 dormitórios): 220 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P37.2 Fachada principal e planta da residência de três dormitórios.
 Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

P37.3 Fachada.

Fonte: *Acrópole*, n° 52, p. 159, 1942.

PROJETO 38 – residência

Proprietário: Isaura Pierotti Álvares de Lima

Projeto e construção: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1943 (projeto)

Endereço: Avenida Rebouças, 2429

Endereço: Avenida Rebouças, 2659

Bairro: Pinheiros

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 9
- Íntimo: 10
- Serviço: 10

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 655 m²

- Térreo: 357 m²
- Dependências: 32 m²
- Pavimento Superior: 266 m²

Terreno: 1720 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P38.2 Fachada principal.

Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

PROJETO 39 – residência

Proprietário: Francisco de Assis e Almeida

Projeto: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Construção: Sociedade de Engenharia Cyro Ribeiro Pereira Ltda.

Ano: 1947 (publicação)

Endereço: Rua Oscar Pereira e Silva, 7

Bairro: Itaim Bibi

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acrópole. São Paulo: n° 113, p. 142-3, 1947.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 4
- Íntimo: 6
- Serviço: 2

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 230 m²

- Térreo: 125 m²
- Pavimento Superior: 105 m²

Terreno: inform ação não encontrada

Fornecedores:

Impermeabilização – Vedacit/ Otto Baumgart

P39.1 Projeto, 1947.
 Fonte: *Acrópole*, nº 113, p. 142, 1947.

P39.2, P39.3 Fachada principal e detalhe.
 Fonte: *Acrópole*, n° 113, p. 142, 1947.

P39.4, P39.5 Vistas da sala de estar.
 Fonte: *Acrópole*, nº 113, p. 143, 1947.

PROJETO 40 – residência

Proprietário: Marcos Lindenberg

Projeto: arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1949 (projeto)

Endereço: informação não encontrada

Bairro: Santo Amaro

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Revista de Engenharia Mackenzie. São Paulo: nº 98, s.p., 1950.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 1 (térreo)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 2
- Íntimo: 4
- Serviço: 4

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 200 m²

Terreno: informação não encontrada

Fornecedores: informação não encontrada

P40.1 Projeto, 1949.

Fonte: *Revista de Engenharia Mackenzie*, n° 98, p. 44-5, 1950.

M.L.

S. PAULO - BRASIL

EDUARDO KNEESE DE MELLO ARQUITETO

P40.2, P40.3 Anteprojetos.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P40.4, P40.5 Maquete.

Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P40.6, P40.7 Maquete – vista superior.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P40.8, P40.9 Fachada principal.

Fonte: Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães; Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P40.10, P40.11, P40.12 Detalhes da fachada principal.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo;
Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello
Guimarães.

PROJETO 41 – residência

Proprietário: informação não encontrada

Projeto: arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1951 (projeto).

Endereço: Rua Itália

Bairro: Jardim Europa

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acrópole. São Paulo: n° 157, p. 8, 1951.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 6
- Íntimo: 6
- Serviço: 6

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 290 m²

- Térreo: 165 m²
- Pavimento Superior: 125 m²

Terreno: 610 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P41.1 Projeto, 1951.
 Fonte: *Acrópole*, nº 157, p. 8, 1951.

P41.2 Fachada principal.

Fonte: *Acrópole*, n° 157, p. 8, 1951.

P41.3 Fachada posterior.
Fonte: *Acrópole*, n° 157, p. 8, 1951.

PROJETO 42 – residência

Proprietário: Eduardo Kneese de Mello

Projeto: engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1952 (publicação)

Endereço: informação não encontrada

Cidade: Cotia, SP.

Acervos e Publicações

Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

Acrópole. São Paulo: n° 172, p. 137, 1952.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 2
- Íntimo: 6
- Serviço: 3

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 151 m²

- Térreo: 60 m²
- Pavimento Superior: 91 m²

Terreno: informação não encontrada

Fornecedores: informação não encontrada

P42.1 Projeto, 1952.
 Fonte: *Acrópole*, n° 172, p. 137, 1952.

P42.2 Perspectiva.

Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P42.3 Maquete – vista frontal.
Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

PROJETO 43 – residência

Proprietário: Horácio Kneese de Mello

Projeto: arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1955 (publicação)

Endereço: informação não encontrada

Cidade: Cotia, SP.

Acervos e Publicações

Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

Casa e Jardim. São Paulo: n° 15, p. 22-5, 1955.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 1 (térreo)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 2
- Íntimo: 4
- Serviço: 3

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 91 m²

Terreno: informação não encontrada

Fornecedores:

Método Construtivo - Uni-Seco

P43.1 Projeto, 1955.
 Fonte: *Casa e Jardim*, nº 15, p. 22, 1952.

P43.2 Projeto, sem escala.

Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

P43.3, P43.4 Fachada posterior - detalhe do sistema construtivo com painéis pré-fabricados.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P43.5, P43.6 Fachada principal.
 Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P43.7, P43.8 Fachada principal e lateral.
 Fonte: *Casa e Jardim*, nº 15, p. 23 e 25, 1952.

P43.9, P43.10 Detalhes fachada principal e lateral.
 Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P43.11 Sala de estar.

Fonte: *Casa e Jardim*, n° 15, p. 24, 1952.

PROJETO 44 – residência

Proprietário: José Altino Machado

Projeto: arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Construção: M. Rebelo Ltda.

Ano: 1965 (projeto)

Endereço: Rua João Moura, 1483.

Bairro: Pinheiros

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1965.

Acervo Caio Machado.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 1 (térreo)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 5
- Íntimo: 6
- Serviço: 7

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 250 m²

Terreno: 650 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P44.2 Fachada principal.
Fonte: Acervo Caio Machado.

PROJETO 45 – residência

Proprietário: Arno Hering

Projeto: arquiteto Eduardo Kneese de Mello

Ano: 1973 (projeto); 1974 (construção)

Endereço: informação não encontrada

Bairro: Chácara Flora

Cidade: São Paulo

Acervos e Publicações

Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Dirigente Construtor. São Paulo: s.n., p. 47-52, ago. 1974.

Dados do projeto

Número de pavimentos: 2 (térreo + 1)

Quantidade de cômodos por setor:

- Social: 7
- Íntimo: 6
- Serviço: 6

Áreas aproximadas (m²):

Construção: 690 m²

- Térreo: 258 m²
- Dependências: 163 m²
- Pavimento Superior: 269 m²

Terreno: 1370 m²

Fornecedores: informação não encontrada

P45.1 Projeto, 1973.

Fonte: *Dirigente Construtor*, s.n., p. 50-1, 1974.

P45.2, P45.3, P45.4, P45.5 Fachada principal.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P45.6, P45.7 Detalhes fachada principal.

Fonte: *Dirigente Construtor*, s.n., p. 47, 1974; Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P45.8, P45.9, P45.10 Detalhes fachadas.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P45.11 Fachada posterior.
Fonte: *Dirigente Construtor*, s.n., p. 51, 1974.

P45.12, P45.13 Edícula.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

P45.14 Sala de estar.
Fonte: *Dirigente Construtor*, s.n., p. 50, 1974.

3.2.2 CARACTERIZAÇÃO GERAL

Os primeiros projetos residenciais elaborados por Eduardo Kneese de Mello, em meados das décadas de 1930 e 1940, nos mais distintos bairros da cidade de São Paulo, caracterizam-se por estarem fortemente vinculados aos conhecimentos adquiridos em sua formação universitária (Mackenzie College, 1932) e, também, por se mostrarem resultado das mudanças ocorridas nos modos de morar da elite e classe média paulistanas, a partir das primeiras manifestações do Ecletismo, no final do século XIX.

A arquitetura dessas residências seguiu as referências anteriores de casas projetadas para tais camadas, consolidadas desde o final do século XIX, advindas de novos conceitos, novos hábitos e da nova maneira de morar. Kneese adotou características como a implantação isolada dos limites do terreno, proporcionada por recuos dos alinhamentos da rua e das divisas do lotes; critérios já estabelecidos pela legislação edilícia. Além desta característica de implantação, utilizou arranjos e divisões convencionais referentes à organização interna dos espaços, contrários à superposição dos setores social, íntimo e de serviço ou a novas proposições dos hábitos de morar.

Silvia Wolff, ao analisar a arquitetura residencial preponderante no Jardim América, faz uma colocação pertinente sobre as casas projetadas pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, e não só àquelas projetadas para os bairros-jardins da Cia. City:

Residências que se articulavam em esquemas distributivos que pouco variavam, fixando-se em pouquíssimas soluções de plantas das quais resultavam volumes também muito pouco diferenciados. As linguagens plásticas e decorativas que conferiam certa diversificação à aparência final das casas revestiam esses arcabouços de soluções espaciais fixas. (WOLFF, 2001, p. 152-3).

Com relação às características formais e suas manifestações estilísticas, a maior parte das residências projetadas por Kneese de Mello – 39 exemplares, como pôde ser observado nas fichas técnicas apresentadas (projeto 1 ao 39, p. 154 a 345) – se encontra profundamente vinculada ao Ecletismo tardio do terceiro e quarto decênios do século XX. Apresentam, em sua maioria, características formais referenciadas em estilos regionalistas, dos quais o neocolonial prevalece, seja ele aludido ao hispano-americano ou luso-brasileiro.

A escolha da aparência dessas casas, na época, se condicionava, de modo geral, pelo desejo e gosto de seus proprietários, conforme depoimento do próprio arquiteto. Esses clientes, por sua vez, representantes das famílias paulistas de maior poder aquisitivo, gostavam de ver reproduzidos determinados padrões estilísticos, por os compreenderem como sinônimos de progresso e status social, além de expressarem uma identificação social com os hábitos das metrópoles europeias e, posteriormente, com os padrões e modos de morar norte-americanos.

Mais do que uma moradia, o cliente buscava a representação de um “estilo” de vida que reencontrasse “em algum lugar do passado” origens aristocráticas. Nessa busca o arquiteto era um auxiliar competente, detentor de um conhecimento histórico-artístico que permitia a reprodução do cenário sem grandes entreechos com as condições de produção do momento. (THOMAZ, 1992-3, p. 80).

Desses 39 projetos residenciais relacionados às características formais do Ecletismo, apenas dois foram elaborados para moradia de setores da população de renda mais baixa. Foram desenvolvidos, como forma de investimento para seus proprietários, com o propósito de serem alugadas^[24] por operários e trabalhadores. As fichas técnicas desses projetos podem ser observadas no item anterior: Projeto 3 – Casas econômicas propriedade de Waldemar Sampaio Cintra (p. 170 a 173); Projeto 37 – Residências econômicas construídas pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro (BHLB, p. 334 a 337).

Conhecidas pela alcunha de casas econômicas ou operárias, elas seguiam o padrão estipulado pela legislação municipal, ou seja, casas de, no mínimo, três cômodos: sala, quarto e cozinha, com a superposição de funções ou de atividades domésticas. Esses dois projetos diferem entre si somente pela distribuição espacial, sendo um composto por sobrados geminados^[25] e outro por casas térreas. Em ambos, nota-se o emprego do *neocolonial simplificado*^[26], com características formais mais próximas ao *Mission Style*.

[24] Os imóveis construídos por investidores ou companhias particulares para moradia de aluguel foram o modo predominante de habitação da população paulistana até a promulgação da Lei do Inquilinato, em 1942.

[25] Carlos Lemos (1989, p. 77) afirma que “a década dos anos vinte consolidou o ‘sobradinho ford’, apelido inspirado na fabricação em série do carro Ford, tantos foram os conjuntos que surgiam da noite para o dia e isso até os meados da década dos anos quarenta no império do *Art-déco*. Em bem menor escala, são feitos até hoje”.

[26] A expressão *neocolonial simplificado* foi cunhada por Carlos Lemos em seu livro *Alvenaria Burguesa* (1989, p. 183).

Os outros seis projetos expressam gradual abandono da ornamentação por meio de uma linguagem mais pragmática e são considerados como os representantes da segunda etapa de sua trajetória profissional; correspondem às fichas técnicas de número 40 a 45 no item anterior (p. 346 a 379). Elaborados em épocas distintas, entre 1949 e 1974, relacionam-se diretamente com os princípios da Arquitetura Moderna, porém, como veremos a seguir, a distribuição e organização interna dos cômodos pouco se diferem dos primeiros projetos.

Nota-se, pelo pequeno número de projetos localizados, que a destinação das obras às residências unifamiliares não permaneceu com tanta assiduidade nessa segunda fase. Abriram-se novas demandas e interesses. Foi um período de mudança de ideário que se caracterizou por um novo percurso, deixando de representar o apreço por certos valores da burguesia e pela cultura do ecletismo, para atender à coletividade mediante projetos voltados à habitação de interesse social e outros programas, como hospitais, mercados municipais e cemitérios. Nesse novo momento, passou-se a questionar qual a função social do arquiteto e o real significado de seu trabalho.

Com a crescente urbanização da cidade de São Paulo, iniciada no último quartel do século XIX e continuada nas primeiras décadas do século XX, a presença dos novos loteamentos para as famílias mais abastadas da sociedade deixou de ser uma novidade. Na década de 1930, bairros como o Jardim América, Pacaembu e Jardim Europa já estavam integrados à paisagem da cidade e passaram a ser plenamente ocupados.

As residências projetadas por Kneese de Mello se distribuem por vários bairros da cidade de São Paulo, porém aparecem em maior quantidade nos loteamentos destinados à elite e à classe média, independente da época em que foram projetadas e/ou construídas.

A partir dos projetos selecionados, buscou-se sistematizar as informações coletadas de uma maneira que facilitasse a compreensão dos bairros em que Kneese mais construiu, entre os anos de 1934 e 1973. Conforme se pode observar no gráfico (Fig. 3.46) e mapa (Fig. 3.47), essas residências se localizam, em sua maioria, no vetor sudoeste da capital paulista, principalmente nos seguintes bairros: Jardim América, Jardim Paulista, Pacaembu, Pinheiros e Jardim Europa.

1934 - 1973

Brooklin Chácara Flora Ipiranga Itaim Bibi Jardim América Jardim Europa
 Jardim Paulista Pacaembu Paraíso Pinheiros Santa Cecília Santo Amaro
 Cotia, SP

3.46 Relação entre os bairros e a quantidade de residências projetadas pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello entre 1934 e 1973. Foram apresentados somente os projetos que compõem o estudo de casos.
 Fonte: Sistematização e levantamento executados pela autora.

3.47 Localização e quantificação das residências projetadas por Eduardo Kneese de Mello entre 1934 e 1973. São expostos somente os projetos selecionados para o estudo de casos.
 Fonte: Sistematização e levantamento executados pela autora.

3.2.3 PROGRAMAS FUNCIONAIS

Quase como um arquétipo, como um pressuposto, único a ser sempre seguido e nunca questionado, os programas, ambientes e zonas das residências que compõem o estudo de casos desta tese, ecléticas ou modernas, a partir de esquemas distributivos conservadores e persistentes, com escassas variações ou quase nenhuma. Também parece contribuir para essas analogias a utilização de materiais e sistemas estruturais e construtivos muito similares. Por tal razão, portanto, apresentam poucas diferenças de soluções em suas plantas, na maioria das vezes, assimétricas e compostas dentro de concepções pitorescas de agregação de ambientes.

A organização espacial dessas residências projetadas foi herdada do processo de redefinição pelo qual passou a casa burguesa, iniciado no final do século XIX após a chegada do Ecletismo e dos novos modos de morar.

A partir daquele momento, o modelo a ser seguido era o do palacete europeu, com os espaços divididos em três setores sempre muito bem delineados e nunca superpostos: o relativo ao social, responsável pela intermediação com a vida pública; o da esfera íntima, de espaços privativos ao uso dos familiares; e o concernente aos serviços, no qual se exerciam as atividades domésticas que garantiam o funcionamento da casa.

Uma das principais características das residências unifamiliares projetadas por Kneese está na organização em torno de esquemas distributivos determinados pela divisão tripartida. Os elementos garantidores e organizadores desse tipo de hierarquia espacial foram as entradas independentes para a área de uso social por intermédio de vestíbulos ou halls que possibilitavam o acesso aos visitantes; e as entradas, distintas, para a área destinada aos serviços domésticos. Nas casas de dois pavimentos, existiam ainda os corredores e as escadas que também possuíam esse papel divisor de setores.

Esse novo tipo de distribuição e organização espacial, conhecido como morar à francesa^[27], significou o abandono de velhos hábitos, especialmente aqueles que toleravam cômodos ou zonas de passagem obrigatória. Carlos Lemos explica que,

Naquele tempo do início do modernismo, só a intenção plástica era deflagradora do movimento renovador. Uma nova roupagem no arcabouço antigo e só. O cliente a duras penas cativado aceitava o frontispício de sua casa despojado de atavios mas não tolerava modernidades no seu cotidiano e daí os programas ainda ligados ao viver antigo, ao esquema nascido com o palacete isolado gerado pela sociedade cafezista e tão difundido pelos grandes arquitetos vindos do século XIX, como Ramos de Azevedo. Esse esquema de circulação domiciliar equacionava a moradia em três zonas perfeitamente distintas: a de estar, a de repouso e a de serviços, que englobava as acomodações da criada no quintal, a edícula, o elemento agregador característico de nossas casas burguesas. **A regra mandava que se fosse de uma zona à outra sem se passar pela terceira.** Daí, a importância do vestíbulo, do “hall”, elemento distribuidor dos passos e garantidor da intimidade e do resguardo das conveniências. Épocas das salas de visitas, da copa como sala íntima e da criadagem, viva representante da tradição do trabalho servil intramuros. (LE MOS, 1983, p. 5, grifos nossos).

Ao examinarmos cada um dos projetos selecionados, podemos notar muito mais semelhanças do que diferenças nos programas de necessidades. A área social dessas residências era composta, basicamente, por sala de estar, sala de jantar, escritório e lavabo (Fig. 3.48 e 3.49). Em apenas alguns casos, geralmente em casas com áreas maiores, outros cômodos foram previstos, dos quais os mais comuns eram: sala de almoço (Fig. 3.50), sala de costura (Fig. 3.51) e quarto de hóspedes (Fig. 3.52). Apenas na residência de Manoel Arantes Matheus (Projeto 26 – p. 276 a 283) encontramos espaços com usos diferentes dos supracitados, pois suas funções foram estabelecidas segundo a cultura e os costumes do proprietário: sala de música e sala de estudos (Fig. 3.53).

[27] Sobre esse tema, Carlos Lemos (1999b, p. 253-5) afirma que “[...] foram os álbuns publicados pelo arquiteto César Daly a grande fonte inspiradora dos arquitetos locais [...]. Aquelas publicações traziam o que havia de moderno no repertório das moradias finas levantadas na capital francesa nos tempos de Napoleão III. Nelas se aprendeu que o programa de necessidades previa com muita precisão a aglutinação das atividades domésticas em três grupos [...]. O exercício dos misteres domésticos era, então, compartimentado em 'zonas' distintas, separadas umas das outras de maneira tal que houvesse interdependência entre elas”.

3.48 Planta do pavimento térreo da residência Ismael Ribeiro de Barros, 1935.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.49 Planta do pavimento térreo da residência à Rua Itália, 1951.
Fonte: *Acrópole*, nº 157, p. 8, 1951.

3.50 Planta do pavimento térreo da residência de Mario Dias da Costa, 1936.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.51 Planta do pavimento térreo da residência de Jean Lecoq, 1937.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.52 Planta do pavimento térreo da residência de Horácio e Clotilde Kneese de Mello, 1939.
Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

3.53 Planta do pavimento térreo da residência de Manoel Arantes Matheus, 1939.
Fonte: *Acrópole*, nº 28, p. 126, 1940.

Em algumas residências projetadas a partir de meados da década de 1940, observamos a diminuição do número de cômodos. Nestas, a área social passa a ser constituída por um ou, no máximo, dois ambientes. No Projeto 39 (p. 342 a 345), elaborado para a residência de Francisco de Assis e Almeida, em 1947, pode-se observar a superposição de funções, pois o mesmo ambiente comporta a sala de visitas e a de jantar (Fig. 3.54). O mesmo ocorre na residência de Marcos Lindenberg (Projeto 40 – p. 346 a 353), conforme se observa na Fig. 3.55.

3.54 Planta do pavimento térreo da residência de Francisco de Assis e Almeida, 1947.

Fonte: Acrópole, no 113, p. 142, 1947

3.55 Planta do pavimento térreo da residência de Marcos Lindenberg, 1949.

Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

A área íntima apresentava, desde dois (Fig. 3.56) até no máximo quatro (Fig. 3.57) dormitórios, que eram servidos por, no mínimo, um banheiro completo. A única residência que difere dessa descrição foi elaborada para Theodoro Braga (Projeto 10 – p. 204 a 209) e possui apenas um dormitório (Fig. 3.58).

3.56 Planta do pavimento superior da residência de Antonio de Paiva Neto, 1937.
Fonte: *Acrópole*, nº 11, p. 33, 1939.

ANDAR SUPERIOR - ESC. 1100

3.57 Planta do pavimento superior da residência de Armando Costa Magalhães, 1934.
Fonte: *Record*, nº 8, p. 23, 1934.

3.58 Planta do pavimento superior da residência de Theodoro Braga, 1935.
Fonte: Acervo Prefeitura

Na maior parte das residências analisadas, principalmente naquelas que foram projetadas entre as décadas de 1930 e 1940, verificou-se a presença de um cômodo contíguo ao quarto principal chamado de tocador ou quarto de vestir (Fig. 3.59). A respeito desse cômodo, Silvia Wolff (2001, p. 157) esclarece que,

[...] caracterizava-se pela referência ao toilette ou boudoir, do programa habitacional europeu, nomes eventualmente adotados no Brasil. Remotamente, nas casas francesas, procedia-se ao banho nesse cômodo, em bacia para aí transportada. Na cultura do século XIX o toilette ou boudoir não foram espaços sinônimos e necessariamente excludentes. Com algumas variações, estiveram tradicionalmente ligados ao universo feminino. Eram locais de permanência prolongada e preservada da mulher. Nesses espaços, guarnecidos com escrivaninhas, poltronas, guarda-roupas, cômodas, camiseiros e penteadeiras ou psyché a dona da casa, na cultura burguesa, dedicava-se a escrever cartas, dar ordens a empregados graduados, vestir-se, arrumar-se.

3.59 Planta do pavimento superior da residência de Ismael Brandão, 1937.
Fonte: *Acrópole*, nº 6, p. 17, 1938.

O setor de serviços dessas casas era comumente composto por cozinha, copa, despensa, lavanderia, um pequeno banheiro e o quarto de empregada (Fig. 3.60). A copa^[28], quase sempre, caracterizava-se por ser um espaço de transição entre a sala de jantar e a cozinha, e se cristalizou como o centro de convivência da família. Em alguns projetos, um espaço reservado e com função similar ao de uma mesa de almoço, aparece no mesmo ambiente da copa ou da cozinha e recebe o nome de *nook*^[29] (Fig. 3.61). Este recinto aparece, frequentemente, em residências norte-americanas divulgadas pelo cinema e literatura (Fig. 3.62).

[28] A respeito do uso desse cômodo, Carlos Lemos (1976, p. 154) esclarece que “a copa tornou-se o local de estar preferido da classe média. A partir do início da década de 30, ganhou mais um habitante, o rádio – não mais o de galena e de fones individuais – mas o que falava alto dentro de artísticas caixas de madeira. [...] Na copa, as crianças faziam as lições, o dono da casa lia jornais enquanto a ‘patroa’ lavava o trem da cozinha ou a empregadinha dava uma ordem geral. A copa sempre foi anexa à cozinha, às vezes não existindo entre ambas separação alguma, quando muito, um arco largo. Chão sempre ladrilhado, as paredes de azulejos. Em algumas casas, recanto mais bem tratado, pisos assoalhados e janelas guarnecidas de cortinas [...]”.

[29] *Nook*, conforme dicionários de língua inglesa, significa: “sheltered quiet place or corner”.

3.60 Planta do pavimento térreo da residência de Américo Martins Santos Jr., 1935.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.61 Planta do pavimento térreo da residência de Silvio Suplicy, 1941.
Fonte: *Acrópole*, n° 34, p. 356, 1941.

3.62 Planta de residência norte-americana na qual se observa a presença de um *nook* (recanto) dentro do ambiente da cozinha.
Fonte: NEWCOMB, 1927, p. 39.

As acomodações destinadas aos empregados, quarto, banheiro e garagem, estiveram, por algumas vezes, integradas à construção principal, associadas ao setor de serviços (Fig. 3.63), geralmente voltado para o fundo do terreno. Em poucos casos, posteriores a 1950, a garagem agregada ao edifício se localizava na parte frontal do terreno (Fig. 3.64), adequando-se aos novos costumes vinculados ao *morar moderno*.

3.63 Planta do pavimento térreo da residência de Matheus Galdi Santamaria, 1938.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.64 Planta do pavimento térreo da residência de Arno Hering, 1973.
Fonte: *Dirigente Construtor*, s.n., p. 51, 1974.

No entanto, em algumas dessas residências, principalmente naquelas com dois pavimentos, esses cômodos se localizavam em construções auxiliares e anexas, “como um puxado no térreo, um braço que se desprendia da construção principal” (WOLFF, 2001, p. 158).

Essas edículas, muitas vezes assobradadas, estavam nos limites dos fundos e do recuo lateral do terreno. Elas possuíam, além das dependências dos empregados, um tanque de lavar roupas e, invariavelmente, uma garagem – a presença do automóvel já havia se consolidado no contexto urbano, como se pode notar nesses projetos (Fig. 3.65). A passagem para os automóveis era situada, constantemente, em uma das laterais da edificação principal.

3.65 Planta do pavimento térreo da residência de Alexandre Tito Labat, 1938.
Fonte: *Acrópole*, nº 10, p. 40, 1939.

3.2.4 ESQUEMAS TÍPICOS DE DISTRIBUIÇÃO

As residências projetadas por Eduardo Kneese de Mello se desenvolveram a partir de duas soluções espaciais sobre as quais foram variadas somente as características formais que as revestiam. O maior número de construções implantadas seguiu o esquema da casa assobradada com dois pavimentos e geralmente assimétrica de volume articulado, em um total de 39 exemplares. Os outros seis projetos foram baseados no modelo das casas térreas.

As casas térreas tinham uma concepção que associava integralmente seu espaço, materiais construtivos e aparência final. Possuíam muitas semelhanças com as tradicionais casas rurais avarandadas, dotadas de amplos telhados. Na residência desenvolvida para Moacyr Moreira (Projeto 28 – p. 288 a 293), as referências à arquitetura colonial brasileira se mesclam ao neocolonial hispano-americano, pois ao mesmo tempo em que essa casa possui amplos beirais, telhado baixo e um grande terraço coberto – responsável por integrar as áreas distintas –, nota-se a presença de um pátio descoberto – uma característica sobressalente do *Mission Style* (Fig. 3.66).

3.66 Planta da residência de Moacyr Moreira, 1940.
Fonte: *Acrópole*, n.º 30, p. 204, 1940.

Em outro exemplo de casa térrea, a de José Altino Machado (Projeto 44 – p. 370 a 373. Fig. 3.67), elaborada já em meados da década de 1960, anos após a conversão de Kneese de Mello aos pressupostos da Arquitetura Moderna, notamos que sua planta ainda é muito ligada aos modos de morar conservadores, difundidos pelo Ecletismo, por intermédio do *morar à francesa*. Ao que nos parece, a modernidade se cingiu tão-somente às características formais e materiais empregados.

3.67 Planta da residência de José Altino Machado, 1965.
Fonte: Acervo Caio Machado.

As residências vinculadas ao esquema assobradado, com dois pavimentos, possuíam as plantas do pavimento térreo compostas pela justaposição de dois setores, social e serviço, normalmente com um eixo de circulação perpendicular à rua (Fig. 3.68).

Os cômodos da frente eram, em geral, dois. Um, invariavelmente, destinava-se à sala de visitas. O outro era a sala de jantar ou escritório. No caso do escritório frontal, frequentemente a sala de jantar ligava-se por uma passagem ampla, um arco, à sala de visitas. Com esse recurso havia a integração visual das salas e o potencial de utilização conjunta dos dois espaços em caso de recepções. Esse agenciamento era corriqueiro na residência burguesa europeia. Num desses dois cômodos havia uma bay ou bow window funcionando como um atributo que valorizava o espaço. A sala de jantar conectava-se com uma copa ou diretamente com a cozinha, localizadas em geral como prolongamento dessa ala (WOLFF, 2001, p. 194).

3.68 Planta dos pavimentos térreo e superior da residência Antonio Pinto Cardoso de Mello, 1935.
Fonte: Acervo Cia City.

O acesso a esse tipo de residência era feito, basicamente, de duas maneiras: por um pequeno terraço que ocupava parte da fachada frontal (Fig. 3.69); ou, por uma das laterais da edificação, por intermédio de um hall ou terraço (Fig. 3.70).

3.69 Planta do pavimento térreo da residência de Maria Rosa Cavalcanti, 1936.
Fonte: Acervo Cia City.

3.70 Planta do pavimento térreo da residência de Theodoro Braga, 1935.
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo.

O pavimento superior destinava-se, exclusivamente, ao setor de uso íntimo (dormitórios e banheiros completos). Em raras exceções, nota-se a presença de um quarto para empregada nesse pavimento, normalmente uma profissional mais gabaritada que cuidava das crianças. A presença de terraços e balcões no pavimento determinava a constância de volume na fachada.

Os únicos exemplos que ilustram as exceções aos padrões gerais de distribuição descritos acima são, na verdade, projetos destinados às casas operárias. Podem ser considerados como exceções, porque não se enquadram no mesmo tipo de moradia. Se comparadas entre exemplares do mesmo tipo, integram o grupo da regra: casas térreas (Fig. 3.71) ou assobradadas (Fig. 3.72), com reduzido número de cômodos, e a já mencionada superposição de funções.

3.71 Plantas das casas econômicas – propriedade do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, 1942.
Fonte: *Acrópole*, nº 52, p. 159, 1942.

EMBASAMENTO

PAVIMENTO TERREO

PAVIMENTO SUPERIOR

3.72 Planta das casas econômicas – propriedade de Waldemar Sampaio Cintra, 1934.
Fonte: *Record*, n° 12, p. 38, 1934.

Dentre tantos outros projetos que poderiam ter sido escolhidos da trajetória do arquiteto, destacamos o fato de que em todas as residências apresentadas, independente das características formais e estilemas que as revestem, o esquema de distribuição é típico e característico das moradias burguesas da época, uma leitura simplificada dos complexos programas de necessidades dos antigos palacetes e do *morar à francesa*.

O esquema de distribuição tripartido está presente em todas as habitações, criando setores independentes para as áreas de uso social, íntimo e de serviço. Nota-se, também nessas residências, a presença já consolidada do automóvel que, aliado aos aposentos de serviço, definia o papel da edícula.

3.2.5 TIPOS DE IMPLANTAÇÃO

A partir do final do século XIX as residências urbanas construídas em São Paulo passaram por transformações não apenas ligadas à tecnologia e a materiais empregados nas construções, mas também nos esquemas distributivos e programas de necessidades. Ainda nessa época, iniciaram-se as mudanças relacionadas aos tipos de implantação, isto é, o começo dos primeiros esforços de libertação das construções em relação aos limites dos lotes.

Esse novo esquema de implantação consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o frequentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era apenas de um dos lados; do outro, quando existia, reduzia-se ao mínimo. O processo era geral. Em todas as regiões onde se fazia sentir o declínio da escravidão e a presença do progresso tecnológico, encontravam-se os mesmos mecanismos de adaptação às novas condições. (REIS, 1997, p. 44).

Nas primeiras décadas do século XX, a relação entre arquitetura e lote urbano permanecia inalterada, persistiam os esquemas que entraram em vigor anos antes. As primeiras alterações nessa relação só serão percebidas depois da Primeira Guerra Mundial, ou seja, após 1914. Os primeiros indícios dessas mudanças, em São Paulo, estão relacionados às residências projetadas por arquitetos estrangeiros, em bairros nobres, como Higienópolis e Campos Elíseos, que se tornaram conhecidas como palacetes paulistanos.

As maiores transformações na relação arquitetura × lote urbano ocorreriam no período compreendido entre as duas guerras mundiais, conforme descreve Nestor Goulart Reis (1997, p. 58),

Em algumas dessas residências maiores, iriam sendo aperfeiçoadas muitas das características que quase toda a arquitetura residencial no período que medeia as duas guerras mundiais: a preocupação de isolar a casa em meio a um jardim, a tendência a conservar um paralelismo rígido, em relação aos limites do lote, a transformação progressiva dos pavilhões externos de serviço das chácaras em edículas, o desaparecimento progressivo de hortas e pomares – às vezes a sua redução quase simbólica a uma jabuticabeira ou a um canteiro de alfaces – e, de modo geral, a transferência, para os jardins e todos os espaços externos, dos antigos preconceitos de fachada e hierarquia dos espaços, da arquitetura tradicional.

Grande parte das residências projetadas por Eduardo Kneese de Mello encontra-se no período delimitado pelas duas grandes guerras e, portanto, enquadra-se, perfeitamente, na descrição feita por Nestor Goulart Reis.

As implantações dessas residências respeitavam a legislação municipal e os regulamentos específicos dos loteamentos em que seriam implantadas. Em muitos casos, as normas estabelecidas pelas empresas urbanizadoras eram muito mais rígidas do que aquelas convencionadas pela Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo.

Os bairros em que Kneese de Mello mais construiu, Jardim América e Pacaembu, foram loteados pela Cia. City. As normas para a implantação das residências, estabelecidas por essa companhia, determinavam a taxa de ocupação dos lotes e recuos amplos dos alinhamentos. Essas determinações, segundo Silvia Wolff (2001, p. 163), diferenciavam-se

[...] em função das características e do desenho de cada terreno, mas, em princípio, previam um recuo frontal ajardinado de seis metros. Contribuía para a integração desse jardim frontal com a rua a proibição de se construir muros altos e a exigência de se demarcar os limites das propriedades com sebes vivas baixas.

Como vimos no início deste capítulo, o padrão de loteamento posto em voga pela Cia. City, com suas ruas sinuosas e lotes com maiores dimensões, conciliadores entre as antigas chácaras e as casas urbanas, foram reproduzidos por outras empresas e, em alguns casos, implantados em áreas adjacentes aos bairros da City, como foi o caso do Jardim Europa.

O desenho desses loteamentos, com suas ruas sinuosas que se entrecruzavam em ângulos variados, resultou em apenas alguns tipos de terrenos. Nos projetos elaborados por Kneese, os mais comuns foram: lotes regulares, basicamente retangulares, com apenas uma frente para uma rua (Fig. 3.73); lotes com duas frentes localizados na esquina de duas ruas, de formato regular quando as esquinas formavam um ângulo de noventa graus (Fig. 3.74); e, finalmente, lotes com duas frentes, uma para cada rua (Fig. 3.75).

3.73 Implantação da residência de Sebastião Ferraz Salles, 1935.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.74 Implantação da residência de Armando Costa Magalhães, 1934.
Fonte: *Record*, nº 8, p. 22, 1934.

3.75 Implantação da residência de Matheus Galdi Santamaria, 1938.
Fonte: Acervo Cia. City.

Ao analisar essas residências projetadas por Eduardo Kneese de Mello, nota-se que não existe nenhum projeto que se distancie dos esquemas usuais de implantação e que a sua grande maioria emprega o agenciamento típico dos espaços internos que destinava o fundo das construções ao setor de serviço da casa, local de completa desvalorização social. Apenas em dois dos projetos estudados, as residências à rua Itália e de Arno Hering, o agenciamento dos espaços condiz com o *morar moderno*, pois a localização do setor de serviço se difere, encontrando-se em uma das laterais da edificação principal, porém, ainda com seu espaço muito bem delineado, evitando a superposição de funções.

3.2.6 VARIAÇÕES FORMAIS

As residências projetadas por Eduardo Kneese de Mello, como visto anteriormente, não apresentam soluções espaciais diversificadas, mas a *roupagem* que revestia tal arcabouço arcaico possuía repertório formal dos mais variados, tratamentos arquitetônicos externos identificáveis por suas características formais e ornamentações, distribuídos com equilíbrio pelas quatro fachadas.

A variedade na aparência dizia respeito ao emprego de elementos ornamentais nas fachadas, uma casca que revestia construções cujos espaços reduziam-se a alguns poucos tipos de organização. Assim, as linguagens que utilizavam ornamentos do vocabulário eclético do século XIX conviveram com o surgimento das pesquisas estéticas por uma arquitetura regionalista no continente americano e com outras que delas derivavam formando vários estilos híbridos. Aos poucos, a simplificação ornamental também foi infiltrando-se e dando espaço a linguagens geometrizadas. Essa simplificação teve pontos de contato com o despojamento preconizado pelas vanguardas internacionais da arquitetura moderna e coincidiu, ainda, com a tendência à racionalização dos processos construtivos em curso a partir dos anos 1930. (WOLFF, 2001, p. 202).

As diferentes tendências estéticas das construções residenciais projetadas por Kneese de Mello se manifestaram coexistindo no tempo e intercaladas. Há, entretanto, o predomínio de certas características formais, principalmente daquelas referenciadas no neocolonial, luso-brasileiro ou hispano-americano.

Essa diversidade de tendências estéticas se deve, principalmente, por sua formação acadêmica baseada nos paradigmas da École des Beaux-Arts de Paris, e, ainda, pela realidade do mercado imobiliário da época – quando os proprietários buscavam demonstrar sua posição social e intelectual por meio das fachadas de suas casas.

A variedade de estilos demonstra o sucesso alcançado por Kneese de Mello ao responder *corretamente* ao ideário de seus clientes, pertencentes às classes dominantes e abastadas da sociedade paulistana. Essa posição foi salientada pelo próprio arquiteto em diversos depoimentos de épocas distintas. Dizia ele,

O ensino [no Mackenzie] era acadêmico. Estudávamos as construções egípcias, gregas, romanas etc. não apenas para formação cultural histórica mas para repeti-las em nossos projetos. **Assim, como “engenheiro-arquiteto” de formação acadêmica iniciei minha vida profissional [...].** Resolvi montar meu próprio escritório de construções e, em consequência disso, [fui] responsável por um número enorme de residências “normandas”, “californianas”, “coloniais” e até “modernas”, que aí estão, nos jardins América, Europa, Paulista e por toda a cidade. **Orgulhava-me de atender o freguês no estilo de sua preferência.** (MELLO, 1975b, p. I, grifos nossos).

Ao analisarmos essa pequena parcela dos projetos realizados por Kneese, verificamos a razão pela qual alguns autores, como Eduardo de Jesus Rodrigues, Maria Lúcia Bressan Pinheiro e Silvia Wolff, o classificam como “um dos arquitetos mais fecundos no estilo missões. Sem dúvida, suas casas, ao lado das de Alfredo Ernesto Becker são as mais graciosas da extensa produção californiana desta cidade.” (RODRIGUES, 1985, s.p.).

Dos projetos analisados, o maior número deles vincula-se ao *Mission Style* ou *Spanish Renaissance*, comumente chamado, no Brasil, de Estilo Missões, Espanhol, Californiano, Mexicano. Não se pretende, neste trabalho, buscar e especificar as origens desse estilo^[30], mas sim caracterizá-lo e, dessa maneira, apontar o seu uso nas residências construídas por Kneese. No entanto, consideramos necessário explicar, brevemente, as suas primeiras manifestações em nosso país. Carlos Lemos, em seu livro *Alvenaria Burguesa* (1989, p. 183), afirma que

O Novo Continente voltou-se aos seus princípios e foi buscar nos primórdios coloniais a inspiração na materialização de seu desenvolvimento. Até nos Estados Unidos, na Califórnia, por exemplo, houve esse movimento recordador da civilização material espanhola timbrada pelos franciscanos catequizadores. O cinema da região de Los Angeles espalhou pelo mundo o movimento revivescente. As revistas mundanas trazendo notícias hollywoodianas mostravam que até na terra do cinema também era válida a inspiração na arte colonial e o “estilo missões” aqui veio fazer verdadeira concorrência ao neocolonial, quando não se mesclava a ele em verdadeiras soluções sincréticas [...].

Acredita-se que Eduardo Kneese de Mello obteve maior fluência e desenvoltura, no repertório missões, por meio dos livros especializados nessa linguagem que foram encontrados em sua biblioteca particular, conforme mencionado no Capítulo 1.

[30] A propósito da origem do *Mission Style*, indica-se a leitura de: ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: Arquitetura, Cidade e Cultura nas Relações Brasil-Estados Unidos – 1876-1945*. São Paulo: Pontes, 2010; SANTOS, Paulo F. *Quatro Séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro: Valença, 1977.

As principais características formais, estilemas e pressupostos caracterizadores do *Mission Style* que foram adotados, conscientemente, por Kneese, em seus diversos projetos residenciais, eram: fachada movimentada com envasaduras sugerindo o predomínio de cheios sobre vazios; paredes ásperas; arcadas; telhados em duas águas com empenas perpendiculares à rua e com beirais reduzidos; presença de grandes arcos na fachada; profusão de elementos em madeira e em ferro fundido (serralheria artística), tanto externa como internamente; a presença de pequenos pátios internos, fontes e oratórios; emprego de balcões à guisa de terraços, feito com madeira torneada.

Eduardo Kneese de Mello, arquiteto de muitas obras no Jardim América, realizou projetos vinculados a essa linguagem missões ou hispano-americana no início de sua carreira. O arquiteto trabalhava os projetos, fazendo desenhos cuidados e detalhados nos quais incluía elementos compondo um clima próprio, com carros, pessoas, ânforas e espécies vegetais próprias à paisagem que era publicada em revistas dos projetos residenciais dos subúrbios dos Estados quentes norte-americanos; palmeiras e cáctus. [...] Kneese de Mello manteve no bairro a fidelidade a essa linguagem [...]. (WOLFF, 2001, p. 233-4).

Verificamos que a produção de residências referenciadas, nas características supracitadas, concentra-se no período compreendido entre 1934 a 1938. Exemplos típicos desse estilo são as residências: José Martins Borges (Fig. 3.76), Armando Costa Magalhães (Fig. 3.77), Luiz Aranha Jr. (Fig. 3.78), Sebastião Ferraz Salles (Fig. 3.79), Altino Casto Lima (Fig. 3.80), Ismael Ribeiro de Barros (Fig. 3.81), Américo Martins Santos Jr. (Fig. 3.82), Antonio Pinto Cardoso de Mello (Fig. 3.83), Américo Floriano de Toledo (Fig. 3.84), Mario Dias da Costa (Fig. 3.85), Francisco de Paulo Pinto Hartung (Fig. 3.86), Jean Lecoq (Fig. 3.87), Ismael Brandão (Fig. 3.88), Antônio de Paiva Neto (Fig. 3.89), Rua Esmeraldina (Fig. 3.90), Eduardo Kneese de Mello e Octavio Mendes Filho (Fig. 3.91), Eduardo Kneese de Mello (Fig. 3.92), Hermínio Mazzini (Fig. 3.93).

3.76 Residência de José Martins Borges, 1934.
 Fonte: *Record*, n° 6, p. 7, 1934.

3.77 Residência de Armando Costa Magalhães, 1934.
 Fonte: *Record*, n° 8, p. 22, 1934.

3.78 Residência de Luiz Aranha Jr., 1935.
 Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.79 Residência de Sebastião Ferraz Salles, 1935.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.80 Residência de Altino Castro Lima, 1935.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.81 Residência de Ismael Ribeiro de Barros, 1935.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.82 Residência de Américo Martins Santos Jr, 1935.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.83 Residência de Antonio Pinto Cardoso de Mello, 1935.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.84 Residência de Américo Floriano de Toledo, 1936.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.85 Residência de Mario Dias da Costa, 1936.

Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.86 Residência de Francisco de Paulo Pinto Hartung, 1936.

Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.87 Residência de Jean Lecoq, 1937.

Fonte: *Acrópole*, n° 1, p. 27, 1938.

3.88 Residência de Ismael Brandão, 1937.
Fonte: *Acrópole*, n° 6, p. 16, 1938.

3.89 Residência de Antônio de Paiva Neto, 1937.
Fonte: *Acrópole*, n° 11, p. 33, 1939.

3.90 Residência à rua Esmeraldina, 1938.
Fonte: *Acrópole*, n° 8, p. 23, 1938.

3.91 Residência de Eduardo Kneese de Mello e de Octavio Mendes Filho, 1938.

Fonte: Acervo Cia. City.

3.92 Residência de Eduardo Kneese de Mello, 1938.

Fonte: Acervo Cia. City.

3.93 Residência de Hermínio Mazzini, 1938.

Fonte: Acervo Cia. City.

Outra referência estilística muito presente na obra de Eduardo Kneese de Mello foi o neocolonial^[31] luso-brasileiro. Essa referência foi aqui desenvolvida por meio de um movimento que surgiu como uma arquitetura de reação ao ecletismo referenciado em modelos estrangeiros, como uma busca da identidade arquitetônica brasileira, paralela aos movimentos semelhantes, supracitados, que ocorreram em todo continente americano.

A concepção dos princípios norteadores dessa linguagem arquitetônica e sua divulgação foram feitas por Ricardo Severo a partir da famosa conferência *A Arte Tradicional no Brasil* proferida na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo em junho de 1914. Severo propunha uma arquitetura renovadora com base nas raízes nacionais, em detrimento dos modelos estilísticos importados, principalmente, da Europa.

As primeiras manifestações relacionadas ao neocolonial luso-brasileiro evidenciam a falta de pressupostos definidores, de cânones estabelecidos sobre como deveria ser, afinal, essa linguagem arquitetônica, conforme informa Maria Lucia Bressan Pinheiro. Sobre as principais características formais e estilemas do neocolonial brasileiro, a autora esclarece que,

Na verdade, se é possível definir certos elementos característicos definidores do neocolonial, o primeiro deles seria certamente o seu caráter de livre criação (ou livre recriação), a combinar elementos suposta ou erroneamente oriundos da arquitetura brasileira do período colonial com os cânones ecléticos de composição. De fato, o neocolonial parece constituir uma das opções estilísticas à disposição dos arquitetos no início do século XX, devido ao caráter epidérmico, decorativo, dos elementos vinculados ao vocabulário colonial, aplicados a partidos francamente ecléticos, de planta e cobertura movimentadas – na mais estrita observância, aliás, dos princípios compositivos ensinados por Christiano das Neves (justamente um de seus maiores combativos críticos) no curso de arquitetura do Mackenzie College. Assim, o que define o estilo são os elementos decorativos (beirais – muitas vezes com arremates portugueses –, telhas capa-e-canal, utilização de materiais “locais” – pedra, azulejos –, arcos de volta inteira ou rebaixados etc.) aplicados a edifícios de partidos totalmente estranhos ao grande volume prismático que caracteriza as construções senhoriais do período colonial. (PINHEIRO, 1997, p. 69).

[30] Sobre o neocolonial sugerimos a leitura de: MELLO, Joana. *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007; PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. 2005. 233 f. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Apesar da falta de pressupostos definidores do movimento neocolonial os projetos elaborados por Kneese de Mello foram reconhecidos por sua erudição, como a sua própria residência (Fig. 3.94). O repertório erudito do arquiteto provém de uma série de estudos e levantamentos métricos desenvolvidos a respeito da arquitetura tradicional brasileira; escreveu artigos, publicados na revista *Acrópole*, sobre monumentos do período colonial e núcleos urbanos históricos.

3.94 Residência de Eduardo Kneese de Mello, 1940.
Fonte: *Acrópole*, nº 37, p. 9, 1941.

Outros exemplos vinculados à estética do movimento neocolonial luso-brasileiro são as residências pertencentes a: Manoel Arantes Matheus (Fig. 3.95), Horácio e Clotilde Kneese de Mello (Fig. 3.96), Ernesto Soares (Fig. 3.97), Edith Queiroz Mattoso (Fig. 3.98), Sylvio Suplicy (Fig. 3.99) e Francisco de Assis e Almeida (Fig. 3.100). Podemos observar que o momento de maior incidência de residências referenciadas em tal linguagem arquitetônica aconteceu nos últimos anos da década de 1930 e ao longo da década seguinte.

3.95 Residência de Manoel Arantes Matheus, 1939.
Fonte: *Acrópole*, n° 28, p. 125, 1940.

3.96 Residência de Horácio e Clotilde Kneese de Mello, 1939.
Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

3.97 Residência de Ernesto Soares, 1940.
Fonte: *Acrópole*, n° 38, p. 69, 1941.

3.98 Residência de Edith Queiroz Mattoso, 1940.
Fonte: *Acrópole*, n° 42, p. 230, 1941.

3.99 Residência de Sylvio Suplicy, 1941.
Fonte: *Acrópole*, n° 34, p. 355, 1941.

3.100 Residência de Francisco de Assis e Almeida, 1947.
Fonte: *Acrópole*, n° 113, p. 143, 1947.

Embora as vertentes neocoloniais luso-brasileira e hispano-americana possuam especificidades em suas características formais e pressupostos definidores, ambas têm fundamentos comuns, a partir de suas raízes ideológicas de busca por identidades regionais que transparecem nas formas. Há uma interação entre essas vertentes, uma troca entre seus elementos caracterizadores, resultando em linguagens híbridas. Essa afirmação pode ser averiguada nos projetos realizados por Eduardo Kneese de Mello, no período compreendido entre 1938 e 1941. Os exemplos desse hibridismo são as residências de: Theodoro Braga (Fig. 3.101), Matheus Galdi Santamaria (Fig. 3.102), George Stanley Smith (Fig. 3.103), Moacyr Moreira (Fig. 3.104), Agenor Camargo (Fig. 3.105), Horácio Vaz Guimarães (Fig. 3.106) e José Vaz Guimarães (Fig. 3.107).

O Neo-Colonial era grave e viril; o Mission-Style gracioso e delicado; a conjugação dos dois (muito atacada por José Mariano) constituiu uma das notas da sensibilidade artística da segunda metade da década. Na luta pela sobrevivência, seriam as formas hispânicas – talvez por mais leves e menos anacrônicas- as que mais resistiram [...]. (SANTOS, 1977, p. 102).

Das residências citadas, destaca-se a projetada para Theodoro Braga que, apesar de seu edifício possuir características vinculadas a esse hibridismo, toda a sua ornamentação se referencia nos desenhos marajoaras. Seu proprietário foi um dos grandes defensores dessa linguagem e o responsável pelos motivos decorativos existentes na fachada de sua residência. Escreveu vários artigos, entre os quais citamos dois deles intitulados *Por uma Arte Brasileira*, carregados de conteúdo ideológicos, voltados à necessidade de se fazer uma arte brasileira baseada na exuberância de nossa fauna e flora. No segundo artigo, Theodoro Braga (1940, p. 26) pede aos arquitetos que,

Façamos obra nossa por e para nós mesmos; e aos arquitetos, mais do que a qualquer outro artista, cabe delinear, em seus mínimos detalhes, o acabamento patriótico de suas obras, sempre expostas ao grande público, dando-lhes uma ornamentação que não se dispensa, que eduque, pela execução plástica, o espírito popular, integrando-o no ambiente em que vive. Façamos obra nossa, Brasileira.

3.101 Residência de Theodoro Braga, 1935.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.102 Residência de Matheus Galdi Santamaria, 1939.
Fonte: *Acrópole*, nº 25, p. 24, 1940.

3.103 Residência de George Stanley Smith, 1939.
Fonte: *Acrópole*, nº 17, p. 17, 1939.

3.104 Residência de Moacyr Moreira, 1940.
Fonte: *Acrópole*, nº 30, p. 203, 1940.

3.105 Residência de Agenor Camargo, 1940.
Fonte: *Acrópole*, nº 46, p. 393, 1942.

3.106 Residência de Horácio Vaz Guimarães, 1941.
Fonte: *Acrópole*, nº 48, p. 436, 1942.

3.107 Residência de José Vaz Guimarães, 1941.
Fonte: *Acrópole*, nº 48, p. 439, 1942.

Encontramos na obra de Kneese de Mello, em reduzida quantidade, alguns exemplares de construções residenciais vinculadas à arquitetura pitoresca, representadas pelo chamado estilo Normando. Apesar de essas manifestações arquitetônicas serem completamente alheias à cultura e à realidade brasileiras, existem exemplares construídos em São Paulo desde o último quartel do século XIX.

As principais características formais vinculadas ao Normando empregadas nas construções residenciais paulistanas projetadas pelo arquiteto Kneese de Mello nas décadas de 1930 e 1940, foram: grandes empenas voltadas para rua – no sentido oposto ao da tradição luso-brasileira; extrema declividade dos telhados, em telhas planas variadas, de beirais reduzidos; simulação, no reboco de revestimento das alvenarias, de membros estruturais de madeira; e a utilização de um ou outro elemento da arquitetura medieval, como as populares bow-windows, arcos apontados nas portas, entre outros (PINHEIRO, 1997). A residência de Benedita Costa (Fig. 3.108) representa a arquitetura pitoresca, com referências normandas, projetada por Kneese.

3.108 Residência de Benedita Costa, 1941.
Fonte: *Acrópole*, n° 46, p. 391, 1942.

As residências de Maria Rosa Cavalcanti (Fig. 3.109), Marcos Lindenberg (Fig. 3.110), Alexandre Tito Labat (Fig. 3.111), Marcos Lindenberg (Fig. 3.112), à Rua Itália (Fig. 3.113), Eduardo Kneese de Mello (Fig. 3.114), Horácio Kneese de Mello (Fig. 3.115), José Altino Machado (Fig. 3.116) e de Arno Hering (Fig. 3.117) se caracterizam por sua linguagem geométrica e pelo despojamento ornamental. Essa nova tendência resultava dos processos de simplificação e sobriedade trazidos pelas vanguardas europeias e foram influenciadas pelos geometrismos.

3.109 Residência de Maria Rosa Cavalcanti, 1936.
Fonte: Acervo Cia. City.

3.110 Residência de Marcos Lindenberg, 1937.
Fonte: MELLO, 1937, s.p.

3.111 Residência de Alexandre Tito Labat, 1938.
Fonte: *Acrópole*, n° 10, p. 41, 1939.

3.112 Residência de Marcos Lindenberg, 1949.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

3.113 Residência à Rua Itália, 1951.
Fonte: *Acrópole*, n° 157, p. 8, 1951.

3.114 Residência de Eduardo Kneese de Mello, 1952.
Fonte: *Acrópole*, n° 172, p. 137, 1952.

3.115 Residência de Horácio Kneese de Mello, 1955.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

3.116 Residência de José Altino Machado, 1965.
Fonte: Acervo Caio Machado.

3.117 Residência de Arno Hering, 1973.
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

A principal diferença entre essas construções é encontrada no fato de algumas delas (Fig. 3.112 a 3.117) terem sido projetadas após a conversão de Eduardo Kneese de Mello aos preceitos da Arquitetura Moderna e, portanto, como dizia o próprio arquiteto foram elaboradas com convicção, seguindo os cânones formais do Movimento Moderno. Porém, como vimos anteriormente, assemelham-se às outras residências, pois suas plantas ainda são conservadoras, não há nenhum tipo de inovação programática, ainda empregam o esquema distributivo baseado na divisão tripartida do espaço e o modo de morar ainda conserva fundamentos dos projetos ecléticos.

Dentre essas obras, destaca-se a residência Horácio Kneese de Mello (Fig. 3.115), por seu projeto ser consequência do uso da tecnologia pré-fabricada Uni-Seco, erguida a partir da racionalização e industrialização dos materiais construtivos. É a única que apresenta inovação tecnológica ao empregar os painéis pré-fabricados daquela empresa e, assim, apresentar um geometrismo construtivo, não decorativo.

As outras residências citadas (Fig. 3.109 a 3.111) referenciam-se no Art-déco, denominado na época de seu surgimento *Style Moderne*, *Jazz Moderne* ou *Zigzag Moderne*, nomenclaturas que contêm referências explícitas à sua modernidade. A respeito do Art-déco e suas principais características formais, Maria Lucia Bressan Pinheiro (1997, p. 127) expõe que,

Em primeiro lugar, deve-se notar que o Art-déco possui inegavelmente uma feição “moderna”, em comparação aos estilos históricos: trata-se de uma arquitetura muito mais despojada quanto à sua ornamentação, e esta geralmente faz referência a signos dos “tempos modernos”, como a máquina e as geometrizações que lhe são associadas, a velocidade, a luz artificial etc. Mesmo quando as referências a períodos históricos passados são mantidas, o que é admissível e bastante frequente, estas passam por um processo de homogeneização através de certos mecanismos específicos, como a estilização e geometrização de elementos ornamentais, de forma a resultar numa arquitetura surpreendentemente uniforme e facilmente identificável. Esse processo, que deriva diretamente da tendência à abstração dos movimentos artísticos de vanguarda, é, em grande parte, responsável pelo aspecto moderno do Art-déco – o qual, entretanto, não vai muito além das aparências externas, [...].

O uso de tantos vocabulários e repertórios diferentes nos projetos residenciais nos permite compreender, a partir dessa análise, que a tão apregoada conversão do arquiteto Eduardo Kneese de Mello foi muito mais gradual e lenta do que o arquiteto admitia. Esse período de transição, ao menos no que se refere aos projetos residenciais unifamiliares, demonstra que os conhecimentos adquiridos por Kneese, na época em que se graduou engenheiro-arquiteto no Mackenzie College perpetuaram em sua trajetória profissional.

As mudanças observadas no programa, implantação, interpretação das novas necessidades e incorporação de tecnologias mais avançadas para a época pouco são notadas. Observa-se que, apenas em alguns dos projetos realizados após os anos de 1950, Kneese de Mello buscou alterar o agenciamento dos espaços, como a realocação das áreas de serviço e garagem ou a interpretação volumétrica das residências.

3.3 PANORAMA

A casa não é separada do espaço que a cerca. Está imersa na paisagem e envolvida por ela. E as forças dessa paisagem também são fatores na forma da casa. Limite entre a vida interna e externa, ela é moldada por essas forças. A casa é um envoltório fechado, porém aberto. Ela protege do exterior. Mas abre para ele o interior. Ela estabelece a continuidade entre o dentro e o fora.

André Wogenscky (2007, p. 47).

Para compreender os projetos residenciais elaborados pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, ao longo de sua trajetória profissional, foi apresentado um panorama dessas obras. Nesse quadro, foram expostas, de maneira resumida, as informações contidas nas fichas técnicas e nas análises.

Mediante a apresentação desse painel, podem-se apreender as principais informações a respeito de cada projeto, tais como: proprietário, endereço, ano do projeto, a maneira como foi implantado no lote, sua distribuição e quais as características formais predominantes.

Esse panorama possibilita uma aproximação e uma compreensão dos projetos residenciais elaborados por Eduardo Kneese de Mello, no decorrer de sua trajetória profissional, ao expor, sistematizar e, de certo modo, dissecar as residências selecionadas para o estudo de casos desta tese.

	01	02	03
prop.	José Martins Borges	Armando Costa Magalhães	Casas Econômicas , prop. Waldemar Sampaio Cintra
end.	R Pamplona, 193a Jd Paulista	Av Brasil, 1402 Jd América	R Bom Pastor, 124a Ipiranga
registro
data	1934		
implantação	—		—
características formais	MISSÕES	MISSÕES	HIBRIDISMO

04

Luiz Aranha Jr

R Bahia, 128
Pacaembu

05

Sebastião Ferraz Salles

R Atibaia, 15
Pacaembu

06

Altino de Castro Lima

R Iucatã, 5
Jd América

1935

MISSÕES

MISSÕES

MISSÕES

07

Ismael Ribeiro de BarrosR Canadá, 1
Jd América

08

Américo Martins Santos JrPç das Guianas, 2
Jd América

09

**Antonio Pinto Cardoso
de Mello**R Canadá, 53
Jd América

MISSÕES

MISSÕES

MISSÕES

10

11

12

Theodoro Braga

Maria Rosa Cavalcanti

Américo Floriano de Toledo

R Boituva, 104
Pacaembu

R Itaguaçaba, 11
Pacamebu

R Terra Nova, 3
Jd América

1936

HIBRIDISMO

GEOMETRISMO

MISSÕES

13

Mario Dias da Costa

R Chile, 6
Jd América

14

Francisco de Paulo Pinto
Hartung

Av Brasil, 904
Jd América

15

Marcos Lindenberg

R Antonio Bento, 350
Jd Paulista

1937

MISSÕES

MISSÕES

GEOMETRISMO

16

Jean Lecoq

R Terra Nova, 8
Jd América

MISSÕES

17

Ismael Brandão

R Leôncio de Carvalho, 225
Paraíso

MISSÕES

18

Antônio de Paiva Neto

Av Rebouças, 79
Pinheiros

MISSÕES

19

20

21

Matheus Galdi Santamaria**Eduardo Kneese de Mello
e Octavio Mendes Filho**R Esmeraldina, 127
PinheirosR Morro Verde, 21
PacaembuR Atibaia, 50
Pacaembu **1938**

MISSÕES

HIBRIDISMO

MISSÕES

22

Eduardo Kneese de MelloR Chile, 36
Jd América

23

Herminio MazziniR Itatiba
Pacaembu

24

Alexandre Tito LabatR Chile, 61
Jd América

MISSÕES

MISSÕES

GEOMETRISMO

25

George Stanley SmithR Honduras, 90
Jd Paulista

26

Manoel Arantes MatheusR Polônia, 88
Jd Europa

27

Horácio e Clotilde Kneese de MelloR Maestro Chiafarelli, 791
Jd Paulista **1939**

HIBRIDISMO

NEOCOLONIAL

NEOCOLONIAL

28

Moacyr MoreiraR do Ouro, 92
Brooklin

29

Eduardo Kneese de MelloR Antonio Bento, 399
Jd Paulista

30

Ernesto SoaresAv 9 de Julho, 87
Jd Paulista

1940

—

HIBRIDISMO

NEOCOLONIAL

NEOCOLONIAL

31

Edith Queiroz Mattoso

Av Rebouças, 93
Pinheiros

32

Agenor Camargo

R Dr Veiga Filho, 441
Santa Cecília

33

Benedita Costa

R David Campista, 84
Jd Paulista

1941

NEOCOLONIAL

HIBRIDISMO

NORMANDO

34

Horacio Vaz Guimarães

Av Europa, 352
Jd Europa

HIBRIDISMO

35

José Vaz Guimarães

Av Europa, 356
Jd Europa

HIBRIDISMO

36

Sylvio Suplicy

R Maestro Elias Lobo, 885
Jd Paulista

NEOCOLONIAL

37

Residências Econômicas - BHLB

R Dep Lacerda Franco x R Galeno de Almeida x R Pedroso d Moraes, Pinheiros

1942

—

HIBRIDISMO

38

Isaura Pierotti Álvares de Lima

Av Rebouças, 2659
Pinheiros

1943

HIBRIDISMO

39

Francisco de Assis e Almeida

R Oscar Pereira e Silva, 7
Itaim Bibi

1947

NEOCOLONIAL

40

41

42

Marcos Lindenberg

Eduardo Kneese de Mello

Santo Amaro

R Itália
Jd Europa

Cotia, SP

1949

1951

1952

—

—

GEOMETRISMO

GEOMETRISMO

GEOMETRISMO

43

44

45

Horácio Kneese de Mello

José Altino Machado

Arno Hering

Cotia, SP

R João Moura, 1483, Pinheiros

Chácara Flora

1955

1965

1973

—

GEOMETRISMO

GEOMETRISMO

GEOMETRISMO

C. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao viajarmos, quando não nos atentamos ao excepcional e observamos o permanente, o fundamental, somos penetrados por uma verdade: por todo o nosso planeta, existem muito mais semelhanças do que diferenças entre os homens.

André Wogenscky (2007, p. 57)

Ao centrar o enfoque desta pesquisa na trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello, pretendeu-se compreender, sob um novo ponto de vista, a relação existente entre as duas etapas em que, comumente, foi interpretado seu trabalho. Estudou-se o conjunto de seus projetos visualizando um período de transição entre o eclético engenheiro-arquiteto e o moderno arquiteto-militante. Acredita-se que, mediante a correta interpretação dessa passagem, pode-se entender os contrastes e continuidades existentes entre essas duas posturas mediante a observação de permanências e mudanças.

Toda a geração dos principais arquitetos modernos paulistas, graduados ao longo da década de 1930 até meados da década de 1940, realizou seus estudos nos cursos de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica ou da Escola de Engenharia do Mackenzie College.

Nesta tese, portanto, tem-se como pressuposto que o início da trajetória profissional de Kneese de Mello ocorreu no momento em que passou a integrar o corpo discente do curso de engenheiro-arquiteto do Mackenzie College, sob a tutela de Christiano Stockler das Neves (1889-1982), fundador do curso de Arquitetura daquela instituição.

A visão da arquitetura, a estruturação e o método de ensino adotados, no curso de arquitetura da Escola de Engenharia do Mackenzie College, relacionam-se com a experiência adquirida por Stockler das Neves durante sua graduação em Arquitetura na Graduate School of Fine Arts da Universidade da Pensilvânia (Penn) e podem ser notados em sua atuação profissional.

A estrutura didática, proposta por Stockler das Neves ao Mackenzie College, estabelecia um curso fundamentado no modelo da École des Beaux-Arts de Paris, como organização de ensino e modelo estético, e com grande ênfase nos avanços tecnológicos e sua aplicação na construção – herança norte-americana. O diferencial desse curso, quando comparado à Politécnica, encontrava-se no trabalho em ateliê – elemento primordial para o ensino de arquitetura ligado às belas-artes.

Durante sua graduação, Kneese se destacou dos demais estudantes e foi considerado um dos discípulos de Christiano Stockler das Neves. O convívio e a proximidade com o mestre propiciou uma formação profissional rígida, centrada nos princípios do Desenho e no discurso do Belo, adquiridos mediante o constante estudo das regras clássicas de composição.

A primeira hipótese formulada e constatada nesta tese, portanto, foi a de que existem

fortes vínculos entre a trajetória profissional, eclética e moderna, de Eduardo Kneese de Mello e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua graduação na Escola de Engenharia do Mackenzie College, ocorrida entre os anos de 1925 e 1931.

No Capítulo 1 foi verificada a veracidade de outra suposição, na qual se acreditava que após o término de sua graduação no Mackenzie, Kneese de Mello continuou sua formação cultural e arquitetônica em uma busca incessante por *in-formação*. A apresentação de alguns dos livros utilizados durante as aulas e outros títulos pertencentes à biblioteca particular do arquiteto, comprovaram essa pesquisa contínua por *in-formação*. Os livros demonstraram também a relevância de uma boa biblioteca para a constituição de um repertório arquitetônico vasto, pertinente ao profissional que projetava de acordo com as preferências estilísticas de seus clientes.

Para analisar a trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello, no Capítulo 2 desta tese, foi desenvolvida uma pesquisa em busca das fontes primárias, especialmente documentação iconográfica e projetos de arquitetura, que revelassem novos conhecimentos referentes a esse período. Ao sistematizar as informações obtidas no levantamento e inter-relacioná-las com aquelas narradas pelo arquiteto em depoimentos e textos, foi possível averiguar e compreender o período em que ocorreu a sua transposição para a fase vinculada às premissas do Movimento Moderno.

É notório que, em decorrência de sua formação acadêmica, Kneese de Mello iniciou sua carreira com a concepção de projeto estabelecida pelo Ecletismo tardio dos anos de 1930. Naquela época, foi responsável pelo projeto e construção de um grande número de residências com as mais variadas características formais. Esses projetos demonstraram a sua habilidade e destreza ao realizar composições baseadas em seu vasto repertório arquitetônico – residências com estilemas *normandos*, *californianos*, *coloniais*, *mexicanos* e até *modernos*, como o arquiteto gostava de exemplificar.

Essas residências, distribuídas nos principais bairros da cidade de São Paulo da época, como os jardins América, Europa, Paulista e Pacaembu, respondiam *corretamente* à posição intelectual de sua clientela: a elite e classe média paulistanas. Essas famílias abastadas acreditavam que a reprodução dos padrões e modos de morar oriundos do Ecletismo eram sinônimos de progresso e *status* social, e expressavam uma identificação cultural com os hábitos

civilizadores das metrópoles europeias. Essas referências passaram a ser substituídas, gradualmente a partir dos anos de 1930, pelos arquétipos estadunidenses, principalmente após difusão do cinema hollywoodiano e o crescimento da influência econômica dos Estados Unidos.

Kneese contava, sempre da mesma maneira, como aconteceu sua *conversão*, abrupta e sem transições conciliadoras, à Arquitetura Moderna. Narrava, continuamente, o episódio em que foi convidado para recepcionar, no Instituto de Engenharia, arquitetos cariocas que seguiam para o V Congresso Pan-americano de Arquitetos em Montevidéu (1940).

Sua participação no congresso foi um acontecimento decisivo para os rumos de sua trajetória profissional, pois, ao mesmo tempo em que havia sido premiado por seus projetos residenciais nos mais variados estilos, entrou em contato com arquitetos de outros países e com a vanguarda carioca. Esse primeiro impacto foi definitivo para a reorientação da arquitetura praticada por Kneese. Passou adotar novos valores, uma nova atitude profissional com caráter humanista e forte preocupação social. Renegou o seu passado arquitetural com a mesma veemência que se dedicou à divulgação dos paradigmas da Arquitetura Moderna.

Entretanto, após constataremos que Eduardo Kneese de Mello projetou residências vinculadas ao Ecletismo até o ano de 1947 – cinco anos após a elaboração do edifício MARA, primeiro projeto moderno do arquiteto –, confirmou-se a existência de um período de transição de quase uma década. Comprovou-se, portanto, a hipótese de que sua adesão ao Movimento Moderno, apregoada como um credo e uma mudança brusca, não se realizou desse modo abrupto, manifestou-se de modo mais brando e duradouro do que o arquiteto gostava de admitir.

Para discutir e examinar esse período de transição existente, optou-se por analisar os projetos de residências unifamiliares elaborados por Kneese de Mello com o objetivo de estabelecer relações formais, conceituais e construtivas, vislumbrando ainda a possibilidade de descobrir permanências, transitoriedades e distinções na obra do arquiteto. Essa análise contemplou, também, a historiografia das tipologias e suas características formais; assim como as condicionantes históricas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais que influenciaram essa arquitetura.

Para o estudo de casos desta tese foram selecionadas 45 residências a partir dos critérios estabelecidos no Capítulo 3, tais como: localização e identificação em acervos ou periódicos;

publicações em livros ou periódicos especializados; serem possuidores de inovações técnicas, programáticas ou formais.

Os projetos selecionados foram apresentados em ordem cronológica, procurando facilitar a compreensão das transformações ocorridas nos modos de morar e, também, das alterações existentes nas concepções arquitetônicas e métodos projetuais, ao longo de toda a trajetória profissional de Kneese de Mello.

A análise dos projetos foi orientada por cinco temas: caracterização geral; programas funcionais; esquemas típicos de distribuição; tipos de implantação; e, por fim, variações formais. Optamos por analisar os projetos dessa maneira por ser a única que proporcionaria o entendimento da obra de Kneese como um conjunto. Acreditamos que análises individuais não revelariam as informações buscadas, principalmente aquelas referentes ao período de transição.

O objetivo principal do estudo de caso era verificar e, quando possível, demonstrar as convergências e contraposições, semelhanças e discrepâncias, inovações e continuidades existentes nos projetos arquitetônicos concebidos pelo arquiteto Kneese de Mello para as residências unifamiliares da elite e classe média paulistanas.

Essas análises permitiram compreender que existem permanências marcantes nos projetos do arquiteto, mesmo após sua proclamada adesão à Arquitetura Moderna. Essas semelhanças e continuidades estão vinculadas aos conhecimentos advindos de sua formação universitária, ao padrão socioeconômico de sua clientela, e, também, nos pressupostos conceituais, culturais e formais, legados pelo Ecletismo tardio dos anos de 1930.

Ao examinar as plantas dessas residências ficou evidente que, em todas elas, a organização espacial foi herdada do processo de redefinição pelo qual passou a casa burguesa, iniciado no final do século XIX após a chegada do Ecletismo e do *morar à francesa*.

O esquema distributivo se caracteriza pela divisão tripartida, em que os cômodos da residência são agrupados conforme sua destinação. Criam-se, dessa maneira, três setores muito bem definidos espacialmente para que nunca se sobreponham: setor social, íntimo e de serviço. Esse tipo de distribuição é garantido pelo modo de agenciamento e por elementos que organizam a hierarquia espacial, tais como as entradas distintas para o setor social e setor de serviço e uso do vestíbulo.

Carlos Lemos, em *A História da Casa Brasileira* (1996, p. 69), adverte que o esquema de circulação trazido pelo Ecletismo, e adotado também pelo neocolonial, já havia sido abandonado ou era usado com muita parcimônia. Explica ainda que as residências projetadas por Victor Dubugras, no começo do século XX, não utilizavam mais o esquema distributivo francês, em que a sala de jantar substituíra o papel desempenhado pelo vestíbulo – a *sala praça*, como o autor a denomina.

Ao examinarmos residências projetadas por Le Corbusier, nas primeiras décadas do século XX, podemos notar que existem alterações na distribuição dos espaços, condizentes ao *morar moderno*. Nas casas Citrohan (1922) e Weissenhof (1927), o esquema distributivo está de acordo com os novos hábitos e costumes modernos, e, por tal razão, os espaços são integrados e mais flexíveis, não havendo mais aquela rigidez dependente do vestíbulo. As máquinas, entre elas o automóvel, são parte da edificação principal.

As residências projetadas por arquitetos considerados expoentes do modernismo paulista, como Rino Levi, João Batista Vilanova Artigas e Oswaldo Bratke, apresentam alterações nos espaços ligadas às novas normas de convívio e ao conforto proporcionado por inovações tecnológicas e racionalização da construção. No *morar moderno* paulista, a continuidade espacial proporcionada pelos grandes vãos é enfatizada e amplamente empregada, sugerindo um novo modo de vida. Neste, os setores são intencionalmente superpostos.

Ao intentar uma comparação entre as soluções espaciais existentes nas residências elaboradas por Eduardo Kneese de Mello após sua conversão ao Movimento Moderno com aquelas projetadas por seus contemporâneos, observamos que houve arraigamentos de seu modo de projetar que se configuraram pelo acúmulo de experiências profissionais de seu período estilístico em suas obras modernas.

A diversidade de tendências arquitetônicas encontrada nos projetos residenciais desenvolvidos por Kneese de Mello pode ser entendida como consequência direta de sua formação acadêmica baseada nos paradigmas da École de Beaux-Arts de Paris; de sua busca incessante por *in-formação*; e, além disso, resultante da posição intelectual de seus clientes que buscavam demonstrar sua posição social e intelectual nos frontispícios de suas residências – realidade do mercado imobiliário naquela época.

O estudo de casos comprovou a coexistência das diferentes linguagens plásticas da arquitetura ao longo do período estudado; portanto, houve a intercalação das características formais empregadas. Nota-se, entretanto, a hegemonia de certas referências formais, sobretudo dos projetos referenciados no neocolonial, luso-brasileiro ou hispano-americano, e seus hibridismos.

As linguagens geométricas e o despojamento ornamental também foram utilizados por Kneese em seus projetos. Nas primeiras residências são encontrados estilemas do *Art-déco* e, inclusive, da Arquitetura Moderna, porém, como o arquiteto dizia, esta última linguagem era empregada *sem convicção*, apenas como mais uma opção estilística escolhida pelo proprietário.

Com a aproximação dos anos de 1950, dez anos depois de sua suposta conversão abrupta, é possível notar aproximações formais e técnico-construtivas com a linguagem empregada pela escola paulista e também com os cânones modernos difundidos por Le Corbusier, como o uso de pilotis e das janelas horizontais.

As permanências encontradas na trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello não depreciam o conjunto de suas obras arquitetônicas, nem diminuem a sua importância e contribuição para a Arquitetura Brasileira, apenas demonstram que as residências unifamiliares projetadas pelo arquiteto, ecléticas ou modernas, resultam de uma experiência profissional contínua e libertária.

Ao mesmo tempo em que sua formação deixou seus rastros e sua clientela os seus registros, ele, por meio de uma consciência de mudança, buscou e construiu uma libertação dos cânones a que esteve submetido.

E, assim, de olhos vendados, espalhei por S. Paulo um número grande de casas de todos os estilos. E apeguei-me, ainda, a um tradicionalismo falso, de formas, ao invés de princípios e repeti em concreto armado as construções de taipa de nossa era colonial.

Não tenho acanhamento algum em confessar que errei. Pior seria se procurasse insistir no erro. **Lamento, porém, o tempo perdido nesse caminho errado e os vícios nele adquiridos, contra os quais tenho que lutar ainda hoje.**

Eduardo Kneese de Mello (1949, p. 2)

B. BIBLIOGRAFIA

A Cidade da Light 1899-1930. São Paulo: Superintendência de Comunicação: Departamento de Patrimônio Histórico: Eletropaulo, 1990.

Acrópole: Arquitetura, Urbanismo, Decoração. São Paulo: Técnicas Brasileiras, 1938-1971. Mensal.

AMARAL, Aracy. *A Hispanidade em São Paulo: da Casa Rural à Capela Santo Antônio*. São Paulo: Livraria Nobel: Edusp, 1981.

_____. *Arquitectura Neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial: Fondo de Cultura Económica, 1994.

_____. *Artes Plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Editora 34, 1998.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)*. São Paulo: Edição Saraiva, 1957.

_____. *São Paulo Nesse Tempo (1915-1935)*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

_____. *São Paulo Atual (1935-1962)*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *Barry Parker: Um Arquiteto Inglês na Cidade de São Paulo*. 1998. 486 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ANDRADE, Mário de. “O Movimento Modernista”. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002, p. 253-280.

Architectura e Construções. São Paulo: Instituto Paulista de Architectos, 1929-1932. Irregular.

Arquitetura Contemporânea no Brasil. Rio de Janeiro: B. Carneiro, 1947.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura: São Paulo no Meio Século XX*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: A Sociedade Urbana do Brasil e a Recepção do Mundo Norte-americano*. 2007. 470 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Arquitetando a “Boa Vizinhança”: Arquitetura, Cidade e Cultura nas Relações Brasil-Estados Unidos – 1876-1945*. São Paulo: Pontes, 2010.

AZEVEDO, Aroldo de (org.). *A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana*. São Paulo: Nacional, 1958.

BACELLI, Ronei. *A Presença da Cia. City em São Paulo e a Implantação do Primeiro Bairro-jardim, 1915-1940*. 1982. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARBARA, Fernanda. *Duas Tipologias Habitacionais: O Conjunto Ana Rosa e o Edifício Copan. Contexto e Análise de Dois Projetos Realizados em São Paulo na Década de 1950*. 2004. 332 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BECHERINI, Aurélio. *Aurélio Becherini*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BENEDETTI, Emma; SALMONI, Anita. *Arquitetura Italiana em São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

____. *Introdução à Architectura*. Lisboa: Edições 70, 2007.

BICCA, Briane E. P.; BICCA, Paulo R. S. *Arquitetura na Formação do Brasil*. Brasília: UNESCO: Caixa Econômica Federal, 2006.

BONDUKI, Nabil Georges. *Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. São Paulo: Estação Liberdade: Fapesp, 1998.

BRAGA, Theodoro. “Por uma Arte Brasileira”. *Acrópole*. São Paulo: n° 1, p. 19-20, 1938.

____. “Por uma Arte Brasileira”. *Acrópole*. São Paulo: n° 20-1, p. 25-6, 1940.

BREIA, Maria Teresa de Stockler e. *A Transição do Ensino da Arquitetura Beaux-Arts para o Ensino da Arquitetura Moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie - 1947-1965*. 2005. 488 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAMARGO, Mônica Junqueira de. *Princípios de Arquitetura Moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke*. 2000. 187 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. “População e Sociedade em São Paulo no Século XIX”. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 2 (A Cidade no Império), p. 15-552.

CAMPOS, Candido Malta. *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e Modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

CAMPOS, Eudes. “São Paulo: Desenvolvimento Urbano e Arquitetura sob o Império”. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 2 (A Cidade no Império), p. 187-249.

CARR, Edward Hallet. *Que é História? Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CEDODAL. *Congresos Panamericanos de Arquitectos 1920-2000: Aportes para Su Historia*. Buenos Aires: CEDODAL – Centro de Documentación de Arte y Arquitectura Latinoamericana: Federación Panamericana de Asociaciones de Arquitectos, 2007.

COLIN, Silvio. *Uma Introdução à Arquitetura*. Rio de Janeiro: Uapê, 2000.

“Construtor do mês: Eduardo Kneese de Mello”. *A Construção São Paulo*. São Paulo: nº 1497, p. 40-1, 1976.

CORONA, Eduardo. “Morte e Vida de uma Revista”. *Acrópole*. São Paulo: nº 390-391, p. 6, 1971.

COSTA, Luiz Augusto Maia. *O Moderno Planejamento Territorial e Urbano em São Paulo: A Presença Norte-americana no Debate da Formação do Pensamento Urbanístico Paulista 1886-1919*. 2005. 488 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CURTIS, William J. R. *Arquitetura Moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

D'ALAMBERT, Clara Correia. *Manifestações da Arquitetura Residencial Paulistana entre as Grandes Guerras*. 2003. 226 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DAHER, Luiz Carlos. “Atualidades do Modernismo (Algumas Imagens)”. In: *Warchavchik, Pilon, Rino Levi: Três Momentos da Arquitetura Paulista*. São Paulo: Funarte: Museu Lasar Segall, 1983, p. 9-28.

DREXLER, Arthur (org.). *The Architecture of the École des Beaux-Arts*. New York: The Museum of Modern Art, 1977.

DUARTE, Benedito Junqueira. *B. J. Duarte: Caçador de Imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

EGBERT, Donald Drew. *The Beaux-Arts Tradition on French Architecture. Illustrated by the Gands Prix de Rome*. Princeton: Princeton University Press, 1980.

“Engenheiros de 1931”. *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo: nº 57, p. 160-1, 1932.

“Exposição de uma Casa em Estilo Mexicano, Construção do Engenheiro Arquiteto Eduardo Kneese de Mello”. *Record*. São Paulo: n° 6, s.p., 1934.

“Exposição da Casa da Rua Pamplona 193-a”. *Record*. São Paulo: n° 7, s.p., 1934a.

“Exposição Pan-americana de Arquitetura e Urbanismo: Prêmios Obtidos pela Representação Brasileira”. *Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: n° 2, p. 106-42, 1940.

FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel: Edusp, 1987.

FICHER, Sylvia. *Arquitetos e Engenheiros-arquitetos da Escola de Engenharia Mackenzie*. Brasília: mimeo, 1989-2007.

_____. *Os Arquitetos da Poli: Ensino e Produção em São Paulo*. São Paulo: Fapesp: Edusp, 2005.

GARCEZ, Benedicto Novaes. *Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970

GROSSMAN, Elizabeth Greenwell. *The Civic Architecture of Paul Cret*. New York: Cambridge University Press, 1996.

GUTIERREZ, Ramón. “Historiografia e Ensino da História da Arquitetura na América: 1850-1990”. *Revista do Programa de Pós-graduação da FAU-USP*. São Paulo: n° 1, p. 242-51, 1995-6.

HILTON, Ronald. *Who's Who in Latin America: A Biographical Dictionary of Notable Living Men and Women of Latin America*. Detroit: Blaine Ethridge, 1971.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis. Grandeza e Decadência de um Bairro Paulistano*. São Paulo: Prefeitura Municipal: DPH, 1979 (Coleção História dos Bairros de São Paulo).

_____. “Sobre a Construção da Capital do Café e da Indústria (1875-1930)”. In: *Warchavchik, Pilon, Rino Levi: Três Momentos da Arquitetura Paulista*. São Paulo: Funarte: Museu Lasar Segall, 1983, p. 29-49.

_____. *O Palacete Paulistano e Outras Formas Urbanas de Morar da Elite Cafeeira, 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

“Incentiva-se em S. Paulo o Gôsto pela Arquitetura Mexicana”. *Folha da Noite*. São Paulo: 16 jul. 1934, p. 4.

KATINSKY, Julio Roberto. *Casas Bandeiristas: Nascimento e Reconhecimento da Arte em São Paulo*. São Paulo: IGEOG-USP, 1976.

KIDNEY, Walter. *The Architecture of Choice: Eclecticism in America 1880-1930*. New York: George Braziller, 1974.

KOSSOY, Boris. *São Paulo, 1900: Imagens de Guilherme Gaensly*. São Paulo: Kosmos, 1988.

LANGENBUCH, Juergen Richard. *Estruturação da Grande São Paulo: Estudo de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.

LE MOS, Carlos A. C. *Cozinhas Etc.: Um Estudo sobre as Zonas de Serviço da Casa Paulista*. São Paulo: Nobel, 1976.

_____. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos: Edusp, 1979.

_____. "Os Três Pretensos Abridores de uma Porta Difícil". In: *Warchavchik, Pilon, Rino Levi: Três Momentos da Arquitetura Paulista*. São Paulo: Funarte: Museu Lasar Segall, 1983, p. 3-8.

_____. *Alvenaria Burguesa: Breve História da Arquitetura Residencial de Tijolos em São Paulo a Partir do Ciclo Econômico Liderado pelo Café*. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. *A República Ensina a Morar (Melhor)*. São Paulo: Hucitec, 1999a.

_____. *Casa Paulista: História das Moradias Anteriores ao Ecletismo Trazido pelo Café*. São Paulo: Edusp, 1999b.

_____. *História da Casa Brasileira*. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. *Viagem pela Carne*. São Paulo: Edusp, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1946.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Evolução da casa paulistana e a arquitetura de Ramos de Azevedo*. São Paulo: Voz do Oeste: Secretaria de Estado da Cultura, 1981.

"Mais uma Exposição Patrocinada pela Revista Record". *Record*. São Paulo: n° 13, p. 28, 1935.

MELLO, Eduardo Kneese de. "Fonte e Terraço num Parque". *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo: n° 54, s.p., 1930.

_____. "Projecto-tese de uma Polyclinica para S. Paulo". *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo: n° 57, s.p., 1932.

- _____. *Construções Residenciaes*. São Paulo: União Paulista de Imprensa, 1937.
- _____. “Residência Jean Lecoq”. *Acrópole*. São Paulo: nº 1, p. 27-33, 1938.
- _____. “Acrópole de Athenas”. *Acrópole*. São Paulo: nº 1, p. 14-8, 1938a.
- _____. “Santuário de Congonhas do Campo”. *Acrópole*. São Paulo: nº 2, p. 33-42, 1938b.
- _____. “Cabo Frio”. *Acrópole*. São Paulo: nº 4, p. 15-24, 1938c.
- _____. “A Arquitetura Colonial e José Wasth Rodrigues”. *Acrópole*. São Paulo: nº 6, p. 39, 1938d.
- _____. “Edifício Leônidas Moreira”. *Acrópole*. São Paulo: nº 53, p. 169-72, 1942.
- _____. “Edifício MARA”. *Acrópole*. São Paulo: nº 81-82, p. 282-3, 1945.
- _____. “Porque Arquitetura Contemporânea”. *Acrópole*. São Paulo: nº 102, p. 159-68, 1946.
- _____. “A Carta de Atenas (Tradução)”. *Acrópole*. São Paulo: nº 109, p. 1-4, 1947.
- _____. “Núcleo Residencial do IAPC”. *Acrópole*. São Paulo: nº 107, p. 273-84, 1947.
- _____. “Arquitetura, Urbanismo e Democracia”. *Acrópole*. São Paulo: nº 123, p. 91-6, 1948.
- _____. *Forma e Função*. São Paulo: GFAU, 1949.
- _____. “Considerações sobre Arquitetura Moderna”. *Acrópole*. São Paulo: nº 134, p. 47-50, 1949a.
- _____. “Rotary e Arquitetura”. *Acrópole*. São Paulo: nº 138, p. 156-7, 1949b.
- _____. “O Arquiteto no Brasil”. *Acrópole*. São Paulo: nº 144, p. 289-92, 1950.
- _____. “Centro de Debates Culturais”. *Acrópole*. São Paulo: nº 152-3, p. 229-32, 1950-1951.
- _____. “Edifice Mara à Sao Paulo”. *L'Architecture d'Aujourd'Hui – Brésil*. Paris: nº 42-43, p. 55, 1952.
- _____. “Habitação na URSS. Relatório de Eduardo Kneese de Mello”. *Arquitetura*. São Paulo: nº 9, p. 29-31, 1963.
- _____. *A Herança Mourisca da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: FAU-USP, 1975a.

_____. *Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências*. São Paulo: FAU-USP, 1975b.

_____. *Curriculum vitae*. São Paulo, 5 v., 1975c.

_____. “Depoimento”. In: IAB-SP. *Arquitetura e Desenvolvimento Nacional. Depoimentos de Arquitetos Paulistas*. São Paulo: Pini, 1979[?], p. 13-5.

_____. *Joãosinho: O Oficibói*. São Paulo: Editora Faculdade de Belas-Artes de São Paulo, 1988a.

_____. “Mutirão e Habitação”. In: SÁ, Alvino Augusto; MELLO, Eduardo Kneese de; et. al. *A Cidade, A Habitação*. Guarulhos, SP: APEC: Universidade de Guarulhos, 1988b.

MELLO, Eduardo Kneese de; OLIVEIRA, Sidney de. “Cemitério Vila Pauliceia”. *Acrópole*. São Paulo: n° 365, p. 24-5, 1969.

_____. “Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito”. *Projeto*. São Paulo: n° 31, p. 22-5, 1981.

MELLO, Eduardo Kneese de; SENNA, Carlos. “Palácio do Comércio”. *Módulo*. Rio de Janeiro: n° 13, p. 10-1, 1959.

MELLO, Horácio Kneese de. *Histórias Acontecidas e Outras Histórias*. São Paulo: Proposta Editorial, 1988.

MELLO, Joana. *Ricardo Severo: Da Arqueologia Portuguesa à Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007.

MENDES, Marcel. *Mackenzie no Espelho: Uma História Documentada da Cassação ao Reconhecimento dos Cursos de Engenharia (1932-1938)*. São Paulo: Mackenzie, 2000.

MIDDLETON, R.; WATKIN, D. *Architecture of the Nineteenth Century*. Milano: Electa Architecture, 2003.

MIGNOT, Claude. *Architecture of the 19th Century*. Italy: Evergreen, 1994.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. *A Casa*. Londrina: Eduel, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-fabricação e a Obra de Kneese de Mello*. 2007. 253 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo: De Comunidade à Metrópole*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

NELSON, George; WRIGHT, Henry. *Tomorrow's House: How to Plan Your Post-War Home Now*. New York: Simon and Schuster, 1945.

NEVES, Christiano Stockler das. "Architectura Colonial". *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo, nº 22, p. 50-60, 1919a.

_____. "Architectura Colonial". *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo, nº 20, p. 18-22, 1919b.

_____. "Architectura Colonial". *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo, nº 19, p. 40-2, 1919c.

_____. "'DE RE AEDIFICATORIA'. AO ARCHITECTO OU AO ENGENHEIRO? O Caso do Hippodromo Brasileiro". *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo: nº 48, p. 19-22, 1928.

_____. "Plano de Estudos Mínimos do Architecto nas Universidades da América, a Fim de que os Títulos que estas Expedem possam Habilitar ao Exercício da Profissão em Todos os Paizes do Continente. III Congresso Pan-Americano de Architectos". *O Estado de São Paulo*. São Paulo: Seção de Obras, 1927.

_____. "A Pretensa Architectura Moderna". *Architectura e Construções*. São Paulo, nº 1, p. 15-19, 1929.

_____. "Faculdade de Arquitetura Mackenzie". *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo: nº 111-112, p. 29, 1952.

NEWCOMB, Rexford. *The Franciscan Mission Architecture of Alta California*. New York: Architectural Book, 1916.

_____. *The Old Mission Churches and Historic Houses of California: Their History, Architecture, Art and Lore*. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1925.

_____. *The Spanish House for America: Its Design, Furnishing and Garden*. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1927.

_____. *The Mediterranean Domestic Architecture in the United States*. [S.l.]: J. H. Jansen, 1928.

_____. *The Colonial and Federal House: How to Build an Authentic Colonial House*. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1933.

_____. *Spanish Colonial: Architecture of USA*. New York: J. J. Augustin, 1937.

NIEMEYER [Soares Filho], Oscar; et alii. “Parque do Ibirapuera”. *Acrópole*. São Paulo: nº 185, p. 210-8, 1954.

PAIM, Gilberto. *A Beleza Sob Suspeita: o Ornamento em Ruskin, Lloyd Wright, Loos, Le Corbusier e Outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PATETTA, Luciano. *L'Architettura Dell'Eclétismo: Fonti, Teorie, Modelli 1750-1900*. Milão: Maggioli, 2007.

PEREIRA, Gustavo. *Christiano Stockler das Neves e o Curso de Arquitetura no Mackenzie College*. 1984. Monografia (Trabalho Final de Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

_____. *Christiano Stockler das Neves e a Formação do Curso de Arquitetura no Mackenzie College: Um Estudo sobre a Disseminação dos Métodos da École des Beaux-Arts de Paris e das Fine Arts Schools Norte-americanas*. 2005. 496 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

PEREIRA, Sônia Gomes. “O Ensino Acadêmico e a Teoria da Arquitetura no Século XX”. In: OLIVEIRA, Beatriz; LASSANCE, Guilherme; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo; BRONSTEIN, Laís (orgs.). *Leituras em Teoria da Arquitetura*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009, p. 72-91, v. 1 (Conceitos).

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Modernizada ou Moderna? A Arquitetura em São Paulo, 1938-1945*. 1997. 356 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Neocolonial, Modernismo e Preservação do Patrimônio no Debate Cultural dos Anos 1920 no Brasil*. 2005. 233 f. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PIRES, Mário Jorge. *Sobrados e Barões da Velha São Paulo*. Barueri, SP: Manole, 2006.

PONTES, José Alfredo Vidigal. *São Paulo de Piratininga: de Pouso de Tropas a Metrópole*. São Paulo: O Estado de São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003.

REALE, Ebe. *Brás, Pinheiros, Jardins: Três Bairros, Três Mundos*. São Paulo: Pioneira: Edusp, 1982.

Record: Revista de Arquitetura e Decorações. São Paulo: Empresa Record, 1934-?. Mensal.

REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello | Arquiteto: Análise de sua Contribuição à Habilitação Coletiva em São Paulo*. 2006. 293 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

_____. *Com Entusiasmo: a Vida e Obra de Eduardo Kneese de Mello*. 2003. 127 f. Monografia (Trabalho Final de Graduação) – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo.

REGINO, Aline Nassaralla; SANTOS, Ademir Pereira dos; et alii. *Arquitetura Atribuição do Arquiteto: Homenagem ao Centenário do Arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello (1906-1994)*. São Paulo: Centro Universitário Belas-Artes de São Paulo, 2005.

REIS, Nestor Goulart (coord.). *100 Anos de Ensino de Arquitetura e Urbanismo em São Paulo*. São Paulo: Comissão de Cultura e Extensão Universitária, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1996.

REIS, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. *São Paulo: Vila, Cidade, Metrópole*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2004.

_____. *Victor Dubugras: Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2005.

Revista de Engenharia Mackenzie. São Paulo: Escola de Engenharia Mackenzie: Centro Acadêmico Horácio Lane, 1915-.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. “O Ecletismo e Seus Contemporâneos na Arquitetura do Rio de Janeiro”. In: CZAIJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da Arquitetura Eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

RODRIGUES, Eduardo de Jesus. *O Estilo Missões: As Fachadas na Arquitetura Paulistana*. 1985. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROLNIK, Raquel. *Cada Um no Seu lugar! São Paulo, Início da Industrialização: Geografia do Poder*. 1981. 217 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROTH, Leland M. *Entender la Arquitectura: Sus Elementos, Historia y Significado*. Barcelona: GG, 2008.

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: Pequena História de uma Ideia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SÁ, Marcos Moraes de. *Ornamento e Modernismo: a Construção de Imagens na Arquitetura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

SABBAG, Haifa. “Com Entusiasmo. E Paixão”. *Revista AU*. São Paulo: nº 5, p. 28-30, 1986.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. “O Papel da Iniciativa Privada na Formação da Periferia Paulistana”. *Revista Espaços & Debates*. São Paulo, nº 37, p. 19-33, 1994.

_____. “Christiano Stockler das Neves: Uma Atuação Polêmica”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, nº 39, p. 181-196, 1995.

_____. (org.). *A Promoção Privada de Habitação Econômica e a Arquitetura Moderna: 1930-1964*. São Carlos: RiMa, 2002.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de; DERNTL, Maria Fernanda. “Christiano Stockler das Neves, o Arquiteto, o Professor e o Defensor da Profissão”. In: *Universidade Presbiteriana Mackenzie. Escola de Engenharia. Pró-Memória*. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 1997. p. 46-51.

SANTOS, Lena Coelho. *Arquitetura Paulista em torno de 1930-1940*. 1985. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, Maria Cecilia Loschiavo dos. *Escola Politécnica da Universidade de São Paulo 1894-1984*. São Paulo: Reitoria da Universidade de São Paulo, 1985.

SANTOS, Paulo F. *Quatro Séculos de Arquitetura*. Rio de Janeiro: Valença, 1977.

SARAMAGO, José. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEGAWA, Hugo. *Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: ProEditores, 1997.

_____. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. *Prelúdio da Metrópole: Arquitetura e Urbanismo e, São Paulo na Passagem do Século XIX ao XX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

SEXTON, Randolph Williams. *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*. New York: Bretano's, 1927.

SILVA, Elaine Pereira da. *Eduardo Kneese de Mello e o Edifício Japurá*. 2003. 220 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação, São Carlos.

SMALL, Harold A. *Form and Function: Remarks on Art by Horatio Greenough*. Los Angeles: The University of California Press, 1947.

SOUZA, M. Claudia Pereira. *O Capital Imobiliário e a Produção do Espaço Urbano: O Caso da Cia. City*. 1988. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo.

THOMAZ, Dalva. “Eduardo Kneese de Mello – Documento”. *Revista AU*. São Paulo: nº 45, p. 80-8, 1992-1993.

_____. *Um Olhar sobre Vilanova Artigas e sua Contribuição à Arquitetura Brasileira*. 1997. 423 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

_____. *São Paulo: Três Cidades em um Século*. São Paulo: Cosac Naify: Duas Cidades, 2004.

WARE, William Robert. *The American Vignola: The Five Orders*. Scranton: International Textbook Company, 1925.

WHITE, Theo Ballou. *Paul Philippe Cret: Architect and Teacher*. Philadelphia: Art Alliance Press, 1973.

WOGENSCKY, André. *Mãos de Le Corbusier*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América: O Primeiro Bairro-jardim de São Paulo e Sua Arquitetura*. São Paulo: Fapesp: Edusp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

YOSHIDA, Celia Ballario et alii. *Henrique Ephim Mindlin: O Homem e o Arquiteto*. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen, 1975.

A ■ PÊNDICES

A ■ PÊNDICE 1

CRONOLOGIA: SÍNTESE IMPERFEITA

1906

- ___ Eduardo Augusto Kneese de Mello nasce em São Paulo no dia 5 de abril.
- ___ Segundo filho de Horácio de Mello e Clotilde Kneese de Mello, teve cinco irmãos: Lígia, Marina, Haroldo, Horácio e Clotilde.

A1.1 Eduardo Kneese de Mello, 1906.

A1.2 Horácio de Mello, 1902.

A1.3 Clotilde Kneese de Mello e Lígia, 1904.

A1.4 Kneese de Mello e seus irmãos, da esquerda para direita: Eduardo, Lígia, Marina e Haroldo.

Fonte: Acervo Eduardo Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

1924

- ___ Conclui os estudos secundários no Mackenzie College, São Paulo. Estudou anteriormente na Escola Modelo Caetano de Campos, São Paulo.

A1.5 Formatura no Colégio Americano, 1924.

Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

1929

- ___ Abre um escritório de topografia na rua Barão de Itapetininga com os colegas da Escola de Engenharia do Mackenzie College: Oswaldo Bratke (engenheiro-arquiteto, 1931), Oscar Americano (engenheiro civil, 1931) e Clóvis Silveira (engenheiro civil, 1932).

1930

- ___ Casa-se com Wilma Lindenberg Quintanilha (Vite) com quem tem três filhos: Norma de Mello Pinto Pereira, Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.
- ___ É publicado seu trabalho escolar intitulado *Fonte e Terraço num Parque*. (*Revista de Engenharia Mackenzie*, São Paulo, nº 54, p. 194, 1930).
- ___ Participa como membro aderente do IV Congresso Pan-americano de Arquitetos no Rio de Janeiro, DF.

A1.6 Casamento de Kneese de Mello com Wilma Quintanilha (*Vite*), 1930.
Fonte: Acervo Eduardo Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

1932

- ___ Seu projeto-tese, uma policlínica para São Paulo, é publicado. (*Revista de Engenharia Mackenzie*, 1932, nº 57, p. 138).
- ___ É diplomado engenheiro-arquiteto pela Escola de Engenharia do Mackenzie College. Na cerimônia de colação de grau, realizada em 4 de março, foi orador da turma. (*Revista de Engenharia Mackenzie*, São Paulo, nº 57, p. 160, 1932).
- ___ Membro titular do Instituto de Engenharia de São Paulo (IE).
- ___ Recém-formado, trabalha no escritório de Luiz Espinheira (sócio de Alfredo Ernesto Becker), arquiteto renomado em São Paulo e construtor especializado em residências.

A1.7 Formatura de Kneese de Mello no Mackenzie College, 1931.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1933

___ Projetos: Rua Floresta, 2a; Rua Coronel Oscar Porto, 54.

1934

___ Abre o seu primeiro escritório no Largo da Misericórdia, 23, 12º Andar, São Paulo.

___ Vicente Nigro Júnior trabalha em seu escritório. (FICHER, 1989-2007, p. 66).

___ Exposição da casa da rua Pamplona 193-a patrocinada pela revista *Record*. O projeto, realizado por Eduardo Kneese de Mello para José Martins Borges, esteve aberto à visitação pública entre os dias 14 e 22 de julho, atingindo cerca de três mil visitantes. (*Record*, São Paulo, nº 7, p. 5, 1934).

___ Projeta e constrói residências de José Martins Borges, Armando Costa Magalhães e duas para José Martins Borges, mais casas econômicas de propriedade de Waldemar Sampaio Cintra.

___ Outros projetos: rua Mourato Coelho, 154; rua Alves Guimarães, 86 e 86-a; rua Guarará, 84 e outros; rua Maranhão 6 e 8.

A1.8 Auto-retrato de Kneese em seu primeiro escritório, 1934.
Fonte: Acervo Eduardo Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

1935

- ___ Projeta e constrói as residências de João Amorim de Souza, Manoel Borges, Luiz Aranha Junior, Sebastião Ferraz Salles, Altino de Castro Lima, Ismael Ribeiro de Barros, Américo Martins Santos Junior e Antonio Pinto Cardoso de Mello.
- ___ Outros projetos: rua Liberdade, 209; rua Maestro Elias Lobo, 22; rua Inglaterra, 10; rua Ezequiel Ramos, 51; rua Cuba, 57.

1936

- ___ Projeta e constrói as residências de Maria Rosa Cavalcanti, Theodoro Braga, Américo Floriano de Toledo, Mario Dias da Costa, Francisco de Paulo Pinto Hartung e Francisco de Assis e Almeida.
- ___ Outros projetos: rua Senador Felício dos Santos, 54.

1937

- ___ Inicia suas atividades docentes como professor do curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie. Leciona a disciplina Desenho de Sistemas da Construção até 1938.
- ___ Convidado pela União Paulista de Imprensa publica *Construções Residenciaes*, portfólio contendo 28 residências projetadas e construídas até aquele momento.
- ___ Projeta e constrói as residências de Eurico Guerrini, Rudolf Bülau, Rodolfo Kromfeld, Maria Judith Bernardino de Campos, Paulina Muniz de Souza, Marcos Lindenberg, Edgard Toledo Schort, Elias Fleury, Oliver Ferreira, Octavio Mendes Filo, Ismael Brandão, Bianôr Figueiredo, Ary Franco de Camargo, Jean Lecoq, Antonio Pinto Cardoso de Mello e Eduardo Kneese de Mello.
- ___ Outros projetos: rua Alabastro com a rua Jaspe; rua Maestro Elias Lobo, 718; Segundo Grupo Escolar de Bebedouro, SP.

A1.9 Álbum *Construções Residenciais* a convite da União Paulista de Imprensa, São Paulo, 1937.
 Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1938

- ___ Integra o conselho editorial da revista *Acrópole*, publicação especializada em arquitetura que circulou até o ano de 1971.
- ___ Artigos publicados: *Acrópole de Athenas*, *Santuário de Congonhas do Campo*, *Cabo Frio*, *A Architectura Colonial de José Wasth Rodrigues*.
- ___ Projeta e constrói as residências de Eduardo Kneese de Mello (1), Antonio de Paiva Neto, rua Esmeraldina, Matheus Santamaria, Eduardo Kneese de Mello e Octavio Mendes Filho, Alexandre Tito Labat, Eduardo Kneese de Mello (2), Herminio Mazzini e Eduardo Kneese de Mello (3).
- ___ Outros projetos: rua Oscar Guanabara, 14, e outros.

A1.10 Revista *Acrópole*. São Paulo, 1938.
 Fonte: Acervo da autora.

1939

- ___ Artigo publicado: *Como Conseguir as Dimensões de um Objeto Fotografado*.
- ___ Projeta e constrói as residências de Manoel Arantes Matheus, Cyro Costa Filho, George Stanley Smith, Rua Albion, Horácio e Clotilde de Mello e Haroldo Kneese de Mello.
- ___ Outros projetos: alameda Ministro Rocha Azevedo, 760, 768 e 770; rua José Maria Lisboa; rua Avaré, 48; rua Groenlândia; rua Avanhanda, 7; rua Caldeira Brandt, 6.

1940

- ___ Participa como membro titular, delegado do Instituto de Engenharia de São Paulo, do V Congresso Pan-americano de Arquitetos em Montevideú, Uruguai.
- ___ Recebe Diploma - Premio Honor pelo Conjunto de Residências em São Paulo. (Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, nº 2, p. 106 e 114-5, 1940).
- ___ Artigos publicados: Impressões do V Congresso Pan-Americano de Arquitetos, Congresso Pan-americano de Arquitetura.
- ___ Projeta e constrói as residências de Edith Queiroz Mattoso, Eduardo Kneese de Mello, Agenor Camargo, Moacyr Moreira, Ernesto Soares e Diogo Martins Ribeiro Netto.
- ___ Outros projetos: rua Conselheiro Torres Homem, 460; rua João Pinheiro com a rua Maestro Chiaffarelli; rua Santana do Paraíso, 54a; rua Itápolis; rua Antonio Bento; rua Álvares Penteado, 41; rua Groenlândia, 373; rua Diogo Jácome com a rua Baltazar da Veiga.

A1.11 V Congresso Panamericano de Arquitetos, Montevideú, 1940.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1941

- ___ Projeta e constrói as residências de Sylvio Suplicy, Benedita Costa, Horácio Vaz Guimarães e José Vaz Guimarães.
- ___ Outros projetos: avenida Brigadeiro Luis Antonio, 2952 e outros; avenida Brigadeiro Luis Antonio, 2998 e outros; rua dos Pinheiros com a rua Sebastião Velho; rua Capitão Antônio Rosa com a rua Dr. Rosa; rua Augusto Miranda, 619; rua Suécia, 66; rua José Maria Lisboa, 35 e outros; rua Conselheiro Torres Homem, 486; avenida Rebouças, 2325; rua Estados Unidos, 1162; rua General Fonseca Telles, 45; rua General Fonseca Telles, 65; avenida Aurora, 352 e 356; rua Melo Palheta.

1942

- ___ Projeta o núcleo com 24 residências térreas para o Banco Hipotecário Lar Brasileiro (BHLB).
- ___ Edifícios projetados: MARA (apartamentos) e Leônidas Moreira (escritórios).
- ___ Outros projetos: rua Maestro Elias Lobo, 68; rua Senador Felício dos Santos; avenida Brasil, 2099; rua Groenlândia, 406; rua Teixeira Pinto, 79; rua Suécia, 66; avenida Lacerda Franco, 806; rua Tomás Carvalhal, 159; rua 24 de Maio, 196; largo da Misericórdia, 23; rua Monte Alegre, 1094.

1943

- ___ Nomeado delegado do Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB para organização e criação do departamento de São Paulo.
- ___ Fundação do departamento paulista do IAB-SP.
- ___ Membro titular, sócio nº 1 e fundador do IAB-SP.
- ___ Presidente do IAB-SP (1943-1946).
- ___ Projeta as residências: Colonial na avenida Brasil, Isaura Pierotti Alvares de Lima.
- ___ Outros projetos: rua do Carmo, 437 e 439; rua Itassucê, 60; rua Groenlândia, 552; rua Iguatemi, 1451.

A1.12 Arquitetos vindos do Rio de Janeiro para a instalação do IAB-SP, 1943.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1944

- ___ Exposição *Brazil Builds* na Galeria Prestes Maia. São Paulo, 1944.
- ___ Projeta o Conjunto Residencial para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC).
- ___ Outros projetos: rua Paulo Eiró, 601; rua Rússia, 566.

A1.13 Exposição “Brazil Builds” na Galeria Prestes Maia, São Paulo, 1944.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1945

- ___ I Congresso Brasileiro de Arquitetos – Membro da Comissão Organizadora, primeiro vice-presidente.
- ___ Profere discurso na sessão de abertura do I Congresso Brasileiro de Arquitetos, Galeria Prestes Maia, São Paulo.
- ___ Projeta o Conjunto Residencial para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) na rua Japurá.
- ___ Outros projetos: avenida Pacaembu, 1730; avenida Rebouças, 2659; alameda Santos, 960; rua 13 de Maio, 1563; avenida Jabaquara, 267.

A1.14 1º Congresso Brasileiro de Arquitetos, Rio de Janeiro, 1945.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.15 Recepção a Richard Neutra. São Paulo, 1945.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1946

- ___ Museu de Arte Moderna de São Paulo – Membro da organização do Museu e intermediário no recebimento das obras doadas do Museu de Arte Moderna de Nova York.
- ___ Artigos publicados: *Impressões de uma Viagem à Baía, Ecos do 8º Aniversário da Revista Acrópole, Porque Arquitetura Contemporânea.*
- ___ Projeta e constrói a residência de Clotilde Meinberg.

A1.16 Museu de Arte Moderna de São Paulo. Década de 1940.
Fonte: Acervo Eduardo Q. de Mello e Yola de Mello Guimarães.

A1.17 Eduardo Kneese de Mello e Charles Wright em palestra.
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, 1946.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1947

- ___ Recebe *Diploma di Collaborazione* da *Ottava Triennale de Milano*.
- ___ Projeta a residência de Francisco de Assis e Almeida e o Conjunto Residencial para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC).
- ___ Projeta o edifício de escritórios Cavaru.
- ___ Traduz a *Carta de Atenas* (IV CIAM, 1933) para a revista *Acrópole*.
- ___ Eleito presidente do IAB-SP (1947-1948).
- ___ Sócio-fundador da Sociedade Paulista de Medicina Social e do Trabalho.

A1.18 Almoço no Hotel Excelsior, mobilização pela criação da FAU USP. São Paulo, 1947.
Fonte: FICHER, 2005, p. 255.

1948

- ___ Artigo publicado: *Arquitetura, Urbanismo e Democracia*.

A1.19 Almoço do IAB-SP. São Paulo, 1948.
Fonte: Acervo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.

1949

- ___ Eleito presidente do IAB-SP (1949-1950).
- ___ Profere: *Arquitetura e Rotary*. Divulgação cultural de Arquitetura Contemporânea do IAB-SP. Santos, SP.
- ___ Artigos publicados: *Maio 1938 – Maio 1949, Considerações sobre Arquitetura Moderna; Rotary e Arquitetura*.
- ___ Projeta a residência do professor Marcos Lindenberg.
- ___ Outros projetos: Vila Paulista; rua Feliciano Maia, 117.

1950

- ___ Artigos publicados: *O Arquiteto no Brasil; Centro de Debates Culturais. Exposição IAB – Ribeirão Preto, SP, 12 de Novembro de 1950*.
- ___ Profere: *O Arquiteto no Brasil*. Associação de Engenheiros de Campinas.
- ___ Projeta o Edifício Sucupira e as residências geminadas na rua Ribeiro de Moraes, 206 a 286.

1951

- ___ Viagem à Inglaterra para estudar pré-fabricação, convite da firma Uni-seco do Brasil S.A.
- ___ Conselheiro do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CREA-SP até 1952.
- ___ Projetos: Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM – Trianon), residência à rua Itália; rua Princesa Isabel; rua Washington Luis; residências geminadas à rua Ribeiro de Moraes, 296 a 406.
- ___ Comissão de Festejos do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. Membro da equipe de arquitetos para realização dos trabalhos de planejamento das obras urbanísticas e arquitetônicas para as comemorações.
- ___ Membro da direção artística da exposição internacional de Arquitetura e júri da premiação de arquitetura da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

- ___ Recebe: Pequena Medalha de Ouro no I Salão Paulista de Arte Moderna – Seção Arquitetura. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de S. Paulo.
- ___ Artigo publicado: *O Dia do Urbanismo*.
- ___ Profere: *Arquitetura Funcional no Passado e no Presente* no GFAU – Centro de Estudos Folclóricos; *Aspectos da Arquitetura Brasileira* no IAB-RS e no Centro Acadêmico Tasso Correa; *Arquitetura Moderna Brasileira* na União Cultural Brasil-Estados Unidos; *Arquitetura Contemporânea no Brasil* na sede da revista *Architecture d'aujourd'hui*, em Paris; na sede Ina Casa, em Roma; em Estocolmo; no Sindicato dos Arquitetos, em Lisboa; e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em Lima.

A1.20 Comemoração ao 20º aniversário de formatura, 1951.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.22 Sindicato dos arquitetos portugueses. Lisboa, 1951.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.21 Júri de premiação de Arquitetura da 1ª. Bienal do MAM-SP, 1951.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1952

- ___ Participa da equipe de Oscar Niemeyer no projeto do Parque do Ibirapuera.
- ___ Artigo publicado: *Urbanismo Preventivo, Urbanismo Curativo*.
- ___ Projeta residências para Eddy de Freitas Crissiuma, o Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa, residência de fim de semana e o Parque do Ibirapuera.

1953

- ___ Recebe o diploma de sócio efetivo da Sociedade Amigos da Cidade de São Paulo e um certificado de serviço relevante do Conselho Federal de Arquitetura e Engenharia.
- ___ Profere: *Impressões de viagem*, em São Paulo.
- ___ Projeta sua nova residência (Morumbi), Edifício Manacá, Edifício para União Cultural Brasil-Estados Unidos.

1954

- ___ Recebe o certificado por serviço relevante prestado ao Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (CONFEA).
- ___ Participa do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, em São Paulo, como membro da comissão organizadora.
- ___ Profere: *Milton Roberto*. Discurso de posse da Diretoria do IAB-SP.
- ___ Projeta residências pré-fabricadas para o IPESP (Jaboticabal, SP-São Manoel, SP), residência de Lilia Esther Muniz Junqueira, Edifício na Avenida Ipiranga.

A1.23 e A1.24 IV Congresso de Arquitetos Brasileiros. São Paulo, 1954.
Fonte: Anais do IV Congresso Brasileiro de Arquitetos, São Paulo, 1954.

1955

- ___ Eleito presidente do IAB-SP (1955-1956).
- ___ Projetos: edifício de apartamentos Juruá, casas pré-fabricadas Uni-Seco (Guarulhos), residência de Horácio Kneese de Mello (em Cotia), edifício Orly, capela para hospital no bairro do Jaçanã.
- ___ Artigo publicado: *O Prestígio do Arquiteto*.
- ___ Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU-USP, até 1976.
- ___ Realiza curso de Acústica Aplicada à Arquitetura com o professor Luis Garcia Pardo.

A1.25 Inauguração do IV Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo, 1955.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1956

- ___ Arquiteto da NOVACAP até junho de 1960.
- ___ Profere: *A Posição do Arquiteto no Planejamento do Hospital Brasileiro* durante a V Jornada Paulista de Administração Hospitalar, Associação Paulista de Hospitais e IAB-SP.
- ___ Membro da Comissão de Estudo do Problema da Casa Popular por designação do Governo do Estado de São Paulo como representante do Conselho Diretor do IAB.

A1.26 Vista aérea do Palácio da Alvorada. Brasília, final da década de 1950.
 Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.27 Construção do Palácio da Alvorada. Brasília, década de 1950.
 Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.28 Execução do pilar do Palácio da Alvorada. Década de 1950.
 Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1957

- ___ Membro do Júri de seleção para a IV Bienal de São Paulo – Museu de Arte Moderna de São Paulo.
- ___ Profere as conferências: *Porque Brasília* no auditório do IAB Diretório Nacional; *As Razões de Brasília* na Escola de Cadetes de São Paulo.

1958

- ___ Membro da Comissão para criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de São Paulo como representante da FAU-USP, por designação do Governador do Estado de São Paulo, Jânio Quadros.
- ___ Profere: *Brasília 1958* na Sociedade Amigos de São Roque, União Brasileira de Escritores, Rotary Club e S. União Literária.

1959

- ___ Recebe a Pequena Medalha de Ouro no XXIV Salão Paulista de Belas-Artes. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo; Prêmio de Viagem ao País no XXIV Salão Paulista de Belas-Artes. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo.
- ___ Projetos: Palácio do Comércio (Brasília), Palácio da Agricultura (Brasília), EMEF Professora Regina Olinda Martins Ferro (Reginópolis, SP), EMEF Dona Sinhazinha (Mogi Mirim, SP).
- ___ Profere: *O que é Brasília* em praça pública a convite da Associação dos Municípios, Serra Negra, SP; *Brasília – A Nova Capital*, Exposição Brasília, Jaboticabal, SP; *Por que Brasília?* Sociedade Geográfica Brasileira. São Paulo; *Brasília no Conjunto Nacional como Simples Mudança de Capital e Solução Urbanística e Arquitetônica* no Centro de estudantes universitários de Arquitetura – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul; *Brasília, a Futura Capital do Brasil* na Irmandade Bène Bèrith, São Paulo; *Brasília* no Rotary Club de Santos, SP.

A1.29 Kneese e Bernardo Saião. Brasília, 1959.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.30 Visita à Brasília, final da década de 1950.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1960

- ___ Aula inaugural da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, SP.
- ___ Recebe o Diploma de Sócio Honorário de La Sociedad de Arquitectos Mexicanos; Prêmio Assembleia Legislativa do Estado no XXV Salão Paulista de Belas-Artes. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo.
- ___ Profere: *Brasília* na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho, PR.
- ___ Artigo publicado: *Porque Brasília*.
- ___ Projetos: edifício de apartamentos à rua Iguatemi e edifício de apartamentos Abaúna.

A1.31 Gonçalves Aparício entrega diploma de sócio honorário da Sociedade de Arquitectos Mexicanos à Kneese, 1960.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1961

- ___ Participa do programa de televisão *Arquitetos na TV*, televisionado até o ano de 1962, no Canal 9, TV Excelsior. O programa era gravado no teatro Cultura Artística em São Paulo.
- ___ Participa da I Mesa Redonda Pan-americana de Arquitetos em Lima, como delegado do IAB.
- ___ Profere: *O Papel que Está Reservado ao Arquiteto Brasileiro* na Festividade de recepção aos novos colegas. Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie.
- ___ Membro fundador e remido do Clube dos Artistas e Amigos da Arte de São Paulo.
- ___ Projeta o Conjunto Residencial da Cidade Universitária (CRUSP) em parceria com os arquitetos Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira.
- ___ Participa do concurso para a Assembleia Legislativa de São Paulo. Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, José Maria Gandolfi, Joel Ramalho Jr., Luiz Forte Netto e Francisco Petracco. Colaboradores: Sidney de Oliveira, Roberto Gandolfi, Luiz Gobeth Filho e Raymond.
- ___ Participa do VI Congresso da União Internacional de Arquitetos em Londres como representante da *Revista Módulo*.

A1.32 1ª Mesa redonda Panamericana de Arquitetos. Lima, Peru, 1961.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.33 e A1.34 Programa de televisão *Arquitetos na TV*. São Paulo, 1961/1962.
 Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1962

- ___ Profere a conferência *Antonio Francisco Lisboa e Oscar Niemeyer* no auditório da Escola Paulista de Medicina; e, *Arquitetura no Brasil* durante o I Seminário de Arquitetura da Universidade do Paraná, Curitiba.
- ___ Participa do concurso para a Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr, Sidney de Oliveira, Fabio Canteiro. Colaboradores: José M. de Moura Pessoa, João Mollo e Sergio de Feo. Consultor estrutural: Arthur L. Pitta.

1963

- ___ Convidado especial do Governo do Peru para a posse do presidente Arq. Fernando Belaunde Terry em Lima.
- ___ Profere a conferência *Arquitetura no Brasil. A Casa. A Igreja.*, curso organizado pela Secretaria de Educação e Cultura da Municipalidade de Santos, SP.
- ___ Artigo publicado: *Habitação na URSS. Relatório de Eduardo Kneese de Mello.*
- ___ Recebe a Medalha de Prata da Universidade de São Paulo por relevantes serviços prestados ao Fundo para Construção da Cidade Universitária Armando Salles Oliveira da Universidade de São Paulo – FUNDUSP. Medalha alusiva à inauguração do CRUSP, projetado em 1961; Medalha do Patriarca: comemorativa do bicentenário de nascimento de José Bonifácio de Andrade e Silva – Prefeitura Municipal de Santos, SP; Grande Medalha de Ouro no XII Salão Paulista de Arte Moderna. Secretaria de Estado dos Negócios do Governo do Estado de São Paulo.

A1.35 O governador Carvalho Pinto inaugura a I EXMAC ao lado dos arquitetos Kneese de Mello e Oswaldo Corrêa Gonçalves. São Paulo, 1963.

1964

- ___ Profere: *Arquitetura no Peru* no IAB-SP; *Desenvolvimento da Técnica Construtiva no Brasil* – promoção Eternit do Brasil Cimento Amianto S/A – Campanha junto a Engenheiros, Construtores e Arquitetos, Curitiba, PR; *Evolução da Habitação no Brasil*, curso de Arquitetura Antiga no Brasil – Instituto Histórico e Geográfico Guarujá – Bertioga.

1965

- ___ Diretor do Departamento de História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP.
- ___ Aula inaugural da FAU-USP.
- ___ Projetos: residência de José Altino Machado, chalés do Clube de Campo, edifícios de escritórios na avenida Ipiranga e na rua Aurora.
- ___ Recebe certificado de Honorary Fellowship do American Institute of Architects, Washington, EUA.
- ___ Participa como Membro do Comitê Executivo da Reunião do Conselho Supremo da Federação Pan-americana de Arquitetos.

A1.36 Kneese recebe diploma e medalha de sócio honorário do *American Institute of Architects*. Washington, 1965.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1966

- ___ Delegado Extraordinário e Plenipotenciário do IAB para assinatura do Convênio Cultural entre o IAB e o Colégio de Arquitetos do Peru no Palácio do Governo em Lima. Presença do presidente Fernando Bellaunde Terry.
- ___ VI Congresso Brasileiro de Arquitetos. Membro do Comitê Diretor.
- ___ Conselheiro Efetivo do CREA-SP até 1969 por indicação da FAU-USP.
- ___ Profere: *A Profissão do Arquiteto em São Paulo, de 1930 à Atualidade* e *A Pré-fabricação na Arquitetura* na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília; *Aspectos da Arquitetura no Brasil*, Sindicato Nacional dos Arquitetos, Lisboa, Portugal.
- ___ Coordenador do curso sobre pré-fabricação do Centre Cientifique du Batiment de Paris, na FAU-USP.
- ___ Recebe bolsa de estudos em Portugal pela Fundação Calouste Golbenkian. Assunto: Arquitetura Histórica Portuguesa.
- ___ Membro do Conselho de Administração do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) por designação da reitoria.
- ___ Artigo publicado: *Convênio entre Arquitetos Brasileiros e Peruanos*.

A1.37 Assinatura do Convênio Cultural entre o IAB e o Colégio de Arquitetos do Peru, 1966.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1967

- ___ Presidente da Delegação de Arquitetos Brasileiros – viagem de estudos para o Peru e de confraternização com o Colégio de Arquitetos do Peru.
- ___ Vice-diretor do Instituto de Estudos Brasileiros – Setor Cultural.
- ___ Representante da FAU-USP no Encontro Nacional do Ensino de Arquitetura, organizado pelo Instituto de IAB.
- ___ Membro da Associação Profissional dos Arquitetos (1967-1971).
- ___ XXIV Semana Oficial do Engenheiro, do Arquiteto e do Agrônomo. Fortaleza.
- ___ Recebe diploma de Membro Honorário do Colegio de Arquitectos del Peru; Colar de Mérito do Conselho Superior do Instituto de Arquitetos do Brasil; Prêmio do IAB-SP, categoria de Projetos: edifícios para fins de saúde.
- ___ Artigos publicados: *Aula Inaugural de 1966*; *Capela de S. Ângelo*.
- ___ Profere: *Panorama da Evolução da Arquitetura no Brasil*, curso Cultura e Civilização Brasileira, Instituto de Estudos Brasileiros; *A Arquitetura no Brasil, Uma Visão do Brasil*, Prefeitura Municipal de Santos, SP.
- ___ Projeta o Posto de Assistência Médica – INPS (Várzea do Carmo) em parceria com o arquiteto Sidney de Oliveira.

1968

- ___ Eleito presidente o IAB nacional (1968-1970).
- ___ Delegado Extraordinário e Plenipotenciário do IAB para assinatura do Convênio Cultural entre o IAB e a Sociedade Colombiana de Arquitetos.
- ___ Delegado Extraordinário e Plenipotenciário do IAB para assinatura do Convênio Cultural entre o IAB e o Colégio de Arquitetos da Venezuela.
- ___ Realiza viagem de intercâmbio cultural à Colômbia – convite especial Eternit Colombiana S/A e da Sociedad Colombiana de Arquitectos.
- ___ VII Congresso Brasileiro de Arquitetos. Vice-presidente do Congresso – Membro do Comitê Diretor. Belo Horizonte, MG.

- ___ Participa do XII Congresso Pan-americano de Arquitetos em Bogotá, Colômbia – Membro da Comissão Executiva e da Mesa Diretora do Congresso.
- ___ X Bienal de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo – Membro da Comissão de Assessoria de Arquitetura.
- ___ Recebe diploma de Membro Honorário da Sociedad Colombiana de Arquitectos, Bogotá, Colômbia; Diploma de Membro Correspondente da Sociedad Bolivariana de Arquitectos, Caracas, Bolívia.
- ___ Participa do Ciclo de Palestras sobre Urbanismo do Departamento de Educação e Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- ___ Profere as conferência *Evolución de la Arquitectura Brasileña* e *La Arquitectura Brasileña de Hoy*, no Colégio de Arquitetos do Peru, em Lima; na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Quito, Equador; na Sociedade de Arquitetos Colombianos, Bogotá, Cali, Barranquilla, Medellín; e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Caracas, Venezuela. E a conferência *Brasília, a Nova Capital do Brasil*, na Casa de Cultura em Quito, Equador.
- ___ Projetos: edifício de Consultórios Médicos, Cidade Universitária de Bragança Paulista, séries experimentais em Carapicuíba.

A1.38 Gabriel Serrano entrega a Kneese diploma de sócio honorário da Sociedade Colombiana de Arquitetos, 1968.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1969

- ___ Participa do X Congresso Mundial da União Internacional de Arquitetos em Buenos Aires.
Membro Titular – Presidente da Delegação Brasileira.
- ___ Assinatura do Convênio Cultural e de Amizade entre o IAB e o Sindicato dos Arquitetos de Portugal em Lisboa.
- ___ Recebe certificado de serviço relevante prestado ao CREA.
- ___ Profere: *Arquitetura no Brasil*, sede do Automóvel Clube. Departamento Cultural do Automóvel Clube e Sociedade de Engenheiros e Arquitetos de São José do Rio Preto; *Urbanização e Seus Problemas* – curso de extensão cultural. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André.
- ___ Artigo publicado: *Dois Congressos de Arquitetos*.
- ___ Projeta residências geminadas à Rua Califórnia, Cemitério Vila Pauliceia em São Bernardo do Campo - SP, Mercado Distrital na Vila Clementino e a sede para o IEB (Cidade Universitária Armando Sales de Oliveira, São Paulo).

A1.39 Assinatura do Convênio Cultural e de Amizade entre IAB e Sindicato dos Arquitetos de Portugal, 1969.

Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1970

- ___ Delegado Extraordinário e Plenipotenciário do IAB para assinatura do Convênio Cultural entre o IAB e o Sindicato Nacional dos Arquitetos de Portugal, Lisboa.
- ___ Participa do XIII Congresso Pan-americano de Arquitetos, San Juan, Porto Rico – Delegado do IAB, Convidado Especial.

- ___ Delegado Extraordinário e Plenipotenciário do IAB para assinatura do Convênio Cultural entre o IAB e a Associação Paraguaia de Arquitetos, Assunção.
- ___ Convidado especial para participar da mesa-redonda *A Arquitetura Polonesa e os Arquitetos Brasileiros* no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.
- ___ Recebe o certificado de Membro Honorário do Conselho Vitalício da Federación Panamericana de Asociaciones de Arquitectos; diploma Medalha de Ouro da Sociedad de Arquitectos del Uruguay; certificado de sócio do Instituto de Arquitectos de Puerto Rico; certificado de Membro Honorário do Colegio de Arquitectos de Chile; título de Sócio Honorário da Asociación Paraguaya de Arquitectos.
- ___ Preside a solenidade de entrega de diplomas aos arquitetos participantes da I Bienal Latino-americana de Arquitetura, São Paulo.
- ___ Membro Vitalício do IAB – Conselho Superior.
- ___ Projeta o Grupo Escolar Experimental, em São Bernardo do Campo, SP.
- ___ Publica o livro *Vierhundert jahre brasilianische architektur*.

A1.40 XIII Congresso Panamericano de Arquitectos. San Juan, Porto Rico, 1970.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1971

- ___ Integra o corpo docente da recém-criada Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas de Mogi da Cruzes. Desliga-se em 1989.
- ___ I Seminário de Estudos Brasileiros – Membro coordenador e responsável pela área de História da Arquitetura.
- ___ Membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico e Cultural (CONDEPHAT) do Município de São Paulo como representante do IAB-SP por designação da Prefeitura do Município de São Paulo.
- ___ Membro fundador Sindicato dos Arquitetos Estado de São Paulo (SASP).
- ___ Membro da Federação Pan-americana de Associações de Arquitetos.
- ___ Membro titular da VII Jornadas Argentinas de Arquitectos. I Regional Pan-americana Del Sur, Salta, Argentina.
- ___ Proferir palestra na Faculdade de Arquitetura em Assunção, Paraguai; *Afirmção da Arquitetura Brasileira* – Encontro Nacional dos 50 anos de Arquitetura no Brasil, MAM – IAB-GB.
- ___ Artigo publicado: *50º Aniversário do IAB*.
- ___ Projeta: fábrica para produtos eletromecânicos Prema S.A., parque infantil da Praça da República, edifício de apartamentos.

1972

- ___ Integra o corpo docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito em Guarulhos. Responsável pela disciplina Arquitetura Brasileira.
- ___ Leciona como professor substituto na Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disciplina: Arquitetura no Brasil.
- ___ Primeiro curso de férias sobre Cultura Brasileira – *Brasil Década de 20* – Membro da Comissão Organizadora, IEB.

- ___ Recebe diploma de Sócio Honorário da Federación Argentina de Sociedades de Arquitectos; título de Sócio Honorário da Sociedad de Arquitectos de Guatemala; diploma de Membro Honorário da Sociedad Panameña de Ingenieros e Arquitectos; diploma de Membro Honorário da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena. I Simpósio de História do Vale do Paraíba.
- ___ Profere: *A Arquitetura Urbana no Vale do Paraíba no Ciclo do Café* durante o I Simpósio de História do Vale do Paraíba, Lorena, SP; palestra sobre a semana do Urbanismo no Rotary Club de Mogi das Cruzes.
- ___ Coordenador dos trabalhos preparatórios ao XIV Congresso Pan-americano de Arquitetos por indicação do IAB.
- ___ XIV Congresso Pan-americano de Arquitetos – Presidente do Comitê Organizador e do Congresso – seção Brasil, São Paulo e Assunção.
- ___ Fundação Bienal de São Paulo – Membro do Conselho Diretor da Bienal de Arquitetura por indicação do IAB.

A1.41 Cinquentenário da Semana de Arte Moderna – curso de verão do IEB. São Paulo, 1972.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.42 e A1.43 XIV Congresso Panamericano de Arquitetos em São Paulo e Assunção, 1972.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1973

- ___ Segundo curso de férias sobre Cultura Brasileira – *Brasil Década de 30* – Membro da Comissão Organizadora, IEB.
- ___ Profere *Evolução da Arquitetura Brasileira, A Problemática da Arquitetura Brasileira: Visão Panorâmica e Estudos de Problemas Brasileiros*, Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo.
- ___ Texto publicado: *Águia Bicéfala*.
- ___ Projeta o loteamento Fazenda Sertãozinho do dr. Plínio de Toledo Arruda (Macatuba, SP) e a residência de Arno Hering.
- ___ Publica, com Nestor Goulart Reis Filho, o livro *A View of Contemporary Brazilian Architecture*.

A1.44 1ª Bienal de Arquitetura. São Paulo, 1973.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.45 1ª Bienal de Arquitetura. São Paulo, 1973.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1974

- ___ Profere: *Arquitetura Contemporânea Brasileira – A Panorama of Contemporary Brazilian Architecture*, Brazilian-American Cultural Institute, INC., Washington.
- ___ Conselheiro Federal do CONFEA – indicação das escolas de Arquitetura do país.
- ___ Recebe homenagem dos formandos da turma professor Plínio Boucault da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Braz Cubas, Mogi das Cruzes.
- ___ Participa do I Seminário de Estudos sobre o Nordeste. Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico. Promovido por MEC, DAC, UFBA.
- ___ Membro do Conselho Administrativo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo por indicação do Conselho Universitário.
- ___ Textos publicados: *Evolução da Habitação no Brasil e Setor Residencial da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira*.

1975

- ___ Publicação dos livros: *Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências* (FAU-USP); *A Herança Mourisca da Arquitetura no Brasil* (FAU-USP).
- ___ XII Congresso Mundial da União Internacional de Arquitetos – Membro Titular, Madri.
- ___ Diretor substitutivo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.
- ___ Profere: *Brasília*, Prefeitura Municipal de Guarulhos – Departamento de Educação e Cultura; *A Herança Mourisca no Brasil*, programa da série: Aula Maior, TV Cultura; *Arquitetos e Arquitetura Brasileira no Exterior: Conceito da Arquitetura Brasileira – A Atuação dos Arquitetos Brasileiros nos Congressos*, FAU-USP.

1976

- ___ Confraternização realizada no IAB-SP reunindo seus ex-presidentes.
- ___ Projeta a residência de Maria José e Roberto Montenegro (Pariquera-açú), a Secretaria dos Negócios Internos Jurídicos e Serviços Complementares (PMSP) e Posto INPS-Vila Maria Zélia.

A1.46 – Evento no IAB. São Paulo, 1976.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1978

- ___ Projeta o Sindicato Rural de Bauru.
- ___ Participa da XI Reunião dos Conselhos Federal (CONFEA) e Regionais (CREAs) de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

A1.47 XI Reunião do CONFEA e CREA. Belo Horizonte, 1978.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1979

- ___ Participa da V Reunião do Conselho Superior do IAB em Salvador, 1979.

A1.48 5ª Reunião do Conselho Superior do IAB. Salvador, 1979.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1980

___ Participa da XIII Reunião dos Conselhos Federal e Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia em Brasília, 1980.

___ Projeta a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias de Brito, em Guarulhos, SP.

A1.49 XIII Reunião do CONFEA e CREA. Brasília, 1980.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1981

___ Artigo publicado: Meu amigo Artigas.

1982

___ Conselheiro do CREA-SP até 1984.

1984

___ Presidiu a banca do concurso para professor titular de J. B. Vilanova Artigas, FAU-USP.

A1.50 e A1.51 Banca de Vilanova Artigas para professor titular do Departamento de Projeto da FAU USP. São Paulo, 1984.
Fonte: Vilanova Artigas 1915/1985, Revista Projeto, 1985.

1986

___ Realizou o anteprojeto de cemitério jardim em São José do Rio Preto.

1987

___ Integrou o corpo docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Belas-Artes de São Paulo.

___ Participou do II Encontro Nacional de Preservação de Bens Culturais Minas Centro em Belo Horizonte, 1987.

A1.52 Congresso Internacional Cidades do Futuro. São Paulo, 1987.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.53 2º Encontro Nacional de Preservação de Bens Culturais *Minas Centro*. Belo Horizonte, 1987.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1988

___ Publica o livro de poesias *Joãosinho o oficibói*.

___ Texto publicado: *Mutirão e Habitação*.

A1.54 Eduardo Kneese de Mello recebe homenagem dos alunos da FAU-UBC. Mogi das Cruzes, SP, 1988.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

1992

___ Publica o livro *Brasília – Histórias e Estórias*.

A1.55 Aula inaugural na Universidade Braz Cubas. Mogi das Cruzes, SP, 1992.
Fonte: Acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

A1.56 Entrega dos estudos para o projeto do anexo do prédio da Bienal. Rio de Janeiro, 1993.
Fonte: Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

1994

___ Falece aos 88 anos de idade em São Paulo.

A ■ PÊNDICE 2

LISTA DE PROJETOS: BUSCA CONTÍNUA

1933

1. Projeto (Rua Floresta, 2-a).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1933.

2. Projeto para Sociedade Civil Escola Paulista de Medicina (Rua Cel. Oscar Porto, 54).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1933.

1934

3. Residência de José Martins Borges (Rua Pamplona).

Fonte: *Record*, São Paulo, n° 6, s.p., 1934.

Record, São Paulo, n° 7, s.p., 1934.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

4. Residência de Armando Costa Magalhães (Avenida Brasil, 1402).

Fonte: *Record*, São Paulo, n° 8, p. 18-23, 1934.

Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo, n° 62, s.p., 1934.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Revista Politécnica, São Paulo, n° 130, s.p., 1939.

5. Residência de José Martins Borges (Rua Inglaterra, 13).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1934.

Record, São Paulo, n° 9, p. 7, 1934.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

6. Grupo de casas econômicas – prop: Waldemar Sampaio Cintra (Rua Bom Pastor, 124).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.

Record, São Paulo, n° 12, p. 38, 1934.

7. Projeto (Rua Morato Coelho, 154).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1934.

8. Projeto (Rua Alves Guimarães, 86 e 86a).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1934.

9. **Projeto (Rua Guarará, 84 e outros).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1934.
10. **Projeto (Rua Maranhão, 6 e 8).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1934.

1935

11. **Projeto (Rua Liberdade, 209).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.
12. **Projeto (Rua Maestro Elias Lobo, 22).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.
13. **Projeto (Rua Inglaterra, 10).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.
14. **Projeto (Rua Ezequiel Ramos, 51).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.
15. **Projeto (Rua Cuba, 57).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.
16. **Residência de João Amorin de Souza (Rua Rosa Silva, 40).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.
MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
17. **Residência de Manoel Borges (Rua Espanha).**
Fonte: *Record*, São Paulo, nº 13, p. 7-10, 1935.
MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
18. **Residência de Sebastião Ferraz Salles (Rua Atibaia).**
Fonte: Acervo Cia. City, 1935.
Diário Oficial do Estado de São Paulo – 25 jan. 1936, p. 27.
MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

19. Residência de Altino de Castro Lima (Rua Iucatã, 5).

Fonte: Acervo Cia. City, 1935.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

A Casa, Rio de Janeiro, n° 181, p. 24-5, 1939.

20. Residência de Ismael Ribeiro de Barros (Rua Canadá, 1).

Fonte: Acervo Cia. City, 1935.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

21. Residência de Américo Martins Junior (Praça das Guianas, 2).

Fonte: Acervo Cia. City, 1935.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1944.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo, n° 69, s.p., 1938.

A Casa, Rio de Janeiro, n° 182, p. 46, 1939.

Revista Politécnica, São Paulo, n° 133, s.p., 1939.

22. Residência de Luiz Aranha Jr. (Rua Bahia, 1250).

Fonte: Acervo Cia. City, 1935.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

23. Residência de Antonio Pinto Cardoso de Mello (Rua Canadá, 53).

Fonte: Acervo Cia. City, 1935.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

A Casa, Rio de Janeiro, n° 168-9, p. 34-39, 1938.

24. Residência de Theodoro Braga (Rua Boituva, 104).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1935.

Acervo Cia. City, 1935 (compra do lote).

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo, n° 69, s.p., 1938.

1936

25. Projeto (Rua Senador Felício dos Santos, 54).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1936.

26. Residência de Maria Rosa Cavalcanti (Rua Itaguaçaba, 11).

Fonte: Acervo Cia. City, 1936.

27. Residência de Américo Floriano de Toledo (Rua Terra Nova, 3).

Fonte: Acervo Cia. City, 1936.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

28. Residência de Mario Dias da Costa (Rua Chile, 6).

Fonte: Acervo Cia. City, 1936.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

A Casa, Rio de Janeiro, n° 182, p. 52, 1939.

29. Residência de Francisco de Paulo Pinto Hartung (Avenida Brasil, 904).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1936.

Acervo Cia. City, 1936. (compra do lote)

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo, n° 69, s.p., 1938.

A Casa, Rio de Janeiro, n° 171-2, p. 13, 1938.

Revista Politécnica, São Paulo, n° 132, s.p., 1939.

A Casa, Rio de Janeiro, n° 197-9, p. 14-5, 1940.

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

30. Residência de Francisco de Assis e Almeida (Rua Maestro Chiaffarelli, 735).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1936.

MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.

1937

- 31. Projeto (Rua Alabastro × Rua Jaspe).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.
- 32. Residência de Eurico Guerrini (Rua Estados Unidos, 1030).**
Fonte: MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
A Casa, Rio de Janeiro, n° 170, p. 26, 1938.
- 33. Residência de Rudolf Bülau (Rua David Campista, 412).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.
MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
- 34. Residência de Rodolfo Kromfeld (Rua Cuba, 51).**
Fonte: MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
- 35. Residência de Maria Judith Bernardino de Campos (Rua Estados Unidos).**
Fonte: MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
- 36. Residência de Paulina Muniz de Souza (Rua Conselheiro Brotero, 736).**
Fonte: MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
- 37. Projeto para A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil (Rua Maestro Elias Lobo, 718).**
Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 24 out. 1937, p. 15.
- 38. Residência de Marcos Lindenberg (Rua Antonio Bento, 350).**
Fonte: MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
Acrópole, São Paulo, n° 4, p. 46-55, 1938.
Revista Politécnica, São Paulo, n° 133, s.p., 1939.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.
- 39. Residência de Edgard Toledo Schorcht (Rua Inglaterra, 316).**
Fonte: MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
Diário Oficial do Estado de São Paulo – 15 jun. 1941, p. 21.

40. **Residência de Edgard Toledo Schorcht (Rua Inglaterra, 328).**
Fonte: MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
Diário Oficial do Estado de São Paulo – 15 jun. 1941, p. 21.
41. **Residência de Elias Fleury (Rua Antonio Bento).**
Fonte: MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
A Casa, Rio de Janeiro, n° 170, p. 27, 1938.
42. **Residência de Oliver Ferreira (Rua Itapeva, 41).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.
MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
43. **Residência de Octavio Mendes Filho (Rua Gualachos, 3) – Reforma.**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.
MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
44. **Residência de Ismael Brandão (Rua Leôncio de Carvalho, 225).**
Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 24 out. 1937, p. 15.
Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.
Acrópole, São Paulo, n° 6, p. 16-21, 1938.
45. **Residência de Bianôr Figueiredo (Rua Fonseca Telles, 89).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1937.
MELLO, Eduardo Kneese de. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
46. **Residência de Ary Franco de Camargo (Rua Chile, 52).**
Fonte: Acervo Cia. City, 1937.
Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.
47. **Residência de Jean Lecoq (Rua Terra Nova, 8).**
Fonte: Acervo Cia. City, 1937.
Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.
Acrópole, São Paulo, n° 1, p. 27-33, 1938.
Diário Oficial do Estado de São Paulo – 2 fev. 1938, p. 20.

48. Residência de Antônio P. C. de Mello e Eduardo Kneese de Mello (Rua Chile, 54).

Fonte: Acervo Cia. City, 1937.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

Diário Oficial do Estado de São Paulo – 2 fev. 1938, p. 20.

49. 2º Grupo Escolar (Bebedouro, SP).

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 31 out. 1937, p. 12.

1938

50. Residência de Eduardo Kneese de Mello (Avenida Rebouças, s.n.).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

Diário Oficial do Estado de São Paulo – 9 abr. 1940, p. 32.

51. Projeto – propriedade Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Serviços de Tração, Força, Luz e Gás de São Paulo (Rua Oscar Guanabara, 14 e outros).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

52. Residência de Antonio de Paiva Neto (Avenida Rebouças, 79).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

Acrópole, São Paulo, nº 11, p. 32-7, 1939.

53. Residência (Rua Esmeraldina, 127 × Dona Hypolita).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

Acrópole, São Paulo, nº 8, p. 22-5, 1938.

54. Residência de Matheus Santamaria (Rua Morro Verde, 21).

Fonte: Acervo Cia. City, 1938.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.

Acrópole, São Paulo, nº 25, p. 24-8, 1940.

55. Residência de Eduardo Kneese de Mello e Octavio Mendes Filho (Rua Atibaia, 50).

Fonte: Acervo Cia. City, 1938.

Diário Oficial do Estado de São Paulo – 22 maio 1938, p. 17.

56. **Residência de Alexandre Tito Labat (Rua Chile, 61).**
Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 8 jan. 1938, p. 25.
Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
Acervo Cia. City, 1937 (compra do lote).
Acrópole, São Paulo, n° 10, p. 40-6, 1939.
57. **Residência de Eduardo Kneese de Mello (Rua Chile, 36).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.
Acervo Cia. City, 1938.
58. **Residência de Hermínio Mazzini (Rua Itatiba).**
Fonte: Acervo Cia. City, 1938.
59. **Residência de Eduardo Kneese de Mello (Avenida Rebouças).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1938.

1939

60. **Projeto (Alameda Ministro Rocha Azevedo, 760, 768 e 770).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
61. **Projeto (Rua José Maria Lisboa, s.n.).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
62. **Projeto (Rua Avaré, 48).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
63. **Projeto (Rua Groenlândia, s.n.).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
64. **Projeto (Rua Avanhandava, 7).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
65. **Projeto (Rua Caldeira Brant, 6).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.

- 66. Residência de Manoel Arantes Matheus (Rua Polônia, 88).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
Acrópole, São Paulo, nº 28, p. 125-30, 1940.
- 67. Residência de Cyro Costa Filho (Rua Maestro Elias Lobo, 68).**
Fonte: *Acrópole*, São Paulo, nº 13, p. 46-9, 1939.
- 68. Residência de George Stanley Smith (Rua Honduras, 90).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
Acrópole, São Paulo, nº 17, p. 16-8, 1939.
- 69. Residência (Rua Albion, 229).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
Acrópole, São Paulo, nº 19, s.p., 1939.
- 70. Residência de Haroldo Kneese de Mello (Rua Antonio Bento, 389).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.
- 71. Residência de Horácio e Clotilde de Mello (Rua Maestro Chiaffarelli, 791).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.
Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

1940

- 72. Projeto (Rua Conselheiro Torres Homem, 460).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
- 73. Projeto (Rua João Pinheiro x Maestro Chiaffarelli).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
- 74. Projeto (Rua Santana do Paraíso, 54-a).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.

- 75. Projeto (Rua Itápolis, s.n.).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
- 76. Projeto (Rua Antonio Bento, s.n.).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
- 77. Projeto (Rua Álvares Penteado, 41).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
- 78. Projeto (Rua Groenlândia, 373).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
- 79. Projeto (Rua Diogo Jacome × Rua Baltazar da Veiga).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
- 80. Residência de Edith de Queiroz Mattoso (Avenida Rebouças, 93).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
Acrópole, São Paulo, n° 42, p. 230-2, 1941.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.
- 81. Residência de Eduardo Kneese de Mello (Rua Antonio Bento, 399).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
Acrópole, São Paulo, n° 37, p. 9-13, 1941.
Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo, n° 78, s.p., 1941.
Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.
- 82. Residência de Agenor Camargo (Rua Dr. Veiga Filho, 441).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
Acrópole, São Paulo, n° 46, p. 393-4, 1942.
- 83. Residência de Moacyr Moreira (Rua do Ouro, 92).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
Acrópole, São Paulo, n° 30, p. 203-8, 1940.

84. **Residência de Ernesto Soares (Av. 9 de Julho, 87).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1940.
Acrópole, São Paulo, nº 38, p. 69-72, 1941.
85. **Residência de Diogo Martins Ribeiro Netto (Rua Leopoldo Bulhões, 6).**
Fonte: *Acrópole*, São Paulo, nº 23, p. 25-7, 1940.

1941

86. **Projeto (Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 2952 e outros).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
87. **Projeto (Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 2998 e outros × Rua Particular).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
88. **Projeto (Rua dos Pinheiros × Rua Sebastião Velho).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
89. **Projeto (Rua Capitão Antônio Rosa × Rua Dr. Rosa).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
90. **Projeto (Rua Augusto Miranda, 619 × Rua Ferreira Alves).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
91. **Projeto (Rua Suécia, 66).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
92. **Projeto (Rua José Maria Lisboa, 35 e outros).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
93. **Projeto (Rua Conselheiro Torres Homem, 486).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.

94. **Projeto (Avenida Rebouças, 2325).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
95. **Projeto (Rua Estados Unidos, 1162).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
96. **Projeto (Rua General Fonseca Telles, 45).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
97. **Projeto (Rua General Fonseca Telles, 65).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
98. **Projeto (Avenida Aurora, 352 e 356).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
99. **Projeto (Rua Melo Palheta, s.n.).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
100. **Residência de Sylvio Suplicy (Rua Maestro Elias Lobo, 885).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
Acrópole, São Paulo, n° 34, p. 355-8, 1941.
101. **Residência de Benedita Costa (Rua David Campista, 84).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
Acrópole, São Paulo, n° 46, p. 391-2, 1942.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.
102. **Residência de Horácio Vaz Guimarães (Av. Europa, 352).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
Acrópole, São Paulo, n° 48, p. 436-8, 1942.
103. **Residência de José Vaz Guimarães (Av. Europa, 356).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1941.
Acrópole, São Paulo, n° 48, p. 439-40, 1942.

1942

- 104. Projeto (Rua Maestro Elias Lobo, 68).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 105. Projeto (Rua Senador Felício dos Santos, s.n.).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 106. Projeto (Avenida Brasil, 2099).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 107. Projeto (Rua Groenlândia, 406).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 108. Projeto (Rua Teixeira Pinto, 79).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 109. Projeto (Avenida Lacerda Franco, 806).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 110. Projeto (Rua Tomás Carvalho, 159).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 111. Projeto (Rua 24 de Maio, 196).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 112. Projeto (Largo da Misericórdia, 23).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 113. Projeto (Rua Monte Alegre, 1094).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- 114. Núcleo de 24 Residências – BHLB (Rua Pedroso de Moraes × Rua Galeno de Almeida).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
Acrópole, São Paulo, nº 52, p. 159, 1942.

115. Edifício MARA (Rua Brigadeiro Tobias, 247).

Fonte: Acervo edifício, 1942.

Acrópole, São Paulo, n° 81-2, p. 282-3, 1945.

L'architecture d'aujourd'hui – Brésil, Paris, n° 42-3, s.p., ago. 1952.

Acrópole, São Paulo, n° 184, p. 182, 1954.

116. Edifício de Escritório Leônidas Moreira (Rua do Carmo, 147).

Fonte: *Acrópole*, São Paulo, n° 53, p. 169-72, 1942.

1943

117. Projeto (Rua do Carmo, 437 e 439).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

118. Projeto (Rua Itassucê, 60).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

119. Projeto (Rua Groenlândia, 552).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

120. Projeto (Rua Iguatemi, 1451).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

121. Projeto de um Colonial (Avenida Brasil, 1653 × Rua Panamá).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

Acrópole, São Paulo, n° 61, p. 469, 1943.

122. Residência.

Fonte: *Revista de Engenharia Mackenzie*, São Paulo, n° 81, s.p., 1943.

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

123. Residência Isaura Pierotti Alvares de Lima (Avenida Rebouças, 2659).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1943.

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

1944

124. Projeto (Rua Paulo Eiró, 601).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1944.

125. Projeto (Rua Rússia, 566 × Rua Noruega).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1944.

126. Conjunto Residencial – IAPC (Av. Cidade Jardim × Marginal Pinheiros).

Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho, 1944.

Arquitetura Contemporânea no Brasil, nº 1, s.p., 1947.

The Architectural Forum (Magazine Building), vol. 87, nº 5, s.p., nov. 1947.

Acrópole, São Paulo, nº 107, p. 273-84, 1947.

L'architecture d'aujourd'hui – Brésil, nº 42-3, s.p., ago. 1952.

Acrópole, São Paulo, nº 184, p. 183, 1954.

1945

127. Projeto (Avenida Pacaembu, 1730).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.

128. Projeto (Avenida Rebouças, 2659).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.

129. Projeto (Alameda Santos, 960).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.

130. Projeto (Rua 13 de Maio, 1563).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.

131. Projeto (Avenida Jabaquara, 267).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.

132. Conjunto Residencial – IAPI (Rua Japurá, 55 e 109).

Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho, 1945.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1946 e 1953.

Arquitetura Contemporânea no Brasil, nº 1, s.p., 1947.

Acrópole, São Paulo, nº 119, p. 281-7, 1948.

Arquitetura e Engenharia, São Paulo, nº 35, p. 51-5, abr.-jun. 1955.

L'architecture d'aujourd'hui – Brésil, nº 42-3, s.p., ago. 1952.

1946

133. Residência Clotilde Meinberg (Rua Maestro Chiaffarelli, 801).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1946.

Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

1947

134. Residência de Francisco de Assis e Almeida (Rua Oscar Pereira Silva, 7).

Fonte: *Acrópole*, São Paulo, nº 113, p. 142-3, 1947.

135. Edifício de Escritórios Cavaru (Rua Maria Paula, 64).

Fonte: Acervo do edifício, 1947.

Acrópole, São Paulo, nº 138, p. 172-3, 1949.

1949

136. Projeto (Vila Paulista).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1949.

137. Projeto (Rua Feliciano Maia, 117).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1949.

138. Residência de Prof. Marcos Lindenberg (Capão Bonito – Santo Amaro).

Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho, 1949.

Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo, nº 98, s.p., 1950.

1950

139. Projeto (Rua Ribeiro de Moraes, 206 a 286).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1950.

140. Edifício Sucupira (Rua Capitão Mor Jerônimo Leitão).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1952.

Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo, nº 102, s.p., 1950.

1951

141. Projeto (Rua Princesa Isabel).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1951.

142. Projeto (Rua Washington Luis).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1951.

143. Residência (Rua Itália).

Fonte: *Acrópole*, São Paulo, nº 157, p. 8, 1951.

144. Museu de Arte Moderna de São Paulo (Trianon).

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Luís Saia.

Fonte: *Acrópole*, São Paulo, nº 157, p. 1-4, 1951.

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

- 145. Grupo de casas geminadas – proprietário: Sociedade Comercial Romulo de Mello Ltda. (Rua Ribeiro de Moraes, 296 a 406).**

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1951.

Diário Oficial do Estado de São Paulo – 14 nov. 1951, p. 59.

1952

- 146. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Avenida dos Canos - atual Semaneiros).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 3 abr. 1952, p. 50.

- 147. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Rua Ernesto Nazaré).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 27 ago. 1952, p. 54.

- 148. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Avenida dos Canos).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 23 out. 1952, p. 58.

- 149. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Avenida dos Canos).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 23 out. 1952, p. 58.

- 150. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Avenida dos Canos).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 23 out. 1952, p. 58.

- 151. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Rua Cardoso de Mello Junior).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 23 out. 1952, p. 58.

- 152. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Avenida Antonio Baturia).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 23 out. 1952, p. 58.

- 153. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Rua Guerra Junqueiro).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 23 out. 1952, p. 58.

- 154. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Rua Guerra Junqueiro).**

Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 25 out. 1952, p. 66.

- 155. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Avenida Antonio Batuíra).**
Fonte: Diário Oficial do Estado de São Paulo – 25 out. 1952, p. 67.
- 156. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Rua Cardoso de Mello Junior).**
Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 25 out. 1952, p. 67.
- 157. Residência de Eddy de Freitas Crissiuma (Avenida dos Canos).**
Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 25 out. 1952, p. 67.
- 158. Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa (Rua José de Queiroz Aranha, 155 e 185).**
Fonte: Acervo FAU-USP.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.
Acrópole, São Paulo, n° 182, p. 74-5, 1953.
- 159. Residência de fim de semana (Cotia, SP).**
Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho, 1952.
Acrópole, São Paulo, n° 172, p. 137, 1952.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.
- 160. Reforma de prédio – propriedade do Banco Ultramarino (Rua Alvares Penteado, 41).**
Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 26 out. 1952, p. 23.
- 161. Parque Ibirapuera (Avenida Pedro Álvares Cabral, s.n.).**
Arquitetos: Oscar Niemeyer, Eduardo Kneese de Mello, Hélio Uchoa, Zenon Lotufo.
Colaboradores: Gauss Estelita e Carlos Lemos.
Fonte: ANTE-PROJETO, 1952.
Acrópole, São Paulo, n° 185, p. 210-8, 1954.
Acrópole, São Paulo, n° 191, p. 493-7, 1954.
Habitat, São Paulo, n° 16, p. 20-9, 1954.
Módulo, Rio de Janeiro, n° 1, p. 18-31, 1955.

1953

- 162. Edifício Manacá (Largo de Santa Cecília, 150 e 158).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1953.
- 163. Edifício para União Cultural Brasil – Estados Unidos (Avenida 9 de Julho – Viaduto 9 de Julho x Rua Santo Antônio).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1953.
Diário Oficial do Estado de São Paulo – 16 out. 1953, p. 65.
- 164. Residência de Eduardo Kneese de Mello (Avenida Morumbi).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1953.
Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

1954

- 165. Residências pré-fabricadas IPESP (Jaboticabal, SP/São Manoel, SP).**
Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo, 1954.
- 166. Projeto (Avenida Ipiranga, 871 a 877 ou 971 e 977).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1954.
- 167. Residência de Lília Esther Muniz Junqueira (Praça Betione, 25).**
Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 2 set. 1954, p. 45.

1955

- 168. Edifício de Apartamentos Juruá (Rua Bento Freitas, 341).**
Fonte: *Acrópole*, São Paulo, nº 198, p. 268-269, 1955.
Revista AD, São Paulo, nº 17, s.p., 1956.
- 169. Residência de Horácio Kneese de Mello – tecnologia Uni-Seco (Cotia, SP).**
Fonte: *Revista Casa e Jardim*, São Paulo, nº 15, p. 22-5, jul. 1955.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

- 170. Casa Pré-fabricada Uni-Seco (Guarulhos, SP).**
Fonte: Revista Casa e Jardim, São Paulo, n° 15, p. 22-5, jul. 1955.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.
- 171. Edifício Demoiselle – Orly (Praça Santos Dumont – Rua Rocha, 23).**
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1955.
Acervo FAU-USP.
Revista AD, São Paulo, n° 18, s.p., jul.-ago. 1956.
- 172. Capela para o hospital (Jaçanã).**
Fonte: Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo, n° 124-5, s.p., jan.-ago. 1955.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

1959

- 173. Palácio do Comércio (Setor Bancário Norte, Brasília, DF).**
Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Carlos Senna.
Fonte: Módulo, Rio de Janeiro, n° 13, p. 10-1, 1959.
- 174. Palácio da Agricultura (Setor Bancário Norte, Brasília, DF).**
Fonte: Módulo, Rio de Janeiro, n° 14, p. 22-3, 1959.
- 175. EMEF Profa. Regina Olinda Martins Ferro (Rua Padre Moisés de Miranda, 662 – Reginópolis, SP).**
Fonte: FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. Arquitetura Escolar Paulista: Anos 1950 e 1960. São Paulo: FDE, 2006, p. 230.
- 176. EMEF Dona Sinhazinha (Rua Artur Cândido de Almeida, 218 – Mogi Mirim, SP).**
Fonte: FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. Arquitetura Escolar Paulista: Anos 1950 e 1960. São Paulo: FDE, 2006, p. 229.

1960

177. Edifícios de Apartamentos (Rua Iguatemi).

Fonte: *Acrópole*, São Paulo, n° 266, p. 62-3, 1960.

178. Edifício de Apartamentos Renato da Fonseca – Abaúna (Rua Antonio Carlos, 180).

Fonte: Acervo do edifício, 1960.

Módulo, Rio de Janeiro, n° 24, p. 34-6, 1961.

1961

179. Cidade Universitária – Conjunto Residencial (CRUSP, Butantã).

Fonte: Acervo FAU-USP, 1961.

Acrópole, São Paulo, n° 303, p. 93-101, 1964.

Revista do Diretório Acadêmico FAU Mackenzie, São Paulo, n° 1, p. 39-48, s.d.

A Construção SP, São Paulo, n° 1745, p. 61, 1981.

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

180. Anteprojeto para a Assembleia Legislativa de SP (Av. Ibirapuera).

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, José Maria Gandolfi, Joel Ramalho Jr., Luiz Forte Netto e Francisco Petracco.

Colaboradores: Sidney de Oliveira, Roberto Gandolfi, Luiz Gobeth Filho e Raymond.

Fonte: *Módulo*, Rio de Janeiro, n° 24, p. 28-30, 1961.

1962

181. Anteprojeto para a Assembleia Legislativa de MG (Belo Horizonte, MG).

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr, Sidney de Oliveira, Fabio Canteiro.

Colaboradores: José M. de Moura Pessoa, João Mollo e Sergio de Feo.

Consultor estrutural: Arthur L. Pitta.

Fonte: *Acrópole*, São Paulo, n° 283, p. 222-5, 1962.

1965

182. Residência de José Altino Machado (Rua João Moura, 1483).

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1965.
Acervo Caio Machado.

183. Chalés Clube de Campo (Guarapiranga).

Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo, 1965.
Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

184. Edifício de escritórios e garagens (Rua Aurora, 424 a 440).

Fonte: Acervo FAU-USP, 1965.

185. Edifício de escritórios e garagens (Avenida Ipiranga, 1231).

Fonte: Acervo FAU-USP, 1965.

1967

186. Posto de Assistência Médica – INPS (Várzea do Carmo).

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.
Fonte: Acervo FAU-USP, 1967.
Acrópole, São Paulo, n° 349, p. 18-21, 1968.

1968

187. Cidade Universitária de Bragança Paulista.

Fonte: Acervo FAU-USP, 1968.

188. Séries experimentais (Carapicuíba, SP).

Fonte: Acervo FAU-USP, 1968.

189. Edifício de Consultórios Médicos (Rua Cincinato Braga, 59).

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.
Fonte: *Acrópole*, São Paulo, n° 351, p. 26-7, 1968.

1969

- 190. Quatro residências (Rua Califórnia, s.n. – lotes 14 e 15 da quadra 131).**
Fonte: Acervo FAU-USP, 1969.
- 191. Cemitério Vila Pauliceia (Rua Julio de Mesquita, São Bernardo do Campo, SP).**
Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.
Fonte: *Acrópole*, São Paulo, nº 365, p. 24-5, 1969.
- 192. Mercado Distrital – Prefeitura Municipal de São Paulo (Vila Clementino, São Paulo).**
Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.
Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo, 1969.
Acrópole, São Paulo, nº 371, p. 14-5, 1970.
- 193. Sede do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros (Cidade Universitária, São Paulo).**
Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.
Fonte: *Revista do IEB*, São Paulo, nº 37, p. 106-7, 1994.

1970

- 194. Grupo Escolar Experimental (Vila Nova Petrópolis – São Bernardo do Campo, SP).**
Fonte: *Diário Oficial do Estado de São Paulo* – 26 jun. 1970, p. 21.

1971

- 195. Fábrica para produtos eletromecânicos Prema S. A. (Rodovia Salto – Jundiaí, SP).**
Fonte: Acervo FAU-USP, 1971.
- 196. Edifício de apartamentos (Avenida Santa Inês x Rua Sargento João Joaquim Dias).**
Fonte: Acervo FAU-USP, 1971.
- 197. Parque infantil (Praça da República, São Paulo).**
Fonte: Acervo FAU-USP, 1971.
Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

1973

198. **Projeto de loteamento – Dr. Plínio de Toledo Arruda (Fazenda Sertãozinho – Macatuba).**

Fonte: Acervo FAU-USP, 1973.

199. **Residência de Arno Hering (Chácara Flora, São Paulo).**

Fonte: Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo, 1973.

Revista Dirigente Construtor, São Paulo, s.n., p. 47-52, ago. 1974.

1976

200. **Residência de Maria José e Roberto Montenegro (Pariquera-açú, SP).**

Fonte: Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho, 1976.

201. **Secretaria dos Negócios Internos Jurídicos e Serviços Complementares – Prefeitura Municipal de São Paulo (Avenida 23 de Maio).**

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

Fonte: *Jornal de Artes e Técnicas da FAU Farias Brito*, 1976, n° 1, s. p.

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

202. **Posto INPS – Vila Maria Zélia (Tatuapé, São Paulo).**

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

Fonte: *C&J Arquitetura*, Rio de Janeiro, n° 15, p. 74-6, 1977.

1978

203. **Sindicato Rural de Bauru (Rua Ermínio Pinto – Bauru, SP).**

Fonte: Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães, 1978.

1980

204. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito (Guarulhos, SP).

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Sidney de Oliveira.

Fonte: *A Construção São Paulo*, São Paulo, n° 1673, p. 16, 1980.

Projeto, São Paulo, n° 31, p. 22-5, 1981.

1986

205. Anteprojeto de cemitério jardim (São José do Rio Preto – SP).

Fonte: Acervo FAU-USP, 1986.

A ■ PÊNDICE 3

BIBLIOGRAFIA REFERENTE À EDUARDO KNEESE DE MELLO

3.1 DE SUA AUTORIA

ARTIGOS

1. "Acrópole de Athenas". *Acrópole*, São Paulo, nº 1, p. 14-8, 1938.
2. "Santuário de Congonhas do Campo". *Acrópole*, São Paulo, nº 2, p. 33-42, 1938.
3. "Cabo Frio". *Acrópole*, São Paulo, nº 4, p. 15-24, 1938.
4. "A Architectura Colonial e José Wasth Rodrigues". *Acrópole*, São Paulo, nº 6, p. 39, 1938.
5. "Como Conseguir as Dimensões de um Objeto Fotografado". *Revista de Engenharia Mackenzie*, São Paulo, nº 72, s.p., 1939.
6. "Impressões do V Congresso Pan-americano de Arquitetura". *Acrópole*, São Paulo, nº 25, p. 24-8, 1940.
7. "Congresso Pan-americano de Arquitetos". *A Casa*, Rio de Janeiro, nº 194, p. 24-7, 1940.
8. "Congresso Pan-americano de Arquitetos". *Revista de Engenharia Mackenzie*, São Paulo, nº 75, s.p., 1940.
9. "Impressões de uma Viagem à Baía". *Acrópole*, São Paulo, nº 96, p. 317-20, 1946.
10. "Ecos do 8º Aniversário da Revista *Acrópole*". *Acrópole*, São Paulo, nº 98, p. 41, 1946.
11. "Porque Arquitetura Contemporânea". *Acrópole*, São Paulo, nº 102, p. 159-68, 1946.
12. "A Carta de Atenas". *Acrópole*, São Paulo, nº 109, p. 1-4, 1947.
13. "Arquitetura, Urbanismo e Democracia". *Acrópole*, São Paulo, nº 123, p. 91-6, 1948.
14. "Jubileu do Arquiteto Dacio Aguiar de Moraes". *Acrópole*, São Paulo, nº 127, s.p., 1948.
15. "XI Aniversário da Revista *Acrópole*". *Acrópole*, São Paulo, nº 133, s.p., 1949.
16. "Considerações sobre Arquitetura Moderna". *Acrópole*, São Paulo, nº 134, p. 47-50, 1949.
17. "Rotary e Arquitetura". *Acrópole*, São Paulo, nº 138, p. 156-7, 1949.
18. "O Arquiteto no Brasil". *Acrópole*, São Paulo, nº 144, p. 289-92, 1950.
19. "Centro de Debates Culturais". *Acrópole*, São Paulo, nº 152-3, p. 229-32, 1950-1951.
20. "O Dia do Urbanismo". *Arquitetura e Engenharia*, Belo Horizonte, nº 15, p. 47-9, 1951.
21. "Urbanismo Preventivo, Urbanismo Curativo". *Acrópole*, São Paulo, nº 176, p. 273-5, 1952.
22. "O Prestígio do Arquiteto". *Habitat*, São Paulo, nº 23, p. 70, 1955.
23. "Boletim IAB". *Acrópole*, São Paulo, nº 215, s.p., 1956.
24. "20º Aniversário da Revista *Acrópole*". *Acrópole*, São Paulo, nº 241, s.p., 1958.

25. “Porque Brasília”. *Acrópole*, São Paulo, p. 8-21, 1960 (especial Brasília).
26. “II Mesa Redonda Pan-americana de Arquitetos”. *Acrópole*, São Paulo, nº 284, s.p., 1962.
27. “Habitação na URSS”. *Arquitetura*, Rio de Janeiro, nº 9, p. 29-32, 1963.
28. “Convênio entre Arquitetos Brasileiros e Peruanos”. *Acrópole*, São Paulo, nº 330, s.p., 1966.
29. “Aula Inaugural de 1966”. *Revista do IEB*, São Paulo, nº 2, p. 34-51, 1967.
30. “Capela de S. Ângelo”. *Acrópole*, São Paulo, nº 336, p. 19-23, 1967.
31. “Dois Congressos de Arquitetos”. *Acrópole*, São Paulo, nº 364, p. 30, 1969.
32. “XII Congresso Pan-americano de Arquitetos”. *Acrópole*, São Paulo, nº 371, s.p., 1970.
33. “50º Aniversário do IAB”. *Acrópole*, São Paulo, nº 386, p. 37, 1971.
34. “Águia Bicéfala”. *Revista do IEB*, São Paulo, nº 14, p. 15-23, 1973.
35. “Meu Amigo Artigas”. *Módulo*, Rio de Janeiro, nº 67, p. 21 e 35, 1981.

LIVROS

1. *Construções Residenciais*. São Paulo: UPI, 1937.
2. *Forma e Função*. São Paulo: GFAU, 1949.
3. *Vierhundert jahre Brasilianische architektur*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1970.
4. *View of Contemporary Brazilian Architecture*. São Paulo: IEB, 1973.
5. “Setor Residencial da Cidade Universitária 'Armando Salles de Oliveira'”. In: ETERNIT. *Eternit na Arquitetura Contemporânea Brasileira*, s.p., s.d.
6. *A Herança Mourisca da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: FAU-USP, 1975.
7. *Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências*. São Paulo: FAU-USP, 1975.
8. *Joãosinho o oficibói*. São Paulo: Editora Faculdade de Belas Artes de São Paulo, 1988.
9. “Mutirão e Habitação”. In: SÁ, Alvino Augusto; MELLO, Eduardo Kneese de; et. al. *A Cidade, a Habitação*. Guarulhos, SP: APEC: Universidade de Guarulhos, 1988.
10. *Brasília: Histórias e Estórias*. São Paulo: De Mais Editoração e Publicação, 1992.

3.2 SOBRE SUA TRAJETÓRIA

ARTIGOS

1. “Engenheiros de 1931”. *Revista de Engenharia Mackenzie*, São Paulo, nº 57, p. 160-1, 1932.
2. “Exposição de uma Casa em Estilo Mexicano, Construção do Engenheiro Arquiteto Eduardo Kneese de Mello”. *Record*, São Paulo, nº 6, s.p., 1934.
3. “Exposição da Casa da Rua Pamplona 193-a”. *Record*, São Paulo, nº 7, s.p., 1934.
4. “Exposição Pan-americana de Arquitetura e Urbanismo: Prêmios Obtidos pela Representação Brasileira”. *Arquitetura e Urbanismo*, Rio de Janeiro, nº 2, p. 106-42, 1940.
5. “Incentiva-se em S. Paulo o Gôsto pela Arquitetura Mexicana”. *Folha da Noite*, São Paulo, 16 jul. 1934.
6. “MAM – Primeira Bienal de São Paulo”. *Acrópole*, São Paulo, nº 157, p. 3-5, 1951.
7. “MAM – Primeira Bienal de São Paulo”. *Acrópole*, São Paulo, nº 158, p. 45-8, 1951.
8. “MAM – Primeira Bienal de São Paulo”. *Acrópole*, São Paulo, nº 160, p. 125-7, 1951.
9. “Debate Sobre Arquitetura”. *Habitat*, São Paulo, nº 20, p. 63, 1955.
10. “Comissão de Estudos da Casa Popular, um Órgão que Faltava em São Paulo”. *Habitat*, São Paulo, nº 27, p. 2, 1956.
11. “O Construtor do Mês”. *A Construção São Paulo*, São Paulo, nº 1497, p. 40-2, 1976.
12. “Homenagem”. *Jornal de Artes e técnicas da FAUFB*, Guarulhos, nº 1, s.p., 1976.
13. “Urbanística e Design na Itália para Brasileiros”. *A Construção em São Paulo*, São Paulo, nº 1922, p. 30-1, 1984.
14. “Tribute to Eduardo Kneese de Mello”. *Revista Módulo Congress “Cidades do Futuro e Futuro das Cidades”*, Rio de Janeiro, p. 3, 1985.
15. “Com Entusiasmo e Paixão”. *AU*, São Paulo, nº 5, p. 28-30, 1986.
16. “Os 80 Anos do Jovial Kneese”. *Informativo Farias Brito*, Guarulhos, nº 11, p. 1-3, 1986.
17. “Projeto, uma Debutante com Muita História para Contar”. *Projeto*, São Paulo, nº 102, p. 62-3, 1987.
18. “Le Corbusier e a Bienal de São Paulo”. *Projeto*, São Paulo, nº 102, p. 124, 1987.
19. “XVIII Congreso de la Federación Panamericana de Asociaciones de Arquitectos”. *Informativo UNG Guarulhos*, s.p., [1988?].

20. “XVIII Congreso de la Federación Panamericana de Asociaciones de Arquitectos”. *Boletim IAB*, São Paulo, nº 3, s.p., 1988.
21. “Kneese de Mello, uma Vida entre Três Paixões”. *Projeto*, São Paulo, nº 141, p. 98-9, 1991.
22. “Kneese de Mello” (exposição). Universidade de Guarulhos, 1991.
23. “Documento Eduardo Kneese de Mello”. *AU*, São Paulo, nº 45, p. 80-8, 1992-3.
24. “Réquiem para o Jovem Guerreiro”. *Projeto*, São Paulo, nº 173, p. 20, 1994.
25. “Professor Eduardo Kneese de Mello (1906-1994)”. *Revista do IEB*, São Paulo, nº 37, p. 103-4, 1994.
26. “Kneese de Mello no IEB”. *Revista do IEB*, São Paulo, nº 37, p. 105-8, 1994.

TESES, DISSERTAÇÕES E TRABALHOS ACADÊMICOS

ATIQUE, Fernando. *Arquitetando a “Boa Vizinhaça”: A Sociedade Urbana do Brasil e a Recepção do Mundo Norte-americano, 1876-1945*. 2007. 456 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BARBARA, Fernanda. *Duas Tipologias Habitacionais: O Conjunto Ana Rosa e o Edifício Copan. Contexto e Análise de Dois Projetos Realizados em São Paulo na Década de 1950*. 2004. 332 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FICHER, Sylvia. *Arquitetos e Engenheiros-arquitetos da Escola de Engenharia Mackenzie*. Brasília: mimeo, 1989-2007.

MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-fabricação e a Obra de Kneese de Mello*. 2007. 253 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Modernizada ou Moderna? A Arquitetura em São Paulo, 1938-45*. 1997. 356 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello | Arquiteto: Análise de sua Contribuição à Habilitação Coletiva em São Paulo*. 2006. 293 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

RODRIGUES, Eduardo de Jesus. *O Estilo Missões: As Fachadas na Arquitetura Paulistana*. 1985. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, Lena Coelho. *Arquitetura Paulista em torno de 1930-1940*. 1985. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Elaine Pereira da. *Eduardo Kneese de Mello e o Edifício Japurá*. 2003. 220 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos – departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação, Universidade de São Paulo, São Carlos.

LIVROS

AMARAL, Aracy A. *Museu de Arte Contemporânea da USP: Perfil de um Acervo*. São Paulo: MAC USP: Techint, 1988.

IAB-SP. *Arquitetura e Desenvolvimento Nacional: Depoimentos de Arquitetos Paulistas*. São Paulo: Editora Pini, [1979?].

REGINO, Aline Nassaralla; SANTOS, Ademir Pereira dos; et. al. *Arquitetura Atribuição do Arquiteto: Homenagem ao Centenário do Arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello (1906-1944)*. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América: O Primeiro Bairro-jardim de São Paulo e Sua Arquitetura*. São Paulo: Edusp: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

A ■ PÊNDICE 4

BIBLIOTECA DO ARQUITETO

ABREU, Aluizio Ferreira de. *Velas Pandas: Folclore*. [S.l.]: Vicentina, 1971.

ACOUSTICAL MATERIALS ASSOCIATION. *Sound Absorption Coefficients of Architectural Acoustical Materials: Bulletin XVII*. [S.l.]: Acoustical Materials, 1956.

_____. *Sound Absorption Coefficients of Architectural Acoustical Materials: Bulletin XVIII*. [S.l.]: Acoustical Materials, 1958.

AGNON, Samuel. *Noivado e Outros Contos*. [S.l.]: Opera Mundi, 1973.

AMARAL, Aracy A. *A Hispanidade em São Paulo: Da Casa Rural à Capela de São Antonio*. São Paulo: Universidade de São Paulo, s.d.

ANCHIETA, José de. *O Poema da Virgem*. Rio de Janeiro: Paulinas, 1954.

Anuario de la arquitectura en Colombia – 1971. Colombia: A. Sandri, 1971.

ARANTES, Paulo Tadeu Leite; BRUNA, Gilda Collet (orgs.). *Seminário Plano Diretor Municipal 23, 24 e 25 de Agosto de 1989*. São Paulo: FAU-USP, 1989.

ARAÚJO, Damião Barbosa de. *Memento Baiano: Para Côro e Orquestra*. Bahia: UFB, 1970.

Architectures Portfolio of Bank Screens. New York, 1932.

ARINOS, Afonso. *O Palacete do Caminho Novo: Solar da Marquesa de Santos*. Rio de Janeiro: Fontana, 1975.

ARMSTRONG, John H. *The Railroad What It Is, What It Does*. [S.l.]: Simmons-Boardman, 1993.

Arquitectura de la Ciudad de Mexico / Arquitectura du Mexico / Mexico City Architecture. México: Beatrice Trueblood, 1978.

Arquitectura Popular em Portugal. [S.l.]: Sindicato Nacional dos Arquitetos, 1962.

Arquitetura e Desenvolvimento Nacional: Cuba 1978. São Paulo: FAU-USP, 1979.

Arquitetura e Desenvolvimento Nacional: Depoimentos de Arquitetos Paulistas. São Paulo: Pini, [1979?].

Arte no Brasil. [S.l.]: Abril, 1979.

Arte Popular em Portugal, A. [S.l.]: Verbo. v. 1.

____. [S.l.]: Verbo. v. 2.

____. [S.l.]: Verbo. v. 3.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. *A Função Social do Arquiteto*. São Paulo: Nobel, 1989.

Aspectos da Arquitectura Portuguesa 1550-1950. Rio de Janeiro: Palácio da Cultura, 1966.

Aspétos Gerais de Sua Organização. Rio de Janeiro: Leuzinger, [19--?].

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS DE ARQUITETURA. *Sobre a História do Ensino de Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Associação Brasileira de Arquitetura, 1978.

ATAROV, N. *El Palacio de los Soviets*. [S.l.]: Pueblos Unidos, 1945.

AURELI, Willy. Biu-Marramdu: *Os Donos das Chuvas*. [S.l.]: Leia, 1963.

____. *Roncador*. [S.l.]: Leia, 1962.

AZEVEDO, Paulo O. D. de; DOURADO, Odete (orgs.). *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia: Serra Geral e Diamantina*. Salvador: SPHAN, 1980.

BACON, Edmond N. *D'Athènes a Brasília*. [S.l.]: Lausone, 1967.

BAKER, Geoffrey H. *Le Corbusier: Análisis de la Forma*. Barcelona: GG, 1985.

BALFOUR, Lord. *When We Build Again: A Study Based on Research into Conditions of Living and Working in Birmingham*. London: George Allen & Unwin, 1941.

BARAVELLI, Luiz Paulo. *Partes de Agora: Série das Ovais, 1987*. [S.l.]: Itapuã, 1987.

____. *Partes do Todo: Pintura, 1983-1987*. [S.l.]: s.n., 1987.

BARBEROT, E. *Histoire des styles d'architecture: dans tous les pays*. Paris: Polytechnique, 1841.

BARDI, Lina Bo. *Contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria da Arquitetura*. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1957.

BARDI, Pietro Maria. *Engenharia e Arquitetura na Construção*. [S.l.]: Banco Sudameris, 1985.

BATISTA, Francisco das Chagas. *Francisco das Chagas Batista: Antologia*. Rio de Janeiro: MEC, 1977.

- Bauhaus: 1919-1928*. [S.l.]: Verlag, 1955.
- BAYARD, Emile. *Le Style Louis XVI*. Paris: Garnier.
- BERLINER, Rudolf. *Modelos Ornamentales Atlas II: De los Siglos XV al XVIII*. Madrid: Labor.
- ____. *Modelos Ornamentales: De los Siglos XV al XVIII*. Madrid: Labor, 19[--?].
- BERNOULLI, Hans; MARTIN, Camille. *L'urbanisme en Suisse*. [S.l.]: Delachaux & Niestlé, 1929.
- BIBLIOTECA DOS PRÊMIOS NOBEL DE LITERATURA. *O Senhor Presidente*. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.
- BICCA, Paulo. *Arquiteto: A Máscara e a Face*. São Paulo: Projeto, 1984.
- Boletim Departamento do Patrimônio Histórico*. São Paulo: Patrimônio Histórico, 1985.
- BONTA, Juan Pablo. *Anatomia de la Interpretación en Arquitectura / Anatomie de la Interpretation en Architecture*. [S.l.]: GG, 1975.
- BORENIUS, Tancred. *Rembrandt: Selected Paintings*. Londres: Phaidon, 1942.
- BORN, Esther. *The New Architecture in Mexico*. New York: The Architectural Record, 1937.
- BOWIE, Theodore; THIMME, Diether (orgs.). *The Carrey Drawings of the Parthenon Sculptures*. London: Indiana University Press, 1971.
- BOYD, James. *Strength of Materials*. [S.l.]: MC 1924.
- BRANCO, Adriano. *Normatização Brasileira de Defensas Rodoviárias*. [S.l.]: Ivan Rossi, 1976.
- BRANDÃO, Francisco Manoel. *Brasília: Folclore e Turismo*. [S.l.]: s.n., 1957.
- BRASIL – FUNDAÇÃO DA CASA POPULAR. *O Problema da Habitação Popular no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- BRUNO, Ernani Silva. *Memória da Cidade de São Paulo: Depoimentos de Moradores e Visitantes*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1981.
- CALZADA, Andrés. *Historia de la Arquitectura Española*. Buenos Aires: Labor, 1933.
- CAMINHA, Pero Vaz de; ANOYO, Leonardo (orgs.). *Carta a el Rei D. Manuel*. [S.l.]: Dominus, 1963.

CAMPIGLIA, Oscar Oswaldo. *Igrejas do Brasil: Fontes para a História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

Campinas de Ontem e de Hoje. [S.l.]: Lix da Cunha, 1988.

CAMPOS, Correia de. *Monumentos da Antiguidade Árabe em Portugal*. Lisboa: Do Autor, 1970.

CAMPOS, J. A. Correia de. *Arquitectura Árabe do País e o II Congresso Nacional de Arquitectura*. Lisboa: Do Autor, 1972.

CAPDEVILA, Raul Gonzales. *Amancio Williams*. Buenos Aires: Instituto de Arte Americano, 1955.

CARDOSO, Nuno Catharino. *Arte Portuguesa: Pelourinhos do Minho de Ouro*. [S.l.]: Do Autor, 1935.

CARITA, Helder. *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s.d.

CARVALHO, José Cândido de. *Porque Lulu Bergantim não Atravessou o Rubicon*. [S.l.]: José Olympio, 1974.

CARYBÉ. *As Sete Portas da Bahia*. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. [S.l.]: Brasiliense, 1965.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE PEDRO ÁLVAREZ CABRAL. *Turismo de Portugal*. Rio de Janeiro: s.n., 1968.

CERVANTES, Maria Antonieta. *Museo Nacional de Antropologia*. [S.l.]: Grijalbo, 1978.

CHAMBERLAIN, Samuel. *Tudor Homes of England: With some Examples from Later Periods*. [S.l.]: Architectural Book, 1929.

CHEYNET, Ettore. *Nostradamus e o Inquietante Futuro*. [S.l.]: Universitária Leopoldianum, 1976.

CHOLOKOV, Mikail. *O Don Silencioso*. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

CHRISTIE, Agatha. *O Misterioso Sr. Quin*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

Cidade Histórica de Alcântara, A: Medida para Sua Preservação Face ao Novo Dinamismo. Rio de Janeiro: MEC, 1984.

CIDADE, Hernani. *Lições de Cultura Luso-brasileira: Épocas e Estilos na Literatura e nas Artes Plásticas*. [S.l.]: Livros de Portugal, 1960.

CLUTTERBUCK, Richard. *Guerrilheiros e Terroristas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

COBRA, Coriolano Nogueira. *Manual de Investigação Policial*. São Paulo: Escola de Polícia de São Paulo, 1961.

COLLEN, Paulo. *Mais que a Realidade*. [S.l.]: Cortêz, 1987.

COOK, G. H. *Portrait of Lincoln Cathedral*. London: Phoenix House, 1950.

CORONA, Fernando. *Palácios do Governo do Rio Grande do Sul: Histórico de Projetos, Construção, Obras de Arte e Seus Autores*. [S.l.]: S.N., 1973.

____. *Caminhada nas Artes (1940-76)*. Rio Grande do Sul: URGs, 1977.

CRAVO, Mario. *Cravo*. [S.l.]: Cravo Neto e Áries, 1983.

CRUZ, Ernesto. *Igrejas e Sobrados do Maranhão: São Luís e Alcântara*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

DAHER, Luiz Carlos. *Arquitetura e Expressionismo: Notas sobre a Estética do Projeto Expressionista, o Modernismo e Flávio Carvalho*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

D'AQUINO, Flávio. *Artes Plásticas I*. Rio de Janeiro: Bloch, 1982.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil*. São Paulo: Martins, 1972.

DELANO, William Adams. *American Public Buildings of Today*. New York: Architectural Book, 1931.

DELGADO, Luis Martinez. *Historia y Arte*. [S.l.: s.n.], 1960.

DIAS, Catharina Vergolino; VALVERDE, Orlando. *A Rodovia Belém-Brasília: Estudo de Geografia Regional*. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.

DOMECQ, R. Monte. *Paraguay*. Assunción: R. Monte Domecq, 1953.

DÓRIA, Antonio Álvaro; SANCEAU, Elaine. *Capitães do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

DRUMMOND, Carlos. *Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.

DUARTE, Hélio de Queiroz. *Escola-classe Escola-parque: Uma Experiência Educacional*. São Paulo: FAU-USP, 1973.

DURET, D. *Architecture religieuse: Notions élémentaires*. Paris: Letouzey & Ané, [19--?].

EDWARDS, Revel; HANNAFORD, Donald R. *Spanish Colonial Adobe Architecture California: 1800-1850*. New York: Architectural Book, 1931.

ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM. *Palácios e Solares Portugueses*. Portugal: Chardron, Lello & Irmãos, [19--?].

ENDER, Thomas. *O Velho Rio de Janeiro Através das Gravuras de Thomas Ender*. São Paulo: Melhoramentos, [19?].

Escultura Popular Brasileira. [S.l.]: Gavetta, 1944.

FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel, 1987.

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Relíquias da Bahia: Brasil*. Bahia: Graphicars, 1940.

Farmhouses and Small Provincial Buildings in Southern Italy. [S.l.]: Architectural Book, 1925.

FARTBRUNE, Jean-Charles de. *Nostradamus*. [S.l.]: Universitária Leopoldianum, 1980.

Fazendas: Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial. [S.l.]: Nova Fronteira, 1986.

Fazendas de Minas. [S.l.]: Cemig, 1987.

FERES, Nites Therezinha. *Leituras em Francês de Mário de Andrade: Seleção e Comentários com Fundamento na Marginalia*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros - USP, 1969.

FERREIRA, Barros. *O Nobre e Antigo Bairro da Sé*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1971.

FERREZ, Gilberto. *Velhas Fotografias Pernambucanas 1851-1890*. Rio de Janeiro: Campo Visual, 1988.

FINALI, Gustavo Pulitzer. *Navi e Case: Architecture Interne 1930-1935*. Milão: Ulrico Hoepli, 1996.

FIORANO, Carlos José. *Estudo Dirigido de Desenho para o Ensino Programado*. [S.l.]: Discubra, 1973.

FONSECA, Fernando L. *Primórdios da Arquitetura Religiosa no Recôncavo Bahiano: Introdução ao Estudo*. Salvador: FAUB, 1960.

FORD, Katherine Morrow. *The American House Today*. New York: Reinhold Pub. Corp., [1951].

FREITAS, Affonso A. de. *Tradições e Reminiscências Paulistas*. São Paulo: Livraria Martins Editôra, [1955].

FREITAS, Maria Aparecida Rezende G. *Bananal: Cidade Histórica Berço do Café*. São Paulo: Massao Ohno, 1981.

FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade de Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

____. *Mucambos do Nordeste: Algumas Notas sobre o Typo de Casa Popular mais Primitivo do Nordeste do Brasil*. [S.l.]: Ministério da Educação e Saúde, s.d.

____. *Olinda: 2ª Guia Prático, Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira*. [S.l.]: Drechsler, 1960.

____. *Realidade Brasileira*. [S.l.]: Bloch, 1980.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. *Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco*. [S.l.]: Recife, 1982.

GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. [S.l.]: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

GEDDES, Patrick. *Cities in Evolution*. London: Williams & Norgate, 1949.

GIEDION, Siegfried. *Walter Gropius: Work and Teamwork*. São Paulo: Max E. Neuenschwander, 1954.

____. *Arquitetura e Comunidade*. Lisboa: Livros do Brasil, [19--?].

Goals for Dallas. Dallas: Republic Bank Building, 1966.

GONÇALVES, Augusto. *Lareiras e Churrasqueiras*. [S.l.]: Sagra, 1986.

GONTIER, Bernard; ALVES, Ricardo. *Santos*. São Paulo: Mundo Impresso, 1991.

GONTIJO, João Marcos; MACHADO, Reinaldo Guedes; ÁVILA, Affonso. *Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Cidade Utopia*. São Paulo: Vega, 1979.

GROPIUS, Walter; ANSHEN, Ruth Nanda (orgs.). *Scope of Total Architecture*. New York: Harper & Brothers, 1955.

HACKETT, John. *A Terceira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

HAMLIN, A. D. F. *A Text Book of the History of Architecture*. [S.l.]: Longman, 1923.

HARADA, Jiro. *The Lesson of Japanese Architecture*. Londres: The Studio, 1954.

HARDY, Álvaro; JARKASVOLGYI, Istáh; HARDY FILHO, Raphail. *Projeto Usiminas*. Minas Gerais: Usiminas, [19--?].

HEIDE, Adalberto; GIACCARIA, Bartolomeu. *Xavante: Reserva de Brasilidade*. [S.l.]: Dom Bosco, 1975.

HILBERSEIMER, Ludwig. *The New Regional Pattern: Industries and Gardens Workshops and Farms*. [S.l.]: Paul Theobald, 1949.

Ibero-Amerikanska arkitektur utställningen. Stockholm: [s.n.], 1946.

Igreja Matriz de Caminha, A. Porto: Marques Abreu, 1936.

Política Habitacional de Interesse Social. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba: Plano de Desfavelamento. Curitiba: Instituto Pesquisa Urbana de Curitiba, 1976.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. *Delfim Amorim: Arquiteto*. [S.l.]: Apipucos, 1991.

INSTITUTO DE ENGENHARIA. *Anuário 1977*. [S.l.]: CETESB, 1977.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR BUILDING RESEARCH, STUDI. *Building Research and Documentation*. Londres: Elsevier, 1961.

JACOBS, Jane M. *The Death and Life of Great American Cities*. Inglaterra: Penguin, 1961.

JOURDAIN, M. Frantz. *La histoire de l'habitation humaine*. Paris: Centrale des Beaux-Arts, 1889.

KATINSKY, Julio. *Casas Bandeiristas: Nascimento e Reconhecimento da Arte em São Paulo*. São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1976.

KEMMERICH, Carl. *Detalhes Gráficos para Arquitectos*. México: GG-Gustavo Gili, 1981.

KIDDLER, Daniel. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil: Compreendendo Notícias Históricas e Geográficas do Império e das Diversas Províncias*. [S.l.]: Itatiaia, 1980.

KITZINGER, Alexandre Max. *Resenha Histórica da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro: Desde Sua Fundação até a Abdicação de D. Pedro I*. [S.l.]: s.n., s.d.

KUROKAWA, Kisho. *Kisho Kurokawa: Architecture of Symbiosis*. Los Angeles: s.n., 1987.

____. *Rediscovering Japanese Space*. New York: Weatherhill, 1988.

LARA, Cecília de. *Nova Cruzada: Contribuição para o Estudo do Pré-modernismo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1971.

LARIF, Mirian de Barros. *Uma Cidade no Trópico: São Sebastião do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

LE CORBUSIER. *Manière de Penser l'Urbanisme*. Paris: L'Architecture, 1943.

____. *The City of Tomorrow and Its Planning*. London: The Architectural, 1969.

____. *Le Corbusier*. Milão: Probeta, 1987.

____. *Vers une architecture*. Paris: G. Crès & Cie., s.d.

LEFÈVRE, André. *Les merveilles de l'architecture*. Paris: Hachette, 1880.

LEITE, Serafim. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. [S.l.]: Atlântida, 1956.

____. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. [S.l.]: Atlântida, 1957.

____. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. [S.l.]: Atlântida, 1958.

LEMOES, Carlos A. C. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

LESCAZE, William. *On Being an Architect*. New York: G.P. Putnam's Sons, 1942.

LEVI, Rino. *Técnica Hospitalar e Arquitetura*. São Paulo: s.n., 1948.

____. *Rino Levi. Introduzioni di Roberto Burle-Marx e Nestor Goulart Reis Filho*. Milão: Comunità, 1974.

LINO, Raúl. *Casas Portuguesas: Alguns Apontamentos sobre o Architectar das Casas Simples*. [S.l.]: Valentim de Carvalho, 1944.

LINS, João Batista; COELHO, Arnaldo Barbosa (orgs.). *Templos Católicos do Recife*. Recife: s.n., 1956.

LISBOA, Antonio Francisco. *Mestre Aleijadinho: Vida e Obra*. [S.l.]: São José, 1961.

LOBO, José; BARROS, Tomás de. *História de Portugal. Para a 4ª Classe do Ensino Primário: De Harmonia com o Novo Programa*. [S.l.]: Educação Nacional, s.d.

LOHSE, Richard P. *L'Architecture Internationale de Demain*. Rochecorbon: Charles Gay, 1954.

LOPEZ, Telê Porto Ancona (org.). *Manuel Bandeira: Verso e Reverso*. [S.l.]: TA Queiroz, 1987.

LORENZER, Alfred; HORN, Klaus; BERNDT, Heide. *La Arquitectura como Ideología*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

LOTUFO, Zenon. *Arte ou Artifício*. [S.l.: s.n.].

LOUREIRO, Maria Amélia. *Origem Histórica dos Cemitérios*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1977.

LUNA, Juan Bonilla; GUADARRAMA, Leonides. *Le Corbusier en la Historia: Introducción al Estudio de la Arquitectura Contemporánea*. México: Arte y Técnica, 1966.

MACHADO, Lourival Gomes. *Reconquista de Congonhas*. [S.l.]: INL, 1960.

MAIA, Francisco Prestes. *O Plano Regional de Santos*. Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1950.

MALFATTI, Anita. *Anita Malfatti: 1889-1964*. São Paulo: MASP, 1977.

MARIANO FILHO, José. *Estudos de Arte Brasileira*. Rio de Janeiro: C. Mendes Junior, 1942.

_____. *Influências Muçulmanas na Architectura Tradicional Brasileira*. Rio de Janeiro: Folha Home Video, s.d.

_____. *A Margem do Problema Arquitetônico Nacional*. Rio de Janeiro: C. Mendes Junior, 1943.

_____. *Os Três Chafarizes de Mestre Valentim*. Rio de Janeiro: s.n., 1943.

- MARONE, Silvio. *Missexualidade e Arte*. São Paulo: SCP, 1947.
- MARTINEZ, Altino. *Foi Assim....* [S.l.]: Soma, 1978.
- MARTINEZ, Carlos. *Bogotá: Reseñada por Cronistas y Viajeros Ilustres*. [S.l.]: Escala, 1978.
- ____. *Bogotá: Sinopsis sobre su Evolución Urbana*. [S.l.]: Escala, 1976.
- MARTINEZ, Socorro Targino. *Ordens Terceiras: Ideologia e Arquitetura*. Salvador: UFB, 1979.
- MASP. *São Paulo: Onde Está Sua História*. São Paulo: MASP, 1981.
- MATTOS, Florisvaldo. *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates*. [S.l.]: Núcleo, 1974.
- MATTOS, Waldemar. *Paço do Saldanha*. Salvador: Banco da Bahia, 1971.
- MAURO, Féderic. *Nova História e Novo Mundo*. [S.l.]: Perspectiva, 1969.
- MEGAS, George A. *The Greek House: Its Evolution and Its Relation to the Houses of the Other Balkan Peoples*. [S.l.]: Ministry of Reconstruction, 1951.
- MELLO, Eduardo Kneese de. *Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências*. São Paulo: FAU, 1975.
- ____. *Brasília: História e Estórias*. São Paulo: Demais, 1992.
- ____. *Construções Residenciaes*. São Paulo: UPI, 1937.
- ____. *Herança Mourisca da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: FAU, 1975.
- ____. *Joãosinho o oficibói*. São Paulo: FEBASP, 1988.
- ____. *Memorial para Efeito de Apresentação ao Concurso de Professor Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo: Disciplina – Arquitetura no Brasil*. São Paulo: s.n., 1975.
- ____. *Porque Brasília*. Salvador: FAUFB, 1981.
- ____. *Vierhundert Jahre Brasilianische architektur*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1970.
- MELLO, Horácio Kneese de. *Histórias Acontecidas e Outras Histórias*. [S.l.]: Proposta, 1988.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Antonio Fernandes de Mattos 1671-1701*. [S.l.]: Amigos do DPHAN, 1957.

MELO, José Ataíde de. *Olinda, Carnaval e Povo, 1900-1981*. [S.l.]: FCPSHO, 1982.

MENESES, Guillermo. *Muros de Venezuela*. Caracas: Armitano, 1967.

MENEZES, Ivo Porto de. *Documentário Arquitetônico: Fazendas Mineiras*. [S.l.]: UFMG, 1969.

____. *Manoel da Costa Athaide*. [S.l.]: UMG, s.d.

MÉXICO – SECRETÁRIA DE PATRIMÔNIO NACIONAL. *Restauraciones Efectuadas por la Secretaria del Patrimonio Nacional en la República Mexicana*. México: Patrimonio Nacional en la República, s.d.

MILLIET, Sérgio. *Tarsila do Amaral*. [São Paulo]: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1953.

MIRSHAWKA, Victor; MARQUES, Juracy. *Luta pela Qualidade: A Vez do Brasil*. [S.l.]: Makron Books, 1993.

Modern Japanese House, The: Inside and Outside. [S.l.]: Japan Publications, 1970.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Brasília, Rainha do Planalto: História de Brasília para Grandes e Pequenos*. [S.l.]: Itiquira, 1975.

MONTENEGRO, Benedito; WEISSOHN, Alberto Aguiar (orgs.). *Cruzes Paulistas: Os que Tombaram em 1932, pela Glória de Servir São Paulo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1936.

MONZEGLIO, Elide. *Mensagens Visuais Integradas: Arquitetura e Cidade*. São Paulo: FAU-USP, 1983.

MORA, Vicente Nadal. *El Azulejo en el Rio de La Plata*. Buenos Aires: Instituto de Arte Americano, 1949.

MORAES, Geraldo Dutra de. *Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo*. [São Paulo]: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1979.

MORSE, Richard M. *De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo*. São Paulo: Irmãos Andrioli, 1954.

MOTA, Lourenço Dantas (coord.). *A História Vivida*. [São Paulo]: O Estado de São Paulo, 1981.

Muito Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio De Janeiro, A. Paris: Banco Boa Vista, 1965.

NEGRO, Carlos del. *Escultura Ornamental Barroca do Brasil: Portadas de Igrejas de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Arquitetura, 1961.

____. *Escultura Ornamental Barroca do Brasil: Portadas de Igrejas de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Arquitetura, 1967.

NESTTER, Paolo. *Neues Bauen in Italian*. [S.l.]: Verlag, 1954.

New Architecture in Sweden: A Decade of Swedish Building. [S.l.]: Svenska ArkitektersRiksförbund, 1961.

NEWCOMB, Rexford. *Mediterranean Domestic Architecture in the USA*. [S.l.]: J. H. Jansen, 1928.

NIEMEYER, Oscar. *Oscar Niemeyer*. Itália: Arnaldo Mondadori, 1975.

NOGUEIRA, Arlinda. *Imigração Japonesa para a Lavoura Cafeeira Paulista*. São Paulo: IEB, 1973.

OLIVEIRA, Nestor de. *Reestruturação do Ensino de Arquitetura e Urbanismo: Planejamento Urbano e Regional*. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura Urbanismo, 1967.

OLIVER, Miguel S.; CODOLÁ, Manuel Rodriguez. *Historia de España y de los Pueblos Hispanoamericanos Hasta Su Independencia*. [S.l.]: M. Seguí, s.d., v. 1.

____. *Historia de España y de los Pueblos Hispanoamericanos Hasta Su Independencia*. [S.l.]: M. Seguí, s.d., v. 2.

____. *Historia de España y de los Pueblos Hispanoamericanos Hasta Su Independencia*. [S.l.]: M. Seguí, s.d., v. 3.

ORICO, Osvaldo. *Confusões no Exílio – JK*. [S.l.]: Francisco Alves, 1977.

OSÓRIO, Antonio Carlos. *Brasília: Diálogo com o Futuro*. [S.l.]: Thesaurus, 1978.

Pampulha. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1944.

PASSARINHO, Jarbas. *Amazônia: O Desafio dos Trópicos*. [S.l.]: Primor, 1972.

PEIXOTO, Afrânio. *Breviário da Bahia*. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

PEREIRA, Manoel da Silva Lima. *Vivências*. [S.l.: s.n.], 1979.

PERES, Fernando da Rocha. *Memória da Sé*. [S.l.]: Empresa Gráfica da Bahia, 1974.

PEREYRA, Alejandro de Armengol y de. *Heráldica*. [S.l.]: Labor, 1933.

Pesca do Xaréu. Salvador: Turista, 1951.

PINA-CHAN, Roman; CÂMARA-BARBACHANO, Fernando; BERNAL, Ignacio. *Tesoros del Museo Nacional de Antropología de Mexico*. [S.l.]: Daimon, 1968.

PINHEIRO, Celso (org.). *Documentário Arquitetônico*. Belo Horizonte: s.n., 19[--?].

PINHO, Júlio Dapagense de. *Calidoscópio*. Paranaguá: Conselho Municipal de Cultura de Paranaguá, 1975.

PINTO, Hélio Ferreira. *Arquitetura Expressão Social*. Belo Horizonte: UMG, 1962.

____. *Hospital: Especificações*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UMG, 1962.

PIRONDI, Zeno. *Manual Prático da Impermeabilização e de Isolação Térmica: Contribuição à Execução do Projeto de Impermeabilização, Conforme Norma da "ABNT-NBR 9575"*. São Paulo: Pini, 1979.

Plan Nacional de Desarrollo Urbano, Rural y de Vivienda. [S.l.]: Mueller, 1973.

Planejamento de Hospitais. São Paulo: Instituto de Arquitetos do Brasil, 1954.

Planning 1949. Chicago: American Society of Planning, 1949.

Planning 1950. Chicago: American Society of Planning, 1951.

POHL, W. *Dibujo de Máquinas*. [S.l.]: GG-Gustavo Gili, 1945.

Portinari. [S.l.: s.n.], 1943.

POULAIN, Roger. *Hôpitaux, Sanatoria*. Paris: Vincent Fréal, [1930c.].

PRADO JUNIOR, Antonio (org.). *Cidade do Rio de Janeiro: Extensão, Remodelação, Embelezamento*. Paris: Foyer Brésilien, [19--].

RABUCK, A. J.; SANDERS, S. E. *New City Patterns: The Analysis of and a Technique for Urban Reintegration*. New York: Reinhold, 1946.

RAMELLI, A. Cassi. *Edifici per il Culto: Chiese Cattoliche, Protestanti e Ortodosse – Moschee, Sinagoge, Costruzioni Monastiche e Cimiterial*. Milão: Antonio Vallardi, 1946.

RAMOS, Frederico José da Silva; NETTO, Gabriel Ayres. *Código de Obras*. São Paulo: Lep, 1962.

RAMSDELL, Roger Wearne; EBERLEIN, Harold Donaldson. *The Practical Book of Italian, Spanish, and Portuguese Furniture*. London: Lippincott, 1927.

RANGO, L. Von; LEITHOLD, T. Von. *O Rio de Janeiro visto por Dois Prussianos em 1819*. São Paulo: Nacional, 1966.

RÉGAMEY, P. R. *Art sacré au XX siècle?*. [S.l.]: Du Cerf, 1952.

REICHARDT, Walter L.; HUNTER, Paul Robinson. *Residential Architecture in Southern California*. [S.l.]: The American Institute of Architecture, 1939.

REMARQUE, Erich Maria. *Arco do Triunfo: Romance*. [S.l.]: José Olympio, 1947.

Resumen Grafico de la Historia del Arte: Arquitectura, Escultura, Pintura, 360 Grabados. Barcelona: M. Durán, s.d.

RIBEIRO NETO, Eduardo Leite. *Urban form Analysis the Evolutive Process of Town Structure*. [S.l.]: MSC, 1984.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. *Folclore*. [S.l.]: Bloch, 1980.

RIOS, Hilmar Toscano. *Introdução ao Estudo da Cor*. [S.l.]: UFMG, 1969.

RMC COMUNICAÇÃO LTDA (org.). *O SESI em São Paulo*. [S.l.: s.n.], 1992.

Roberto Burle Marx. São Paulo: FAAV, 1971.

RODRIGUES, José Wasth. *Documentário Arquitetônico: Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil*. São Paulo: Martins, 19[--?], v. 2.

_____. *Documentário Arquitetônico: Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil*. [São Paulo]: Martins, 19[--?], v. 4.

_____. *Documentário Arquitetônico: Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil*. São Paulo: Martins, 19[--?], v. 7.

_____. *Documentário Arquitetônico: Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil*. São Paulo: Martins, 19[--?], v. 8.

RODRIGUES, José Wasth; RIBEIRO, Clóvis. *Brazões e Bandeiras do Brasil*. [S.l.]: Leda, 1933.

RODRIGUES, Maria Afonsino Furtado. *O Solar Fabio Prado e o Museu da Casa Brasileira*. [S.l.: s.n.].

RODRIGUES, Pero. *Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus*. [S.l.]: Loyola, 1978.

ROSENBAUER, Stefan. *O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

RUAS, Eponina. *Ouro Preto: Sua História, Seus Templos e Monumentos*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

RULFO, Juan et al. *Antologia Contemporânea do Conto Hispano-americano*. São Paulo: [s.n.], 1960.

RUSTAY, George W.; GARRISON, Richard. *Mexican Houses: A Book of Photographs e Measured Drawings*. New York: Architectural Book, 1930.

SAARINEN, Eliel. *Search for Form: A Fundamental Approach to Art*. [S.l.]: Reinhold, 1948.

SACOVEANU, Michail. *Contos de Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo*. [S.l.]: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1958.

SALMONI, A.; DEBENEDETTI, Emma. *Architettura Italiana a San Paolo*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1953.

SANTACÍLIA, Carlos Obregon. *México como Eje de las Antiguas Arquitecturas de America*. México: Atlante, 1947.

SANTAFERREÑAS, Iglesias. *Herencia Colonial*. Bogotá: Italgraf, 1967.

SANTOS, Francisco Martins dos. *Bertioga: História e Legendário 1531/1947 (Pequena História do Arrabalde Santista)*. [S.l.]: Armando Lichti, [19--].

SANTOS, José de Almeida. *Mobiliário Artístico Brasileiro*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1944.

_____. *Mobiliário Artístico Brasileiro: Edição ilustrada*. São Paulo: Elvino Pocaí, 1944.

SÃO PAULO, GOVERNO DO ESTADO. *XXXIX Salão Paulista de Belas Artes*. [S.l.]: Secretaria da Cultura, 1974.

SÃO PAULO, PREFEITURA MUNICIPAL. *O Dia do Urbanismo*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1950.

SCHADEN, Egon. *Revista de Antropologia: Aculturação Indígena*. [S.l.: s.n.], 1965.

SCHMITZ, Hermann. *História del Mueble: Estilos del Mueble desde la Antigüedad hasta Mediados del Siglo XIX*. Barcelona: GG-Gustavo Gili, 1927.

SCHNEIDER, Wolf. *De Babilônia a Brasília*. [S.l.]: Boa Leitura, [19?].

SCHUSTER, Isidoro Victor. *Urbanismo*. Buenos Aires: El Ateneo, 1943.

SEGRE, Roberto. *Arquitetura e Urbanismo da Revolução Cubana*. São Paulo: Nobel, 1987.

SEIDLER, Carl. *Dez Anos no Brasil*. São Paulo: Martins, 1941.

Semana de 22: Antecedente e Consequências. [São Paulo]: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1972.

Seminário Nacional sobre Extensão em Arquitetura e Urbanismo. Anais: I Seminário Nacional sobre Extensão em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: ABEA, 1994.

SERT, José Luis. *Can our Cities Survive: An ABC of Urban Problems, Their Analysis Their Solutions*. London: Harvard University Press, 1942.

SERVAN, João Ricardo. *O IAB e a Política Habitacional Brasileira 1954-1975*. São Paulo: Schema, 1976.

SEVERO, Ricardo et al. *Conferência 1914-1915*. São Paulo: Typografia Levi, 1916.

SEXTON, R. W. *American Theatres of Today: Plans Sections, and Photographs of Exterior and Interior Details*. New York: Architectural Book, 1930

____. *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*. New York: Bretano's, 1927.

SIEGELE, H. H. *Building the Forms Stairs and Roofs: A Practical Book of Instruction for Carpenters and Builders*. [S.l.]: Frederick J. Drake, 1944.

Silk Road Expo, Nara. [S.l.: s.n.].

SILVA, Evandro Lins e. *O Caso do Pavilhão da Gameleira em Defesa do Professor Joaquim Cardoso*. [S.l.]: AB/SAG, 1974.

SILVA, Roberto Starck Nogueira da. *Conforto, Ventilação, Insolação*. São Paulo: [s.n.], 1979.

SILVA-NIGRA, Clemente Maria da. *Três Artistas Beneditinos: Frei Bernardo de São Bento, o Arquiteto Seiscentista do Rio de Janeiro, Frei Domingos da Conceição, o Escultor Seiscentista do Rio de Janeiro, Frei Ricardo do Pilar, o Pintor Seiscentista do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1950.

SIMÕES, João M. dos Santos. *Azulejos Holandeses no Convento de Santo Antônio do Recife*. [S.l.]: Amigos do DPHAN, 1959.

SIMÕES, João Roberto Leme. *Arquitetura na Cidade Universitária "Armando Salles Oliveira": o Espaço Construído*. São Paulo: FAU-USP, 1984.

SIMONSEN, Roberto. *História Econômica do Brasil (1500/1820)*. [S.l.]: Nacional, 1977.

SLEEPER, Harold Reeve; RAMSEY, Charles George. *Architectural Graphic Standards: For Architects, Engineers, Decorators, Builders and Draftsmen*. New York: John Wiley & Sons, 1932.

SMITH, G. E. Kidder. *Sweden Builds*. New York: s.n., 1950.

SMITH, Robert C. *A Talha em Portugal*. [S.l.]: Livros Horizonte, 1962.

SOLJENITSIN, Alexandre. *Um Dia na Vida de Ivan Denissovitch*. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

SOUZA, Antonio Loureiro de. *Notícia Histórica da Cachoeira*. Salvador: Núcleo de Publicações, 1972.

SOUZA, Wladimir de. *Artes Plásticas II*. [S.l.]: Bloch, 1980.

____. *Guia dos Bens Tombados de Minas Gerais*. [S.l.]: Expressão e Cultura, 1984.

SPELTZ, Alexandre. *Les Styles de L'Ornement: Depuis Les Temps Préhistoriques Jusqu'au Milieu du XIXième Siècle*. Milão: Ulrico Hoepli, [19--?].

STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. [S.l.]: Itatiaia, 1974.

STANISLAVSKI, Constantin. *A Preparação do Ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

TAINE, Hipolito. *Filosofía del Arte*. [S.l.]: El Ateneo, 1946.

TALLAMADGE, Thomas E. *Story of Architecture in America*. New York: WW Norton, 1936.

TAUNAY, Alfredo D'Escrangnolle, Visconde de. *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

TAVARES, Odorico. *Conceição da Praia*. Salvador: Turista, 1951.

____. *Festa do Bonfim*. Salvador: Turista, 1951.

TÁVORA, João; LERAN, L. W. *Deuses, Túmulos e Sábios: O Romance da Arqueologia*. [S.l.]: Melhoramentos, 1971.

TAYLOR, Maurice E. *Architecture as a Career: A Practical Handbook for Students*. London: Life & Sons, 1951.

TEAGUE, Walter Dorwin. *Design This Day: The Technique of Order in the Machine Age*. [S.l.]: Harcourt, 1940.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia e Modernismo Brasileiro: Apresentação Crítica dos Principais Manifestos, Prefácios e Conferências Vanguardistas, de 1857 até 1972*. Petrópolis: Vozes, 1976.

TELLES, Augusto C. da Silva. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

TOLEDO, Benedito Lima de; FERREIRA, Brigadeiro João da Costa. *O Real Corpo de Engenheiros na Capitania de São Paulo*. [S.l.]: João Fortes Engenharia, 1981.

Tomorrow's House: *A Complete Guide for the Home-builder*. New York: Simon & Schuster, 1945.

TORROJA, Ch. Westinghouse S. *Curso Completo de Dibujo Mecánico*. [S.l.]: Serrahima y Urpi, 1958.

Treasury of Contemporary Houses, A. New York: FW Dodge, 1954.

TRINDADE, Raimundo Conego. *São Francisco de Assis de Ouro Preto: Crônica Narrada pelos Documentos da Ordem*. Rio de Janeiro: DPHAN, 1951.

TSCHUDI, J. J. von. *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Martins, 1953.

TUNNARD, Christopher. *The City of Man*. New York: Architectural Press, 1953.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Introdução ao Estudo da Evolução Urbana de Cachoeira, BA: Cachoeira nos Séculos XIX e XX*. Salvador: UFB, 1979.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Compromisso de Brasília*. São Paulo: Universidade de São Paulo, s.d.

V Congreso Panamericano de Arquitectos. Montevideo: Actas y Trabajos, 1940.

VALENTE, Magno. *Insolação dos Edifícios em Salvador*. Salvador: IVVFB, 1970.

VARGAS, José Maria. *Patrimônio Artístico Equatoriano*. [S.l.]: Quito, 1967.

VARONESE, Roberto E.; HEKMAN, Marcos D.; PAIVA, Edvaldo P. *Cidade Industrial de Porto Alegre: Plano de Urbanização*. Rio Grande do Sul: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1961.

VASCONCELLOS, Salomão de. *Marianna e Seus Templos*. Belo Horizonte: Queiroz Breyner, 1938.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: Pintura Mineira e Outros Temas*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UMG, 1959.

VERISSIMO, Luis Fernando. *A Velhinha de Taubaté*. [S.l.]: L & PM, 1983.

VHAY, David; VHAY, A. L. Murphy. *Architectural Byways in New Spain-Mexico*. New York: Architectural Book, 1939.

VIOLICH, Francis. *Cities of Latin America: Housing and Planning to the South*. New York: Reinhold, 1944.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. *Historia de la Habitación Humana*. Buenos Aires: Victor Leru, 1945.

WARE, William R. *The American Vignola: The Five Orders*. Scranton: International Textbook Company, 1925.

WASHINGTON, Luis. *Encontro d'Água: Apointamentos de Filosofia*. São Paulo: Martins, 1950.

WILHEIM, Jorge; ROCHA, Paulo Mendes da (org.). *Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo: Anteprojeto*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

WILLIAMS, Clement. *Design of Masonry Structures and Foundations*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1922.

WILLS, Royal Barry. *Better Houses for Budgeteers*. New York: Architectural Book, 1941.

WRIGHT, Frank Lloyd. *Frank Lloyd Wright on Architecture: Selected Writings, 1894-1940*. New York: Duell, 1941.

____. *El Futuro de la Arquitectura*. Buenos Aires: Poseidon, 1958.

____. *When Democracy Builds*. Chicago: ITI, 1945.

WRIGHT, Frank Lloyd; BROWNELL, Baker. *Architecture and Modern Life*. New York: Harper & Brothers, 1937.

ZANINI, Alfeo. *Manual de Dibujo para Colegios Nacionales y Liceos de Señoritas*. Buenos Aires: El Ateneo, 1940.

ZUCKER, Paul. *New Architecture and City Planning: a Symposium*. New York: Philosophical Library, 1944.

L. ISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

- 1.1 Página extraídas do livro *The American Vignola*.
- 1.2 Página extraídas do livro *The American Vignola*.
- 1.3 Livro *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*.
- 1.4 Livro *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*.
- 1.5 Livro *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*.
- 1.6 Livro *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*.
- 1.7 Livro *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*.
- 1.8 Livro *Spanish Influence on American Architecture and Decoration*.
- 1.9 Livro *Spanish-Colonial Architecture in the United States*.
- 1.10 Livro *Spanish-Colonial Architecture in the United States*.
- 1.11 Livro *Spanish-Colonial Architecture in the United States*.

CAPÍTULO 2

- 2.1 Fonte e terraço num parque. Trabalho elaborado por Eduardo Kneese de Mello, 1930.
- 2.2 Projeto-tese de uma Policlínica para São Paulo. Eduardo Kneese de Mello, 1932.
- 2.3 Formatura de Eduardo Kneese de Mello, Mackenzie College. São Paulo, 1932.
- 2.4 Auto-retrato de Kneese em seu primeiro escritório, 1934.
- 2.5 Residência José Martins Borges, Rua Pamplona, 193-A, Jardim Paulista. São Paulo, 1934.
- 2.6 Residência José Martins Borges, Rua Pamplona, 193-A, Jardim Paulista. São Paulo, 1934.
- 2.7 Reportagem.
- 2.8 Residência de João Amorim de Souza, Rua Rosa e Silva, 38-A, Santa Cecília. São Paulo, 1935.
- 2.9 Residência de João Amorim de Souza, Rua Rosa e Silva, 38-A, Santa Cecília. São Paulo, 1935.
- 2.10 Residência de Jean Lecoq, Rua Terra Nova, 8, Jardim América.
- 2.11 Residência de Eduardo Kneese de Mello, Rua Antonio Bento, 399, Jardim Paulistano.
- 2.12 Residência de Theodoro Braga, Rua Boituva, 104, Pacaembu.
- 2.13. Residência de Theodoro Braga, Rua Boituva, 104, Pacaembu.
- 2.14 Sessão inaugural do V Congresso Pan-Americano de Arquitetos. Montevidéu, 1940.
- 2.15 Delegação de arquitetos vindos do Rio de Janeiro para a instalação do IAB-SP. São Paulo, 1943.
- 2.16 Mobilização pela criação da FAU-USP, Hotel Excelsior, São Paulo, 1947.
- 2.17 Edifício MARA. Rua Brigadeiro Tobias, 247, Luz. São Paulo, 1942.
- 2.18 Edifício MARA. Rua Brigadeiro Tobias, 247, Luz. São Paulo, 1942.
- 2.19 Edifício Leônidas Moreira. Rua do Carmo, 147, Centro. São Paulo, 1942.
- 2.20 Edifício Leônidas Moreira. Rua do Carmo, 147, Centro. São Paulo, 1942.

- 2.21 Conjunto Residencial IAPC. Avenida Cidade Jardim x Marginal Pinheiros. São Paulo, 1944.
- 2.22 Conjunto Residencial IAPC. Avenida Cidade Jardim x Marginal Pinheiros. São Paulo, 1944.
- 2.23 Conjunto Residencial IAPC. Avenida Cidade Jardim x Marginal Pinheiros. São Paulo, 1944.
- 2.24 Conjunto Residencial IAPI. Rua Japurá, 55 e 109, Bela Vista. São Paulo, 1945.
- 2.25 Museu de Arte Moderna de São Paulo – I Bienal de São Paulo, 1951.
- 2.26. Museu de Arte Moderna de São Paulo – I Bienal de São Paulo, 1951.
- 2.27 Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa e detalhe da circulação vertical. São Paulo, 1952.
- 2.28 Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa e detalhe da circulação vertical. São Paulo, 1952.
- 2.29 Residência de Horácio Kneese de Mello - pré-fabricada por meio da tecnologia Uni-seco. Cotia, SP.
- 2.30 Parque Ibirapuera. Avenida Pedro Álvares Cabral, s/nº, São Paulo.
- 2.31 Palácio do Comércio. Setor Bancário Norte, Brasília, 1959.
- 2.32 Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo (CRUSP). São Paulo, 1961.
- 2.33 Posto de Assistência Médica – INPS. Várzea do Carmo, São Paulo, 1967.
- 2.34 Cemitério da Vila Paulicéia Rua Julio de Mesquita, São Bernardo do Campo, SP, 1969.
- 2.35. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito. Guarulhos, SP, 1981.

CAPÍTULO 3 – parte 1

- 3.1 Cidade de São Paulo, 1827. Lápis de Charles Landseer.
- 3.2 Planta da Imperial Cidade de São Paulo, 1841. Autor: Carlos A. Bresser.
- 3.3 Planta da capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes, 1890. Desenho de Jules Martin.
- 3.4 Estação da Luz: à esquerda, vista durante a construção; e à direita, recém-inaugurada
- 3.5 Estação da Luz: à esquerda, vista durante a construção; e à direita, recém-inaugurada
- 3.6 Palacete de D. Maria Angélica Aguiar de Barros, 1891. Avenida Angélica com Alameda Barros.
- 3. Vila Penteado, propriedade de Antônio Álvares Penteado. Aquarela do arquiteto Carlos Ekman, 1902.
- 3.8 Vila Penteado. Avenida Higienópolis, 1. Foto de Guilherme Gaensly.
- 3.9 Residência Horácio Sabino, 1903. Avenida Paulista. Projeto Victor Dubugras.
- 3.10 Residência Horácio Sabino, 1903. Avenida Paulista. Projeto Victor Dubugras.
- 3.11 Vila Maria Zélia – Cia. Nacional de Tecidos de Juta, 1919. Bairro: Belém. Propriedade de Jorge Street.
- 3.12 Vila Maria Zélia – Cia. Nacional de Tecidos de Juta, 1919. Bairro: Belém. Propriedade de Jorge Street.
- 3.13 Vila Economisadora, casas de aluguel construídas a partir de 1908.
- 3.14 Vila Economisadora, casas de aluguel construídas a partir de 1908.
- 3.15 Vila Economisadora, casas de aluguel construídas a partir de 1908.
- 3.16 Escola Politécnica, 1885-89. Projeto de Ramos de Azevedo.
- 3.17 Museu Paulista, 1885-90. Projeto de Luigi Pucci.

- 3.18 Teatro Municipal, 1903-11. Projeto de Ramos de Azevedo, Cláudio Rossi e Domiziano Rossi.
- 3.19 Rua 15 de Novembro, 1910-12.
- 3.20 Bairro do Brás, caracterizado pela grande diversificação de edificações.
- 3.21 Hospedaria dos Imigrantes.
- 3.22 Complexo de cortiços Vila Barros, entre as ruas Japurá, Santo Amaro e Jacareí, 1920.
- 3.23 Complexo de cortiços Vila Barros, entre as ruas Japurá, Santo Amaro e Jacareí, 1920.
- 3.24 Vista do bairro dos Campos Elíseos, 1920.
- 3.25 Panorama do bairro de Santa Cecília, c. 1905.
- 3.26 Panorama do bairro de Vila Buarque, c. 1905.
- 3.27 O bairro de Higienópolis e a Rua Maranhão, c. 1920.
- 3.28 Vista da Avenida Paulista em direção à Rua da Consolação, c. 1905.
- 3.29 Jardim América, década de 1920.
- 3.30 Jardim América, 1929.
- 3.31 Mapa Jardim América, 1954.
- 3.32 Vista aérea do Jardim América, 1934.
- 3.33 Pacaembu, 1926.
- 3.34 Pacaembu, 1926.
- 3.35 Pacaembu, 1929.
- 3.36 Pacaembu, 1940.
- 3.37 Mapa Pacaembu, 1951.
- 3.38 Vista aérea do Pacaembu, 1934.
- 3.39 Mapa do Jardim Europa elaborado pelo engenheiro-arquiteto Hippolyto Gustavo Pujol Jr.
- 3.40 Mapa do jardim Europa, destacando-se os lotes pertencentes à Sociedade Anônima Jardim Europa.
- 3.41 Propaganda dos loteamentos da Cia. City.
- 3.42 Propaganda das casas construídas em lotes da Cia. City.
- 3.43 Propaganda Jardim Europa, 1928.
- 3.44 Propaganda Avenida Rebouças, 1937.
- 3.45 Avenida Rebouças, 1939.

PROJETO 1

- P1.1 Projeto, 1934.
- P1.2 Fachada principal.
- P1.3 Fachada principal.
- P1.4 Fachada principal.

P1.5 Fachada principal.
P1.6 Fachada principal.
P1.7 Fachada principal.
P1.8 Fachada principal.
P1.9 Fachada principal.
P1.10 Fachada principal.
P1.11 Fachada principal.
P1.12 Detalhes dos terraços (principal e fundos).
P1.13 Detalhes dos terraços (principal e fundos).
P1.14 Detalhes dos terraços (principal e fundos).
P1.15 Detalhe da entrada principal.
P1.16 Detalhe sala de estar.
P1.17 Detalhe sala de estar.
P1.18 Detalhe sala de estar.
P1.19 Lareira.
P1.20 Detalhe da sala de jantar – vitral com motivos mexicanos.
P1.21 Detalhe da escada.
P1.22 Detalhe da escada.

PROJETO 2

P2.1 Projeto, 1934.
P2.2 Fachada principal – Avenida Brasil.
P2.3 Fachada principal – Avenida Brasil.
P2.4 Fachada lateral – Rua México.
P2.5 Fachada lateral – Rua México.
P2.6 Fachada lateral – Rua México.
P2.7 Detalhes entrada principal.
P2.8 Detalhes entrada principal.
P2.9 Detalhes entrada principal.
P2.10 Porta do vestíbulo.
P2.11 Porta da sala de jantar.
P2.12 Porta da sala de jantar.
P2.13 Galeria do hall.
P2.14 Lustre em ferro batido projetado pelo arquiteto.

P2.15 Vista do vestíbulo.

P2.16 Detalhe arandela em ferro batido projetada pelo arquiteto.

PROJETO 3

P3.1 Projeto, 1934.

P3.2 Fachada principal das oito casas econômicas.

PROJETO 4

P4.1 Projeto, 1935.

P4.2 Fachada principal (Rua Bahia) e detalhes.

P4.3 Fachada principal (Rua Bahia) e detalhes.

P4.4 Fachada principal (Rua Bahia) e detalhes.

P4.5 Detalhes externos da residência.

P4.6 Detalhes externos da residência.

P4.7 Porta de ferro entre vestíbulo e sala de estar.

P4.8 Porta de ferro entre vestíbulo e sala de estar.

P4.9 Hall e escada.

P4.10 Sala de jantar.

PROJETO 5

P5.1 Projeto, 1935.

P5.2 Fachada principal.

PROJETO 6

P6.1 Projeto, 1935.

P6.2 Fachada principal.

P6.3 Vista do terraço.

PROJETO 7

P7.1 Projeto, 1935.

P7.2 Fachada principal.

P7.3 Detalhes das fachadas.

P7.4 Detalhes das fachadas.

- P7.5 Detalhe do terraço e fonte.
- P7.6 Detalhe do terraço e fonte.
- P7.7 Vista a partir das janelas da sala de estar.
- P7.8 Banheiro.

PROJETO 8

- P8.1 Projeto, 1935.
- P8.2 Fachada principal.
- P8.3 Detalhe da fachada.
- P8.4 Entrada lateral.
- P8.5 Vistas da escada.
- P8.6 Vistas da escada.
- P8.7 Sala de estar.
- P8.8 Lareira.
- P8.9 Sala de jantar.
- P8.10 Escritório.
- P8.11 Banheiro.

PROJETO 9

- P9.1 Projeto, 1935.
- P9.2 Fachada principal.
- P9.3 Janela da sala de estar.
- P9.4 Portas externas (entrada principal).
- P9.5 Portas externas (entrada lateral).
- P9.6 Escada.
- P9.7 Sala de estar.
- P9.8 Escritório.
- P9.9 Banheiro.

PROJETO 10

- P10.1 Projeto, 1935.
- P10.2 Fachada principal e detalhe do portão com motivos marajoaras.
- P10.3 Fachada principal e detalhe do portão com motivos marajoaras.
- P10.4 Fachada principal e detalhe do portão com motivos marajoaras.

P10.5 Detalhes da fachada principal e motivos marajoaras desenhados por Theodoro Braga.

P10.6 Detalhes da fachada principal e motivos marajoaras desenhados por Theodoro Braga.

P10.7 Detalhes dos balcões e arandelas.

P10.8 Detalhes dos balcões e arandelas.

P10.9 Sala de jantar e escada.

P10.10 Estúdio (sala de estar).

P10.11 Fachada principal.

P10.12 Fachada principal.

PROJETO 11

P11.1 Projeto, 1936.

PROJETO 12

P12.1 Projeto, 1936.

P12.2 Fachada principal.

P12.3 Detalhes dos terraços (pavimentos térreo e superior).

P12.4 Detalhes dos terraços (pavimentos térreo e superior).

P12.5 Pátio da residência: detalhe da porta e fonte.

P12.6 Pátio da residência: detalhe da porta e fonte.

P12.7 Detalhe porta da entrada principal.

P12.8 Escada.

P12.9 Mesa de almoço (nook).

PROJETO 13

P13.1 Projeto, 1936.

P13.2 Fachada principal.

P13.3 Detalhe da fachada principal.

PROJETO 14

P14.1 Fachada (Avenida Brasil).

P14.2 Fachada (Avenida Brasil) e detalhes da entrada principal.

P14.3 Fachada (Avenida Brasil) e detalhes da entrada principal.

P14.4 Fachada lateral – vistas.

P14.5, Fachada lateral – vistas.
P14.6 Fachada lateral
P14.7 Terraço.
P14.8 Fachada lateral.
P14.9 Pátio.
P14.10 Escada e lareira.
P14.11 Hall da escada visto da sala de estar.
P14.12 Sala de estar vista do hall.
P14.13 Sala de jantar.
P14.14 Fachada principal – Avenida Brasil.
P14.15 Fachada principal – Avenida Brasil.

PROJETO 15

P15.1 Fachada principal.
P15.2 Vista do terraço lateral.
P15.3 Vista do terraço lateral.
P15.4 Hall e vista parcial sala de jantar.
P15.5 Sala de jantar e bar.
P15.6 Sala de jantar e bar.
P15.7 Sala de visitas.
P15.8 Sala de estar.
P15.9 Sala de estar.
P15.10 Escritório.
P15.11 Banheiro.
P15.12 Fachada principal.
P15.13 Fachada principal.
P15.4 Fachada principal.

PROJETO 16

P16.1 Projeto, 1937.
P16.2 Fachada principal.
P16.3 Pátio e detalhes.
P16.4 Pátio e detalhes.
P16.5 Pátio e detalhes.

P16.6 Terraço.

P16.7 Nicho.

P16.8 Sala de estar vista da sala de jantar.

P16.9 Sala de jantar vista da sala de estar.

P16.10 Escritório.

PROJETO 17

P17.1 Projeto, 1937.

P17.2 Fachada principal

P17.3 Detalhe da entrada.

P17.4 Terraço.

P17.5 Entrada lateral.

P17.6 Hall.

P17.7 Escritório.

P17.8 Sala de estar.

P17.9 Sala de jantar.

P17.10 Saleta.

PROJETO 18

P18.1 Projeto, 1937.

P18.2 Fachada principal.

P18.3 Detalhe da entrada.

P18.4 Terraço

P18.5 Entrada do pátio.

P18.6 Porta lateral.

P18.7 Porta da sala de jantar que dá acesso ao pátio.

P18.8 Hall e escada.

P18.9 Porta entre as salas de estar e jantar.

P18.10 Lareira.

P18.11 Cozinha.

P18.12 Mesa de almoço (nook).

P18.13 Banheiro.

PROJETO 19

P19.1 Projeto, 1938.

P19.2 Vista da fachada principal e lateral.

P19.3 Vista da fachada principal e lateral.

P19.4 Vista da fachada principal e lateral.

P19.5 Sala de estar.

P19.6 Lareira.

P19.7 Sala de estar.

P19.8 Sala de jantar.

PROJETO 20

P20.1 Projeto, 1938.

P20.2 Fachada principal

P20.3 Detalhe do pátio.

P20.4 Hall.

P20.5 Sala de estar.

P20.6 Grade divisória entre as salas.

P20.7 Sala de jantar.

P20.8 Escritório .

P20.9 Hall escada – pavimento superior .

PROJETO 21

P21.1 Projeto, 1938.

PROJETO 22

P22.1 Projeto, 1938.

PROJETO 23

P23.1 Projeto, 1938.

PROJETO 24

P24.1 Projeto, 1938.

P24.2 Fachada principal

P24.3 Vista do terraço

P24.4 Vista do terraço

P24.5 Vestíbulo.

P24.6 Vista da sala de estar.

P24.7 Vista da sala de estar.

P24.8 Vista da sala de estar.

P24.9 Sala de jantar.

P24.10 Escritório.

P24.11 Vista da dormitório.

P24.12 Vista da dormitório.

P24.13 Banheiro.

PROJETO 25

P25.1 Projeto, 1939.

P25.2 Fachada principal.

P25.3 Detalhe da entrada.

P25.4 Vista parcial das salas de estar e jantar.

P25.5 Sala de estar.

PROJETO 26

P26.1 Projeto, 1939.

P26.2 Vistas da fachada principal.

P26.3 Vistas da fachada principal.

P26.4 Vistas da fachada principal.

P26.5 Entrada principal.

P26.6 Entrada lateral.

P26.7 Detalhe do jardim.

P26.8 Vista parcial do hall e sala de estar

P26.9 Vista parcial do hall e sala de estar.

P26.10 Sala de estar

P26.11 Sala de jantar.

PROJETO 27

P27.1 Projeto, 1939.

P27.2 Vista parcial da fachada principal.

PROJETO 28

P28.1 Projeto, 1940.

P28.2 Vistas da fachada.

P28.3 Vistas da fachada.

P28.4 Vistas da fachada.

P28.5 Vistas da fachada.

P28.6 Pátio.

P28.7 Vistas do terraço.

P28.8 Vistas do terraço.

P28.9 Vistas do terraço.

P28.10 Sala de estar.

P28.11 Escritório.

PROJETO 29

P29.1 Projeto, 1940.

P29.2 Vista da fachada.

P29.3 Vista da fachada.

P29.4 Vista da fachada.

P29.5 Muro e portão lateral.

P29.6 Muro e portão lateral.

P29.7 Detalhe da fachada e janela com rótula e beiral de madeira com cachorros recortados.

P29.8 Detalhe da fachada e janela com rótula e beiral de madeira com cachorros recortados.

P29.9 Detalhe da arcada do terraço.

P29.10 Detalhe da arcada do terraço.

P29.11 Detalhe da arcada do terraço.

P29.12 Porta de entrada.

P 29.13 Vestíbulo.

P29.14 Banheiro.

PROJETO 30

P30.1 Projeto, 1940.

P30.2 Fachada principal.

P30.3 Detalhe do balcão.

P30.4 Detalhe do terraço.

P30.5 Detalhe do terraço.

P30.6 Vista da sala de estar.

P30.7 Vista da sala de estar.

P30.8 Sala de jantar.

P30.9 Dormitório.

PROJETO 31

P31.1 Projeto, 1940.

P31.2 Fachada principal.

P31.3 Detalhe do terraço frontal.

P31.4 Detalhes da fachada.

P31.5 Detalhes da fachada.

P31.6 Sala de estar.

P31.7 Dormitório.

P31.8 Fachada principal.

PROJETO 32

P32.1 Projeto, 1940.

P32.2 Fachada principal.

P32.3 Detalhe da fachada.

P32.4 Detalhe da fachada.

PROJETO 33

P33.1 Projeto, 1940.

P33.2 Fachada principal e lateral.

P33.3 Fachada principal e lateral.

P33.4 Detalhe da entrada principal.

P33.5 Sala de estar.

P33.6 Fachada principal e lateral.

P33.7 Fachada principal e lateral.

PROJETO 34

P34.1 Projeto, 1941.

P34.2 Fachada principal e lateral.

P34.3 Fachada principal e lateral.

P34.4 Detalhe das fachadas.

P34.5 Detalhe das fachadas.

P34.6 Sala de estar.

P34.7 Salas de estar e jantar.

PROJETO 35

P35.1 Projeto, 1941.

P35.2 Fachada principal.

P35.3 Fachada principal.

P35.4 Detalhes da fachada.

P35.5 Hall e escadaria.

P35.6 Salas de estar e jantar.

PROJETO 36

P36.1 Projeto, 1941.

P36.2 Fachada principal.

P36.3 Detalhe da fachada e terraço.

P36.4 Detalhe da fachada e terraço.

P36.5 Hall e escadaria.

P36.6 Vista parcial das salas de estar e jantar.

P36.7 Lareira e detalhe da sala de estar.

P36.8 Sala de jantar e detalhe da escada.

PROJETO 37

P37.1 Projeto, 1942.

P37.2 Fachada principal e planta da residência de três dormitórios.

P37.3 Fachada.

PROJETO 38

P38.1 Projeto, 1943.

P38.2 Fachada principal.

PROJETO 39

P39.1 Projeto, 1947.

P39.2 Fachada principal e detalhe.

P39.3 Fachada principal e detalhe.

P39.4 Vista da sala de estar

P39.5 Vista da sala de estar.

PROJETO 40

P40.1 Projeto, 1949.

P40.2 Anteprojeto.

P40.3 Anteprojeto.

P40.4 Maquete.

P40.5 Maquete.

P40.6 Maquete – vista superior.

P40.7 Maquete – vista superior.

P40.8 Fachada principal.

P40.9 Fachada principal.

P40.10 Detalhe da fachada principal

P40.11 Detalhe da fachada principal

P40.12 Detalhe da fachada principal.

PROJETO 41

P41.1 Projeto, 1951.

P41.2 Fachada principal.

P41.3 Fachada posterior.

PROJETO 42

P42.1 Projeto, 1952.

P42.2 Perspectiva.

P42.3 Maquete – vista superior.

P42.4 Maquete – vista frontal.

PROJETO 43

P43.1 Projeto, 1955.

P43.2 Projeto, sem escala.

P43.3 Fachada posterior – detalhe do sistema construtivo com painéis pré-fabricados.

P43.4 Fachada posterior – detalhe do sistema construtivo com painéis pré-fabricados.

P43.5 Fachada principal.

P43.6 Fachada principal.

P43.7 Fachada principal e lateral.

P43.8 Fachada principal e lateral.

P43.9 Detalhe das fachadas principal e lateral

P43.10 Detalhe das fachadas principal e lateral.

P43.11 Sala de estar.

PROJETO 44

P44.1 Projeto, 1965.

P44.2 Fachada principal.

P44.3 Fachada principal.

PROJETO 45

P45.1 Projeto, 1973.

P45.2 Fachada principal.

P45.3 Fachada principal.

P45.4 Fachada principal.

P45.5 Fachada principal.

P45.6 Detalhe fachada principal.

P45.7 Detalhe fachada principal.

P45.8 Detalhe das fachadas.

P45.9 Detalhe das fachadas.

P45.10 Detalhe das fachadas.

P45.11 Fachada posterior.

P45.12 Edícula.

P45.13 Edícula.

P45.14 Sala de estar.

CAPÍTULO 3 – parte 2

3.46 Relação entre os bairros e a quantidade de residências projetadas pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello entre 1934 e 1973. Foram apresentados somente os projetos que compõem o estudo de casos.

3.4.7 Localização e quantificação das residências projetadas por Eduardo Kneese de Mello entre 1934 e 1973. São expostos somente os projetos selecionados para o estudo de casos.

3.48 Planta do pavimento térreo da residência Ismael Ribeiro de Barros, 1935.

3.49 Planta do pavimento térreo da residência à Rua Itália, 1951.

3.50 Planta do pavimento térreo da residência Mario Dias da Costa, 1936.

3.51 Planta do pavimento térreo da residência Jean Lecoq, 1937.

3.52 Planta do pavimento térreo da residência Horácio e Clotilde Kneese de Mello, 1939.

3.53 Planta do pavimento térreo da residência Manoel Arantes Matheus, 1939.

3.54 Planta do pavimento térreo da residência Francisco de Assis e Almeida, 1947.

3.55 Planta do pavimento térreo da residência Marcos Lindenberg, 1949.

3.56 Planta do pavimento superior da residência Antonio de Paiva Neto, 1937.

3.57 Planta do pavimento superior da residência Armando Costa Magalhães, 1934.

3.58 Planta do pavimento superior da residência Theodoro Braga, 1935.

3.59 Planta do pavimento superior da residência Ismael Brandão, 1937.

3.60 Planta do pavimento térreo da residência Américo Martins Santos Jr., 1935.

3.61 Planta do pavimento térreo da residência Silvio Suplicy, 1941.

3.62 Planta de residência norte-americana na qual se observa a presença de um nook (recanto) dentro do ambiente da cozinha.

3.63 Planta do pavimento térreo da residência Matheus Galdi Santamaria, 1938.

3.64 Planta do pavimento térreo da residência Hering, 1973.

3.65 Planta do pavimento térreo da residência Alexandre Tito Labat, 1938.

3.66 Planta da residência Moacyr Moreira, 1940.

3.67 Planta da residência José Altino Machado, 1965.

3.68 Planta dos pavimentos térreo e superior da residência Antonio Pinto Cardoso de Mello, 1935.

3.69 Planta do pavimento térreo da residência Maria Rosa Cavalcanti, 1936.

3.70 Planta do pavimento térreo da residência Theodoro Braga, 1935.

3.71 Plantas das casas econômicas – propriedade Banco Hipotecário Lar Brasileiro, 1942.

3.72 Planta das casas econômicas – propriedade Waldemar Sampaio Cintra, 1934.

3.73 Implantação residência Sebastião Ferraz Salles, 1935.

3.74 Implantação residência Armando Costa Magalhães, 1934.

3.75 Implantação residência Matheus Galdi Santamaria, 1938.

3.76 Residência José Martins Borges, 1934.

- 3.77 Residência Armando Costa Magalhães, 1934.
- 3.78 Residência Luiz Aranha Jr., 1935.
- 3.79 Residência Sebastião Ferraz Salles, 1935.
- 3.80 Residência Altino Castro Lima, 1935.
- 3.81 Residência Ismael Ribeiro de Barros, 1935.
- 3.82 Residência Américo Martins Santos Jr., 1935.
- 3.83 Residência Antonio Pinto Cardoso de Mello, 1935.
- 3.84 Residência Américo Floriano de Toledo, 1936.
- 3.85 Residência Mario Dias da Costa, 1936.
- 3.86 Residência Francisco de Paulo Pinto Hartung, 1936.
- 3.87 Residência Jean Lecoq, 1937.
- 3.88 Residência Ismael Brandão, 1937.
- 3.89 Residência Antônio de Paiva Neto, 1937.
- 3.90 Residência Rua Esmeraldina, 1938.
- 3.91 Residência Eduardo Kneese de Mello e Octavio Mendes Filho, 1938.
- 3.92 Residência Eduardo Kneese de Mello, 1938.
- 3.93 Residência Hermínio Mazzini, 1938.
- 3.94 Residência Eduardo Kneese de Mello, 1940.
- 3.95 Residência Manoel Arantes Matheus, 1939.
- 3.96 Residência Horácio e Clotilde Kneese de Mello, 1939.
- 3.97 Residência Ernesto Soares, 1940.
- 3.98 Residência Edith Queiroz Mattoso, 1940.
- 3.99 Residência Sylvio Suplicy, 1941.
- 3.100 Residência Francisco de Assis e Almeida, 1947.
- 3.101 Residência Theodoro Braga, 1935.
- 3.102 Residência Matheus Galdi Santamaria, 1939.
- 3.103 Residência George Stanley Smith, 1939.
- 3.104 Residência Moacyr Moreira, 1940.
- 3.105 Residência Agenor Camargo, 1940.
- 3.106 Residência Horácio Vaz Guimarães, 1941.
- 3.107 Residência José Vaz Guimarães, 1941.
- 3.108 Residência Benedita Costa, 1941.
- 3.109 Residência Maria Rosa Cavalcanti, 1936.
- 3.110 Residência Marcos Lindenberg, 1937.

- 3.111 Residência Alexandre Tito Labat, 1938.
- 3.112 Residência Marcos Lindenberg, 1949.
- 3.113 Residência à Rua Itália, 1951.
- 3.114 Residência Eduardo Kneese de Mello, 1952.
- 3.115 Residência Horácio Kneese de Mello, 1955.
- 3.116 Residência José Altino Machado, 1965.
- 3.117 Residência Arno Hering, 1973.

APÊNDICE 1

- A1.1 Eduardo Kneese de Mello, 1906.
- A1.2 Horácio de Mello, 1902.
- A1.3 Clotilde Kneese de Mello e Lúcia, 1904.
- A1.4 Kneese de Mello e seus irmãos, da esquerda para direita: Eduardo, Lúcia, Marina e Haroldo.
- A1.5 Formatura no Colégio Americano, 1924.
- A1.6 Casamento de Kneese de Mello com Wilma Quintanilha (Vite), 1930.
- A1.7 Formatura do engenheiro-arquiteto Kneese de Mello no Mackenzie College, 1931.
- A1.8 Auto-retrato de Kneese em seu primeiro escritório, 1934.
- A1.9 Álbum Construções Residenciaes a convite da União Paulista de Imprensa, São Paulo, 1937.
- A1.10 Revista Acrópole. São Paulo, 1938.
- A1.11 Eduardo Kneese de Mello no V Congresso Panamericano de Arquitetos, Montevideu, 1940.
- A1.12 Delegação de arquitetos vindos do Rio de Janeiro para a instalação do IAB-SP, 1943.
- A1.13 Exposição “Brazil Builds” na Galeria Prestes Maia, São Paulo, 1944.
- A1.14 1º Congresso Brasileiro de Arquitetos, Rio de Janeiro, 1945.
- A1.15 Recepção a Richard Neutra. São Paulo, 1945.
- A1.16 Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo, década de 1940.
- A1.17 Eduardo Kneese de Mello e Charles Wright em palestra. Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, 1946.
- A1.18 Almoço no Hotel Excelsior, mobilização pela criação da FAU USP. São Paulo, 1947.
- A1.19 Almoço do IAB-SP. São Paulo, 1948.
- A1.20 Almoço na casa de Romeu Mindlin em comemoração ao 20º aniversário de formatura, 1951.
- A1.21 Júri de premiação de Arquitetura da 1ª. Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1951.
- A1.22 Sindicato dos arquitetos portugueses. Lisboa, 1951.
- A1.23 IV Congresso de Arquitetos Brasileiros. São Paulo, 1954.
- A1.24 IV Congresso de Arquitetos Brasileiros, evento realizado no IAB durante visita de Walter Gropius. São Paulo, 1954.

A1.25 Inauguração do IV Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo, 1955.

A1.26 Vista aérea da construção do Palácio da Alvorada. Brasília, final da década de 1950. Registro feito pelo arquiteto.

A1.27 Construção do Palácio da Alvorada. Brasília, final da década de 1950. Registro feito pelo arquiteto.

A1.28 Detalhe da execução do pilar do Palácio da Alvorada. Brasília, final da década de 1950. Registro feito pelo arquiteto.

A1.29 Eduardo Kneese de Mello e Bernardo Saião. Brasília, 1959.

A1.30 Visita à Brasília, final da década de 1950.

A1.31 Gonçalves Aparício entrega diploma de sócio honorário da Sociedade de Arquitetos Mexicanos à Kneese, 1960.

A1.32 1ª Mesa redonda Panamericana de Arquitetos. Lima, Peru, 1961.

A1.33 Programa de televisão Arquitetos na TV. São Paulo, 1961/1962.

A1.34 Programa de televisão Arquitetos na TV. São Paulo, 1961/2.

A1.35 O governador Carvalho Pinto inaugura a I EXMAC ao lado dos arquitetos Kneese de Mello e Oswaldo Corrêa Gonçalves. São Paulo, 1963.

A1.36 Kneese recebe diploma e medalha de sócio honorário do American Institute of Architects. Washington, 1965.

A1.37 Assinatura do Convênio Cultural entre o IAB e o Colégio de Arquitetos do Peru, 1966.

A1.38 Gabriel Serrano entrega a Kneese diploma de sócio honorário da Sociedade Colombiana de Arquitetos, 1968.

A1.39 Assinatura do Convênio Cultural e de Amizade entre IAB e Sindicato dos Arquitetos de Portugal, 1969.

A1.40 XIII Congresso Panamericano de Arquitetos. San Juan, Porto Rico, 1970.

A1.41 Cinquentenário da Semana de Arte Moderna – curso de verão do IEB. São Paulo, 1972.

A1.42 XIV Congresso Panamericano de Arquitetos em São Paulo, 1972.

A1.43 XIV Congresso Panamericano de Arquitetos em Assunção. Paraguai, 1972.

A1.44 1ª Bienal de Arquitetura. São Paulo, 1973.

A1.45 1ª Bienal de Arquitetura. São Paulo, 1973.

A1.46 – Evento no IAB. São Paulo, 1976.

A1.47 XI Reunião do CONFEA e CREA. Belo Horizonte, 1978.

A1.48 5ª Reunião do Conselho Superior do IAB. Salvador, 1979.

A1.49 XIII Reunião do CONFEA e CREA. Brasília, 1980.

A1.50 Banca de Vilanova Artigas para professor titular do Departamento de Projeto da FAU-USP. São Paulo, 1984.

A1.51 Arguidores da banca de Vilanova Artigas. São Paulo, 1984.

52 Congresso Internacional Cidades do Futuro. São Paulo, 1987.

A1.53 2º Encontro Nacional de Preservação de Bens Culturais Minas Centro. Belo Horizonte, 1987.

A1.54 Eduardo Kneese de Mello recebe homenagem dos alunos da FAU-UBC. Mogi das Cruzes, SP, 1988.

A1.55 Aula inaugural na Universidade Braz Cubas. Mogi das Cruzes, SP, 1992.

A1.56 Entrega dos estudos para o projeto do anexo do prédio da Bienal. Rio de Janeiro, 1993.

L. ISTA DE ACERVOS PESQUISADOS

Acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

Acervo Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

Acervo Caio Machado.

Acervo Cia. City.

Acervo FEBASP – Museu Belas Artes de São Paulo.

Acervo FAU-USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Acervo Centro Histórico Mackenzie.

Acervo Prefeitura Municipal de São Paulo.

ARQUITETURA
ATRIBUIÇÃO DO
ARQUITETO